

Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da
Saúde

TESE DE DOUTORADO
“O ROMANCE DE UMA VIDA PSICANALÍTICA”: EMILIO
RODRIGUÉ E AS HISTÓRIAS DA PSICANÁLISE

SÉRGIO RIBEIRO DE ALMEIDA MARCONDES
Orientadora: Profa. Dra. Cristiana Facchinetti

RIO DE JANEIRO
2021

SÉRGIO RIBEIRO DE ALMEIDA MARCONDES

**“O ROMANCE DE UMA VIDA PSICANALÍTICA”:
EMILIO RODRIGUÉ E AS HISTÓRIAS DA PSICANÁLISE**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientador: Profa. Dra. Cristiana Facchinetti

Rio de Janeiro
2021

SÉRGIO RIBEIRO DE ALMEIDA MARCONDES

“O ROMANCE DE UMA VIDA PSICANALÍTICA”: EMILIO RODRIGUÉ E AS HISTÓRIAS DA PSICANÁLISE

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiana Facchinetti (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientador

Prof. Dr. Mariano Ben Plotkin (IDES - Conicet)

Prof. Dra. Ana Maria Jacó-Vilela (Instituto de Psicologia UERJ)

Profa. Dra. Dominichi Miranda de Sá (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof. Dr. Robert Wegner (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Suplentes:

Prof. Dr. Pedro Muñoz (Departamento de História-PUC RJ)

Profa. Dra. Ana Teresa A. Venancio (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Rio de Janeiro

2021

Ficha Catalográfica

M321r Marcondes, Sérgio Ribeiro de Almeida.

“O romance de uma vida psicanalítica”: Emilio Rodrigué e as histórias da psicanálise / Sérgio Ribeiro de Almeida Marcondes; orientado por Cristiana Facchinetti. – Rio de Janeiro: s.n., 2021.
254 f.

Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2021.
Bibliografia: 237-254f.

1. Psicanálise. 2. Biografia como Assunto. 3. História do Século XX.
4. Brasil.

CDD 150.195

Catálogo na fonte - Marise Terra Lachini – CRB6-351

Para Ede, que tornou possível a realização deste sonho

Agradecimentos

Esta tese foi escrita durante um longo período, e, além das dificuldades normais para a escrita de qualquer tese, ainda coincidiu, em seus últimos anos, com uma pandemia que alterou de maneiras decisivas nosso trabalho, nosso viver cotidiano e nossas relações pessoais. Assim, meus primeiros agradecimentos vão para quem deu condições para que, mesmo em meio a todo esse turbilhão, eu conseguisse terminar o trabalho: minha orientadora, Profa. Cristiana Facchinetti, que soube compreender a necessidade de modificar os prazos e as condições da tese; meus pais, Marcos e Maristela, que me deram apoio e ajuda absolutamente indispensáveis em vários momentos; minha companheira, Ede Cerqueira, pois conseguimos passar juntos pelas dificuldades; além de Fernanda Basílio e de nove gatos, fundamentais para a minha saúde mental.

Antes da pandemia, consegui fazer duas viagens para Salvador, onde pude colher os depoimentos de algumas pessoas que conviveram com Emilio Rodrigué, além de encontrar fontes importantes para o trabalho. Dessa maneira, agradeço a Ana Barbara Vieira Sinay Neves e Hélio de Castro, que me receberam e permitiram que eu gravasse seus depoimentos; a Urania Tourinho Peres, que me forneceu livros de Rodrigué e deu várias indicações fundamentais; a Maria das Graças Rodrigué, que me recebeu amavelmente em sua casa e contribuiu muito para a pesquisa; a Paulo César de Souza, pelas indicações e pelos livros de Nietzsche; e a Denise Lima e a Sérgio Fernandes. Curiosamente, uma pessoa de Salvador que muito contribuiu para a minha pesquisa e que se tornou uma grande amiga pessoal foi Rosane Souza e Silva, a quem encontrei no Rio de Janeiro, durante um congresso Clio-Psychê. Agradeço a Rosane pelas trocas que tivemos e pelo seu trabalho, que muito me ajudou a contextualizar melhor o momento da chegada de Rodrigué à Bahia.

Na Casa de Oswaldo Cruz, agradeço a Paulo Chagas e Sandro Hilário, da secretaria, que sempre estiveram à disposição para resolver todo tipo de problemas; aos professores Gilberto Hochman e Nara Brito, por considerações muito pertinentes sobre o meu trabalho; à coordenação da Casa pelo apoio e pela compreensão durante todo o tempo de realização da tese; e à Capes pela bolsa de financiamento que muito contribuiu para a realização de pesquisas. Agradeço aos vários orientandos da Profa. Cristiana Facchinetti, que participaram, ao longo do tempo de escrita desta tese, dos grupos de orientação comentando e fazendo sugestões para o trabalho. Um grande obrigado para

todo o pessoal do Clio-Psychê da UERJ, em especial à Professora Ana Jacó-Vilela, a Juberto, Luiza e Letícia, que tornaram meu estágio docente algo muito recompensador, e que eu poderia ter continuado a fazer por vários outros semestres. Agradeço em especial aos professores que participaram da minha qualificação, a Professora Dominichi Miranda de Sá e o Professor Mariano Ben Plotkin. Seus comentários, suas orientações e suas indicações, muito diferentes entre si, permitiram que eu aprimorasse várias partes de meu trabalho e questionasse certos caminhos que estavam sendo traçados e que apresentavam problemas. E, após a defesa, agradeço muito aos professores Dominichi Miranda de Sá, Mariano Ben Plotkin, Robert Wegner e Ana Maria Jacó-Vilela pelos seus comentários, observações, correções e sugestões, que, sem dúvida, foram levadas em conta e contribuíram para melhorar esta tese.

Por fim, agradeço a Ede, por me permitir compartilhar a vida, o mundo e tudo que há nele, incluindo esta tese. Dizer que esta tese não teria sido terminada sem ela é uma afirmação, além de óbvia, fraca; é muito mais que isso, minha vida não seria a mesma sem ela. Por isso, esta tese é dedicada para ela, como uma pequena homenagem.

La vida no es la que uno vivió, sino la que uno recuerda y cómo la recuerda para contarla

Gabriel García Márquez, 2002

O que acabo de escrever é falso. Verdadeiro. Nem verdadeiro nem falso, como tudo o que se escreve sobre os loucos, sobre os homens. Relatei os fatos com a exatidão que a minha memória permitiu. Mas até que ponto creio eu no meu delírio?

Jean-Paul Sartre, 1967: 44.

O que é portanto a verdade? Uma multidão móvel de metáforas, metonímias e antropomorfismos; em resumo, uma soma de relações humanas que foram realçadas, transpostas e ornamentadas pela poesia e pela retórica e que, depois de um longo uso, pareceram estáveis, canônicas e obrigatórias aos olhos de um povo: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que são metáforas gastas que perderam a sua força sensível, moeda que perdeu sua efígie e que não é considerada mais como tal, mas apenas como metal

Friedrich Nietzsche, 2001 [1873]: 12-13.

Resumo

Esta pesquisa busca analisar as mudanças ocorridas na trajetória profissional e na escrita do psicanalista argentino Emilio Rodrigué a partir da década de 1960. É possível dividir a longa trajetória profissional de Rodrigué em dois grandes períodos: o primeiro, de 1943, quando ele começou a fazer análise em Buenos Aires, até 1968, quando ele deixou a presidência da Asociación Psicanalítica Argentina (APA), foi marcado por um movimento de inserção do autor em instituições e correntes psicanalíticas freudianas ortodoxas, o que podemos chamar de “Tradição” psicanalítica; após 1968, sua trajetória foi marcada pela recusa em participar de instituições oficiais, pela crítica às mesmas instituições e correntes às quais havia se vinculado anteriormente e pela incorporação de novos referenciais teóricos para suas práticas terapêuticas, além da escrita de vários livros em um tom pessoal, que combinam elementos literários, autobiográficos e psicanalíticos. Esta tese defende que as mudanças ocorridas na trajetória e na escrita de Rodrigué foram influenciadas por dois processos simultâneos, um de autoanálise pessoal contínua empreendido pelo autor e outro, mais geral, de renovação e abertura da psicanálise em relação a outras influências, técnicas e disciplinas.

Palavras-chave: história da psicanálise; Emilio Rodrigué; autobiografia; literatura; Bahia

Abstract

This research has as its aim to analyze the transformations that occurred in the personal trajectory and in the writings of the Argentinian psychoanalyst Emilio Rodrigué, since the 1960s. The lengthy professional trajectory of Rodrigué can be divided in two great periods. In the first, that goes from 1943, when he started to have therapeutic analysis in Buenos Aires, to 1968, when he left the post of president of the Asociación Psicanalítica Argentina (APA), there was a movement by Rodrigué to insert yourself in Freudian psychoanalytical orthodox institutions, in what can be termed a psychoanalytical “tradition”. After 1968, his trajectory was marked by the refusal to participate in official institutions, by critics to the same psychoanalytical institutions and currents to which he was linked before, and by the incorporation of new theoretical referentials to his therapeutic practices, besides the writing of several books with a personal tone, which combine literary, autobiographical and psychoanalytical elements. This thesis asserts that the changes occurred in the trajectory and in the writing of Rodrigué were influenced by two simultaneous processes, one of a personal and continuous self-analysis made by the author, and the other, more general, of renewal and opening of psychoanalysis to other influences, techniques and disciplines.

Keywords: history of psychoanalysis; Emilio Rodrigué; autobiography; literature; Bahia

Sumário

Agradecimentos	v
Resumo.....	viii
Abstract	ix
Abreviaturas.....	xii
Introdução.....	1
Revisão bibliográfica	4
Referencial teórico-metodológico	12
1. Memória, psicologia e psicanálise.....	12
2. Memória coletiva e história	18
3. Autobiografia, literatura e memória	27
4. Egodocumentos, Auto/biografias, escrita de vida: a fronteira entre os gêneros é cada vez mais fluida	35
Estrutura dos capítulos	40
Capítulo 1	42
“Um analista da quarta ou da quinta geração”: Rodrigué e sua formação na tradição	42
1.1. “Um mundo maravilhoso se abriu para mim”: Rodrigué e a psicanálise na década de 1940	45
1.2. “Fundamentalmente kleiniano”: Rodrigué e a psicanálise de 1948 a 1958	56
1.3. Rodrigué e a psicoterapia de grupo	70
1.4. “Como sorvete de casquinha”: Estados Unidos e a comunidade terapêutica, de 1958 a 1962.....	83
1.5. <i>Biografía de una comunidad terapéutica</i>	91
Capítulo 2	107
A ruptura progressiva com a tradição e o “amplo centro apolítico e castrado”	107
2.1. Psicanálise e política: o freudo-marxismo na Revolução Russa e na França	108
2.2. Psicanálise e política: o freudo-marxismo na Argentina	116
2.3. O segundo retorno de Rodrigué à Argentina e a presidência da APA	123
2.4. O Movimento Plataforma	137
Capítulo 3	150
“Ser diferente era interessante”: Rodrigué chega à Bahia	150
3.1. O panorama da psicologia e da psicanálise em Salvador até a chegada de Rodrigué.....	151
3.2. A chegada em Salvador e o candomblé	158
3.3. <i>O paciente das 50.000 horas I: a crítica à psicanálise institucional</i>	167
3.4. <i>O paciente das 50.000 horas II: Dorado</i>	180
Capítulo 4	192

As várias facetas de Rodrigué	192
4.1. Rodrigué como referência teórica: psicoterapias de grupo no Brasil.....	193
4.2. Rodrigué como escritor e autobiógrafo: “um experimento entre as ficções da veracidade”	202
4.3. Rodrigué como biógrafo e historiador da psicanálise: Freud e o século da psicanálise	211
4.4. Rodrigué como exilado: sua relação com Barenblitt	224
Considerações finais.....	233
Referências bibliográficas	237

Abreviaturas

ABNP – Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria

APA – Asociación Psicoanalítica Argentina

BPS – British Psychoanalytical Society

FFB – Faculdade de Filosofia da Bahia

IBRAPSI – Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições

IPA – International Psychoanalytical Association

NEFF – Núcleo de Estudos e Formação Freudiana

RLAP – Revista Latino-Americana de Psiquiatria

SBPRJ – Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

SPRJ – Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro

UBA – Universidade da Bahia

UFBA – Universidade Federal da Bahia

Introdução

“Meu querido Emilio: Me disseram que você morreu, ou algo assim. Sinceramente não creio em uma palavra. Um nômade como você é imortal. Deve ser um de seus experimentos de que ainda não temos ideia. Um beijo em teu coração”.¹

O Emilio referido na citação pelo psicanalista argentino Gregorio Baremlitt² é Emilio Rodrigué (1923-2008), também psicanalista, também argentino, mas radicado em Salvador, Bahia, desde a década de 1970. O comentário carinhoso de Baremlitt, feito por ocasião da morte de Rodrigué em 2008, revela como este era visto por vários de seus pares e conhecidos: mais do que apenas um psicanalista, também como alguém que tinha uma personalidade marcante e era um grande amigo. A ideia de nômade tem a ver com um dos aspectos da trajetória de Rodrigué que será explorado neste trabalho, sua passagem por vários países e situações profissionais ao longo de sua carreira. A fala de Baremlitt também introduz outra ideia que será importante para esta pesquisa: a dos “experimentos” heterodoxos realizados por Emilio. Estes experimentos foram feitos na escrita de seus livros a partir do estabelecimento em Salvador, onde combinou elementos autobiográficos, literários e psicanalíticos e praticou vários experimentos com a linguagem, com o estilo narrativo e mesmo com a própria questão da transmissão da memória pessoal. Mas também é possível apontar que a própria maneira como recriou sua trajetória profissional ao escrever suas obras foi uma espécie de experimento efetuado por Rodrigué, onde o seu percurso como psicanalista foi retratado como sendo concomitante tanto a um processo de autoanálise pessoal realizado bem como a um processo mais geral de reformulação e abertura da psicanálise a novas influências e terapias.

Dentro do campo da psicanálise internacional, a trajetória de Rodrigué é marcada por vinculações temporárias com várias correntes diferentes. Em 1943, ele iniciou sua análise pessoal e, algum tempo a seguir, a didática³, com Arnaldo Raskovsky, um dos fundadores da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA), instituição única da psicanálise argentina na época. Em 1947, após um desentendimento com Raskovsky sobre aspectos de sua análise, Rodrigué mudou-se para Londres, onde continuou seus estudos vinculando-se fortemente ao grupo da psicanalista de crianças

¹ Gregorio Baremlitt, 2008, in “Depoimentos”, disponível no [site www.emiliorodrigue.com.br/](http://www.emiliorodrigue.com.br/).

² Para mais informações sobre a trajetória de Gregorio Baremlitt, ver subcapítulo 4.4.

³ Análise didática é um processo pelo qual o candidato a psicanalista se credencia através da própria análise pessoal intensiva, geralmente com várias sessões por semana. Foi adotado desde 1925 pela IPA como obrigatório para a formação de analistas. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 17.

Melanie Klein. Após um regresso breve à Argentina em 1952 e ser ameaçado de expulsão da APA por causa de um relacionamento com a esposa de outro analista da instituição, ele foi então para os Estados Unidos, onde estudou com a filósofa Susanne K. Langer e trabalhou de 1958 a 1962 na comunidade terapêutica de Austin Riggs, na qual teve contato com outros psicanalistas como David Rapaport, com contribuições importantes para a teoria psicanalítica, e que se aproximavam de outras ciências humanas, como Erik Eriksson, cuja obra tem contornos antropológicos. Novamente de volta à Argentina em 1963, ele reassumiu o posto de analista didata da APA e chegou até a presidência da instituição, entre 1966 e 1968; no entanto, em uma época bastante conturbada no cenário político argentino e com a instituição sendo muito questionada, logo após deixar o cargo, em 1969, Rodrigué apoiou o Movimento Plataforma e rompeu com a APA, antes de ser forçado, pelo aumento da repressão na Argentina, a se exilar em definitivo no Brasil, em 1974.

A primeira metade da década de 1970 foi marcada pelo endurecimento do regime político na Argentina, o que provocou o exílio de muitos intelectuais e profissionais, em especial os mais vinculados à esquerda política. No campo da psicanálise, este processo também ocorreu com bastante força: os argentinos “emigraram em grande número para os quatro cantos do mundo, a fim de formar novos grupos freudianos ou integrar-se aos que já existiam”.⁴ Rodrigué foi um destes, embora tenha seguido um caminho diferente da maioria, ao se estabelecer em Salvador, enquanto muitos dos argentinos foram para São Paulo ou Rio de Janeiro.

Após a morte de Rodrigué, em 2008, a elaboração de produções sobre sua memória continuou. O Colégio de Psicanálise da Bahia,⁵ instituição fundada no final da década de 1980 por Urania Tourinho Peres e Syra Tahin Lopes, psicanalistas que haviam sido alunas e amigas de Rodrigué, elaborou no mesmo ano um *site* em sua homenagem, em que constam uma extensa biografia, uma página com quase 30 depoimentos de pessoas que conviveram com ele, além de uma bibliografia e de resenhas sobre alguns de seus livros. Além disso, a mesma Urania Peres organizou dois livros em homenagem a Rodrigué, com vários depoimentos de pessoas que conviveram

⁴ ROUDINESCO; PLON, 1998: 35, verbete “Argentina”. Curiosamente, os autores apontam a existência de grupos freudianos anteriores apenas na Suécia, na Austrália, na Espanha, nos Estados Unidos e na França, não citando o Brasil, país para o qual muitos psicanalistas argentinos vieram e que já contava com vários grupos freudianos estabelecidos anteriormente.

⁵ O Colégio de Psicanálise da Bahia foi fundado em 1988 com o nome de Colégio Freudiano da Bahia. O Colégio se apresenta, hoje em dia, como pertencendo a “Convergência – Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana”. Ver “Colégio de Psicanálise da Bahia”. Disponível em <https://www.colpsiba.com.br/>.

com ele: o primeiro deles, *Emilio Rodrigué, caçador de labirintos*, foi publicado em 2004, com o autor ainda vivo; o segundo, *Emílio Rodrigué, velho analista do tempo novo*, publicado em 2014, reúne textos que foram apresentados em um colóquio realizado na Universidade Federal da Bahia em homenagem ao psicanalista argentino.

Esta pesquisa busca, partindo das próprias obras do autor, analisar elementos de história da psicanálise na América Latina e no mundo e, de maneira mais geral, pensar sobre as relações entre memória, autobiografia e história. A partir de suas obras com caráter autobiográfico, Rodrigué construiu um personagem, exagerou seus vínculos com determinadas correntes psicanalíticas e elaborou uma história da psicanálise na qual ele é um dos elementos centrais. Sem entrarmos na questão sobre a “realidade” do que é narrado por ele, nos interessa primordialmente entender esse processo de rememoração e de construção de uma narrativa pessoal, e perceber que esse processo nos conta sobre as mudanças, renovações, disputas entre correntes, influências de outras disciplinas, em relação à psicanálise durante toda a época da qual seus livros tratam. O ano de 1965 marca a publicação de seu primeiro livro como autor solo, *Biografía de una comunidad terapéutica*, e 2000 corresponde à publicação do último, *El libro de las separaciones*. No entanto, este último livro se refere a acontecimentos desde a década de 1940, e trabalharemos com estes aqui, sempre tendo clareza da distância temporal entre os acontecimentos narrados e sua rememoração.

Ao contrário de muitos autores de autobiografias, que condensam sua obra em apenas um livro ou em uma série de livros contínua, Rodrigué escreveu várias formas diferentes de autobiografia: começou com textos mais vinculados aos aspectos teóricos e práticos da psicanálise, como *O paciente das 50.000 horas*, depois publicou uma tetralogia que fala de sua vida em Salvador, entremeando os aspectos psicanalíticos com outros mais pessoais, para depois escrever uma biografia de Freud que, como veremos no capítulo 4, também tem elementos autobiográficos, para, por fim, publicar *El libro de las separaciones*, uma autobiografia mais convencional e que trata de toda a sua vida. Portanto, podemos dizer que, pelo menos a partir da década de 1970 e durante mais de duas décadas, Rodrigué esteve continuamente elaborando e reelaborando sua autobiografia, e analisar como ele fez isto e tentar compreender seus motivos para isto são alguns dos temas centrais desta tese.

Como objetivos específicos, temos:

- 1). Analisar como Rodrigué reelaborou e contou posteriormente a história de seu período de formação e dos inícios de sua trajetória profissional, na Argentina, na

Inglaterra e nos EUA, utilizando-se desta narrativa para legitimar sua posição como psicanalista, inserido em uma tradição ortodoxa da psicanálise freudiana;

2). Estudar como Rodrigué, a partir da década de 1960, ao mesmo tempo em que alcançava cargos elevados nas instituições ortodoxas, começou um processo de desencanto e afastamento da tradição psicanalítica, participando de movimentos contestatórios e políticos que criticavam essas mesmas instituições e a psicanálise à qual havia se vinculado antes;

3). Identificar como, após seu estabelecimento em Salvador em 1974, Rodrigué desenvolveu um estilo peculiar de psicanálise, informal, avesso a instituições, aberto a outras experiências e diversos referenciais teóricos, terapêuticos e culturais, e como este estilo começou a ser percebido também na produção literária do autor a partir desta época;

4). Analisar as diferentes maneiras pelas quais Rodrigué foi percebido no Brasil e em Salvador em diferentes momentos, como referencial teórico no final da década de 1950, como escritor e autobiógrafo, e, também, como exilado, a partir da década de 1970, como biógrafo e historiador da psicanálise na década de 1990 e, finalmente, enquanto homenageado como “pioneiro” da psicanálise em Salvador, um processo que se iniciou ainda durante a sua vida, mas se intensificou após sua morte em 2008.

Revisão bibliográfica

A história da psicanálise passou pelo mesmo processo que ocorreu com outras histórias das ciências na segunda metade do século XX. A partir das obras de autores como Thomas Kuhn (KUHN, 1975 [1962]), houve um rompimento com as histórias anteriores, marcadas pela exaltação de grandes cientistas, a narração de grandes feitos e a valorização de marcantes descobertas, tudo isto considerado como sendo independente do contexto histórico e social. Posteriormente a esse avanço, as histórias das ciências começaram também a “recusar sistematicamente os enfoques baseados na difusão e na recepção das ciências de origens europeias, para tratar das representações e apropriações dessas ciências historicamente situadas em um contexto cultural próprio” (DIAS, 2005: 125-126).

Muitas das histórias da psicologia anteriores à década de 1950, e mesmo algumas mais recentes, mais próximas por temática da história da psicanálise, também apresentavam os mesmos problemas (SILVA, 2020: 58). No entanto, alguns autores começaram a demonstrar que a história da psicologia não pode separar as pesquisas

experimentais dos interesses e das visões das comunidades que avaliam os experimentos, como se existissem, de maneira independente do pesquisador ou do observador, regras impessoais de experimentação. Objetos como “inteligência” ou “inconsciente”, por exemplo, não são dados na natureza, mas sim construídos socialmente. Isso levou a história da psicologia a se preocupar com a emergência e construção dos objetos psicológicos como respostas a problemáticas específicas produzidas por agentes sociais em condições históricas específicas (DANZIGER, 1990; PETTIT, 2011; FIERRO, 2015). Este aspecto precisa ser destacado porque existiu e ainda existe uma visão subjetivista que considera que os objetos psicológicos são descobertos e surgem apenas nas mentes de determinadas figuras históricas, aparecendo espontaneamente devido à genialidade destes, sem qualquer interação com contextos sociais, culturais ou econômicos (SILVA, 2020: 60). Como praticamente toda história mais geral da psicologia dedica uma parte da obra a falar da psicanálise, os mesmos comentários acima valem para a história da psicanálise, que, como a da psicologia, inicialmente foi escrita pelos próprios praticantes e atores do campo, geralmente de formação médica e, mais recentemente, psicológica.

É possível identificar três gerações de autores que procuraram narrar a história da psicanálise no Brasil (CASTRO, 2014: 19). Faziam parte da primeira geração alguns médicos que se interessaram pela teoria psicanalítica nas décadas de 1920 e 1930, como Antonio Austregésilo,⁶ que, em 1922, apresentou uma breve história da utilização dos métodos da psicanálise no Rio de Janeiro. Ele apontava como importantes as comunicações e conferências realizadas, na capital federal, anteriormente a aquela data, por vários outros médicos psiquiatras, como Juliano Moreira⁷, Henrique Roxo⁸,

⁶ Antonio Austregésilo Rodrigues de Lima (1876-1960) era natural de Recife, Pernambuco. Tendo se formado em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ) em 1899, foi alienista do Hospício Nacional de Alienados (HNA), professor da cadeira de doenças nervosas em 1912 e mais tarde professor catedrático de Neurologia da FMRJ. Além da neurologia, dedicou-se aos estudos e divulgação da psicanálise, realizando palestras e publicando livros como *Sexualidade e Psiconeuroses* (1919), *Conselho prático aos nervosos* (1929) e *Educação da Alma* (1932). Foi também deputado federal por Pernambuco. Ver CERQUEIRA, 2014: 30.

⁷ Juliano Moreira (1873-1933) formou-se em medicina na Bahia. Foi diretor do Hospício Nacional de Alienados (HNA) de 1903 a 1930 e da Assistência a Alienados da capital federal de 1911 a 1930, presidente da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal de 1907 a 1933 e da seção do Rio de Janeiro da primeira sociedade brasileira de psicanálise, em 1928. Ver FACCHINETTI; CASTRO, 2015: 18.

⁸ Henrique de Britto Belford Roxo (1877-1969) graduou-se pela FMRJ em 1900, com a tese “Duração dos atos psíquicos elementares nos alienados”. Foi professor assistente, substituto e, a partir de 1921, professor titular de clínica psiquiátrica da FMRJ, até sua aposentadoria em 1945, e diretor da Clínica Psiquiátrica da mesma faculdade, localizada no Pavilhão de Observação do HNA. Ver FACCHINETTI; CASTRO, 2015: 19.

Genserico Pinto⁹ e o próprio Austregésilo, para a iniciação dos clínicos brasileiros nos estudos teórico-práticos sobre psicanálise (ABNP, 1922: 87-88). Da mesma geração, podemos mencionar Júlio Porto-Carrero (1887-1937), professor de medicina legal na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro desde 1929, cadeira na qual tratava frequentemente das teorias de Freud. Porto-Carrero produziu alguns textos sobre a história da psicanálise, como uma apresentação na Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1928, na qual apontou Juliano Moreira como o primeiro a se referir aos métodos de Freud no Brasil, o que teria ocorrido já em 1899, na Bahia. A história da psicanálise narrada por Porto-Carrero buscava apresentar a psicanálise como, ao mesmo tempo, uma ciência reconhecida pelos principais psiquiatras do período e uma teoria complexa, compreendida apenas por grandes intelectuais contemporâneos (FACCHINETTI; CASTRO, 2015: 19).

A segunda geração de historiadores da psicanálise, chamada de “oficial” por Facchinetti e Castro (2015: 22), era composta por médicos que fizeram sua formação psicanalítica na década de 1940, de acordo com os preceitos da *International Psychoanalytical Association* (IPA). Esse grupo, a partir da década de 1970, começou a escrever uma história que tomava a institucionalização das sociedades aprovadas pela IPA como o marco inicial da psicanálise carioca, e assim procurava diminuir a importância e o papel que os primeiros divulgadores das ideias de Freud no Rio de Janeiro tiveram. Para Danilo Perestrello (1916-1989), houve “precursores”, que não tinham formação de acordo com os critérios da instituição internacional e apenas teriam escrito sobre o tema, sem praticar a psicanálise, e “pioneiros”, com formação ipeana e que iniciaram a prática clínica. No entanto, pesquisas têm mostrado que já havia prática clínica psicanalítica no Rio de Janeiro desde a década de 1910, muito antes da constituição das sociedades de psicanálise (CASTRO, 2014: 21).

A médica e psicanalista Marialzira Perestrello, esposa de Danilo, também dividiu em dois grupos a história da psicanálise brasileira: os que se estabeleceram antes do surgimento do Centro de Estudos Juliano Moreira,¹⁰ do qual ela e o marido participaram, e o grupo posterior a estes estudos. Dentre os precursores, ela apontava

⁹ Autor da primeira tese que trata das teorias freudianas no Brasil, *Da psicanálise (A sexualidade nas nevroses)*, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1914, orientado por Austregésilo. Ver STUBBE, 2011.

¹⁰ O Centro de Estudos Juliano Moreira (CEJM) foi formado, em 1944, por um grupo de jovens psiquiatras cariocas, cuja maioria trabalhava no Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM), para discussões e debates sobre a obra de Freud. Segundo a própria Marialzira Perestrello, eles estavam “insatisfeitos com a orientação oficial do SNDM e da cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Medicina regida por Henrique Roxo”. Ver PERESTRELLO, 2012b: 127.

Juliano Moreira e, em especial, Porto-Carrero como os que souberam melhor entender e divulgar as ideias da psicanálise. Marialzira também destacava a importância de primeiros divulgadores em outras cidades, como Arthur Ramos, em Salvador (PERESTRELLO, 2012a: 106). No geral, porém, ela considerava que somente após a formação dos participantes do CEJM, a psicanálise no país teria se constituído de maneira efetiva. Nas versões dos membros desta segunda geração, muitos acontecimentos, como a constituição da primeira sociedade brasileira de psicanálise em 1927, foram esquecidos (CASTRO, 2014: 22-23).

A partir da década de 1980, surgiu uma terceira geração de historiadores da psicanálise, desta vez com uma inserção diferente, no meio acadêmico. Os trabalhos desta geração são mais variados em termos de metodologia histórica e conceitos utilizados, e alguns de seus autores são oriundos de outros campos acadêmicos que não a psicanálise ou psiquiatria, como a antropologia e a sociologia. Estes pesquisadores resgataram muitos aspectos da história da psicanálise brasileira antes da constituição das sociedades, demonstrando a relevância de seus praticantes “para o contexto social, cultural e intelectual da época” (CASTRO, 2014: 25). Nesta mesma década, o psicanalista Sérvulo Figueira (Museu Nacional/UFRJ) organizou vários livros que continham artigos seus e de outros autores, procurando relacionar a psicanálise brasileira com outras ciências humanas, como a sociologia e a história (FIGUEIRA, 1980, 1981, 1985 e 1988). Na mesma época, o antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte, também do Museu Nacional/UFRJ, começou a publicar sobre a psicanálise no Brasil, procurando retratá-la como uma forma de cultura desenvolvida ao longo do século XX e expandindo a sua reflexão para a psicanálise no Ocidente em geral (DUARTE; ROPA, 1985; DUARTE, 1996; DUARTE, 2002). Duarte continua escrevendo sobre psicanálise mais recentemente, pois também é de sua autoria o verbete sobre psicanálise no *Dicionário de história transnacional*, de Iriye e Saunier (DUARTE, 2009).

Na década de 1990, a pedagoga Elisabete Mokrejs (USP) publicou um livro importante sobre a história da psicanálise brasileira (MOKREJS, 1993). Sua obra apresenta um extenso levantamento de fontes e uma cuidadosa pesquisa sobre os primeiros momentos da psicanálise no Brasil, tendo se tornado uma referência para os estudos posteriores sobre o tema. Outra grande qualidade da obra é resgatar, com riqueza de detalhes, o papel de divulgadores da psicanálise não vinculados às sociedades oficiais, como Gastão Pereira da Silva. No entanto, em seu trabalho há uma ausência de críticas e problematizações, apresentando uma versão linear, progressivista

e baseada em uma narrativa puramente factual do processo de desenvolvimento da psicanálise brasileira ao longo do tempo, que foi bem mais complexo do que nesta versão. Em sua dissertação de mestrado em Saúde Pública realizada na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fiocruz, Carlos Ponte apresentou um panorama sobre a constituição das sociedades oficiais, vinculadas à IPA, no Rio de Janeiro, com um enfoque predominantemente sociológico (PONTE, 1999).

No final da década de 1990, o historiador norte-americano Thomas F. Glick, que antes havia trabalhado com a psicanálise e psiquiatria espanholas, publicou um pequeno artigo sobre os “precursores da psicanálise na América Latina” (GLICK, 1999). Embora o autor cometa alguns erros factuais¹¹, seu artigo apresenta uma discussão importante sobre os “precursores”, refutando as acusações de que estes teriam resistido à psicanálise oficial e sido “psicanalistas selvagens” muito distantes do freudismo, acusações estas que muitos trabalhos oriundos das sociedades ortodoxas haviam levantado. Para ele, as acusações vinham dos chamados “historiadores canônicos” ou “oficialistas”, em geral analistas praticantes, que “não enfocam o contexto histórico-social-cultural do tema” (GLICK, 1999: 143-144). Já a professora Jane Russo (IMS/UERJ), também com formação em antropologia pelo Museu Nacional, escreveu uma pequena síntese da história dos saberes “psi”, em 2002, na qual discute a relação dos primeiros psicanalistas cariocas com a psiquiatria e o processo chamado de *boom* psicanalítico, em especial no Rio de Janeiro, na década de 1970 (RUSSO, 2002). A obra de Jane Russo dialoga diretamente com as obras de Figueira e Duarte, a partir da ideia de “psicologização” do Brasil.

Desde o início da década de 2000, a professora Cristiana Facchinetti tem publicado sobre as origens históricas da psicanálise carioca, buscando mostrar suas articulações com um projeto modernizador e civilizatório da sociedade brasileira contemporânea (FACCHINETTI; CASTRO, 2015; FACCHINETTI; PONTE, 2003; FACCHINETTI, 2001). Os trabalhos mais recentes sobre esse tema, orientados por Facchinetti, são os dos historiadores Castro (2014) e Marcondes (2015). O primeiro, em sua tese de doutorado, analisa a recepção e circulação das ideias psicanalíticas no Rio de Janeiro do início do século XX. Castro se contrapõe aos historiadores das gerações anteriores, demonstrando que os primeiros nomes que mencionaram a psicanálise já

¹¹ O autor se refere a uma participação de Gastão Pereira da Silva em uma sociedade oficial de psicanálise na década de 1950, sobre a qual não encontramos nenhum indício, além de confundir as datas de publicação de alguns de seus livros. Ver MARCONDES, 2015: 37.

empreendiam atendimentos clínicos a pacientes e que cada geração procurou reescrever a história do período anterior para se legitimar profissionalmente. Já o último trabalho aborda o esforço de divulgação da psicanálise feito por um nome que não pertenceu a nenhuma das sociedades oficiais, Gastão Pereira da Silva. Através da análise das publicações de Gastão, em especial na revista *O Malho*, este trabalho defende que “já nas décadas de 1930 e 1940, antes do estabelecimento das sociedades de psicanálise reconhecidas pela IPA, Gastão contribuiu para uma familiaridade de uma parcela ampla do público letrado brasileiro” com conceitos psicanalíticos, e que, a partir de sua trajetória, “podemos compreender de modo mais amplo o *boom* dos anos de 1970 como um processo sedimentado, tijolo por tijolo, na divulgação da psicanálise em todos os campos do social, desde a década de 1930” (MARCONDES, 2015: 107).

Mesmo com a publicação crescente de trabalhos sobre a psicanálise brasileira a partir de um enfoque acadêmico, com maior reflexão metodológica, a produção de trabalhos com uma visão linear da psicanálise e que tratam de apenas um dos ramos da disciplina como sendo a psicanálise “correta” continuam a ocorrer. Um exemplo é o texto de Sônia Lobo, “A psicanálise nos núcleos nordestinos” (LOBO, 2012). A autora relaciona o surgimento da psicanálise nos estados nordestinos à filiação à IPA, e apenas cita os núcleos e grupos de pesquisa que, “após um período de maturação”, passaram a ser sociedades filiadas à instituição internacional. Como origem dessas associações, a autora aponta dois grupos: os “pioneiros nordestinos” e “os psicanalistas das sociedades ipeanas do Rio de Janeiro”, ou seja, para ela os psicanalistas cariocas é que teriam difundido a psicanálise a partir de sua participação na institucionalização de determinadas sociedades no Nordeste, sem que nenhuma iniciativa originada na própria região tenha sido bem-sucedida sem esta participação. Não há qualquer menção a algum psicanalista ou sociedade do estado da Bahia, onde Rodrigué se estabeleceu, uma vez que neste estado não houve a constituição de sociedades ipeanas.

Em relação à Argentina, apesar de sua importância na cultura do país, a psicanálise foi objeto de poucas análises acadêmicas, especialmente sobre a recepção e o desenvolvimento da disciplina por lá. Após a publicação, em revistas especializadas, de alguns relatos autobiográficos de psicanalistas do país, em especial dos fundadores da Asociación Psicanalítica Argentina (APA) na década de 1940, o primeiro livro que tentou fazer uma história mais geral da psicanálise argentina foi o de Jorge Balán (BALÁN, 1991). O autor, sociólogo de formação, narra uma história concentrada nas trajetórias dos personagens que participaram da fundação e desenvolvimento da APA e

que tem um final feliz, pois o último capítulo é intitulado “O êxito de uma profissão liberal”. Uma qualidade de sua obra é o grande número de entrevistas feitas pelo autor com os próprios psicanalistas argentinos e suas famílias. O psicólogo Hugo Vezzetti também começou, na década de 1990, a publicar textos sobre a história da psicanálise argentina, com especial destaque para seu livro de 1996, onde procura fazer “uma história original do freudismo que é autônoma a respeito da institucionalização da psicanálise” (VEZZETTI, 1996: 7). Assim, mais do que os fundadores da APA, o que interessa a Vezzetti é “o espaço diversificado de recepção e apropriação de enunciados atribuídos a Freud”, o que permite que ele trate em sua obra de temas como a divulgação popular das ideias freudianas através da coleção “Freud para todos”, criada pelo doutor Gómez Nerea, que Vezzetti mostra que era o pseudônimo do escritor peruano Alberto Hidalgo. Em seu trabalho mais recente, Vezzetti discute a relação entre psicanálise, psiquiatria e política na Argentina (VEZZETTI, 2016).

Seguindo esse caminho de fazer uma história cultural da psicanálise argentina, preocupada com as diferentes recepções e apropriações pelas quais as ideias psicanalíticas passaram ao longo do tempo, os trabalhos do historiador Mariano Ben Plotkin têm trazido contribuições importantes para se entender o estabelecimento do que o autor chama de “cultura psicanalítica” na Argentina. Em seu livro de 2001, Plotkin faz uma ampla história das relações argentinas com a psicanálise, enfatizando aspectos culturais e a profundidade da influência psicanalítica sobre a sociedade argentina ao longo do século XX (PLOTKIN, 2001). Em outra obra sua, organizada em conjunto com a historiadora australiana Joy Damusi, se valoriza a circulação do conhecimento psicanalítico em âmbitos transnacionais, como contribuições valiosas para a elaboração de uma história dos saberes “psi” em diferentes contextos e temporalidades (DAMOUSI; PLOTKIN, 2009). A mesma preocupação aparece no seu curto verbete sobre “Argentina e psicanálise” do *Dicionário de história transnacional*, onde a ênfase é na circulação do conhecimento psicanalítico não apenas na Argentina, mas também entre esta e outros países, como Brasil, Espanha e França (PLOTKIN, 2009: 56).

A ideia da psicanálise como um conhecimento que teve circulação transnacional, tendo tido diferentes recepções e apropriações dependendo dos contextos regionais e temporais, permite introduzir duas obras de referência, que buscam tratar da psicanálise como um fenômeno mundial. As duas obras foram publicadas inicialmente em francês, mas pretendem ter uma abordagem geral, com vários verbetes sobre diferentes países e tradições. Em 1997, a historiadora e psicanalista Elisabeth Roudinesco e o psicanalista

Michel Plon publicaram o *Dicionário de psicanálise*, que foi traduzido para o português no ano seguinte (ROUDINESCO; PLON, 1998). Além de verbetes sobre os principais conceitos e obras de psicanálise, o dicionário apresenta textos sobre vários países, fazendo uma história do estabelecimento, recepção e institucionalização da psicanálise nesses contextos diversos. No que nos interessa mais de perto nesta pesquisa, apresenta verbetes biográficos sobre alguns psicanalistas brasileiros, como Juliano Moreira, Porto-Carrero, Franco da Rocha e Durval Marcondes, e vários dos principais nomes da psicanálise argentina. Além disso, em seus verbetes “Brasil” e “Argentina”, o dicionário faz uma breve história da psicanálise nesses dois países, no caso argentino utilizando como algumas de suas fontes os trabalhos de Balán, Vezzetti e Plotkin citados anteriormente. Emilio Rodrigué não tem um verbete próprio neste dicionário, mas é citado em alguns verbetes, como “Argentina” e “Brasil”.

A outra obra apresenta já no título a pretensão de ser internacional (MIJOLLA, 2005). Apesar do editor geral e do conselho editorial serem franceses, a obra, ao contrário do *Dicionário* de Roudinesco e Plon, tem verbetes assinados por autores de várias nacionalidades. No caso brasileiro, o verbete “Brasil” é assinado por Marialzira Perestrello (PERESTRELLO, 2005: 214). Mesmo apresentando uma ênfase maior nos acontecimentos dos quais participou, como o estabelecimento da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), e na institucionalização das diversas sociedades brasileiras, freudianas ou não, o verbete cita Rodrigué, de maneira bastante elogiosa, em uma frase: “Emilio Rodrigué, um ex-membro da APA, vive em Salvador (Bahia) há mais de vinte anos. Sem pertencer a nenhuma sociedade, ele é respeitado por sua profunda cultura humanística e seu espírito independente” (PERESTRELLO, 2005: 217). Entre os 437 autores dos verbetes, podemos encontrar vários psicanalistas de renome, como André Green, Didier Anzieu, Joël Dor, Hanna Segal e o argentino León Grinberg, entre outros.

Também apontamos o já citado *Dicionário de história transnacional*, pois, embora ele não seja especializado em psicanálise como as duas obras citadas anteriormente, inclui dois verbetes sobre o tema, que mostram uma das tendências mais importantes da historiografia atual sobre a psicanálise: pensar a psicanálise como integrada em conjuntos mais gerais da história, como a história cultural e a história transnacional.

Em relação a Emilio Rodrigué, são poucos os trabalhos historiográficos que se centram em sua trajetória. Um deles é o verbete escrito por Heliana Conde Rodrigues,

para o *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil. Pioneiros*, cuja segunda edição foi publicada em 2007. Nele, Conde apresenta vários dos dados biográficos conhecidos de Rodrigué e que discutimos no capítulo 1 desta tese, mas, embora estivesse escrevendo em 2007, dava pouco destaque às atividades do psicanalista após seu estabelecimento em Salvador, resumindo toda sua trajetória a partir de 1980 com a seguinte frase: “A partir dos anos 80, Rodrigué se radicará definitivamente na capital baiana, na qual prossegue desenvolvendo trabalhos psicanalíticos renovadores e uma vasta obra literária, biográfica e autobiográfica” (RODRIGUES, 2001).

Referencial teórico-metodológico

Os principais referenciais teóricos para a análise da produção escrita de Rodrigué são, em primeiro lugar, a discussão sobre as relações entre memória, psicologia e psicanálise, a partir da ideia de que toda a obra do autor argentino escrita a partir da década de 1960 trabalha com a questão da reconstrução da memória a partir do ponto de vista de um psicanalista, que rememora o que aconteceu em sua vida e em sua trajetória profissional. A seguir, analisamos a discussão das relações entre história e memória, uma discussão muito presente nas ciências humanas desde a década de 1970, e que nos permite perceber como toda obra de história ou memória é elaborada na forma narrativa, o que as aproxima de outros dois elementos fundamentais para a análise da produção de Rodrigué, a autobiografia/biografia e a literatura.

1. Memória, psicologia e psicanálise

Desde a Antiguidade, principalmente filósofos, mas também pensadores de outros campos, desenvolveram teorias para tentar explicar o funcionamento da memória humana. Porém, foi apenas na segunda metade do século XIX que surgiu um campo especializado dedicado a estudar a memória, a psicologia experimental, o que não significou que a filosofia tenha deixado de tratar deste tema. É neste contexto, também, que se localiza a produção sobre memória de Sigmund Freud, que será duplamente importante para este trabalho: em primeiro lugar, porque Rodrigué era um psicanalista, e, portanto, teve amplo contato com as teorias de Freud; e segundo porque Freud, de muitas maneiras, serviu como um modelo para Rodrigué, pois o criador da psicanálise também escreveu sobre sua vida e foi objeto de uma biografia do psicanalista argentino.

Na segunda metade do século XIX, vários autores, em diferentes disciplinas e gêneros, escreveram sobre a memória. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-

1900), por exemplo, foi o primeiro a expressar uma ideia que seria retomada posteriormente por escritores, de que a capacidade de se lembrar depende da capacidade de se esquecer e que alguém que não esquecesse nada não seria capaz de se lembrar, e talvez até mesmo não conseguiria viver:¹²

Pensem o exemplo extremo, um homem que não possuísse a força de esquecer, que estivesse condenado a ver por toda parte um vir-a-ser: tal homem não acredita mais em seu próprio ser, não acredita mais em si, vê tudo desmanchar-se em pontos móveis e se perde nesse rio do vir-a-ser (...). Todo agir requer esquecimento: assim como a vida de tudo o que é orgânico requer não somente luz, mas também escuro. (...) Portanto: é possível viver quase sem lembrança, e mesmo viver feliz, como mostra o animal; mas é inteiramente impossível, sem esquecimento, simplesmente viver (NIETZSCHE, 1983: 58).

Mais ou menos no mesmo período em que Nietzsche escrevia, uma nova disciplina começou a estudar a memória, a psicologia experimental, procurando medir os processos de constituição da memória através de testes empíricos. Para o psicólogo norte-americano Walter Kintsch, as três publicações modernas mais influentes para o estudo psicológico da memória foram *Memory: A Contribution to Experimental Psychology* (1885), do alemão Hermann Ebbinghaus (1850-1909), *Remembering. A Study in Experimental and Social Psychology* (1932), do britânico Frederic Bartlett (1886-1969), e o artigo “The Magical Number Seven, Plus or Minus Two: Some Limits on Our Capacity for Processing Information” (1956), do norte-americano George A. Miller (1920-2012). Segundo Kintsch, o artigo de Miller inaugurou a abordagem baseada no processamento de informações, enquanto as obras de Ebbinghaus e Bartlett, embora bastante diferentes entre si, forneceram as fundações para o trabalho psicológico moderno sobre a memória (KINTSCH, 1995: xi).

Ebbinghaus desenvolveu uma série de testes para medir a memória, usando a si mesmo como sujeito da pesquisa, o que levou a algumas críticas quanto a seus resultados não poderem ser generalizados. Mesmo assim, fez importantes contribuições para teorias mais gerais sobre a memória. Sua descoberta mais citada é a curva de esquecimento, que descreve a perda progressiva de memória sobre o que alguém viu ou leu; a perda é mais intensa nos primeiros vinte minutos após o recebimento da informação e depois continua a acontecer em uma taxa menor. Do mesmo modo, ele

¹² Um conterrâneo de Rodrigué, o escritor Jorge Luís Borges (1899-1986), desenvolveu uma versão literária bastante conhecida desta ideia no conto “Funes, o memorioso”, publicado pela primeira vez no livro *Ficciones*, de 1944.

apontou a curva de aprendizado, que aumenta logo após a primeira tentativa e gradualmente vai diminuindo, o que significa que, com cada repetição, menos informações novas são retidas. Também documentou como a posição de um item em uma sequência ou lista afetam a memória, com os primeiros itens sendo melhor lembrados, como à medida em que se exercita a memória mais itens são retidos no subconsciente, entre outros (KINTSCH, 1995: xi-xv; MANDLER, 2007: 72-73; HERGENHAHN; HENLEY, 2014: 270-272). Além disso, segundo o historiador da psicologia George Mandler, Ebbinghaus deslocou as discussões sobre memória, que até então eram dominadas pela investigação de conteúdos conscientes, ao dar ênfase ao fato de que, “em nossa vida cotidiana, memórias parecem surgir em nossas mentes mais frequentemente do que nós conscientemente as recuperamos”, um elemento que permite aproximar sua teoria das produções posteriores de Freud (MANDLER, 2007: 73). Seu trabalho também marca uma ruptura com as abordagens filosóficas anteriores da memória ao estudar os processos de memória enquanto eles aconteciam ao invés de descrevê-los após eles terem acontecido (HERGENHAHN; HENLEY, 2014: 271).

O trabalho de Bartlett, publicado em 1932, adotou um enfoque diferente. Enquanto Ebbinghaus concentrou-se na memória como um todo em seu estudo, Bartlett estava mais interessado especificamente no ato de se lembrar. Mesmo com essas diferenças, suas contribuições são igualmente importantes e duradouras, o que, para Walter Kintsch, “atesta a enorme complexidade da memória” e “que a memória é mais do que apenas se lembrar”, envolvendo experiências pessoais, conhecimento geral, reprodução e reconstrução (KINTSCH, 1995: xi). Bartlett narra vários experimentos em seu livro; o mais conhecido é resumido a seguir. O psicólogo pediu aos participantes de seus experimentos que reproduzissem uma história ou uma discussão. Quanto mais os participantes se distanciavam do primeiro narrador da história, menos o relato se assemelhava ao inicial. Bartlett concluiu que os participantes mais reconstruíam o material do que se lembravam dele, processo que ainda aumentava mais quando decorria um período temporal maior entre a exposição ao material e o momento da lembrança. “Quando os indivíduos tentavam rememorar as histórias, eliminavam fragmentos, as tornavam mais coerentes mas não necessariamente mais curtas; pois a invenção se mesclava à evocação, o todo formando o que Bartlett chamou de ‘rememoração construtiva’” (GOODY, 1977: 39). Assim, Bartlett mostrou que o processo de rememoração não é passivo, envolvendo simplesmente uma repetição de algo memorizado, mas sim é uma reconstrução no interior de um esquema

(“organização ativa de reações passadas ou da experiência vivida”). Bartlett, embora tenha se especializado como psicólogo, se interessava bastante por antropologia, tendo sido aluno do britânico W. H. Rivers (1864-1922), que também se dedicou tanto à antropologia como à psicologia. Esta abertura para fatores culturais e suas conclusões sobre a influência de fatores sociais e culturais na reconstrução da memória contribuíram para que sua obra fosse utilizada por antropólogos como Jack Goody e historiadores como Jacques Le Goff.

Uma outra vertente da psicologia que começou, no início do século XX, a trabalhar com a memória foi a psicanálise. Embora em geral Freud seja representado como tendo trabalhado apenas com a psicologia individual, isto não é totalmente correto. Afinal, em sua obra, ele defende que “o inconsciente é construído e modificado na relação com o outro, ele é relacional, não podendo ser considerado uma instância pertencente a um único sujeito”. O mesmo ocorre com a memória. Em seu texto “Psicologia dos grupos e análise do ego”, ele defende que “todas as relações que se constituem como temas da pesquisa psicanalítica podem reivindicar serem consideradas como fenômenos sociais e que sua completude é retirada da influência de outras pessoas” (FERRARINI; MAGALHÃES, 2014: 117). Consequentemente, mesmo antes da publicação de *A interpretação dos sonhos*, em 1900, que geralmente é considerada como o marco inicial da psicanálise, Sigmund Freud já tinha escrito alguns textos sobre o tema da memória, contendo elementos que foram retomados em momentos posteriores da sua obra. Assim, em seu *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, ele afirmava:

Uma das principais características do tecido nervoso é a memória; isto é, em termos muito gerais, a capacidade de ser permanentemente alterado por simples ocorrências (...) Uma teoria psicológica digna de consideração precisa fornecer uma explicação para a “memória” (FREUD, 1996 [1895]: 263).

A seguir, em “O mecanismo psíquico do esquecimento”, de 1898, e “Lembranças encobridoras”, de 1899, Freud ressaltava a importância do esquecimento, visto como um processo que “recebe a influência de diversos fatores, como a constituição psíquica do indivíduo, a força da impressão do sistema, esforço empregado para recordar, o estado psíquico atual, entre outros e perpassa pela tríade recalque – resistência – deslocamento” (FERRARINI; MAGALHÃES, 2014: 113). A importância dessa tríade vem do fato de que o esquecimento é influenciado pela “atitude favorável

ou desfavorável de um dado fator psíquico que se recusa a reproduzir qualquer coisa que possa liberar desprazer, ou que possa subsequentemente levar à liberação de desprazer” (FREUD, 1996 [1898]: 283). Assim, a resistência ao desprazer leva ao esquecimento através do recalque, que é a força através da qual tais representações negativas são mantidas fora da consciência. Sem conseguir serem acessadas pela consciência, as representações sofrem o processo de deslocamento, pelo qual se produzem representações alternativas, ou lembranças encobridoras, que seriam essas lembranças irrelevantes que buscam substituir o conteúdo das outras lembranças negativas. Assim, as recordações seriam falseadas e, ao final, “substituídas por um conteúdo de fantasia” (FERRARINI; MAGALHÃES, 2014: 113-114).

A partir dessa ideia de falseamento das recordações, Freud escreveu em alguns textos que o objetivo final da psicanálise seria transferir para o consciente tudo o que é “patogenicamente inconsciente”, e, como ele mesmo apontou em uma conferência: “esta fórmula pode ser substituída por uma outra: sua tarefa consiste em preencher todas as lacunas da memória do paciente, em remover as amnésias” (FREUD, 1996 [1917-1918]: 38). Ou seja, a psicanálise buscaria evitar os esquecimentos e recuperar toda a memória do analisando. No entanto, em outros textos seus, Freud percebeu esse processo como mais complexo e matizou essa ideia. Por exemplo, em *A interpretação dos sonhos*, ele marcava a diferença entre o sonho e o relato do sonho transmitido pelo paciente posteriormente. Esse relato, no qual aparecem erros, esquecimentos, é a grande via de acesso ao inconsciente. Já em um texto de 1914, intitulado “Recordar, repetir e elaborar”, Freud acrescentou em sua teorização sobre lembranças e esquecimentos o conceito da “compulsão à repetição”, que afirma que “o indivíduo não mais rememora o que esqueceu ou reprimiu, mas sim reproduz enquanto uma ação, repetindo sem necessariamente saber que o faz”. De acordo com ele, quanto maior for a intensidade da resistência, mais a repetição substituirá a lembrança original (FERRARINI; MAGALHÃES, 2014: 114).

Em 1925, Freud escreveu seu texto mais detalhado sobre a memória, no qual utiliza a metáfora do “bloco mágico”, um brinquedo para crianças vendido em sua época. O bloco mágico era formado por uma prancha de cera escura por cima da qual se sobrepunha um papel encerado e uma lâmina de celuloide. Utilizando um instrumento pontiagudo, era possível escrever em sua superfície, e as incisões resultantes tornavam-se visíveis pelo contato com a base de cera. Entretanto, quando retirada a folha de cobertura, a escrita desaparecia, de maneira que era possível escrever novamente no

bloco mágico. Mas mesmo que se escrevesse novamente por cima, os traços escritos continuavam podendo ser lidos, sob determinada luz (FERRARINI; MAGALHÃES, 2014: 111). Devido a isto, o bloco mágico teria uma vantagem em relação a outros dois sistemas de registro apresentados por Freud. O primeiro seria fazer anotações em um papel, caso no qual o papel “torna-se como que uma porção materializada do aparelho mnemônico que carrego em mim, ordinariamente invisível”. Com o papel, a memória é registrada de uma maneira duradoura e imutável, a salvo de supostas distorções. A desvantagem é que ele não pode ser apagado para o registro de novas lembranças: “a capacidade da superfície receptora logo se exaure” (FREUD, 2011 [1925]: 268). Esta desvantagem não aparece num sistema que use uma lousa e giz para a escrita, uma vez que, neste caso, é possível se fazer incontáveis registros da memória sem que a superfície receptora perca sua capacidade. No entanto, aqui não se consegue um registro duradouro, uma vez que para incluir cada novo registro é necessário se apagar o anterior. Como conclui Freud, “irrestrita capacidade receptora e conservação de traços duradouros parecem excluir-se mutuamente nos dispositivos que substituem nossa memória; ou a superfície de recepção tem de ser renovada ou as anotações têm de ser eliminadas” (FREUD, 2011 [1925]: 269).

O bloco mágico, no entanto, possui essas duas capacidades, e, para Freud, o aparelho psíquico no seu processamento da memória humana também. “Nosso aparelho psíquico realiza justamente o que [o papel e a lousa] não podem fazer: tem ilimitada capacidade de receber novas percepções e cria duradouros – mas não imutáveis – traços mnemônicos delas” (FREUD, 2011 [1925]: 269). Para Freud, assim, era possível fazer uma analogia entre o bloco mágico e o aparelho psíquico humano, que, segundo ele, seria dividido em dois sistemas que recebem as percepções: o sistema perceptivo (Pcpt.) e o sistema mnêmico. Enquanto o primeiro sistema recebe os estímulos perceptivos do exterior, o segundo sistema possui memória e “transforma as excitações momentâneas em traços permanentes. A memória é a função que se relaciona com esses traços mnêmicos, que são modificações permanentes dos elementos dos sistemas” (FERRARINI; MAGALHÃES, 2014: 112).

Desta maneira, a relação entre psicanálise e memória é profunda e central. Como aponta o psicanalista René Major:

A psicanálise – sua teoria, sua prática, sua instituição – é completamente uma ciência do arquivo e do nome próprio, de uma lógica da hipomnésia que explica as lacunas da memória,

daquilo que arquiva a lembrança, transformando-a, ou ao contrário que a desarquiva, apaga, destrói; uma ciência também de sua própria história, da de seu fundador, da relação de documentos particulares (ou secretos) com a elaboração de sua teoria e com tudo aquilo que, de maneira subterrânea, pode explicar sua manifestação no mundo (MAJOR, 2002: 18-19).

2. Memória coletiva e história

A maioria dos trabalhos e estudos sobre memória apresentados anteriormente tratam-na como uma faculdade pessoal e individual. No entanto, desde o início do século XX, alguns pensadores têm defendido a existência e estudado um fenômeno que pode ser chamado de memória social ou coletiva (CONNERTON, 1996: 1). Um dos primeiros desses pensadores foi o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945).

Halbwachs inicialmente estudou filosofia, formando-se em 1901. Durante o curso, foi aluno de Henri Bergson, filósofo cujas obras estudam o tema da memória e que influenciou a Halbwachs fortemente. Em 1905, encontrou o sociólogo Émile Durkheim e passou a fazer parte do conselho editorial da revista *L'Année Sociologique*, orientando-se preferencialmente para a sociologia. Em 1919, assumiu a cadeira de professor de sociologia na Universidade de Estrasburgo, onde passou a ter contatos com os historiadores Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956) e o psicólogo Charles Blondel (1876-1939). Com os três profissionais, Halbwachs manteve relações estreitas, discutindo sua obra, sendo muitas vezes criticado e, também, buscando demarcar as fronteiras entre as diferentes disciplinas, em processo de institucionalização (MUCCHIELLI, 1999: 103-141).

Halbwachs foi o primeiro a pensar o conceito de memória coletiva, em especial em suas obras *Os quadros sociais da memória* (1925) e *A memória coletiva* (publicada postumamente em 1950). Para o autor, o processo de retenção e preservação da memória não dependia apenas do indivíduo; para ser duradoura, a memória precisava estar vinculada a quadros sociais ou contextos, que são mecanismos e práticas sociais que permitem sua transmissão e preservação (NIKULIN, 2015: 11). Como exemplos desses quadros sociais, Halbwachs apontava a família, os grupos religiosos, a classe social, a escola e a profissão,¹³ mas isso poderia ser ampliado para incluir “toda a vida material e moral” com a qual o indivíduo tem contato, como este trecho do próprio autor afirmava:

¹³ Os três primeiros são títulos de capítulos da obra de Halbwachs, *Les cadres sociaux de la mémoire*.

Toda lembrança, por mais pessoal que seja, mesmo aquela dos acontecimentos de que apenas nós fomos testemunha, mesmo aquela de pensamentos e de sentimentos que não foram expressos, está relacionada com todo um conjunto de noções que vários outros possuem, com as pessoas, os grupos, os lugares, as datas, as palavras e formas da linguagem, com raciocínios também e com ideias, ou seja, com toda a vida material e moral das sociedades das quais nós fazemos ou fizemos parte (HALBWACHS, 1925: 34)¹⁴.

Para o sociólogo francês, a memória individual é apenas “um aspecto da memória do grupo”, pois mesmo quando narramos ou recontamos memórias que aparentemente são completamente pessoais, como os nossos sonhos, utilizamos linguagens, raciocínios e ideias que nos foram transmitidos pela sociedade em que vivemos: “com frequência, se me lembro, é porque os outros me incitaram a me lembrar, que sua memória vem ao socorro da minha, que a minha se apoia sobre a deles” (HALBWACHS, 1925: 6, 107). Assim, a memória individual está sempre inscrita na memória distribuída coletivamente, e, para Halbwachs, não é necessário procurar uma localização física da memória:

Não é preciso buscar onde elas [as memórias] estão, onde elas se conservam, em meu cérebro, ou em alguma parte de meu espírito a que apenas eu tenho acesso, pois elas me são lembradas do exterior, e os grupos dos quais eu faço parte me oferecem a cada instante os meios de reconstruí-las, com a condição de que eu me volte em direção a eles e que eu adote, pelo menos temporariamente, suas maneiras de pensar (HALBWACHS, 1925: 6).

A importância da linguagem, também determinada socialmente, para este processo de reconstrução fica evidenciada pelo fato de que, segundo Halbwachs, “a memória, a inteligência e a identidade individuais são formadas pelo aprendizado realizado em um grupo, no seio do qual a comunicação é assegurada principalmente pela linguagem”. É desta maneira que Halbwachs buscava construir uma sociologia ligada à psicologia: “a sociologia era, portanto, como o havia enunciado Durkheim, ‘um ponto de vista novo sobre a natureza humana’, que era convocado para renovar a psicologia, descartando várias concepções neurobiológicas e psiquiátricas tradicionais” (MUCCHIELLI, 1999: 115).

¹⁴ Todas as citações da obra *Les cadres...*, de Halbwachs, são com tradução minha.

Em uma resenha datada do mesmo ano da publicação de *Os quadros sociais da memória*, 1925, o historiador e fundador da revista *Annales* Marc Bloch apresentava a obra de maneira bastante favorável, como sendo “extremamente rica e sugestiva”. Para Bloch, o mais interessante no livro resenhado era a “memória coletiva no próprio sentido da palavra: a conservação das lembranças comuns a todo um grupo humano e sua influência sobre a vida das sociedades” (BLOCH, 1925: 73¹⁵). Bloch destacava uma das ideias centrais de Halbwachs, a de que “todo grupo social retira sua unidade espiritual ao mesmo tempo das tradições que constituem a própria matéria da memória coletiva e das ideias ou convenções que resultam do conhecimento do presente”, como sendo bastante frutífera para os historiadores. Neste sentido, Bloch comentava como estas duas “espécies de representações coletivas” na verdade não são incompatíveis, mas, pelo contrário, dependem uma da outra: “a sociedade não interpreta ou mesmo não conhece o passado a não ser através do presente; por outro lado, o presente não tem para ela sentido concreto e valor emocional a não ser que, por trás dele, se entreveja um certo espaço de tempo”. Outra ideia de Halbwachs reafirmada por Bloch era a de que “a memória coletiva, como a memória individual, não conserva precisamente o passado; ela o recupera ou o reconstrói sem cessar, partindo do presente” (BLOCH, 1925: 76-77).

Embora Bloch defendesse a necessidade de um diálogo entre historiadores e sociólogos, dizendo que o “maior perigo” para eles seria um “fechamento dogmático” que os levasse a se ignorar ou se desdenhar, ele fazia ressalvas à obra de Halbwachs a partir de sua posição como historiador, discordando de algumas generalizações feitas pelo sociólogo. Por exemplo, quando Halbwachs afirmava que os rituais religiosos se originaram da necessidade de se comemorar uma lembrança associada à religião, como a comunhão no caso dos cristãos, Bloch apontava que esta era a interpretação presente dos rituais, mas que quase nenhum historiador das religiões concordaria que esta foi sua origem. E concluía, introduzindo uma ideia que será retomada por vários historiadores posteriormente, da história devendo corrigir a memória coletiva: “o que temos aqui são falsas lembranças. O Sr. Halbwachs não estudará talvez um dia os erros da memória coletiva?” (BLOCH, 1925: 79-80).

Por sua vez, Charles Blondel, embora, como Halbwachs, tivesse formação em filosofia e desse aulas em faculdades de letras, era médico especializado em psicopatologia e passou a dar cursos de psicologia. Mesmo assim, também passou a

¹⁵ Todas as citações da resenha de Bloch são com tradução minha.

buscar a união entre a psicologia e a sociologia, em especial a partir da década de 1920, dando mais importância para a primeira disciplina, ao contrário de Halbwachs. Blondel passou a temer as investidas deste no campo da psicologia como sendo sinais de um “imperialismo sociológico”, levando a uma grande rivalidade entre os dois estudiosos, por questões pessoais, de defesa de campos disciplinares e concorrência por posições acadêmicas. Além das disputas, os diálogos constantes entre os dois sobre questões teóricas nos permitem perceber como alguns membros da comunidade psicológica francesa viam os estudos de Halbwachs sobre a memória, um tema de bastante relevância também para os psicólogos da época (MUCCHIELLI, 1999).

O pensamento de Halbwachs passou a influenciar, em especial a partir da década de 1970, alguns historiadores que começaram a escrever sobre a memória e suas relações com a história, de maneira tal que a memória passou a ser um dos temas privilegiados da historiografia a partir desta época. Um dos primeiros destes historiadores foi o francês Jacques Le Goff (1924-2014). Ele, que já era um medievalista bastante conhecido, filiado à terceira geração da chamada Escola dos *Annales*, escreveu, a partir de 1977, uma série de dez verbetes para a *Enciclopedia Einaudi*, italiana.¹⁶ Em 1988, quatro destes verbetes foram publicados, em uma ordem diferente e em francês, em um livro com o título de *Histoire et mémoire*.¹⁷ Posteriormente, os dez verbetes de autoria de Le Goff voltaram a ser publicados em conjunto, tanto em italiano como em francês, e foram traduzidos para o português, em todos os casos mantendo o título de *História e memória*, mas com uma nova organização, que iniciava por “História” e colocava o verbete “Memória” na parte final da obra (LE GOFF, 2003). O próprio título e a nova organização dos verbetes dentro do livro denotavam a intenção do historiador francês, a partir das edições posteriores de sua obra, em colocar a memória como algo subordinado à história.¹⁸

No prefácio para a edição francesa de 1988, Le Goff analisava as relações entre história e memória: “Tendências ingênuas recentes parecem quase identificar uma com

¹⁶ Os verbetes foram publicados no volume 1 da Enciclopédia, de organização temática, intitulado “Memória-História”. Na primeira publicação, os verbetes estavam na seguinte ordem: “Memória”, “Documento/Monumento”, “História”, “Calendário”, “Passado/Presente”, “Idades Míticas”, “Progresso/Reação”, “Antigo/Moderno”, “Decadência” e “Escatologia”, intercalados com verbetes de outros autores. Ver ENCICLOPÉDIA EINAUDI, 1984.

¹⁷ Os verbetes que foram editados em francês, na sua ordem no livro: “História”, “Memória”, “Antigo/Moderno” e “Passado/Presente”. Ver LE GOFF, 1988.

¹⁸ Outro indício disto é que, na nova edição italiana da obra, o livro está dividido em partes temáticas. A primeira parte, com o título de “A História”, contém apenas o verbete “História”. O verbete “Memória” aparece apenas na quarta parte, que tem o título de “A ordem da memória”, juntamente com os verbetes “Calendário” e “Documento-Monumento”. Ver LE GOFF, 1986.

a outra, e mesmo preferir de algum modo a memória, que seria mais autêntica, mais ‘verdadeira’, à história, que seria artificial e que consistiria sobretudo em uma manipulação da memória”. A seguir, ele reconhecia que a história está submetida às “estruturas sociais, ideológicas e políticas” de onde vivem os historiadores e que ela foi muitas vezes submetida a “manipulações conscientes”. Mesmo assim, dizia que “a disciplina histórica (...) não deve deixar de buscar a objetividade e de permanecer fundada sob a crença de uma ‘verdade’ histórica”. Embora reconhecendo que a “memória é a matéria primeira da história” e seu caráter “vívido”, Le Goff afirmava que, “porque o seu trabalho [da memória] é quase sempre inconsciente, ela é, na verdade, mais perigosamente submetida às manipulações do tempo e das sociedades que pensam do que a disciplina histórica”. Ao mesmo tempo, essa disciplina histórica “alimenta a memória e participa do grande processo dialético da memória e do esquecimento em que vivem os indivíduos e as sociedades”. Para ele, o historiador deve participar desse processo para “dar conta dessas lembranças e esquecimentos, para transformá-los em matéria pensante, para fazer deles um objeto de saber”. Privilegiar demasiadamente a memória, ele concluía, “é mergulhar no fluxo indomável do tempo” (LE GOFF, 1988: 10-11. Trad. minha).

Esta questão voltava a aparecer, de maneira mais clara e contundente, no seguinte trecho, do verbete “História”:

Há pelo menos duas histórias e voltarei a este ponto: a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo) e os *mass media*, corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros (LE GOFF, 2003: 29).

Assim, para Le Goff, cabia à história, produzida pelos “historiadores de ofício”, corrigir a memória coletiva, vista como inconsciente, irracional e deformada. Mesmo reconhecendo que esta era mais vívida e alimentava a própria história, o historiador francês buscava defender sua categoria profissional como a mais adequada para “corrigir” a memória coletiva.

Na mesma época, outro historiador, também identificado com a terceira geração da Escola dos Annales e muito ligado a Le Goff, organizou uma extensa coletânea de artigos sobre o tema da memória coletiva na França. Pierre Nora (1931-) já havia escrito

alguns artigos em coletâneas organizadas por Le Goff.¹⁹ Mas foi com a publicação do primeiro volume de *Les lieux de memoire* [Os lugares de memória], em 1984, que seu nome ficou ligado definitivamente à questão das relações entre memória e história. Nora foi o organizador desta obra monumental, que contou com 103 colaboradores diferentes e alcançou o total de quase 5.000 páginas, quando a publicação da primeira edição, em 7 volumes, foi concluída, em 1992. A obra é um tipo de enciclopédia, que pretende fazer um “inventário dos lugares onde está encarnada a memória nacional na sua dimensão simbólica”. Dividida em três grandes partes, “A República”, “A Nação” e “As Franças”, a obra segue o mesmo caminho de Le Goff, ao opor memória e história e considerar que esta teria o dever de corrigir aquela. Como apontou o historiador americano Jeremy Popkin em uma resenha, “apesar de toda a diversidade dos colaboradores e dos ‘lugares de memória’ examinados, o projeto de Nora tem um único objetivo: desconstruir o passado francês, mostrando que nenhum desses objetos históricos familiares jamais teve um significado fixo” (POPKIN, 1997: 93-94).

Além de organizar a obra coletiva, Nora escreveu vários verbetes para ela e uma extensa introdução, que depois foi publicada como um artigo independente. Nela, o historiador apresentava o arcabouço teórico do livro e introduzia o conceito de “lugares de memória”, locais específicos para a celebração da memória, em uma sociedade em que a memória não é cultuada: “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não existe memória espontânea, de que se tem que criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, registrar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 2008: 25).

De maneira semelhante a Le Goff, embora aponte qualidades para a memória, o acento de seu texto é nas oposições entre memória e história. De acordo com ele, “a memória é um fenômeno sempre atual, um laço vivido com o presente eterno”, já a história é uma representação do passado; a memória é afetiva e mágica e “só se ajusta a detalhes que a reafirmam”, já a história é “uma operação intelectual e laicizante, que requer análise e discurso crítico”; a memória surge de um grupo ao qual reúne, “é coletiva, plural e individualizada; a história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá vocação universal” (NORA, 2008: 21). Neste trecho, o historiador enfatiza a temporalidade e o caráter local da memória, mas coloca a história como se fosse, ao

¹⁹ Em uma coletânea de 1976, organizada por Nora juntamente com Le Goff, que em francês tinha o título de *Faire de l'histoire* e foi traduzida para o português como *História: novos problemas*, Nora escreveu um artigo sobre “O retorno do fato”, marcando aqui uma ruptura com a historiografia anterior ligada aos *Annales*. Ver LE GOFF; NORA, 1976.

contrário, atemporal e universal, uma visão que não é majoritária entre a historiografia atual há um bom tempo. Mais adiante no mesmo texto, Nora afirma que “a memória é sempre suspeitosa para a história”, e que esta é “deslegitimação do passado vivido”, pensando a função da história como sendo a da dessacralização da memória (NORA, 2008: 21).

Em uma entrevista de 2006, com o sugestivo título de que não se deve “confundir memória e história”, Nora reafirmou muitos dos mesmos argumentos. Para ele, “memória e história funcionam em dois registros radicalmente diferentes, mesmo quando é evidente que ambas têm relações estreitas e que a história se apoia, nasce, da memória”. Mais adiante, retomava a ideia da memória como basicamente inconsciente e mais suscetível a manipulações: “a memória, por sua natureza, é afetiva, emotiva, aberta a todas as transformações, inconsciente de suas sucessivas transformações, vulnerável a toda manipulação, suscetível de permanecer latente durante longos períodos e de bruscos despertares”. A grande oposição entre os dois conceitos é apontada por ele como sendo que “a memória depende em grande parte do mágico e só aceita as informações que lhe convém. A história, ao contrário, é uma operação puramente intelectual, laica, que exige uma análise e um discurso críticos” (CORRADINI, 2006).

Assim, tanto Le Goff como Nora seguiram um caminho iniciado por Halbwachs, de separar a memória da história e de considerar a primeira mais irracional, distorcida e sujeita a manipulações do que a segunda, que seria um discurso crítico, racional e “científico”. Esta visão tem sido criticada por diferentes autores. Jörn Rüsen, por exemplo, em texto de 2008, diz que “o discurso sobre a memória faz uma distinção rígida entre o papel das representações históricas na orientação cultural e na vida prática e os procedimentos racionais do pensamento histórico pelos quais o conhecimento do que realmente aconteceu é conquistado”. Nos autores deste discurso sobre a memória, Rüsen inclui nominalmente Halbwachs, Nora e Jan Assmann. Para o historiador alemão, este discurso ignora o papel das expectativas e das intenções voltadas para o futuro na representação do passado. Rüsen também afirma que “é muito mais útil mediar ou mesmo sintetizar essas duas perspectivas [memória e consciência histórica] de apresentar e representar o passado”, do que insistir na oposição entre as duas (RÜSEN, 2009: 165).

Para fazer esta mediação, Rüsen trabalha com diversas classificações da memória: inicialmente, ele aponta a existência de uma *memória comunicativa*, que “lida com a formação de diferenças geracionais” e “se reflete em discussões sobre a

importância da experiência histórica de eventos específicos”; uma *memória coletiva*, que já “ganha maior estabilidade e tem um papel mais importante na vida cultural”, funcionando como um “importante elemento de estabilidade” para vários grupos sociais, como partidos, associações etc., mas que ainda não é a memória mais estável e mais permanente, que seria a *memória cultural*. Esta última, segundo o autor, “representa o núcleo da identidade histórica”, produz “rituais e atuações altamente institucionalizadas” e “tem um lugar fixo na vida cultural de um grupo”. A relação destes diferentes níveis de memória com a história é assim explicitada pelo historiador alemão: “processos históricos de longa duração podem ser interpretados pelo uso de hipóteses de transformação comunicativa nas memórias coletiva, comunicativa e cultural” (RÜSEN, 2009: 166-167).

Citando o trabalho de Aleida Assmann, Rösen apresenta em outro trecho uma classificação um pouco diferente, substituindo a memória comunicativa pela memória individual, que seria composta por dois tipos: a memória episódica e a memória geracional. Em relação a esta memória individual, o autor destaca a importância da memória do corpo, “lugar para experiências extremamente individuais” que “não podem ser completamente integradas nas dimensões sócio-cultural ou comunicativa” (RÜSEN, 2009: 167, n. 6). Outra classificação de memória apresentada por Rösen está relacionada com a maneira pela qual o passado é sentido e representado: há a *memória responsiva*, que se caracteriza por ser uma reação a um evento muito importante e que provocou o desejo de superar a este evento, como no exemplo do Holocausto; este tipo de memória deve ser analisada historicamente através do conceito de trauma; contrariamente, há a *memória construtiva*, na qual o passado é constantemente lembrado de maneira mais positiva (RÜSEN, 2009: 167-168).

Mais uma vez enfatizando as convergências, e não as divergências, entre memória e história, Rösen aponta que a própria consciência histórica é “uma forma específica de memória histórica”. Sua especificidade viria do fato dela trabalhar com a relação entre diferentes perspectivas temporais “de modo mais elaborado e complexo”, podendo ser definida como “o significar da experiência do tempo interpretando o passado de modo a compreender o presente e antecipar o futuro”. Pois, para o historiador alemão,

um relacionamento histórico é determinado pela tensão temporal entre passado e presente, por uma diferença qualitativa, suas mediações dialéticas e narrativo-

argumentativas no tempo. O poder vital da memória repousa na manutenção viva do passado efetivamente experimentado por aqueles que lembram. O passado torna-se histórico quando o processo mental de voltar no tempo vai além do tempo de vida biográfico e volta à cadeia de gerações (RÜSEN, 2009: 168).

Rüsen aponta que, desta maneira, “a relação histórica com o passado é enriquecida por uma enorme quantidade de experiência”. E, a seguir, coloca que “apenas nesse *tipo especificamente histórico de memória* o peso do significado da experiência histórica torna-se visível e mensurável” (RÜSEN, 2009: 168. Grifo meu).

O filósofo Dmitri Nikulin, por sua vez, afirma que “contra a tese da separação entre história e memória, contra Halbwachs e Nora, eu gostaria de defender que a maneira pela qual a história é constituída não pode ser isolada da maneira pela qual ela é preservada”. Se a memória desempenha um papel na preservação do passado, diz Nikulin, a história necessita da memória. Além disso, ele contrapõe à concepção ocidental moderna da história, que seria “universal, teleológica e inextricavelmente política”, a ideia de que “pode haver muitas histórias diferentes nas quais nós participamos ao mesmo tempo”. Continuando, afirma que:

Em particular, uma história necessita da memória para ser transmitida, interpretada e restaurada em referência àquelas coisas que são lembradas e referidas dentro de uma narrativa histórica. A coleção do que é lembrado e acionado novamente, mantida como nomes (de pessoas, coisas ou eventos) ou imagens dentro de uma narrativa organizada (geralmente, uma lista) pode ser chamada o histórico da história. Entretanto, o que é preservado precisa de uma apropriação, explicação e (re)interpretação, o que torna o histórico compreensível e com significado, e, portanto, uma história (NIKULIN, 2015: 16).

Esta apropriação, explicação e interpretação é feita, então, na forma narrativa ou de uma “fábula”. Desta maneira, as várias histórias de que participamos simultaneamente são contadas e adquirem sentido (NIKULIN, 2015: 16). Aqui, ao mesmo tempo em que Nikulin está criticando a concepção de história universalizante, teleológica e “superior” à memória de Halbwachs, Le Goff e Nora, ele também introduz um outro conceito de grande relevância, o da forma narrativa. A forma narrativa, associada à literatura, é o conceito que conecta memória e história, que faz com que os elementos lembrados adquiram sentido e significado em uma *narrativa* histórica. E é utilizando esse conceito de narrativa que introduziremos outro elemento neste capítulo, o da autobiografia.

3. Autobiografia, literatura e memória

Para iniciarmos as discussões sobre memória e autobiografia, vamos colocar uma anedota que ilustra algumas das questões mais importantes a esse respeito:

Conta-se que o poeta francês Lamartine, depois de ter escrito um de seus mais famosos poemas autobiográficos, no qual evoca a casa onde nasceu em Milly, visitou a casa e se deu conta de que sua fachada e seu jardim pouco se assemelhavam à casa que a sua memória criara. Sob o impacto da perturbação trazida por esta não coincidência entre a sua memória e aquilo que reviu, Lamartine viu-se diante da urgência de reconstruir a casa onde passara a sua infância, de modo que ela se mostrasse fiel ao seu poema. Era preciso que o arquivo da sua memória emprestasse realidade à casa onde nasceu e cresceu (DUQUE-ESTRADA, 2009: 13).

Como a anedota bem mostra, uma narrativa autobiográfica não deve ser compreendida como a recuperação de eventos que aconteceram realmente com a pessoa nos seus mínimos detalhes, mas sim como uma reconstrução feita a partir de indícios, seleções e esquecimentos e refletindo a situação atual da pessoa que se lembra. Além disso, o que é um dos pontos mais relevantes da história sobre Lamartine é que, uma vez criada e publicada, uma narrativa autobiográfica ganha vida e *status* de coisa real; diante da contradição entre sua memória e o que encontrou na visita à casa, Lamartine escolhe adequar esta última ao que tinha escrito no poema, ao invés do contrário. Pode-se dizer que, na escolha entre duas “realidades”, ele preferiu a realidade de sua memória e do que tinha escrito.

Outro autor, ao falar de uma das autobiografias mais conhecidas e modelares do campo, as *Confissões*, de Jean-Jacques Rousseau, publicadas pela primeira vez em 1764, também enfatiza a ideia de que o mais relevante para a análise desta obra é o Rousseau da época em que a escreveu, não o Rousseau criança retratado nela:

O que importa é menos a semelhança de ‘Rousseau aos 16 anos’, representado no texto das *Confissões*, com o Rousseau de 1728, ‘tal qual era’, do que o duplo esforço de Rousseau, por volta de 1764, para *pintar*: 1) sua relação com o passado; 2) esse passado tal qual era, com a intenção de nada modificar (LEJEUNE, 2008b: 41).

Portanto, a primeira aproximação entre autobiografia e memória que fazemos é que a autobiografia é uma reconstrução e uma reelaboração de memórias. Além disso, como toda obra artística, uma autobiografia é uma representação, e toda representação, seja qual for seu meio, é baseada em memória, afinal trata-se de uma “re” apresentação,

ou uma segunda apresentação que se baseia na memória da primeira (HUYSSSEN, 1995: 2). No caso da autobiografia, seu autor “reconstrói – e recoleta – sua história através da narrativa e faz dela uma história coerente a partir de memórias episódicas” (NIKULIN, 2015: 10). Uma autobiografia “completa” é uma impossibilidade lógica, pois nem a própria pessoa pode se lembrar e registrar tudo o que aconteceu na sua vida; assim, uma das características centrais das narrativas autobiográficas é que mesmo as mais extensas dentre elas são marcadas por um grande trabalho de seleção.

A partir dessa ideia, podemos aproximar a autobiografia da história também, uma vez que cada obra historiográfica efetua um trabalho de seleção, imprescindível para a definição do problema, das fontes e da metodologia a ser utilizada. É isso que permite que, mesmo em campos nos quais dificilmente aparecem fontes novas, como a História Antiga, continuem a serem produzidas narrativas históricas, pois nenhum autor jamais esgotará um assunto em história. No entanto, frequentemente as autobiografias foram consideradas como pertencendo ao campo da literatura de ficção e, conseqüentemente, como apresentando um relato mais “romanceado” e menos “histórico” do que se dispunham a narrar.

Embora as autobiografias tenham sido sempre um gênero popular, e continuassem a ser escritas, muitas vezes por pessoas de grande renome em vários campos profissionais, o gênero por muito tempo foi malvisto por historiadores, da mesma maneira que seu parente próximo, as biografias. Sendo considerados convencionais, individualistas e até mesmo laudatórios, esses tipos de estudos foram abandonados parcialmente, na primeira metade do século XX, em prol de estudos sobre fenômenos coletivos, especialmente de caráter econômico e quantitativo (PRIORE, 2009: 7). Do mesmo modo que outros campos historiográficos, como a história política ou a do tempo presente, as autobiografias e biografias foram incluídas na crítica feita pelos historiadores franceses da chamada Escola dos *Annales* à história factual, do acontecimento e de curta duração, vista como superficial e desprovida de problematizações.²⁰ Porém, a partir da década de 1970, com o questionamento das interpretações mais generalizantes, como o marxismo, houve um retorno às análises individuais, e mais especificamente às biografias e autobiografias: “decepcionados e insatisfeitos com o uso de categorias interpretativas predeterminadas, os próprios

²⁰ Um exemplo dessa crítica é o texto de Fernand Braudel, “História e ciências sociais: a longa duração”. In BRAUDEL, 1992: 41-78.

historiadores sociais, tradicionalmente mais atentos à dimensão coletiva da experiência histórica, começaram a refletir sobre os destinos individuais” (LORIGA, 1998: 226).

Desta maneira, considerando a autobiografia como um gênero, como todos os outros, cuja delimitação e conceituação tem base histórica, precisamos estudar a definição variável do próprio termo “autobiografia”. Uma vez que não existe um consenso, mesmo hoje em dia, sobre esta definição e os conceitos utilizados são variáveis, isto faz com que todo autor tenha que explicitar o que ele entende como autobiografia. Como coloca o crítico literário inglês Roy Pascal, em um livro escrito em 1960, existe uma forma autobiográfica e uma convenção que são prontamente reconhecidos tanto por escritores como por críticos; no entanto, na hora de se fornecer uma definição precisa e coerente do gênero, as dificuldades aparecem (PASCAL, 2016: 12). Em outro livro sobre autobiografia um pouco anterior ao de Pascal, Wayne Shumaker aponta que, dependendo da especialização e do interesse do pesquisador, ele escolherá diferentes definições de autobiografia, para incluir ou excluir determinados textos:

O estudante do autorretrato literário na Antiguidade vai desejar uma formulação ampla o suficiente para incluir, por exemplo, um discurso de autodefesa legal (a *Apologia* de Sócrates), um relato de uma campanha militar (os *Comentários* de César) e uma conversa imaginária com a Filosofia (*De Consolatione Philosophiae*, de Boécio). (...) O medievalista é parcial em relação a “passagens autobiográficas”, como a que está no fim da *História eclesiástica*, de Beda, e alegorias, como a *Vida Nova*, de Dante. (...) Já um especialista em períodos mais atuais vai, quase certamente, querer que a definição seja restritiva (SHUMAKER, 1954: 1-2).

Desta maneira, como Shumaker deixa claro, qualquer definição de autobiografia será, em uma certa medida, arbitrária e deve estar ligada à delimitação do período tratado. Assim, não é possível fazer uma discussão sobre a definição do termo sem fazer uma história da autobiografia, ou pelo menos de diferentes formas que foram lidas desta maneira ao longo dos tempos. Em relação a isso, existem duas grandes correntes: a primeira considera que existe uma forma moderna da autobiografia, que teria surgido com o Iluminismo, e é representada pelo aparecimento de uma subjetividade ou individualidade moderna, que permita que uma pessoa escreva sobre sua própria vida como indivíduo. Por exemplo, Philippe Lejeune, sobre quem trataremos de maneira mais aprofundada abaixo, especifica que sua definição de autobiografia só é válida para a literatura europeia e para os últimos dois séculos (a partir de 1770). O próprio Lejeune

ressalta que isso não significa que não existisse literatura pessoal fora da Europa ou antes do período apontado, mas sim que os contextos de escrita e recepção dessa literatura mudaram com o tempo (LEJEUNE, 2008: 13). A obra considerada como o modelo para o surgimento desta nova forma da autobiografia é a do escritor francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que a intitulou de *Confissões*, mas rompendo com o modelo religioso do gênero e defendendo uma autobiografia laica (MARQUES, 2004).

No entanto, outros autores consideram que a autobiografia na civilização ocidental pode ser traçada desde o fim da época romana da Antiguidade, quando surgiram as *Confissões*, de Santo Agostinho. Escritas entre 397 e 400, elas se tornaram um modelo para autores medievais e modernos ao narrar a conversão do autor ao cristianismo. As *Confissões* não narram toda a vida do autor, pois foram escritas quando Agostinho tinha pouco mais de 40 anos, e ele ainda viveu cerca de 30 anos depois (AGOSTINHO, 1980). Além disso, sua narrativa buscava servir como modelo para os leitores, pois ele conta todos os seus pecados anteriores até a conversão ao cristianismo, que simboliza um renascimento, uma nova vida; a autobiografia como modelo de vida foi muito influente por vários séculos posteriores, e o posicionamento da obra de Agostinho como iniciadora do gênero também indica a importância dada ao cristianismo na história posterior da Europa ocidental (AGOSTINHO, 2017).

Por sua vez, o alemão Georg Misch escreveu, no início do século XX, uma monumental *História da autobiografia*, na qual só citava as *Confissões* de Santo Agostinho no último capítulo do seu volume 2, após mais de 700 páginas²¹. Embora Misch considerasse que os autores gregos e, posteriormente, Agostinho tenham introduzido mudanças significativas no gênero, via como necessário para se fazer a história do gênero recuar bem mais no tempo, resgatando as inscrições autobiográficas das antigas civilizações do Oriente Próximo e Médio. Com ele, concorda a egiptóloga Miriam Lichtheim, para quem “se autobiografia é a narração de partes da vida de uma pessoa a partir de uma posição de autoconsciência e reflexão, então as inscrições autobiográficas egípcias eram autobiografias verdadeiras”. Este gênero de “inscrição autobiográfica” foi bastante frequente no Egito Antigo, tendo começado já no Velho Reino (c. 2.500 a.C.), e florescido por ali durante mais de dois milênios (LICHTHEIM,

²¹ A obra de Misch não foi traduzida em sua totalidade para nenhuma outra língua. Em inglês, foram traduzidos apenas os dois primeiros volumes, que tratam da Antiguidade, numa coleção de sociologia fundada por Karl Mannheim (MISCH, 1950).

1998: 1-2). Por sua vez, o pesquisador norte-americano Tremper Longman fala sobre o que chama de “autobiografias fictícias acadianas”, ligadas em especial à narração dos feitos e das conquistas dos soberanos, embora o conceito de autobiografia fictícia seja problemático, por implicar que outras autobiografias seriam mais “verdadeiras” (LONGMAN, 1991).

Para Shumaker, o historiador da literatura e o crítico literário enfrentam problemas complementares ao tratar do tema: o historiador não pode escrever uma ampla história da autobiografia porque, sem limites impostos, a quantidade imensa de material torna impossível a escrita; já o crítico não consegue demarcar esses limites na ausência de uma história ampla que mostre como o tema foi tratado anteriormente (SHUMAKER, 1954: 1). A solução encontrada por ele é delimitar as “autobiografias no modo moderno”: por esta expressão ele entende as “obras que os modernos leitores instintivamente esperam encontrar quando veem ‘Autobiografia’, ‘Minha vida’ ou ‘Memórias’ impressas na capa do volume” (SHUMAKER, 1954: 4). Ou seja, a definição de autobiografia parte do autor ou de seus editores, que colocaram uma das expressões citadas acima em relação à obra. Esta ideia nos serve para introduzir a discussão sobre o francês Philippe Lejeune, que, a partir do início da década de 1970, começou a publicar os artigos que o transformaram em um dos mais importantes teóricos atuais da autobiografia, e cuja ideia do “pacto autobiográfico” também parte do pensamento sobre as expectativas dos leitores em relação ao gênero.

Embora originário dos estudos literários, Lejeune foi, ao longo de sua carreira, mudando seus objetos de estudo, democratizando sua visão do gênero e passando a utilizar elementos conceituais de várias disciplinas para suas análises, como revelou em uma entrevista recente:

Tornei-me historiador aprendendo a trabalhar com arquivos, e sociólogo, aprendendo a fazer pesquisas. Frequentei mais antropólogos e psicólogos que analistas de literatura. O resultado é que meus colegas de área me olham hoje de cara feia e me perguntam onde, para mim, termina a literatura (LEJEUNE, 2008a: 9).

Analisaremos a seguir mais detalhadamente a obra de Lejeune, em especial a sua ideia central do “pacto autobiográfico”, primeiramente porque esse conceito “foi bastante revolucionário na sua época e até hoje em dia alimenta a compreensão da autobiografia como um fenômeno de recepção”. Ao dar ênfase aos possíveis modos de leitura dos textos autobiográficos, Lejeune rompeu com a maioria das obras anteriores

sobre o tema, que buscavam definir a autobiografia a partir do ponto de vista dos autores. Nesse sentido, sua produção está situada no contexto crítico do início da década de 1970, com o surgimento da “teoria da recepção” a partir dos estudos de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser (WAGNER-EGELHAAF, 2019: 3). Outro aspecto devido ao qual a produção de Lejeune é relevante para esta pesquisa é que o percurso intelectual do autor, que partiu dos estudos literários e das autobiografias de “nomes consagrados” para passar a incluir escritos de anônimos, escritos por outras pessoas, diários e *blogs*, entre outros, na sua definição de autobiografia, evidencia que Lejeune cada vez mais alargou o conceito e esteve aberto para autobiografias que desafiem a visão convencional deste gênero, categoria na qual considero que as obras de Rodrigué se inserem.

Em seu texto mais conhecido, “O pacto autobiográfico”, publicado em 1973, Lejeune procura delimitar o gênero da autobiografia. Ele analisa a autobiografia a partir de sua recepção, ou seja, da posição do leitor, que ele mesmo assume, pois diz que “é a única que conheço bem”. Isto, para ele, permite “captar mais claramente o funcionamento dos textos (...), já que foram escritos para nós, leitores, e é nossa leitura que os faz funcionar”. Partindo dessa posição, ele apresenta uma definição do gênero: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008b: 14).

Como Lejeune aponta, para um texto ser considerado como autobiografia “devem coincidir a identidade do autor, do narrador e do personagem” (LEJEUNE, 2008b: 15), situação que ocorre nos livros de Rodrigué. Essa identidade entre narrador e personagem principal é, em geral, marcada pelo emprego da primeira pessoa. No entanto, é possível haver textos em primeira pessoa sem essa identidade e vice-versa. A conclusão de Lejeune é que a pessoa gramatical “eu” não se confunde necessariamente com a identidade “eu”. Mas, mesmo que suponhamos que todas as autobiografias sejam escritas em primeira pessoa, o leitor pode se perguntar: quem diz “quem sou eu”? Como esse narrador se confunde com o autor? (LEJEUNE, 2008b: 16-19). Para Lejeune, é a utilização do nome próprio, mais do que a primeira pessoa, que permite articular pessoa e discurso. No discurso oral, esse nome próprio aparece através de uma apresentação do personagem, feita pelo próprio sujeito ou por uma outra pessoa; no discurso escrito, através da assinatura. Desta maneira, o nome do autor liga o texto e o extratexto (LEJEUNE, 2008b: 22). Essa ideia do nome próprio do autor caracterizando seu texto

como autobiografia tem semelhanças com a ideia apresentada anteriormente de Shumaker, de que a autobiografia é algo esperado instintivamente pelo leitor quando vê “autobiografia”, “memórias” ou “minha vida” no título da obra.

No entanto, essa identidade de nome entre o autor (cujo nome está na capa do livro), o narrador e o personagem pode ocorrer também em outros gêneros da literatura íntima, como os gêneros que Lejeune chama de diário, autorretrato e autoensaio. Como diferenciá-los da autobiografia? Inicialmente, ele aponta o caso do nome de personagem fictício, que levaria ao que ele chama de “romance autobiográfico”, textos nos quais existem elementos que levam o leitor a suspeitar que o autor e o personagem sejam a mesma pessoa, mas cujo autor não confirma essa identidade e às vezes até a nega. Nesses casos, falta o “pacto autobiográfico” (LEJEUNE, 2008b: 22-26). O pacto autobiográfico é essa afirmação, no texto, da identidade de nome entre os três elementos citados. De acordo com Martina Wagner-Egelhaaf sobre a obra de Lejeune, “o texto oferece ao leitor um ‘pacto’ para que seja lido autobiograficamente. Este ‘pacto’ é oferecido ou se o nome do autor na capa do livro é idêntico com o do narrador e do protagonista, ou se o subtítulo do livro apresenta ‘Autobiografia’, ‘Minha vida’, ‘Memórias’ etc.” (WAGNER-EGELHAAF, 2019: 3).

Por oposição, Lejeune fala do pacto romanesco, no qual não há identidade entre autor e personagem e há um atestado de ficcionalidade, que pode ser dado se autor, narrador e protagonista tem diferentes nomes, se seus nomes são desconhecidos, ou pelo subtítulo ou afirmação do autor que o texto é um romance (WAGNER-EGELHAAF, 2019: 3). “O que define a autobiografia para quem a lê é, antes de tudo, um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio. E isso é verdadeiro também para quem escreve o texto. Se eu escrever a história da minha vida sem dizer meu nome, como meu leitor saberá que sou *eu*?” (LEJEUNE, 2008b: 33). Como aponta Wagner-Egelhaaf, com o conceito do pacto autobiográfico “a autobiografia não é mais uma categoria essencialista mas uma dimensão, ou melhor: um elemento constitutivo do processo de comunicação literário” (WAGNER-EGELHAAF, 2019: 3).

Para Lejeune, tanto a biografia como a autobiografia, os textos científicos ou históricos são textos *referenciais*, pois se propõem a tratar de uma “realidade” externa ao texto e admitem *verificação*. Assim, eles firmam o *pacto referencial*, “no qual se incluem uma definição do campo do real visado” (LEJEUNE, 2008b: 34-36). Em geral, o pacto referencial da autobiografia “consiste em restringir a verdade ao *possível* (a verdade tal qual me parece, levando-se em conta os inevitáveis esquecimentos, erros,

deformações involuntárias etc.) e em demarcar explicitamente o *campo* ao qual o juramento se aplica” (LEJEUNE, 2008b: 37). Neste trecho, Lejeune relaciona a autobiografia com a memória, a partir da ideia de uma verdade possível, do que a pessoa pode e consegue lembrar, e não de uma verdade “completa” e “objetiva” a qual ninguém teria acesso. Em outro trecho relacionado, ele aponta a importância da imaginação para a escrita autobiográfica: “é claro que dar forma a uma vida por meio da narrativa autobiográfica exige inevitavelmente a intervenção da imaginação, (...) para impor um sentido que a série bruta de eventos e experiências não consegue por si só transmitir” (LEJEUNE, s.d.).

Estendendo-se sobre as aproximações e diferenças entre autobiografia e ficção, Lejeune cita um trecho de uma entrevista de Sartre, para refletir sobre as complexas relações entre os dois gêneros:

Meu projeto era escrever um conto (...). O elemento ficcional seria insignificante; a ideia era criar um personagem que obrigasse o leitor a dizer: ‘Esse homem é Sartre’. O que não significa que, para o leitor, haveria obrigatoriamente coincidência entre o personagem e o autor, mas que a melhor maneira de compreender o personagem seria procurar nele o que vinha de mim (SARTRE, *apud* LEJEUNE, 2008b: 44).

Lejeune reconhece que não efetuou uma análise histórica, das variações dos códigos e dos contratos ao longo do tempo. Assim, indica como caminho futuro que “a história da autobiografia seria, então, antes de tudo, a história de seu modo de leitura: história comparativa na qual poderíamos fazer dialogar os contratos de leitura propostos pelos diferentes tipos de texto (...) e os diferentes tipos de leitura a que esses textos são realmente submetidos” (LEJEUNE, 2008b: 46-7).

Uma outra discussão importante é sobre o uso da categoria “autoficção”, muito frequente principalmente na França. Segundo o próprio Lejeune, o criador da expressão, o escritor e professor universitário Serge Doubrovsky, estava dialogando diretamente com sua obra, buscando mostrar que o que Lejeune colocava como uma impossibilidade teórica poderia ocorrer, no caso, um romance, empregando o pacto romanesco, mas em que o nome próprio do narrador, do autor e do personagem coincidem. Esse romance, que Doubrovsky batizou simplesmente de *Fils* [Filho], em 1977, por sua vez inspirou a Lejeune, que o considerou “um livro admirável” e reconheceu que o havia lido mal anteriormente. Como consequência, Lejeune aponta que as fronteiras entre os diferentes pactos estavam cada vez menos claras: “Nos últimos 10 anos [1976-1986], da ‘mentira

verdadeira' à 'autoficção', o romance autobiográfico literário aproximou-se da autobiografia a ponto de tornar mais indecisa do que nunca a fronteira entre esses dois campos” (LEJEUNE, 2008c: 59). Obras mais recentes utilizam o pacto autobiográfico para se pensar a autoficção também. Para o alemão Frank Zipfel, em obra de 2009, por exemplo, esta forma deve ser pensada como uma oscilação entre os pactos autobiográfico e romanesco, de maneira que, inseguro em relação a como ler o texto, o leitor oscila entre duas atitudes de recepção (WAGNER-EGELHAAF, 2019: 3).

Em “O pacto autobiográfico”, Lejeune ainda pensava na autobiografia como uma forma de grande literatura e trabalhava apenas com autores consagrados. Em um texto posterior, no qual faz uma revisão dos conceitos defendidos inicialmente, ele atribui o primeiro estímulo para a mudança de percurso a Sartre: percebeu que, “quando Sartre contava oralmente sua vida, falava como um homem comum” (LEJEUNE, 2008b: 66). Posteriormente, concluiu que “todo homem traz em si uma espécie de rascunho, perpetuamente remanejado, da narrativa de sua vida: é o que busca captar, no gravador, a história oral” (LEJEUNE, 2008b: 67). Desta maneira, ele passou a se interessar pelas narrativas anônimas que ninguém lê, pelas autobiografias do século XIX, e chegou a explorar as histórias de sua família, como a autobiografia escrita por seu bisavô. Ao longo de seu percurso intelectual, passou a considerar a sua própria obra como uma espécie de autobiografia: “quando escrevo, de fato, compartilho dos desejos e ilusões dos autobiógrafos e não estou de forma alguma pronto a renunciar a isto” (LEJEUNE, 2008b: 67).

4. Egodocumentos, Auto/biografias, escrita de vida: a fronteira entre os gêneros é cada vez mais fluida

Lejeune tem, desde a década de 1970, publicado uma obra extensa, que mais recentemente tem se concentrado em diários pessoais e até em *blogs* de Internet, que para o autor são uma das formas contemporâneas mais presentes de produção de textos autobiográficos.²² E, por sua vez, sua obra tem inspirado uma série de iniciativas que aproximam o estudo das autobiografias da história: por exemplo, a coleção de livros “Egodocuments and History Series”, publicada pela editora holandesa Brill desde 2009, que já conta com 10 livros.²³ Na introdução à coleção, lê-se que os autores usam o

²² Por exemplo, seu livro de 2000 «*Cher écran... »*. *Journal personnel, ordinateur, Internet*, Paris: Seuil. [“*Prezada tela...*” *Diário pessoal, computador, Internet*].

²³ Cf. o *site* da coleção: <http://www.brill.com/publications/egodocuments-and-history-series>.

termo “egodocumento” para significar toda produção autobiográfica, e estão interessados em dois tipos de estudos: história social e cultural baseada em egodocumentos e história da escrita autobiográfica dentro de um contexto cultural e social.²⁴ Outra iniciativa recente é a instituição do *European Journal of Life Writing* [*Revista Europeia de Escritos sobre a Vida*], revista de acesso aberto, que aceita trabalhos interdisciplinares sobre o tema e que já tem seis anos de existência e de publicações.²⁵

Esta última revista introduz um conceito que está sendo muito utilizado atualmente para analisar esses gêneros de obras: o de “escrita de vida” (*life writing*). É o título de uma grande obra de referência publicada em 2013, editada por Margaretta Jolly e da qual Lejeune, mais uma vez, fez parte do conselho editorial, a *Encyclopedia of Life Writing: Autobiographical and Biographical Forms* (JOLLY, 2013). Como o próprio título da obra indica, a “escrita de vida”, conceito que, segundo a editora, ganhou ampla aceitação acadêmica a partir da década de 1980, abarca tanto as autobiografias como as biografias, mas não só: a partir de uma visão de abertura e inclusão, também foram incluídas na enciclopédia “vários verbetes sobre a história de vida que se originam fora da forma escrita, incluindo testemunho, artefatos, reminiscências, narrativa pessoal, artes visuais, fotografia, filme, história oral”, entre outros (JOLLY, 2013: 2). Também é necessário ressaltar o caráter interdisciplinar da empreitada: “a escrita de vida está, hoje em dia, sendo explorada na crítica literária, antropologia, sociologia, psicologia, história, teologia, estudos culturais e mesmo nas ciências biológicas, para explicar uma aparente dissolução da vida dentro das narrativas” (JOLLY, 2013: 1). Essa referência, interdisciplinar e combinando elementos de disciplinas como psicologia, história e crítica literária, me parece extremamente produtiva para a análise das obras de Rodrigué, nas quais, como já foi dito, elementos psicanalíticos, literários e históricos, entre outros, fazem parte da elaboração do autor.

Os estudos sobre “escrita de vida” são os exemplos mais comuns de uma tendência atual, que é cada vez mais estudar diferentes gêneros de maneira integrada e sem vê-los como incompatíveis entre si. Assim, as escritas de vida se referem tanto a autobiografias como biografias, considerando que ambas estão interligadas em seus esforços por retratar a construção da identidade dos sujeitos. Outro termo muito

²⁴ Um dos editores da coleção, Rudolf Dekker, é o diretor do Centro para Estudos de Egodocumentos e História, em Amsterdam. Lejeune faz parte do conselho editorial da coleção.

²⁵ O site da revista é <http://ejlw.eu/>. Mais uma vez, Lejeune integra seu conselho editorial.

utilizado na língua inglesa para juntar autobiografias e biografias é *auto/biography studies*, sobre o qual existe uma revista acadêmica de longa existência.

Estes termos se referem ao fato de que, ao contrário do que geralmente se acredita no senso comum, a fronteira entre autobiografia e biografia não é muito nítida e evidente. Mesmo se partimos da ideia mais óbvia de que a autobiografia é escrita pela própria pessoa cuja vida é o assunto da obra, enquanto a biografia é escrita por uma pessoa sobre outra pessoa, podemos encontrar várias exceções a essa regra. Existem autobiografias escritas em terceira pessoa, visando emprestar um pouco de uma suposta objetividade a um gênero visto como puramente pessoal.²⁶ Ao mesmo tempo, embora menos comuns, existem biografias escritas em primeira pessoa, onde outra pessoa assume o discurso autobiográfico buscando permitir que a própria voz do biografado seja ouvida. Um caso recente é a obra de Ruth Scurr, *John Aubrey: My Own Life*, de 2015, onde a autora “cria um diário para o seu sujeito, contando sua biografia cronologicamente através da primeira pessoa, preenchendo os contextos históricos, mas afirmando não inventar nada”. Embora pudesse ser considerada uma autobiografia ou um romance autobiográfico, a obra de Scurr tem sido resenhada como uma “biografia histórica muito bem-sucedida” (HEMECKER; SAUNDERS, 2017: 5-6). Além disso, o livro sobre John Aubrey é bastante interessante porque o próprio Aubrey (1626-1697) escreveu uma extensa série de biografias, as “Vidas Breves”, de pessoas de sua época, e é apresentado em algumas ocasiões como um dos inventores da moderna biografia em língua inglesa. Portanto, ao fazer uma biografia em primeira pessoa de um biógrafo, a autora estava muito consciente destas discussões teóricas sobre os limites entre biografia e autobiografia.

Colocando a literatura como um outro elemento nesta análise, as fronteiras se tornam ainda mais tênues e difíceis de serem delineadas. Existem os romances autobiográficos, nos quais os escritores apresentam as memórias de personagens fictícios, e ainda obras que são chamadas de “pseudoautobiografias” ou “pseudomemórias”, nos quais as memórias apresentadas em primeira pessoa são de personagens históricos, como se estes tivessem escrito suas próprias autobiografias.²⁷ Os dois gêneros têm uma longa história, podendo ser traçados, no caso francês, pelo

²⁶ Dois exemplos são *A vida de Henri Broulard* (1834-1835), autobiografia do escritor francês conhecido pelo pseudônimo de Stendhal (1783-1842), e *A educação de Henry Adams* (1918), do escritor e historiador norte-americano Henry Adams (1838-1918).

²⁷ Curiosamente, dois exemplos mais recentes e muito conhecidos deste gênero tratam da vida de imperadores romanos: *Eu, Cláudio* (1934), de Robert Graves, e *Memórias de Adriano* (1951), de Marguerite Yourcenar.

menos desde a segunda metade do século XVII. Mesmo essa distinção entre personagens fictícios e históricos pode ser questionada, pois ela se origina em “uma teorização crítica formulada posteriormente aos textos” e “tende a opor leitura de memórias e leitura de romances, como se o leitor não buscasse em ambas as mesmas coisas” (FAULOT, 2017).

Em uma análise das obras escritas em primeira pessoa em francês na primeira metade do século XVIII, Audrey Faulot aponta a proliferação de tais obras e como o campo permanecia confuso e variado: “existiam memórias verdadeiras, memórias falsas de personagens históricos verdadeiros e falsas memórias de personagens fictícios, sem falar das novelas picarescas”. Mas, citando um outro estudioso da literatura francesa daquele século, René Démoris, Faulot aponta um elemento em comum entre toda essa produção, aparentemente tão heterogênea: “o narrador, seja ele quem for, sempre sofreu um acidente, no curso de sua história, que o impede de invocar seu nome, este último constituindo, no Antigo Regime, um referente identitário essencial” (FAULOT, 2017). Portanto, a questão da utilização do nome próprio realmente é um importante marcador deste tipo de produção, corroborando o que diz Lejeune, como apresentado anteriormente.

Percebe-se então que as questões de relação entre as identidades do narrador e do personagem, entre verdade e ficção e entre autobiografia e literatura já estavam colocadas em períodos anteriores ao suposto surgimento da autobiografia moderna, com as *Confissões* de Rousseau (1764). Ao mesmo tempo, a relação e separação entre autobiografia e biografia já era também colocada em discussão, afinal a qual dos gêneros pertence uma memória escrita em primeira pessoa, mas não pelo próprio personagem, sobre um personagem contemporâneo? Por isso, defendemos aqui que esta separação não é tão nítida nem tão importante e que, para analisar os textos produzidos por Rodrigué, é mais produtivo considerar que esta fronteira é difusa e envolve espaços de intersecção.

Um outro exemplo é a obra imensamente influente do escritor francês do início do século XX Marcel Proust, que combina elementos literários, psicológicos e autobiográficos de maneira a desafiar qualquer caracterização mais restrita. Como aponta Walter Benjamin, citando vários gêneros díspares, o romance *Em busca do tempo perdido* é “o resultado de uma síntese impossível, na qual a absorção do místico, a arte do prosador, a verve do autor satírico, o saber do erudito e a concentração do monomaniaco se condensam” numa obra que seria, em tese, autobiográfica, mas “na

verdade é uma das menos classificáveis” (BENJAMIN, 1994: 36). A obra de Proust tem sido lida de inúmeras maneiras diferentes ao longo do tempo, desde uma autobiografia pura até um romance puro e com as infinitas combinações intermediárias possíveis.

O próprio Rodrigué tinha consciência dessas aproximações entre a autobiografia e a biografia. Ao escrever para editores sobre seu projeto de uma biografia de Freud, ele apontava que seus livros anteriores, que versavam sobre sua própria vida, tinham sido um “aprendizado sobre a matéria biográfica” (RODRIGUÉ, 1992). No Prólogo da biografia de Freud, inicialmente Rodrigué se coloca como um biógrafo tão “impiedoso” e “cruel” como os outros:

Para um psicanalista, historizar Freud significa futurar Freud; significa deitá-lo no divã. Trata-se de *aplicar* o instrumental para desvelar a personalidade última do herói. (...) Os escritores desse gênero são impiedosos, revelando prazerosamente intimidades salazes (...). O biógrafo nato é um sujeito cruel, ávido de anedotas (...). Eu sou um deles (RODRIGUÉ, 1995: 26).

Mas, algumas páginas a seguir, ele reconhecia que existem outros fatores pessoais e psicanalíticos também em jogo: “o ato de forjar meu universo freudiano gera uma didática, uma ‘transferência de trabalho’, que redundava num tremendo aprendizado da psicanálise. Estou falando de um saber altamente pessoal que procura, no fundo e minha natureza psicanalítica, uma resposta” (RODRIGUÉ, 1995: 34). E, logo à frente: “escrever sobre a história da psicanálise pressupõe, portanto, um projeto intelectual onde se tenta sair da transferência, à força de abusar dela, quebrando o espelho. Mais que analisar Freud, significa ser analisado por ele, analisando aquele que me analisa” (RODRIGUÉ, 1995: 35). Portanto, defendemos a ideia de que, ao escrever o *Século da psicanálise*, Rodrigué não estava apenas fazendo a biografia de Freud, mas também analisando o criador da psicanálise e sendo, por sua vez, analisado por ele, o que dá ao livro um caráter também de autobiografia, como veremos com mais detalhes no subcapítulo 4.3.

Concluindo, podemos apontar que alguns conceitos atualmente em voga nas pesquisas na área das ciências humanas, como os de “escrita de vida” e de “auto/biografias”, que indicam a combinação e influência mútua entre diferentes gêneros literários, podem ser bastante produtivos na análise dos escritos de um autor que frequentemente procurou quebrar e transgredir as convenções desses gêneros, e nunca aceitou a existência de fronteiras claramente delimitadas entre eles.

Estrutura dos capítulos

No primeiro capítulo, busco analisar como o autor reelaborou e narrou o seu período de formação psicanalítica e as primeiras décadas de sua trajetória profissional, de 1943 a 1962, muitos anos após os acontecimentos terem ocorrido, em uma obra publicada em 2000. Em sua lembrança, Rodrigué destacava os contatos pessoais com vários psicanalistas de renome de diferentes correntes, como o freudismo, o kleinismo e a *ego psychology*, fato que foi utilizado por ele para legitimar sua posição quando da chegada e dos primeiros anos em Salvador. O capítulo também trata das primeiras experiências de Rodrigué fora das correntes dominantes da psicanálise internacional, com a psicoterapia de grupos, e seu trabalho em uma comunidade terapêutica dos Estados Unidos dirigida por psicanalistas mais ligados às teorias da filha de Freud, Anna Freud, que produziu material para seu primeiro livro como único autor, *Biografía de una comunidad terapeutica*.

No segundo capítulo, procuro mostrar como Rodrigué, ao mesmo tempo em que alcançava cargos elevados em instituições ortodoxas de psicanálise, chegando à presidência da APA em 1966, iniciava um processo de afastamento e desencanto com essa mesma psicanálise institucional, participando de movimentos contestatórios e políticos, como o Movimento Plataforma, que criticavam de maneira contundente as instituições e as correntes psicanalíticas às quais Rodrigué havia se vinculado anteriormente. Para entendermos como se deu esse processo de ruptura, estudamos alguns aspectos da história das relações entre a psicanálise e o marxismo, que foram fundamentais em todo esse contexto, contemporâneo aos movimentos contraculturais de 1968.

No terceiro capítulo, estudo como Rodrigué, após se estabelecer em Salvador em 1974, desenvolveu um estilo peculiar de psicanálise, marcado pelas ideias de experimentos e de transgressões, pela utilização de vários referenciais teóricos, terapêuticos e culturais, inclusive de fora do campo psicanalítico, pela aversão às instituições, incluindo as acadêmicas, e pela presença muito forte da personalidade do analista. Inicialmente, apresento o panorama da psicologia e da psicanálise em Salvador antes da chegada do argentino, mostrando como ele respondeu a uma demanda por analistas estrangeiros que pudessem participar da formação de analistas na Bahia. Em seguida, é apresentado o episódio de sua primeira vinda para Salvador, e suas ligações com sua ex-analisanda Juana Elbein dos Santos e com o candomblé. Em seguida, um de seus primeiros textos publicados após a chegada à Bahia é analisado, no qual Rodrigué

fazia uma espécie de acerto de contas com a psicanálise oficial praticada por ele até então. Por fim, sua prática nos primeiros anos em Salvador testemunha a utilização de algumas outras técnicas menos utilizadas pela psicanálise institucional, em especial o psicodrama, que é então estudado.

No quarto capítulo, demonstro como, durante sua longa estada em Salvador e sua extensa produção literária, Rodrigué desempenhou diferentes papéis e foi visto de diferentes maneiras. Inicialmente, antes mesmo de vir para o Brasil, ele foi considerado uma referência teórica importante para a psicoterapia analítica de grupos no país, a partir do final da década de 1950; em seguida, em seus livros publicados a partir da segunda metade da década de 1970, ele desenvolveu uma faceta de escritor, combinando diferentes gêneros, como autobiografia (memórias), psicanálise, romance e história, em seus escritos. Na década de 1990, ele se inseriu em um outro grupo profissional, o dos historiadores da psicanálise, a partir de sua extensa biografia de Freud, publicada em 1995; no entanto, defendo que, em certos aspectos, esta sua obra é uma continuação dos escritos autobiográficos e literários anteriores. Por fim, sua trajetória é comparada com outro psicanalista argentino exilado no Brasil com quem teve contatos muito próximos, Gregorio Barenblitt, mostrando as semelhanças e diferenças entre as trajetórias de ambos e analisando como o estabelecimento em Salvador alterou a condição de exilado de Rodrigué.

Capítulo 1

“Um analista da quarta ou da quinta geração”: Rodrigué e sua formação na tradição

Sou um analista da quarta ou da quinta geração. Abraham foi meu avô. Conheci um Jones um tanto irônico, polêmico na discussão de trabalhos de Bion e Balint. Fui vizinho de Mrs. Klein por mais de dois anos. Participei de seminários com Rickman, Glover e Anna Freud, e mais tarde troquei cartas com Winnicott. Tomei chá com Alix Strachey, servido por Mrs. Lindon, a bibliotecária do Instituto Britânico de Psicanálise. Do outro lado do Atlântico, na Costa da *ego psychology*, trabalhei, por mais de três anos, na mesma clínica que David Rapaport e Erik Erikson (RODRIGUÉ, 1995: 29-30).

Embora a produção autobiográfica de Emilio Rodrigué tenha começado na década de 1960, com *Biografía de una comunidad terapéutica*, em seus livros publicados entre as décadas de 1960 e 1980 o autor se referia basicamente a acontecimentos contemporâneos ou ocorridos poucos anos antes da publicação da obra. Assim, os anos de sua infância e adolescência e os tempos em que estudou medicina e psicanálise na Argentina na década de 1940, morou e trabalhou na Inglaterra e nos Estados Unidos entre 1948 e 1961 e, depois, trabalhou novamente na Argentina, na década de 1960, antes de vir para o Brasil, são apenas mencionados muito rapidamente nestas obras, com a memória concentrada no período após o estabelecimento em Salvador, que teria marcado uma ruptura na trajetória e na própria produção literária do autor. No entanto, em 2000, com a publicação em espanhol de *El libro de las separaciones*, isto mudou. Neste seu último livro de memórias, Rodrigué falava também de sua infância, juventude, de seus primeiros contatos com a psicanálise e de seu período fora da Argentina.

Partindo de seu relato nesta obra, neste capítulo analisaremos como, em 2000, Rodrigué elaborou uma imagem de si mesmo como sendo interessado por psicanálise e pensando de maneira psicanalítica desde a adolescência, pelo menos, o que corrobora nossa hipótese de que toda sua obra é permeada pela questão da psicanálise como uma visão de mundo, que permitia a Rodrigué tratar dos mais variados assuntos e episódios relacionados à sua trajetória, cada vez mais assumindo um ponto de vista de um psicanalista não ortodoxo. Também analisaremos como este período de sua trajetória, ao contrário, foi marcado por sua vinculação a grupos e instituições mais “ortodoxas” da

psicanálise, como a APA, a IPA e o grupo de Melanie Klein, que, logo depois da época de formação de Rodrigué, assumiria uma posição hegemônica em relação à IPA e à psicanálise freudiana mundial. Desta maneira, considero que este período pode ser visto como, em linhas gerais, tendo marcado sua entrada na tradição psicanalítica, tradição esta com a qual ele rompeu a partir do início da década de 1970, como veremos nos capítulos seguintes.

Isto não quer dizer que já não houvesse ensaios de ruptura com a ortodoxia ao longo das décadas de 1950 e 1960, como as experiências de Rodrigué com a terapia de grupos, que veremos no subcapítulo 1.3, e sua participação em uma comunidade terapêutica psiquiátrica nos Estados Unidos, onde teve contato com psicanalistas não vinculados diretamente à IPA, objeto de nossa discussão no subcapítulo 1.4. No entanto, essas rupturas menores, por assim dizer, foram incorporadas em sua trajetória profissional: a terapia de grupos foi praticada com colegas da APA, e o próprio Wilfred Bion, maior inspiração teórica reconhecida por Rodrigué, nunca rompeu totalmente com a instituição psicanalítica; quanto à comunidade terapêutica, cujas primeiras formulações teóricas também vinham do trabalho de Bion, os analistas que Rodrigué conheceu lá, como David Rapaport e Erik Erikson, eram vinculados à chamada “psicologia do ego” norte-americana, criticada por vários outros psicanalistas e escritores marxistas por seu caráter conservador e pela sua busca de adequação dos trabalhadores ao sistema capitalista. Assim, foi na segunda metade da década de 1960 que Rodrigué chegou ao auge de sua trajetória institucional dentro da tradição psicanalítica, alcançando a presidência da APA e a vice-presidência da IPA, para afinal romper, desta vez de maneira definitiva, com ambas as instituições em 1971, dentro do contexto do Movimento Plataforma, que expomos no subcapítulo 2.6. Posteriormente, ele usou, para se legitimar, a importância dos contatos tanto com Klein e seus discípulos na Inglaterra como com Rapaport e Erikson nos Estados Unidos, mas não com os fundadores ou outros de seus colegas na APA, o que pode ser devido ao fato de suas relações com esta instituição terem sido bastante conflituosas, como veremos neste capítulo.

Inicialmente, vamos tratar de *El libro de las separaciones*, que é nosso ponto de partida para a análise do capítulo. O livro foi publicado em espanhol em 2000, pela editora Sudamericana, de Buenos Aires. Embora esta editora tenha publicado, anteriormente, livros sobre psicologia, como *Tipos psicológicos*, de Jung, seus autores de maior notoriedade são romancistas e escritores, como Gabriel García Márquez, de

quem a editora publicou a primeira edição de *Cem anos de solidão*, em 1968, e Jorge Luís Borges. Já Rodrigué, mesmo sendo um autor publicado há pouco tempo, não é listado entre os autores no *site* atual da editora.²⁸ *El libro de las separaciones* não foi a primeira obra de Rodrigué publicada por esta editora. Em 1969, ele havia publicado a novela de ficção *Heroína*, que obteve sucesso de vendas na Argentina, e foi filmada em 1972 pelo diretor Raúl de la Torre, tendo Rodrigué sido co-roteirista da produção (PERES, 2004b: 31). Embora seja, de todos os livros de Rodrigué, o que mais claramente se encaixava na categoria de obra de ficção literária, mesmo nele o autor não deixava de falar de psicanálise: segundo o jornal *La Nación*, na novela, ele “perguntava se a psicanálise não estava se afastando da realidade” (*LA NACIÓN*, 29/02/2008: s.p.)

Se na Argentina o livro foi publicado por uma editora mais voltada para a literatura, no Brasil seu contexto de produção foi bem diferente. A obra saiu em 2006, com o título um pouco diferente de *Separações necessárias*, pela editora Companhia de Freud, do Rio de Janeiro, que, como é revelado por seu nome, é especializada em publicações psicanalíticas. Além disso, houve um hiato de seis anos entre a publicação original e a tradução para o português, espaço maior do que o decorrido nas publicações anteriores do autor²⁹. Foi o único livro de Rodrigué publicado por esta editora; os seus livros anteriores em português haviam saído pelas editoras Imago e Escuta, também especializadas em obras sobre psicanálise.

Um texto de apresentação sobre o autor, não assinado e colocado na capa traseira, dava elementos sobre como Rodrigué era visto em 2006: “é um percurso marcado por idas e vindas, mas sempre norteado por algo que poderíamos chamar, talvez, de ‘temperamento inquieto’; (...) sofreu diversos reveses e, também, diversos sucessos”. O destaque ainda era dado às experiências ortodoxas do autor fora do Brasil: “sua passagem pelos divãs de Melanie Klein³⁰ e de Paula Heimann” e sua condição de ex-membro da APA, e praticamente nada era falado sobre sua trajetória após se estabelecer em Salvador. Concluindo, apontava que “o leitor encontrará nestas páginas um apanhado que traz experiências de analista e experiências pessoais. Cabe ao leitor fazer bom uso delas” (RODRIGUÉ, 2006: capa de trás). Percebe-se aqui, neste trecho

²⁸ Disponível em <http://www.megustaleer.com.ar/editoriales/sudamericana/056/>. Consultado em 10/06/2020.

²⁹ Por exemplo, *Lição de Ondina* levou três anos para ser publicado em português (1980-1983), *Ondina Supertramp* dois (1987-1989) e *Gigante pela própria natureza* foi publicado no mesmo ano de 1991. Ver “Publicações”, em www.emiliorodrigue.com.

³⁰ Tecnicamente, Rodrigué não chegou a passar pelo divã de Klein; ela foi a supervisora da análise que Rodrigué fez com uma das netas da psicanalista. Ver RODRIGUÉ, 2006: 61-62, e mais à frente no subcapítulo 1.2.

final, uma advertência ao leitor, de que aquela não é uma obra psicanalítica como outras publicadas pela mesma editora, dada a presença forte de elementos pessoais. Portanto, parece possível deduzir que o público leitor ao qual o livro foi dirigido inicialmente, em sua edição brasileira, era de psicanalistas.

A dedicatória do livro é um exemplo da ironia e do bom humor do autor: “dedico este livro a Emilio Rodrigué, psicanalista argentino criativo, corajoso e um tanto histérico” (RODRIGUÉ, 2006: 9). A obra é dividida em 65 curtos capítulos, que narram, numa estrutura que segue, em geral, uma sequência cronológica, a vida de Rodrigué: assim, o primeiro capítulo, por exemplo, fala da infância do autor, o que a aproxima mais das autobiografias convencionais, que relembram uma vida desde a infância até o momento em que o autor está escrevendo. Mas o livro não chega até o ano de 2000, quando foi escrito. O último capítulo fala da separação entre Rodrigué e sua esposa Maria das Graças, o que, por alguns indícios colocados no próprio capítulo e em outras obras de Rodrigué, teria acontecido no ano de 1988; isto é corroborado pelo fato de que não há menção no livro à biografia de Freud escrita em 1995, nem aos contatos de Rodrigué com historiadores da psicanálise na década de 1990. A parte da obra que fala de sua trajetória até se estabelecer em Salvador é inédita, mas outros capítulos que retomam assuntos tratados em outros livros utilizam, às vezes alterando levemente e outras vezes mantendo literalmente o mesmo texto, trechos destas obras anteriores de Rodrigué.

Por fim, é importante mencionar o título do livro, que, ao narrar a vida de uma pessoa marcante por seus contatos e amizades, dá ênfase às separações e não aos encontros, o que é aumentado na edição em português pela introdução do adjetivo “necessárias” ao título, que dá um tom de ajuste de contas à obra, tanto em relação à psicanálise como à sua própria vida.

1.1. “Um mundo maravilhoso se abriu para mim”: Rodrigué e a psicanálise na década de 1940

Emilio Marcus Rodrigué nasceu em Buenos Aires, na Argentina, em 1923, de pai francês e mãe argentina, em uma família muito rica, “com motorista para levá-lo ao futebol e menu impresso em jantares especiais” (PERES, 2004b: 19). A família de seu pai, após imigrar da França, se estabeleceu desde o século XIX em Tucumán, uma cidade do norte da Argentina, onde se tornou proprietária de terras e engenhos de açúcar (BALÁN, 1991: 203; RODRIGUÉ, 2006: 14). Emilio era o filho mais moço, com seis

irmãos mais velhos e com um pai que tinha cinquenta anos de idade quando ele nasceu, o que fez com que um dos irmãos, Jack, exercesse uma grande influência sobre ele, chegando a desempenhar o papel paterno (RODRIGUÉ, 2006: 18)³¹. No entanto, a narrativa do próprio Emilio sobre sua infância faz uma autoanálise do autor e descreve uma criança não muito feliz: “socrática, silenciosa, pura, um pouco sinistra, do tipo encantadora e estranha, diferente das outras” e também “meio idiota, meio poeta” (RODRIGUÉ, 2006: 9). Estas são as duas primeiras frases do capítulo 1 de *Separações necessárias*, intitulado “Fim da imortalidade”, o que já marca de início o tom, ao mesmo tempo nostálgico e irônico, com o qual Rodrigué rememora sua vida no livro.

Embora tenha sido uma criança mimada e com grande conforto material, Emilio narra que, a partir da adolescência, passou a se considerar feio, “horrível no espelho”, e que seus colegas de colégio descobriram que ele tinha “um nariz grande e olhos de pálpebras inchadas” e começaram a chamá-lo de “Macaco”. Mesmo no momento em que escrevia *Separações necessárias*, com mais de 75 anos de idade, ele ainda rememorava esse trauma e concluía que “de fato, tenho uma cabeça engraçada, meio simiesca. Meus olhos são pequenos, puxados e muito longos, assimétricos, como se a mão de Deus tivesse tremido no momento de esculpir meu rosto” (RODRIGUÉ, 2006: 20-21).

Emilio conheceu as primeiras ideias da psicanálise a partir de seu pai, “que era um admirador de Freud e havia lido suas obras fundamentais”. A partir de um certo momento, o pai lhe passava os livros e, durante um almoço que ocorria toda primeira quinta-feira de cada mês, explicava o que o jovem não havia compreendido. Mas não foi uma obra específica de Freud que ele aponta como tendo aumentado sua curiosidade pela psicanálise, mas sim uma obra de Stekel³², *A mulher frígida*, que, segundo ele, “despertou, confesso, meu interesse erótico pela psicanálise”. Apesar disso, Rodrigué afirma, reproduzindo acusações feitas por alguns freudianos, que “Stekel era, parece,

³¹ É possível fazer um paralelo entre a situação familiar de Rodrigué e a de Freud, que também nasceu quando seu pai tinha mais de 40 anos de idade e considerava um meio-irmão, Emanuel, como tendo desempenhado muitas vezes o papel paterno. Ver GAY, 1989: 22-23.

³² O médico e psicanalista austríaco Wilhelm Stekel (1868-1940) foi um dos primeiros discípulos de Freud, fazendo parte do núcleo inicial da chamada Sociedade das Quartas-Feiras, que se reunia na casa de Freud de 1902 a 1907 e deu origem à primeira instituição psicanalítica, a Wiener Psychoanalytische Vereinigung (WPV). Escritor de grande produção, passou a ser acusado por outro freudiano, Viktor Tausk, de inventar casos em seus relatos; isso e uma discordância sobre a verdadeira natureza das neuroses levaram à sua saída da WPV e ruptura com Freud, que duraria até a morte de ambos na Inglaterra, em 1939 e 1940, respectivamente. O livro citado por Rodrigué, *A mulher frígida*, foi publicado em alemão em 1920 e traduzido para o espanhol na década de 1940, provavelmente a edição lida por Rodrigué. Fazia parte de uma coleção de dez obras sobre distúrbios dos impulsos e das emoções. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998; 728-729; CLARK-LOWES, 2005.

um grande mentiroso”, embora tivesse “grande talento”. Rodrigué também aponta o seu “complexo de inferioridade”, a partir da ideia de que era feio, como importante para seu interesse em psicanálise, pois, através deste, ele se perguntava se as outras pessoas eram como ele (RODRIGUÉ, 2006: 28). Portanto, em sua própria narrativa produzida na velhice, Rodrigué busca ressaltar que já tinha “preocupações” psicanalíticas e uma espécie de vocação para a profissão desde a adolescência.

Em 1940, com 17 anos, Rodrigué entrou na Faculdade de Medicina de Buenos Aires, mas, apesar de bons resultados iniciais, descreve a si mesmo como um aluno apenas mediano, que nunca foi brilhante mas tinha consciência das vantagens produzidas pela sua origem social: “É importante nascer numa família afortunada, isso dá segurança, uma certa mais-valia social e todo um verniz cultural”, elementos que ele resume como “ter classe” (RODRIGUÉ, 2006: 25; 29-30). Em 1943, com 20 anos e no terceiro ano de medicina, Rodrigué decidiu iniciar uma análise:

Papai aceitou. Arnaldo Rascovsky era, na época, o analista mais cotado. Fui vê-lo e logo simpatizei com ele. Era um cara extremamente dinâmico. Não falava como os outros professores de medicina, era mais aberto, olhava direto nos olhos. [...] Foi toda uma aventura. Desde a segunda sessão, me deitei no divã e um mundo maravilhoso se abriu para mim (RODRIGUÉ, 2006: 31).

Rascovsky havia sido um dos fundadores, no ano anterior, da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA), instituição à qual Rodrigué também se integraria após alguns anos e com a qual teve relações complexas ao longo de toda a sua trajetória, com várias rupturas e posteriores retornos, chegando até a se tornar presidente da instituição antes da ruptura definitiva, ocorrida no início da década de 1970. Para entendermos o contexto deste “mundo maravilhoso” de que Rodrigué fala, é necessário apresentarmos o que significava ser analisado em Buenos Aires na década de 1940, a origem da APA e o seu papel na psicanálise argentina naquela época.

O analista de Rodrigué, Arnaldo Rascovsky (1907-1995), nasceu em Córdoba, em uma família de judeus russos que haviam imigrado para a Argentina. Ele cresceu em um ambiente altamente culto e formou-se em medicina bastante jovem, especializando-se em pediatria, mas se interessando também por medicina psicossomática e endocrinologia. Na década de 1930, Rascovsky já possuía uma grande clientela em Buenos Aires, especialmente entre os judeus de classe média da cidade. Ele também participava, desde o final da década de 1930, de um grupo informal que discutia psicanálise e lia as obras de Freud. Logo se juntaram a este grupo Ernesto Pichon

Rivière (1907-1977) e sua esposa, Arminda Aberastury (1910-1972), que se tornaria posteriormente uma importante psicanalista infantil na Argentina (PLOTKIN, 2001: 44-45). Pichon, que havia nascido na Suíça e se estabelecido na Argentina com sua família quando era criança, já era um psiquiatra respeitado nesta época, tendo como mentor o Dr. Gonzalo Bosch, diretor do Hospício das Mercês, onde também trabalhava Rascovsky (PLOTKIN, 2001: 45). Além deles, se juntaram posteriormente ao grupo a esposa e o irmão mais velho de Rascovsky, Matilde Wencelblat e Luis Rascovsky, e o irmão dela, Simón Wencelblat, entre outros (BALÁN, 1991: 84-90).

Esse grupo logo se aproximou de um imigrante espanhol, que havia chegado a Buenos Aires em 1938, com 34 anos de idade, e já tinha uma sólida formação psicanalítica: Angel Garma (1904-1993). Nascido em Bilbao, Garma havia estudado com o neurologista Santiago Ramón y Cajal e com o fisiologista Gregorio Marañón. Indo para a Alemanha para completar sua formação em psiquiatria, acabou por se interessar pela psicanálise e foi analisado por Theodor Reik, um psicanalista bastante próximo de Freud. No início da década de 1930, Garma regressou à Espanha e deu várias conferências e cursos sobre psicanálise, além de trabalhar como psiquiatra forense no juizado de menores. Quando eclodiu a Guerra Civil Espanhola, Garma, simpatizante dos republicanos, fugiu para a França, onde conheceu um médico argentino que estava fazendo sua formação psicanalítica em Paris, Celes Cárcamo (1903-1990). Encorajado por Cárcamo, Garma decidiu se exilar na Argentina, onde morava parte de sua família (PLOTKIN, 2001: 46; BALÁN, 1991: 92-93; ROUDINESCO; PLON, 1998: 290-291).

Quando chegou a Buenos Aires, Garma já tinha renome no país, pois havia publicado artigos em revistas argentinas e era a única pessoa no local que havia concluído um treinamento formal em psicanálise, além de ser filiado à IPA. No ano seguinte, Cárcamo retornou para Buenos Aires com credenciais semelhantes. Os dois passaram a ser os líderes do movimento de implementação da psicanálise na Argentina (PLOTKIN, 2001: 46-47). Embora, posteriormente, Garma tenha afirmado que sofreu grande resistência por parte do *establishment* psiquiátrico de Buenos Aires, o historiador Mariano Ben Plotkin afirma que, aparentemente, isto não ocorreu, pois Garma logo passou a publicar nas revistas mais importantes de psiquiatria no país e ocupou, a partir de 1941, a posição de resenhista de obras de psicanálise na *Revista de Psiquiatria y Criminología*, setor que se tornou, alguns anos depois, o maior de resenhas da revista (PLOTKIN, 2001: 47).

Uma vez que Garma e Cárcamo eram os únicos com formação psicanalítica nos padrões da IPA, também eram, conseqüentemente, os únicos a poder fazer a análise didática de formação dos novos candidatos argentinos, através de uma análise que consistia em cinco sessões de uma hora por semana; “isto era assim, indefectivamente, no caso de pacientes que consideravam a possibilidade de tornarem-se psicanalistas” (BALÁN, 1991: 94-95). Este processo de análise didática havia sido adotado desde 1925 pela IPA como obrigatório para a formação de analistas (ROUDINESCO; PLON, 1998: 17). Assim, todos os membros do grupo de Rascovsky começaram a fazer análise com um dos dois analistas vindos do exterior, o que levou a alguns problemas éticos a partir da análise de vários integrantes de uma mesma família, por exemplo a de Rascovsky, pelo mesmo analista (PLOTKIN, 2001: 47).

Em 1942, Rascovsky, Pichon Rivière, o otorrinolaringologista Guillermo Ferrari Hardoy³³ e três analistas que haviam vindo da Europa: Garma, Cárcamo e a austríaca Marie Langer (1910-1987)³⁴, fundaram a Asociación Psicoanalítica Argentina (APA)³⁵. Deste núcleo fundador, apenas Garma, Pichon e, em menor escala, Cárcamo tinham passado por um treinamento formal em psiquiatria, mas todos eram médicos formados (PLOTKIN, 2001: 243, n. 1). Apesar disso, em seus primeiros tempos, a instituição aceitava membros de outras formações ou mesmo sem diploma universitário, como foi o caso de algumas das esposas dos fundadores. Alguns psiquiatras argentinos que trabalhavam com psicanálise antes da chegada dos imigrantes, como Gregorio Bermann e Jorge Thénon³⁶, embora tenham participado das primeiras reuniões visando à constituição da sociedade, não seguiram com o grupo até a fundação da APA, dentre outros motivos pelo fato de que não aceitavam ter de se submeter a uma análise didática com Cárcamo ou Garma, que haviam chegado à cidade há pouco tempo, para serem aceitos como psicanalistas (PLOTKIN, 2001: 48-49).

³³ Ferrari Hardoy mudou-se para os Estados Unidos em 1945; devido a isso, foi esquecido por muitas histórias da APA. Ver BALÁN, 1991: 101 e PLOTKIN, 2001: 243, n. 1, que coloca seu primeiro nome como sendo Emilio.

³⁴ Nasceu em Viena com o nome de Marie Glas. Ao mesmo tempo em que estudava medicina, aderiu ao Partido Comunista Austríaco e participou de lutas clandestinas, até ser obrigada a se exilar por causa do nazismo. Alistando-se como médica anestesista na Guerra Civil Espanhola, conheceu seu segundo marido, Max Langer. Com a derrota dos republicanos, o casal veio, primeiro, para Montevidéu e depois Buenos Aires. Marie Langer foi também uma das principais participantes do Movimento Plataforma, no início da década de 1970, como apresentado no subcapítulo 2.4, e foi uma influência importante e uma pessoa próxima a Rodrigué durante a maior parte da vida de ambos. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 460-462.

³⁵ No entanto, Arnaldo Rascovsky negou, em um depoimento posterior, que Langer tivesse sido uma das fundadoras da APA. Ver PLOTKIN, 2001: 243, n. 1.

³⁶ Falamos mais de Bermann e Thénon no subcapítulo 2.2.

Como mostra Plotkin, embora alguns dos fundadores da APA fossem imigrantes, eles representavam um “microcosmo da sociedade portenha de classe média da época”, pois Garma era espanhol, como uma grande parcela da população de Buenos Aires, Pichon havia vivido na Argentina desde a juventude, e a única realmente estrangeira era Marie Langer, que conhecia a língua espanhola porque havia vivido na Espanha durante a Guerra Civil daquele país. Devido a isto e ao fato de que a maioria dos fundadores começou sua formação psicanalítica já na Argentina, com exceção de Garma e Cárcamo, que era argentino de nascença, a psicanálise ficou menos associada no país com caricaturas como estrangeiros com sotaque alemão ou com o rótulo de uma “ciência judaica”³⁷, ao contrário de outros países como os Estados Unidos, o que contribuiu para sua aceitação pela sociedade local (PLOTKIN, 2001: 49). Além de ter sido rapidamente aceito na sociedade portenha, o grupo de fundadores também era pequeno e fechado entre si, como demonstra o fato de que a primeira presidente da APA que não fazia parte do grupo, Luísa G. de Álvarez de Toledo, tenha assumido a presidência apenas em 1955. Nos primeiros 13 anos de existência, a presidência da APA foi passada em rodízio entre cinco dos fundadores, mas em especial foi exercida por Garma, presidente em três períodos, totalizando 6 anos, até 1955, e ainda mais uma vez de 1957 a 1959 (APA, s.d.).

No ano seguinte, 1943, a associação já foi reconhecida, em caráter provisório, pela IPA, e passou a publicar sua revista oficial, a *Revista de Psicoanálisis*, primeira revista psicanalítica em língua espanhola, que continua a ser publicada, ininterruptamente, até hoje em dia (PLOTKIN, 2001: 44; ROUDINESCO; PLON, 1998: 34). Apesar disso, Rodrigué escreveu em 2000 que “penso que, em 1946, a psicanálise, para a classe média argentina, era uma profissão sem prestígio, uma coisa de judeus e de charlatães” (RODRIGUÉ, 2006: 52).

Em 1943, apenas um ano após a fundação da APA, Rodrigué começou sua análise pessoal com Rascovsky, e passou a conviver com todos esses nomes que participavam da instituição em seus primeiros tempos. Desta maneira, Rodrigué faz vários comentários pessoais sobre os fundadores em *Separaciones necesarias*. Por exemplo, Cárcamo “tinha a aparência de um belo e elegante *gaucho*”; Garma tinha o “ardor analítico dos pioneiros”, o que fez com que Rodrigué o considerasse um “fanático”, juntamente com Rascovsky, mas, ao mesmo tempo, admirasse sua

³⁷ Apenas Rascovsky e Langer eram judeus, menos da metade do grupo original de fundadores. Ver PLOTKIN, 2001: 49.

capacidade de analisar os mitos, que teria levado Garma a concluir que “a Virgem Maria era uma puta; o estábulo, com suas pequenas lâmpadas, um bordel; e os Reis Magos que traziam presentes, sultões farristas que passavam uma noitada em Belém. Exatamente o tipo de pensamentos blasfematórios que só um psicanalista espanhol pode ter” (RODRIGUÉ, 2006: 41). Ele também fala de Pichon e Rascovsky, dizendo que eles se tornaram rapidamente amigos, quase irmãos, embora fossem diferentes em tudo, de maneira que Rodrigué os compara à dupla do cinema mudo Laurel e Hardy, o Gordo e o Magro: “Arnaldo era atarracado, loquaz e expansivo; Pichon, longilíneo, esquizoide e reservado. Os dois eram talentosos e quase geniais” (RODRIGUÉ, 2006: 43).

Jorge Balán narra a análise de Rodrigué, partindo do fato de que desde quando era estudante de medicina já queria ser analista. Rascovsky diagnosticou-o com hipotireoidismo, “que se manifestava em sonolência, apatia e complacência com uma posição estática e dependente”. O tratamento teve bons resultados: “de estudante medíocre na faculdade passou a destacar-se como aluno, ganhou independência econômica, sua vida amorosa se tornou mais adulta, desapareceram os principais sintomas hipotireoideos”. Rascovsky publicou o caso, ocultando a identidade do paciente, na *Revista de Psicoanálisis*, em 1947³⁸. Segundo Balán, “pouco depois Rodrigué, que já era candidato na APA, se rebelou contra seu analista e deixou a análise com Raskovsky” (BALÁN, 1991: 203)³⁹. Portanto, podemos dizer que Rodrigué já fazia análise didática com Raskovsky, sendo candidato a psicanalista pela APA, por volta de 1946, três anos após iniciar sua análise pessoal.

O próprio Rodrigué se refere ao acontecido em *Separaciones necesarias*, citando os trechos de Balán e comentando: “saio muito mal da história. Sou uma catástrofe: hipotireoidiano, mimado e com uma sexualidade perversa polimorfa. Além do mais, Balán traça o retrato de um paciente ingrato que recebe uma cura milagrosa e, cúmulo da ingratidão, rompe com seu analista que tanto lhe deu”. E acrescentava, em um trecho muito revelador sobre a questão da possível fidelidade do processo de rememoração e das obras autobiográficas: “Balán, em sua preocupação de síntese, exagerou nas tintas. As coisas não se passaram verdadeiramente assim. Na vida, eu acho, as coisas nunca se passam verdadeiramente assim...” (RODRIGUÉ, 2006: 45-46).

³⁸ RASCOVSKY, Arnaldo. Interpretación psicodinámica de la función tiroidea: observaciones sobre disfunciones tiroideas en psiconeuróticos. *Revista de Psicoanálisis*, 4, n. 3, jan. 1947, pp. 413-450.

³⁹ Mariano Ben Plotkin também narra o mesmo caso: ver PLOTKIN, 2001: 61.

A seguir, Rodrigué contava a sua versão do episódio, concentrando-se, no entanto, na questão do rompimento com Raskovsky, sem se referir ao hipotireoidismo e à suposta “cura milagrosa”. Segundo a narrativa do autor, havia uma crença na APA, em seus primeiros tempos, de que a “psicanálise pode tratar tudo” (RODRIGUÉ, 2006: 47). Devido a isto, Raskovsky, quando Rodrigué ainda estava em seu processo de análise didática, encaminhou uma primeira paciente para este, uma doente terminal. Embora afirme que esta experiência foi negativa e que era muito imaturo na época, o próprio Rodrigué acaba por confirmar de certa maneira a história da “cura” quando narra:

Arnaldo criou um monstro; a mudança havia sido rápida demais – e espetacular. O jovem homem passivo, inchado e dependente para de sê-lo. Em 1945, começo a ler Melanie Klein e a dirigir os seminários. Coloquei em questão a condução de minha análise. Arnaldo era um analista ativo: ele “ditava” o desenrolar do tratamento. Acrescentarei o seguinte: era um brilhante pensador – até mais que Adler –, mas um precário analista (RODRIGUÉ, 2006: 48).

Assim, de acordo com Rodrigué, Rascovsky foi progressivamente se exasperando com os comentários de seu analisando, até o dia em que disse: “Rodrigué, se isso não lhe agrada, vai se foder” (RODRIGUÉ, 2006: 48). Além disso, estavam ocorrendo sérios problemas no interior da APA por causa da prática da “análise cruzada”: como eram muito poucos os analistas didatas, eles se analisavam uns aos outros, em uma relação que acabava por criar rivalidades e desentendimentos⁴⁰. Neste contexto de problemas com as análises cruzadas, “a jovem APA se sentiu ameaçada” e determinou que “se um candidato abandonasse sua análise didática, nenhum outro didata poderia aceitá-lo em análise” (RODRIGUÉ, 2006: 49). Por isso, Rodrigué não pôde continuar sua formação pela APA, embora tenha tentado os outros analistas didatas.⁴¹ Neste ponto, ele discorda de Balán, que afirma que ele foi analisado durante algum tempo por Marie Langer (BALÁN, 1991: 203); Rodrigué afirma que gostaria muito que isso tivesse acontecido, mas não foi possível (RODRIGUÉ, 2006: 49).

Desta maneira, Rodrigué se viu, repentinamente, sem ter como se formar pela APA, o que representava, na época, a impossibilidade de trabalhar com psicanálise na

⁴⁰ Um exemplo destes problemas é que Angel Garma se separou de sua mulher Simone, quando esta estava em análise com Celes Cárcamo. Posteriormente, sentindo necessidade de voltar a ser analisado, Garma procurou Marie Langer, que, pouco tempo depois, sentindo a mesma necessidade, procurou Cárcamo. Assim, a analista de Garma estava sendo analisada pelo analista de sua ex-mulher. Ver RODRIGUÉ, 2006: 47; BALÁN, 1991: 185; PLOTKIN, 244-245, n. 21.

⁴¹ Segundo Rodrigué, ele procurou a Langer, Pichon e Cárcamo. Ver também PERES, 2004b: 22.

Argentina, a não ser que ele se tornasse um “psicanalista selvagem”⁴², o que, segundo ele, seria “suicídio na época” (RODRIGUÉ, 2006: 49). Um outro fator que indica como a ruptura de Rodrigué foi traumática é que, num texto de 1995 em que cita influências de toda a trajetória profissional, do qual uma parte está transcrita como epígrafe no início deste capítulo, ele não cita nenhum dos argentinos da APA, embora tenha sido com eles que teve seus primeiros contatos profissionais com a psicanálise.

O que a sua história e as narrativas sobre a história da psicanálise na Argentina também mostram era que, naquela época, a APA exercia um virtual monopólio na formação de psicanalistas, não apenas na Argentina como em toda a América Latina. Durante a primeira década de funcionamento da APA, a psicoterapia, e por extensão a psicanálise, não era regulamentada legalmente na Argentina; em 1954, o Ministério de Saúde Pública decretou que a prática psicoterápica só podia ser exercida por médicos formados. Embora o decreto, em tese, permitisse a qualquer médico formado se considerar analista, mesmo que não tivesse qualquer contato com a APA, na prática a instituição conseguiu manter sua hegemonia sobre o treinamento de psicanalistas até o início da década de 1970 (PLOTKIN, 2001: 51). Essa hegemonia vinha do fato de que a APA, durante toda a década de 1940, era a única instituição latino-americana de formação de psicanalistas que tinha analistas didatas aprovados pela IPA, além de ser ela mesma, a APA, uma instituição reconhecida pela IPA, inicialmente de maneira provisória e, em 1948, de forma oficial e definitiva.

O virtual monopólio exercido pela APA também pode ser demonstrado pela história das primeiras tentativas de se criar uma sociedade oficial de psicanálise no Rio de Janeiro. A partir de 1944, um grupo de jovens psiquiatras cariocas, cuja maioria trabalhava no Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM), fundaram em 1944 o Centro de Estudos Juliano Moreira (CEJM), para discussões e debates sobre a obra de Freud (PERESTRELLO, 2012b: 127). A partir da necessidade de passarem por uma análise didática para serem autorizados pela IPA, os membros do grupo começaram a buscar possíveis analistas didatas estrangeiros, uma vez que, na época, não havia ninguém no Brasil que tivesse se formado pelos preceitos izeanos. Inicialmente, os

⁴² Termo utilizado inicialmente por Freud para designar o analista que não tem conhecimento técnico para exercer a profissão. No caso de Rodrigué, a citação se refere ao fato de que, sem concluir a formação na APA, na época a única sociedade psicanalítica do país, ele não teria legitimidade para exercer a profissão na Argentina. No entanto, é importante lembrar que houve vários casos de psicanalistas “selvagens” nos países latino-americanos nas primeiras décadas do século XX, como os já citados Bermann e Thénon na Argentina, Honório Delgado no Peru e Antonio Austregésilo, Júlio Porto-Carrero e, a partir da década de 1930, Gastão Pereira da Silva, no Brasil. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 38; GLICK, 1999; MARCONDES, 2015.

cariocas se voltaram para a Argentina, mais próxima geograficamente e culturalmente do Rio de Janeiro, além de não estar sendo afetada diretamente pela Segunda Guerra Mundial, ao contrário da Europa.

Em abril de 1945, Rascovsky, o analista de Rodrigué, foi convidado a residir no Rio para desempenhar esse papel de analista didata. Ele não aceitou o convite, mas veio à cidade em julho do mesmo ano, para realizar seis conferências, para o CEJM e outros grupos de universitários de psiquiatria, pediatria e ginecologia. No mesmo ano, outro psicanalista da APA, Angel Garma, veio ao Rio, para falar sobre medicina psicossomática, e depois continuou assessorando o grupo em suas buscas de um psicanalista didata. Garma sugeriu que o grupo convidasse o analista húngaro radicado em Nova York Georg Gerö, para quem, em abril de 1946, foi enviada uma carta (PERESTRELLO, 2012b: 128). Mesmo com essas ofertas e com o contato de Angel Garma, Gerö não aceitou o convite. Posteriormente, foram tentados um outro membro da APA, Marie Langer, e o analista francês Daniel Lagache⁴³, mais uma vez sem sucesso. Segundo o psicanalista Ronaldo Victor, Marie Langer concordou em vir para o Rio caso seu marido conseguisse revalidar seu diploma de medicina no Brasil, o que não foi possível. Já quanto a Lagache, “só viria se o convênio cultural Brasil-França lhe garantisse uma cátedra na Universidade do Brasil, transferível, após cinco anos, para Paris”, o que também não foi conseguido (VICTER, 1991, *apud* MARCHON, 2012b: 133).

Foi em setembro de 1946 que ocorreu um evento que, segundo Marialzira Perestrello, uma das fundadoras do CEJM e que posteriormente escreveu textos sobre a história de sua formação, teve grande importância para os contatos entre o grupo brasileiro e os psicanalistas argentinos: o I Congresso Interamericano de Medicina, realizado no Rio de Janeiro, para o qual vários dos argentinos vieram, apresentando trabalhos na seção de Neuropsiquiatria. Como podemos ler em uma notícia publicada no *Correio da Manhã*, a seção foi aberta pelo médico britânico Alexander Fleming, o descobridor da penicilina, que pronunciou uma conferência sobre “o tratamento da neurosífilis pela penicilina”. Entre os muitos participantes da mesma sessão, podemos

⁴³ Daniel Lagache (1903-1972) foi um psiquiatra e psicanalista francês, fundador da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP) em 1953 e, depois de uma cisão, da Associação Psicanalítica da França (APF), em 1964. Favorável a uma síntese entre a psicologia e a psicanálise, ao contrário de Lacan, introduziu a psicanálise na universidade francesa. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 456-457.

reconhecer alguns nomes ligados à psicanálise: Durval Marcondes⁴⁴, de São Paulo, com dois trabalhos; o professor Antonio Austregesilo, com um trabalho apresentado juntamente com Gustavo Neri; entre os argentinos, Marie Langer, que falou sobre “esterilidade psicógena” e Angel Garma, que também apresentou dois trabalhos, sobre as relações entre psicologia e enfermidades gastrointestinais (*CORREIO DA MANHÃ*, 14/09/1946: 3). Temos informações de que também participaram do Congresso Arnaldo e Luiz Rascovsky, Celes Cárcamo e Enrique Pichon-Rivière (PERESTRELLO, 2012a: 117). Marialzira aponta que o congresso serviu como “marco importante (...) para aumentar a curiosidade de alguns e a vontade de se analisar de outros” (PERESTRELLO, 2012b: 129).

Como a vinda de um analista estrangeiro para o Rio de Janeiro não foi conseguida, quatro dos membros do CEJM decidiram fazer sua formação no exterior: Danilo Perestrello, Marialzira Perestrello, Walderedo Ismael de Oliveira e Julio Paternostro. Este último acabaria por seguir para a Itália, mas os outros três foram para Buenos Aires e acertaram suas idas durante o Congresso Interamericano. Chegando a Buenos Aires no final de 1946, os três médicos cariocas encontraram lá outros três brasileiros que já haviam iniciado sua formação na APA: o psiquiatra gaúcho Mario Martins e sua esposa Zaira Martins e o carioca Alcyon Bahia⁴⁵ (PERESTRELLO, 2012b: 129). Os médicos brasileiros receberam auxílio do SNDM para sua formação na Argentina, através de bolsas que “custeavam, por dois ou três anos, as despesas pessoais e as respectivas análises com didatas da APA” (*Relatório da Sessão de Administração ao SNDM*, 1949, *apud* MELLONI, 2009: 82).

Em Buenos Aires, os três médicos vindos do Rio fizeram sua formação na APA e tiveram como analistas e supervisores os mesmos analistas argentinos que haviam participado do Congresso: Danilo Perestrello, por exemplo, teve como analista Celes Cárcamo e como supervisores Enrique Pichon-Rivière e Marie Langer. Marialzira foi analisada por Pichon-Rivière e teve Angel Garma e Cárcamo como seus supervisores (PERESTRELLO, 2012c: 130). Ela também descreve quais eram os autores e temas

⁴⁴ Durval Marcondes (1899-1981) era médico de formação e discípulo do psiquiatra Franco da Rocha; também ligado ao meio cultural paulistano, buscou outros caminhos para a divulgação da psicanálise, conseguindo implantar, com a participação de modernistas, pensadores e educadores, a primeira sociedade de psicanálise brasileira, em 1927. Esta sociedade teve vida curta em São Paulo, deixando de promover reuniões já em 1930, mas Durval continuou ativo no meio psicanalítico paulistano nas décadas seguintes, inclusive liderando a fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, que foi aceita pela IPA em 1951. Ver MOKREJS, 1993: 54; FACCHINETTI; PONTE, 2003: 65.

⁴⁵ Tratamos mais de Walderedo Ismael de Oliveira e Alcyon Bahia no subcapítulo 4.1.

mais estudados no curso, evidenciando que a formação na APA não envolvia somente o estudo da teoria freudiana ortodoxa:

Os tratados de H. Nunberg e de Otto Fenichel eram estudos obrigatórios. Sobre a teoria das relações objetais, uns professores se referiam às ideias de Guntrip e Fairbairn, e outros às de Ferenczi. Pichon falava sobre W. Reich — autor não apreciado por alguns analistas. Existia na APA uma atmosfera de pluralismo de ideias psicanalíticas: não se percebendo lá — como em outros ambientes — um monoideísmo autoritário (PERESTRELLO, 2012c: 131).

A formação dos psicanalistas brasileiros mostra como a APA era uma referência para a América Latina. Assim, impedido de continuar sua formação por lá, restou para Rodrigué apenas ir para o exterior, como veremos a seguir, o que acabaria por marcar uma importante inflexão na trajetória do psicanalista.

1.2. “Fundamentalmente kleiniano”: Rodrigué e a psicanálise de 1948 a 1958

Rodrigué narra então que, sem espaço na APA, buscou analistas de outros países para continuar sua formação. Não escreveu para a própria Melanie Klein porque “me parecia que ela era importante demais” (RODRIGUÉ, 2006: 49). Mas conseguiu um contato com um psicanalista escocês discípulo de Klein, Ronald Fairbairn⁴⁶. Este disse a ele que não era analista didata e sugeriu um outro nome, o de Paula Heimann⁴⁷. para quem Rodrigué logo escreveu. Heimann aceitou iniciar uma análise pessoal, que tinha a possibilidade de se tornar posteriormente uma análise didática. Como consequência, Rodrigué, financiado pelo pai, mudou-se para Londres em 1947, com a sua primeira mulher, Beatriz, com quem se casou uma semana antes de partir para a Inglaterra (RODRIGUÉ, 2006: 49, 52).

Heimann era, na época, uma das didatas mais importantes da *British Psychoanalytical Society* (BPS)⁴⁸. Rodrigué faz uma descrição intensa de seu primeiro contato com ela:

⁴⁶ Ronald Fairbairn (1889-1964) foi um psicanalista membro da British Psychoanalytical Society (BPS), que inicialmente se vinculou ao grupo kleiniano mas, a partir da década de 1950, assumiu uma posição mais independente. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 220.

⁴⁷ Paula Heimann (1899-1982) era alemã, de pais russos. Tendo estudado em Berlim com Theodor Reik, emigrou em 1933 para Londres, onde se estabeleceu como uma das mais importantes discípulas de Melanie Klein, até romper com esta em 1949, como veremos mais abaixo. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 328-329.

⁴⁸ A sociedade britânica iniciou suas atividades como London Psycho-Analytical Society, fundada em 1913 por Ernest Jones. O próprio Jones dissolveu esse grupo inicial e formou a British Psychoanalytical Society em 1919. Com o estabelecimento na Grã-Bretanha de vários psicanalistas que vieram da Europa

Toquei a campainha, ela abriu. Eu tinha imaginado uma criatura de olhos de gazela, cor de avelã, e vi uma mulher miúda, vivaz, de uns cinquenta anos, que poderia passar por irmã de Kissinger. Rosto nervoso e olhar de pássaro. Ela falava inglês com um forte sotaque germânico. Paula Heimann me deitou no divã e fiquei mudo, sem nem mesmo bater as pálpebras, durante uns bons quinze minutos. Depois comecei a chorar. Chorei e chorei, sem conseguir parar (RODRIGUÉ, 2006: 49-50).

Embora a análise com Heimann tenha enfrentado problemas, como as diferenças culturais e de idioma – “como explicar a franja esquerda do peronismo a um analista europeu kleiniano?” (RODRIGUÉ, 2006: 58) –, ele relata que, dez meses após ter começado sua análise pessoal, ou seja, por volta de agosto de 1948, já recebeu a autorização para participar dos seminários teóricos, “o que significava que eu era candidato – uma espécie de passaporte para poder ser psicanalista”. Emocionado, ele gritou para ela *You are an angel* [Você é um anjo]. Como ele mesmo comenta retrospectivamente, “isso soa um pouco idiota, mas nos momentos altamente emotivos nem sempre encontramos o tom correto” (RODRIGUÉ, 2006: 58).

A narrativa da primeira sessão na BPS de que Rodrigué participou merece ser transcrita quase inteira, principalmente por causa dos outros psicanalistas que são citados:

Hilde Abraham, a filha de Karl, apresentava um trabalho. Ela era annafreudiana, mas, nessas circunstâncias, os três grupos compareciam. Instalado no fundo da sala, pouco a pouco localizei os personagens. Melanie Klein, sentada perto de minha analista. Ernest Jones e Wilfred Bion, na primeira fileira. Eu cumpria a tarefa árdua de dar nome aos bois quando um homem se aproximou e perguntou quem eu era. Eu lhe disse, ele me estendeu a mão: “Encantado em conhecê-lo, sou Winnicott”. Ah! A importância dos pequenos gestos! Ele ganhou meu reconhecimento eterno (RODRIGUÉ, 2006: 58-59).

Como é possível perceber por este trecho, Rodrigué passou a se envolver com a rivalidade central do mundo psicanalítico britânico na época: a disputa entre Melanie Klein e Anna Freud. Para entendermos este contexto, é necessário nos aprofundarmos um pouco nessa disputa, começando com rápidas biografias das duas líderes de correntes.

Anna Freud (1895-1982) foi a última dos filhos de Sigmund Freud a nascer. Formou-se como professora primária, e depois estudou psicanálise na Sociedade

Central, como Melanie Klein, Freud e sua filha Anna e Michael Balint, a BPS, na década de 1940, se tornou uma das mais importantes instituições de formação de psicanalistas do mundo. Ver *BPS*, s.d.

Psicanalítica de Viena, apresentando um trabalho, em 1922, já sobre a análise de crianças, campo no qual iria se especializar. Foi analisada pelo próprio pai em duas ocasiões, entre 1918 e 1920 e entre 1922 e 1924. Publicando em 1927 *O tratamento psicanalítico das crianças*, Anna Freud começou a ser criticada por Melanie Klein, marcando o início de uma forte rivalidade teórica e de disputa por espaço no campo da psicanálise britânica e mundial que duraria toda a vida das duas psicanalistas. Na década de 1920, Anna Freud criou, juntamente com seu aluno Erik Erikson⁴⁹ e outros terapeutas, uma escola especial para crianças em Viena. Após publicar a sua obra considerada mais importante, *O ego e os mecanismos de defesa*, em 1936, Anna Freud mudou-se, com toda sua família, para Londres em 1938, fugindo da anexação nazista da Áustria⁵⁰. Após a morte de Sigmund Freud, em 1939, sua filha Anna assumiu o papel de herdeira do pai e “guardiã da ortodoxia freudiana” (ROUDINESCO; PLON, 1998: 259), aumentando seu confronto com Klein, que já tinha constituído um grupo de discípulos na BPS.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Anna, juntamente com sua amiga Dorothy Burlingham, criou um Centro de Repouso para Crianças, que depois ficou conhecido como as *Hampstead War Nurseries* [Pensionatos de Guerra Hampstead]. Estes foram o embrião de uma importante instituição de terapia psicanalítica infantil em Londres, a Clínica Hampstead, estabelecida por Anna em 1951 e que foi rebatizada após sua morte, em 1984, como Centro Anna Freud⁵¹. Ela viajou várias vezes para os Estados Unidos para palestras e conferências, pois sua obra foi sempre bem recebida lá, onde estavam alguns de seus discípulos mais importantes, como o já citado Erik Erikson. Após sua morte, em 1982, a casa onde morava se tornou o Museu Freud⁵², no qual estão seus arquivos e a biblioteca da família Freud⁵³.

Por sua vez, Melanie Klein (1882-1960), cujo nome de batismo era Melanie Reizes, nascida em Viena, foi a quarta filha de um casal de origem judaica, polonês pelo

⁴⁹ Erik Erikson terá contatos com Rodrigué na década de 1950, na comunidade terapêutica de Austin Riggs. Ver o subcapítulo 1.4.

⁵⁰ Chamada de *Anschluss*, essa anexação ocorreu no dia 12 de março de 1938. Freud e sua família só deixaram Viena em 3 de junho do mesmo ano. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 776.

⁵¹ O nome atual do centro é Anna Freud National Centre for Children and Families (Centro Nacional Anna Freud para Crianças e Famílias), e é uma das referências atuais em saúde mental infantil na Grã-Bretanha. Ver o site <http://www.annafreud.org/>.

⁵² O site do museu é <https://www.freud.org.uk/>.

⁵³ Sobre Anna Freud, as fontes utilizadas foram ROUDINESCO; PLON, 1998: 257-260; BPS, s.d.; “Anna Freud”. Disponível em <https://www.freud.org.uk/education/topic/40053/anna-freud/>; YOUNG-BRUEHL, 1992.

lado do pai e eslovaca pelo lado da mãe⁵⁴. Tendo perdido o pai e dois irmãos até a idade de 20 anos, Melanie passou a sofrer de depressões crônicas. Fixando-se em Budapeste, ela começou uma análise com Sandor Ferenczi⁵⁵ em 1914 e passou a se interessar por psicanálise, tornando-se membro da Sociedade Psicanalítica de Budapeste em 1919. Casada com o engenheiro Arthur Klein e com três filhos, ela se mudou para Berlim em 1921, para estudar com Karl Abraham⁵⁶, com quem começou uma segunda análise, em 1924. Em Berlim, conheceu alguns ingleses que também eram analisados por Abraham, como Edward Glover e Alix Strachey⁵⁷. Eles e mais Ernest Jones⁵⁸, presidente da BPS na época, a convidaram para ir para a Inglaterra, o que ela fez em 1926. Dentro da BPS, Klein começou a ser apoiada por um grupo de analistas, formado inicialmente por Glover, Alix e James Strachey e a filha de Klein, Melitta Schimberg. Em 1932, Glover e Schimberg romperam com ela, e o grupo de apoiadores passou a incluir Joan Rivière, Susan Isaacs e a analista de Rodrigué, Paula Heimann. Ao mesmo tempo, desde 1927 as divergências entre Klein e Anna Freud a respeito da psicanálise infantil já ocorriam. Seu primeiro livro de síntese, *A psicanálise de crianças*, saiu em 1932. Nas décadas de 1930 e 1940, alguns médicos, que se tornaram nomes importantes da BPS posteriormente, se ligaram fortemente a Klein, como John Bowlby, Donald Winnicott⁵⁹ e Wilfred Bion⁶⁰. Posteriormente, alguns destes se afastaram da influência de Klein, ligando-se ao chamado grupo dos “independentes”, como Winnicott, mas surgiram novos discípulos, como Hanna Segal e Donald Meltzer. Em 1949, mesmo Paula

⁵⁴ Sobre sua mãe, que se chamava Libassa, Roudinesco e Plon dizem que tinha uma “personalidade tirânica, possessiva e destruidora” (ROUDINESCO; PLON, 1998: 431). Rodrigué, ao ver um retrato dela, diz que era “uma mulher elegante com aparência de domador de crocodilos” (RODRIGUÉ, 2006: 60).

⁵⁵ Sandor Ferenczi (1873-1933) foi um dos principais discípulos de Freud. Criou a Sociedade Psicanalítica de Budapeste em 1912 e publicou vários textos sobre a teoria e a técnica da psicanálise, além de ter mantido uma extensa correspondência com Freud. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 232-235.

⁵⁶ Karl Abraham (1877-1925) foi um dos mais importantes discípulos alemães de Freud, presidente da Sociedade Psicanalítica de Berlim de 1910 a 1925 e presidente da IPA em 1924. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 1-2.

⁵⁷ Sobre Glover e Strachey, ver mais abaixo.

⁵⁸ Ernest Jones (1879-1958), que é citado no subcapítulo 4.3 em relação à sua biografia de Freud, é apontado como tendo desempenhado um papel de mediador durante as Controvérsias, “ora se ausentando dos debates, ora os organizando com paciência e equidade”, pois, se por um lado Jones era muito próximo da família Freud, havia sido ele também quem havia favorecido a ida de Melanie Klein para Londres. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 315; 415-418; MADDOX, 2006.

⁵⁹ Donald Winnicott (1896-1971) era pediatra de formação. Tendo se especializado em psicanálise infantil, Winnicott, embora respeitasse muito a obra de Melanie Klein e tivesse feito supervisão com ela na década de 1930, manteve uma posição mais intermediária na BPS, vinculando-se ao grupo dos independentes. Ele foi presidente da BPS em duas ocasiões após o período que Rodrigué passou em Londres, de 1956 a 1959 e de 1965 a 1968. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 784; BPS, s.d.

⁶⁰ Bion e sua influência para Rodrigué serão tratados mais extensamente no subcapítulo 1.3, “Rodrigué e a psicoterapia de grupo”.

Heimann, que até então havia sido uma das discípulas mais fiéis da analista, rompeu com ela. Até bem depois da morte de Melanie Klein, em 1960, seu grupo era o maior dentro da BPS⁶¹.

Além de estarem ligadas à disputa por espaços e poder dentro da BPS, as desavenças entre as duas psicanalistas também se deram em torno de questões teóricas, em relação, principalmente, à psicanálise de crianças, campo que as duas desenvolveram bastante em relação à obra original de Sigmund Freud. De acordo com Klein, a análise deveria ser “parte integrante da educação geral de toda criança”, enquanto para Anna Freud ela seria “necessária apenas quando a neurose se manifesta” (ROUDINESCO; PLON, 1998: 432). Por trás destas prescrições, estavam duas concepções diferentes da relação das crianças com a psicanálise e do próprio funcionamento mental destas: para Anna Freud, as crianças tinham um superego fraco ou imaturo, e, portanto, ela considerava que elas não suportariam uma análise nos moldes da dos adultos; já para Klein, ao contrário, as crianças poderiam ser analisadas “com a tradução direta de técnicas para adultos” e já possuíam um “superego punitivo” (FISHER; LERNER, 2004: 490).

No início da década de 1940, as desavenças entre as duas, cada qual com seu grupo de apoiadores, estavam tornando o funcionamento da BPS muito difícil; a instituição britânica, presidida na época por Ernest Jones, iniciou então, em 1942, as chamadas “Discussões Controvertidas”⁶², uma série de encontros científicos nos quais Klein e alguns de seus colegas apresentaram textos teóricos, para serem discutidos e criticados pelos outros membros. Mesmo assim, as discussões duraram quase quatro anos sem que se chegasse a um consenso, e foi estabelecida então uma solução de compromisso, negociada entre Klein, Anna Freud e a então presidente da BPS, Sylvia Payne, que, na prática, institucionalizou “três grupos dentro da sociedade” (BPS, s.d.).

A resolução tomada em 1946 estabeleceu que seria criado um Comitê de Treinamento, responsável pela seleção, treinamento e qualificação dos estudantes; que os estudantes poderiam optar entre o curso A, dado de acordo com as teorias do grupo kleiniano, e o curso B, dado pelo grupo de Anna Freud; que os seminários clínicos e técnicos seriam dados obrigatoriamente apenas pelos professores do curso escolhido,

⁶¹ Sobre Melanie Klein, as fontes utilizadas foram HINSHELWOOD, 1989; ROUDINESCO; PLON, 1998: 431-434; BPS, s.d.; GROSSKURTH, 1986.

⁶² A edição brasileira do *Dicionário de psicanálise*, de Roudinesco e Plon, traduz o nome como “Grandes Controvérsias” (ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 314). O termo em inglês é “*Controversial Discussions*”.

com os alunos podendo assistir, como convidados, aos seminários do outro curso; e, no caso da supervisão, ela seria feita em primeiro lugar por um profissional do mesmo curso escolhido pelo aluno, e em segundo lugar por algum profissional independente (BPS, s.d.; KING; STEINER, 1991: 906-907). O treinamento de psicanalistas dividido em dois grupos só seria abolido pela BPS em 1973, treze anos após a morte de Melanie Klein, em 1960 (BPS, s.d.).

Rodrigué narra a situação que encontrou quando começou a estudar na BPS, em 1948:

A célebre polêmica entre Melanie Klein e Anna Freud não tinha acabado, mas não era mais um ataque nas jugulares. Não estando mais em questão a excomunhão de Melanie Klein, os ingleses haviam encontrado uma espécie de compromisso para estabilizar a instituição: a coexistência de três grupos – o annafreudiano, o kleiniano e o “grupo do meio”. Essa tripartição, já que o terceiro grupo atuava como mediador, permitia que o fluxo institucional circulasse e que o sangue não corresse mais torrencialmente (RODRIGUÉ, 2006: 57).

Como ele menciona, na época em que estudou na BPS os três grupos, ou seja, os annafreudianos, os kleinianos e os independentes, participavam das sessões. Embora Rodrigué, retrospectivamente, seja mais simpático ao grupo intermediário, na época, como ele mesmo admite, era “fundamentalmente kleiniano”. Segundo ele, “desprezávamos mais os do ‘meio’ do que os annafreudianos; estes últimos eram nossos inimigos declarados (...) e, por isso, num certo sentido, nós os respeitávamos” (RODRIGUÉ, 2006: 59). O próprio Rodrigué não assistia aos seminários de Anna Freud, “o que, hoje, me parece ter sido um erro fundamental” (RODRIGUÉ, 2006: 60). Quando ele começou a tratar de sua primeira paciente, Klein era sua supervisora. Assim, pela primeira vez Rodrigué teve contato pessoal com ela e a descreve desta forma:

Cheguei a chamar Paula Heimann de Paula, mas nunca me viria à cabeça, ainda hoje, chamar Melanie Klein por seu prenome apenas. Na época, eu a chamava “senhora Klein”. Era uma mulher formidável que ia pelos setenta anos, ainda bela, coquete, de olhar fulgurante e cabelos azulados. Seus olhos brilhavam quando uma coisa a interessava; se eu a aborrecia durante a supervisão, ela viajava para longe, muito longe, e seu olhar se apagava (RODRIGUÉ, 2006: 60-61).

O sucesso deste primeiro caso fez com que Rodrigué fosse escolhido pela própria Klein para ser analista da mais nova de suas netas, Hazel. No entanto, havia uma “pequena complicação: Melanie Klein ia supervisionar o caso. Em outras palavras, a

avó supervisionaria o analista de sua neta” (RODRIGUÉ, 2006: 61). Rodrigué chega a especular que “analistas de fato e de direito” não teriam aceitado a incumbência, mas, apesar de ter sofrido com a “atenção cerrada” que Klein lhe dedicava, segundo ele acabou por ser bem-sucedido. Numa passagem curiosa, ele afirma que “preferia de longe trabalhar com Melanie Klein, que era um verdadeiro cavalo” do que ser supervisionado por Marion Milner, uma outra psicanalista inglesa: “a gentileza de Milner me inibia” (RODRIGUÉ, 2006: 62).

Na sua biografia de Freud, Rodrigué faz uma outra narrativa dos contatos com vários psicanalistas em Londres, citando alguns novos nomes e destacando, retrospectivamente, seu contato tanto com Anna Freud como com Melanie Klein, num trecho que está destacado no início do capítulo:

Sou um analista da quarta ou da quinta geração. Abraham foi meu avô. Conheci um Jones um tanto irônico, polêmico na discussão de trabalhos de Bion e Balint. Fui vizinho de Mrs. Klein por mais de dois anos. Participei de seminários com Rickman, Glover e Anna Freud, e mais tarde troquei cartas com Winnicott. Tomei chá com Alix Strachey, servido por Mrs. Lindon, a bibliotecária do Instituto Britânico de Psicanálise (RODRIGUÉ, 1995: 17).

Os nomes referidos pela primeira vez neste trecho iniciam-se com Michael Balint (1896-1970), psicanalista húngaro de origem judaica que se mudou para a Inglaterra em 1939, juntamente com sua mulher Alice. Trabalhando na Tavistock Clinic, conheceu Bion e Winnicott, e criou um conceito de terapia em grupos, chamado de “grupos Balint”. Como vários outros nomes citados por Rodrigué, foi presidente da BPS posteriormente, em 1968 (ROUDINESCO; PLON, 1998: 48; *BPS*, s.d.). A seguir, vem John Rickman (1891-1951), que foi um dos fundadores da BPS, tendo sido analisado por Freud na década de 1920. Embora tenha sido também analisado por Melanie Klein, posteriormente manteve uma postura livre em relação ao grupo kleiniano, e após as Discussões, alinou-se com os independentes. Como Rickman foi presidente da BPS de 1947 a 1950, provavelmente era o presidente em exercício na época dos estudos de Rodrigué (ROUDINESCO; PLON, 1998: 660; *BPS*, s.d.).

Outro nome citado por Rodrigué é o de Edward Glover (1888-1972). Glover foi um dos maiores críticos de Melanie Klein dentro da BPS, por exemplo atacando o fato de ela não ter formação médica. Após contribuir para o início das Discussões Controversas e criticar violentamente Rickman, Glover acabou por deixar a BPS em 1944, “predizendo a esta um futuro lúgubre sob o reinado de um kleinismo e de um pós-

kleinismo que qualificava de ‘junguismo’, rótulo infamante, em sua opinião”, mas se manteve atuante na IPA, onde era secretário (ROUDINESCO; PLON, 1998: 296). É curioso notar que Rodrigué cita Rickman e Glover, que assumiram posições bastante divergentes em relação à instituição inglesa e à influência de Melanie Klein, lado a lado. O último nome citado por Rodrigué é o de Alix Strachey (1892-1973), esposa e colaboradora de James Strachey na tradução das obras de Freud para o inglês, na famosa *Standard Edition*. Embora tenha sido muito amiga de Melanie Klein desde a época de Berlim, na década de 1920, Alix, como seu marido, alinhou-se com os independentes durante as Discussões Controversas (ROUDINESCO; PLON, 1998: 731-732; BPS, s.d.).

Assim, é possível perceber que Rodrigué, nos trechos apresentados, cita praticamente todos os psicanalistas de destaque da BPS na época, abrangendo desde nomes ligados a gerações anteriores, como Ernest Jones e Melanie Klein, a analistas que ainda estavam se estabelecendo e ganhariam mais destaque posteriormente, como Bion e Winnicott; ele também cita vários dos futuros presidentes da BPS. Mesmo que Rodrigué se dissesse na época kleiniano, cita Anna Freud e alguns nomes do chamado grupo independente. Por fim, Rodrigué acaba citando, lado a lado e sem fazer separações, um grande número de psicanalistas de trajetórias e orientações muito distintas, o que parece indicar uma intensa busca por legitimação entre os analistas ingleses. Também é interessante notar que a filiação de Rodrigué com a chamada “primeira geração” de psicanalistas, ou seja, com os primeiros discípulos de Freud, é com Karl Abraham, talvez porque, como vimos, ele conviveu na BPS com a filha de Abraham, Hilde.

O caminho de Rodrigué não foi único. Com a ida de vários psicanalistas alemães, austríacos ou de outros países da Europa Central para a Grã-Bretanha, inclusive do próprio Freud e de sua família, a partir da década de 1930, fugindo do nazismo, o centro de poder e cultura da psicanálise internacional deslocou-se para aquele país. Desta maneira, como vimos, a disputa por hegemonia entre Anna Freud e Melanie Klein, que, inicialmente, envolvia apenas a presidência da BPS, acabou por ganhar uma dimensão internacional; do mesmo modo, o presidente da IPA na época era um britânico, Ernest Jones, que foi por muito tempo também presidente da BPS. A partir do início da década de 1950, pode-se falar de uma certa “vitória” do grupo kleiniano, que passou a deter a hegemonia das posições de poder na IPA e na BPS e, principalmente, a hegemonia teórica da orientação dada à psicanálise mundialmente.

Assim, desde o final da década de 1940, “houve considerável interesse em ‘formar-se como kleiniano’, e muitas pessoas vieram desde outros países em busca de formação psicanalítica, em especial desde a América do Sul” (HINSHELWOOD, 1989: 409-410), como ocorreu com Rodrigué. Brasileiros também fizeram formação na Inglaterra, e o próprio Rodrigué se refere a um colega de estudos, Masud Kahn, como sendo “um verdadeiro príncipe, da família Kahn, do Paquistão” (RODRIGUÉ, 2006: 55).

Muitos desses estudantes na Inglaterra levaram a psicanálise kleiniana para os seus países de origem, após retornarem. Mas a difusão do kleinismo não ocorreu apenas desta maneira, pois outros analistas passaram a tomar contato com as teorias a partir de leituras e correspondência e a utilizar essas teorias na sua terapia, especialmente em relação à psicanálise de crianças (ABRÃO, 2008). No caso da Argentina, que nos interessa mais de perto aqui, a primeira pessoa a praticar a psicanálise infantil foi Arminda Aberastury, que já citamos na época da fundação da APA como esposa de Enrique Pichon Rivière. Aberastury se interessou pelo tema, segundo seu próprio relato, quando começou a conviver com uma garota com problemas de aprendizado, que esperava em uma sala pela sua mãe, que fazia terapia com Pichon no Hospício das Mercês. Após um contato prolongado com a garota, seus problemas foram diminuindo gradualmente, o que motivou Aberastury a estudar mais profundamente como tratar crianças. O primeiro texto nesse sentido que ela leu foi de Anna Freud, mas, posteriormente, foi a descoberta das obras de Klein que fortaleceu sua resolução. Antes desses eventos, ela pretendia cursar pedagogia na Universidade de Buenos Aires, mas, se utilizando do fato da psicoterapia ocupar uma espécie de “zona cinzenta” em relação à medicina, ela passou a tratar de crianças no Hospício das Mercês antes mesmo de iniciar sua formação psicanalítica. Nesse ponto, ela estava apenas reproduzindo o que ocorrera com as duas grandes teóricas da psicanálise infantil na Grã-Bretanha, Anna Freud e Melanie Klein, que também não tiveram formação médica. Assim, a psicanálise de crianças acabou por ser colocada em uma posição estereotipada, como uma terapia que não necessitava da formação médica e era mais adequada para mulheres, muitas vezes esposas de analistas de adultos⁶³ (PLOTKIN, 2001: 66).

⁶³ Em relação a isso, é interessante conferir a trajetória de Marialzira Perestrello, uma psiquiatra brasileira que fez formação psicanalítica na Argentina, junto com outros membros do CEJM, como apontamos acima, e que, ao retornar ao Brasil, se especializou na psicanálise de crianças e se tornou uma referência no campo. Segundo ela, sua especialização ocorreu contra a sua vontade, por causa desse estereótipo. Perestrello teve aulas de “teoria da técnica da análise em crianças de Melanie Klein e outros autores” exatamente com Arminda Aberastury. Ver PERESTRELLO, 2012c: 131 e MOURA, 2019.

Posteriormente, Aberastury fez sua análise didática com Garma e, após conhecer as obras de Melanie Klein, tornou-se uma espécie de “embaixadora informal de Klein na América Latina”. Ela traduziu as obras da psicanalista britânica para o espanhol, com a ajuda de Elisabeth Goode de Garma, segunda esposa de Garma, e manteve uma extensa correspondência com Klein. Este relacionamento ajudou o kleinismo a se tornar a teoria psicanalítica hegemônica na APA e, por extensão, na América Latina a partir da década de 1950, e Aberastury também manteve um intercâmbio constante com as sociedades de psicanálise se estabelecendo no Brasil nesta época, contribuindo para que a orientação teórica delas fosse predominantemente kleiniana, em especial em relação à psicanálise de crianças (ABRÃO, 2008). Outros aspectos pessoais também influenciaram em favor do kleinismo na APA: Garma havia feito análise didática com Theodor Reik, como Paula Heimann, a analista de Rodrigué, que, na segunda metade da década de 1940, ainda era uma das discípulas mais próximas de Klein, o que permitiu que Garma e a esposa, quando foram para a Europa participar do Congresso Psicanalítico de 1949, conseguissem um encontro com Klein, que os recebeu cordialmente, interessada em aumentar sua influência em países estrangeiros (PLOTKIN, 2001: 67).

Tendo terminado sua formação de analista em Londres, Rodrigué retornou para Buenos Aires em 1952. Segundo ele próprio, quando voltou da Inglaterra, foi recebido como um herói. Embora cite que a teoria kleiniana começava a ser mais aceita na Argentina “graças a Arminda Aberastury”, logo a seguir marcava uma diferença fundamental entre ele, que havia estudado na Inglaterra, e Arminda, que não havia saído da Argentina: “eu tinha um pedigree inglês, falava quase sem sotaque. (...) Há uma diferença, mesmo que psicológica, entre aquele que bebe na fonte e aquele que aprende apenas pelos livros – como entre o bebê que mama no seio e o que mama na mamadeira” (RODRIGUÉ, 2006: 65). No entanto, Mariano Plotkin, em seu livro sobre a história da psicanálise na Argentina, não cita Rodrigué na parte em que fala sobre a influência do kleinismo na APA, mas apenas Arminda e Elisabeth Garma como introdutoras da técnica (PLOTKIN, 2001: 65-69). Para complicar ainda mais a questão, o próprio Plotkin aponta que a correspondência entre Klein e Aberastury revelava uma atitude “quase desdenhosa” de Klein em relação à psicanalista argentina e que, na verdade, Klein nunca deu muita importância a nenhum de seus discípulos do outro lado do oceano (PLOTKIN, 2001: 246, n. 32).

Após haver se estabelecido na Argentina, Rodrigué escreveu um artigo sobre um paciente seu esquizofrênico de três anos de idade, de nome Raul, que foi publicado em uma coletânea editada por Klein (KLEIN, 1955)⁶⁴. Nesse artigo, o tom de Rodrigué era técnico, apesar de já demonstrar uma escrita fluente e literária, com muitas comparações e metáforas. A terapia de Raul era narrada nos mínimos detalhes, na maior parte do artigo, demonstrando que Rodrigué fez muitas anotações sobre o caso do menino. A parte final do artigo era uma tentativa de generalização, partindo do caso de Raul para discorrer sobre o “primeiro autismo infantil”. As interpretações teóricas do analista eram, em praticamente todo o artigo, vinculadas às teorias de Melanie Klein ou de outros kleinianos⁶⁵; assim, ele se apressava em ressaltar que, desde o início, “não havia se afastado dos requerimentos técnicos essenciais da análise infantil desenvolvidos por Melanie Klein” (RODRIGUÉ, 1955: 140-141). Mais à frente, ao comentar sobre o que teria desencadeado o transtorno em Raúl, Rodrigué apontava, em uma extensa nota de rodapé, semelhanças com o caso do menino Dick, de quatro anos, narrado por Klein em um artigo de 1930⁶⁶ (RODRIGUÉ, 1955: 144, n. 1). Embora considerasse que suas interpretações eram bastante hesitantes devido à falta de reação de Raul, Rodrigué paulatinamente desenvolveu explicações teóricas, vinculadas muitas vezes a pequenas mudanças nos gestos ou nos comportamentos do menino.

O tratamento de Raul, visto com a distância de mais de quatro décadas, foi narrado de uma maneira bastante diferente, bem menos formal e mais irônica, em *Separações necessárias*:

Raul era uma criança completamente louca. Desde minha volta de Londres, eu o recebia de terno e gravata no consultório de Arminda Aberastury. No primeiro dia, ele tinha acariciado o espelho do elevador e abraçado sua imagem. Ele grunhia e parecia surdo. Esse jogo monótono durou semanas. Ajudado pelo eco de meu próprio autismo, eu avançava tateando, sem nem mesmo saber se estava progredindo. Enrique Pichon-Rivière, que supervisionava esse caso e foi o primeiro a me falar do autismo precoce das crianças, no entanto me dizia:

– Você está progredindo, Emilio.

⁶⁴ O artigo de Rodrigué é o capítulo 7 do livro, “The Analysis of a Three-Year-Old Mute Schizophrenic”.

⁶⁵ Além da própria Melanie Klein, outros psicanalistas citados no artigo eram Paula Heimann, Herbert Rosenfeld, Donald Winnicott, Marion Milner, Wilfred Bion, todos, pelo menos na época, vinculados ao grupo kleiniano. A exceção era o psiquiatra austríaco-americano Leo Kanner (1894-1981), cuja obra sobre a psiquiatria da criança era bastante citada por Rodrigué, que dizia que Kanner, embora conhecesse profundamente, discordava das técnicas de análise infantil desenvolvidas por Klein. O próprio Rodrigué acabava por criticar Kanner, dizendo que ele havia dado apenas “uma descrição fenomenológica” do autismo infantil e não se aprofundado em sua psicopatologia latente (RODRIGUÉ, 1955: 175).

⁶⁶ “The Importance of Symbol Formation in the Development of the Ego” (1930).

Raul, a criança autista, falou ao cabo de seis meses. Ele disse claramente “mamãe” duas vezes e levei mais de um minuto para entender que ele havia falado (RODRIGUÉ, 2006: 72).

Sem dúvida, a participação no livro organizado por Klein aumentou o prestígio de Rodrigué entre a comunidade psicanalítica internacional: observando-se o índice da obra, vê-se que Rodrigué era o único autor que não havia nascido ou se estabelecido na Inglaterra ou nos Estados Unidos. Além disso, todos os nomes mais importantes do grupo kleiniano à época tiveram capítulos publicados na obra, como Paula Heimann (dois capítulos), Marion Milner, Hanna Segal (dois capítulos) e Wilfred Bion (dois capítulos), além da própria Klein, que assinava dois capítulos. Desta maneira, mesmo que a narrativa de Rodrigué sobre ter sido recebido como um herói na Argentina seja um pouco exagerada, é possível dizer que ele retornou em uma posição muito superior em relação a quando havia partido para a Inglaterra. Outro indicador disto é que, logo após retornar à Argentina, Rodrigué voltou a se vincular à APA já na condição de analista didata, como se depreende de sua narrativa de um episódio que acabaria por provocar para ele uma segunda ruptura com a instituição argentina.

Segundo ele, os analistas titulares e didatas da APA apresentavam seus casos clínicos “para uma supervisão kleiniana”, na forma de um seminário quinzenal, que ocorria na casa de um dos psicanalistas, Mauricio “Moro” Abadi. Nesses encontros, Rodrigué se apaixonou por uma das participantes, Nouné, mulher de Heinrich Racker⁶⁷. Ele a descreve como “uma verdadeira beleza. Tinha um rosto de perfil oriental e uma voz harmoniosa, com um leve sotaque francês que concordava maravilhosamente com meu leve sotaque britânico” (RODRIGUÉ, 2006: 69-70). Ela pediu uma supervisão individual com ele, que então, após um mês, contou-lhe que estava apaixonado e não podia continuar no papel de supervisor. Na sequência, ocorreu uma “catástrofe”, pois “Racker, marido enciumado, forçou Nouné a confessar. O céu caiu na minha cabeça”. A comissão didática da APA examinou o caso e se dividiu: Cárcamo, Luis Rascovsky e Racker condenaram Rodrigué, enquanto Pichon-Rivière, Arnaldo Rascovsky e Angel Garma o apoiaram; Marie Langer se absteve. Rodrigué escreveu em 2000 que compreendia o voto dela: “ela era a analista de Racker, mas era também minha amiga,

⁶⁷ Racker (1910-1961), de origem polonesa, foi mais um imigrante que se tornou membro da APA. Ele desenvolveu uma teoria kleiniana sobre a contratransferência, inspirado por Paula Heimann, sendo considerado por Rodrigué como um dos poucos analistas argentinos a fazer contribuições em relação aos problemas práticos do kleinismo (RODRIGUÉ, 2006: 66; PLOTKIN, 2001: 248, n. 78). Após sua morte, ele deu nome à uma clínica da APA, que inicialmente oferecia terapia psicanalítica para pessoas de poucas posses, mas progressivamente se tornou mais voltada para a pesquisa (PLOTKIN, 2001: 63).

uma coterapeuta de grupo – e uma mulher liberada”. No entanto, ele diz que, na época do ocorrido, se sentiu traído tanto por Nouné como por Langer (RODRIGUÉ, 2006: 70).

Como o próprio Rodrigué aponta em *Separações necessárias*, “em menos de dez anos, eu tinha roçado por duas vezes a expulsão da APA. Uma ideia começava a germinar em mim: eu era mais um sujeito escandaloso do que um homem transgressivo”. Sentindo-se deprimido, ele resolveu voltar para Londres, para continuar sua análise com Paula Heimann, “estilo SOS” (RODRIGUÉ, 2006: 70). De volta a Londres, ele narra desta maneira a retomada da análise: “entrei no seu consultório [de Heimann], me deitei no divã, fiquei silencioso durante quinze minutos, depois, de novo, comecei a chorar abundantemente”, da mesma maneira que havia ocorrido da primeira vez em que foi analisado por ela. Esta nova terapia durou apenas dois meses, o que, segundo ele, foi “uma experiência simultaneamente intensa e profundamente dolorosa”. No entanto, aos poucos foi fazendo progressos na análise e no contato com outros kleinianos. Isso teria ocorrido porque ele considerava que tinha uma “personalidade moldável, típica do caçula, o que me torna inteiramente analisável. É preciso ser influenciável para ficar no limiar de uma terapia de ar comprimido” (RODRIGUÉ, 2006: 71).

Aos poucos, porém, Rodrigué narra que passou a se sentir pouco à vontade entre os analistas kleinianos e ter a sensação de que algo estranho estava acontecendo. Tendo procurado Melanie Klein para conservar sobre isso, ela lhe informou que havia ocorrido uma ruptura entre ela e Heimann, por questões teóricas. Segundo Roudinesco e Plon, a ruptura teria ocorrido por ocasião da publicação de um artigo de Heimann sobre a contratransferência, em 1949: “sentindo-se tratada ‘como escrava’, rebelou-se e foi rejeitada implacavelmente pelos kleinianos” (ROUDINESCO; PLON, 1998: 329). Em um livro organizado em homenagem a Heimann em 1989, encontramos mais detalhes sobre esta história: em uma introdução escrita por Pearl King, presidente da British Psychoanalytical Society entre 1982 e 1984, Heimann é descrita como alguém que sempre esteve em busca “de sua própria identidade como psicanalista” (KING, 1989: 12).

O artigo de Heimann, com o título de “Sobre a contratransferência”, foi lido no 16º. Congresso Internacional de Psicanálise, em Zurique, em 1949, e depois publicado no *International Journal of Psychoanalysis* no início de 1950. É um texto curto e conciso, de menos de cinco páginas, onde o objetivo é se contrapor a visões do processo

de contratransferência como sendo algo negativo ou que deva ser eliminado pelo analista: ao contrário, segundo Heimann sustenta, “a resposta emocional do analista ao seu paciente dentro da situação analítica representa uma das ferramentas mais importantes para seu trabalho. A contratransferência do analista é um instrumento para a pesquisa sobre o inconsciente do paciente” (HEIMANN, 1989: 56. Trad. minha). A posição de Heimann, se contrapondo a uma certa leitura de alguns artigos de Freud que enfatizava o analista como devendo ser absolutamente impassível e sem revelar qualquer elemento pessoal para o analisando, provocou muita discussão na época; segundo a própria Heimann, Melanie Klein não gostou do artigo e tentou convencê-la a não publicá-lo, mas Ernest Jones o aprovou e ela se recusou a retirá-lo. Posteriormente, a visão de Heimann tornou-se majoritária entre os psicanalistas, inclusive kleinianos (KING, 1989: 5-6). No entanto, não foram apenas questões teóricas que precipitaram a ruptura entre Klein e Heimann: segundo a própria Paula contou a Pearl King, o artigo de 1949 provocou tanta revolta em Klein porque Heimann o havia escrito por conta própria e não o mostrou a Klein antes de sua apresentação, o que significou um ato de independência e liberdade em relação às diretrizes kleinianas (KING, 1989: 6).

A reação de Rodrigué a esta disputa foi, como ele mesmo admite, curiosa:

Tive uma reação curiosa, como a de um filho que acaba de ouvir que seus pais estão se separando. O desentendimento me abala, porque não posso ficar alheio, deve-se escolher entre seu pai ou sua mãe, e era evidente que Melanie Klein tinha o lugar de pai. Falei disso com Betty Joseph, uma outra analista kleiniana que tinha sido analisada por Paula Heimann; ela havia escolhido seu pai (RODRIGUÉ, 2006: 71).

Ao contrário, Rodrigué escolheu o lado de Paula Heimann, embora diga que não compartilhava de suas ideias teóricas, por um sentimento de lealdade. Considero também uma interpretação possível para esta escolha o fato de que Heimann, uma analista que defendia uma relação menos formal com seus analisandos e se colocava contra as recomendações de uma conduta muito rígida, fria e distante para os analistas, naturalmente desenvolveu uma relação profunda com Rodrigué, cuja atitude, mesmo nos momentos em que estava vinculado a instituições tradicionais, nunca foi fria, distante e formal. Klein, por sua vez, mesmo no período em que conviveram na Inglaterra, é considerada com mais frieza e distanciamento por Rodrigué, como lembramos em um trecho já citado aqui: “cheguei a chamar Paula Heimann de Paula, mas nunca me viria à cabeça, ainda hoje, chamar Melanie Klein por seu prenome apenas” (RODRIGUÉ, 2001: 60). Como consequência de ter tomado o partido de

Heimann, segundo ele, “os kleinianos pararam de me considerar como um dos seus”, ao mesmo tempo em que nunca perdoaram a deserção de Heimann, o que o levou a concluir que os psicanalistas são “pessoas ruins” e a buscar outros caminhos para sua carreira psicanalítica (RODRIGUÉ, 2006: 71-72).

1.3. Rodrigué e a psicoterapia de grupo

Quando retornou à Argentina em 1952, após fazer sua formação psicanalítica em Londres na British Psychoanalytical Society, além de colaborar com a difusão das teorias kleinianas no país, Rodrigué também trouxe consigo uma nova e importante contribuição teórica para a psicanálise argentina: a terapia grupal ou em grupos. Segundo ele conta em *Separaciones necesarias*: “era a época dos grupos. Quis formar um, tentar minha chance. Tinha visto como eles funcionavam na Inglaterra, mas duvidava que isso pudesse funcionar no terceiro mundo. Puro preconceito” (RODRIGUÉ, 2006: 68).

Ao dizer que tinha visto o funcionamento de terapias de grupos na Inglaterra, Rodrigué se referia principalmente à sua experiência na Clínica Tavistock, clínica de Londres associada à BPS e onde muitos dos psicanalistas que desenvolveram aportes teóricos para a terapia de grupos trabalharam. Tavistock foi fundada em 1920, um ano apenas após a constituição da BPS, por Hugh Crichton-Miller, com o objetivo de fornecer assistência psicoterápica para pacientes, em especial ex-combatentes, que não tinham condições de pagar um tratamento particular. Desde o início, a orientação de Tavistock foi predominantemente psicanalítica, mas com tolerância para as diferentes teorias terapêuticas de Freud, Jung e Adler, por exemplo (DICKS, 1974: ix). Durante a Segunda Guerra Mundial, vários psiquiatras e psicólogos de Tavistock trabalharam em conjunto com o Exército britânico, para o qual desenvolveram um conjunto de orientações, dentre elas o uso da psiquiatria social como uma ferramenta para intervenções preventivas em larga escala e a ideia, nova para a época, da comunidade terapêutica como uma forma de tratamento alternativa (TRIST; MURRAY, 1990).

Após a guerra, a clínica passou a funcionar de maneira diferente: ela foi preparada para participar do serviço público de saúde da Grã-Bretanha, criado em 1948, como referência no campo da saúde mental, e, ao mesmo tempo, criou um novo Instituto de Relações Humanas “para o estudo de problemas sociais mais amplos não enfrentados pela área de saúde mental”. O financiamento para a criação do instituto veio da Fundação Rockefeller, cujo diretor médico, Alan Gregg, buscava contribuir para que

instituições continuassem a praticar o tipo de psiquiatria social que havia se desenvolvido no Exército, agora em tempos de paz. O Instituto Tavistock de Relações Humanas inicialmente funcionou como uma divisão da Clínica Tavistock, e neste primeiro momento do pós-guerra vários psicanalistas da BPS, como Bion, Rickman, Bowlby e Balint⁶⁸, trabalharam nas duas divisões da clínica. Em 1948, o Instituto propôs três projetos de pesquisa para o Comitê de Produtividade Industrial, criado naquele ano para tentar melhorar a produtividade da economia britânica, em séria crise após a guerra. Os três projetos foram aceitos, e o primeiro deles teve como consequência uma pesquisa e um livro que seriam citados depois como referência por Rodrigué, a obra de Elliot Jaques, *The Change of Culture in a Factory*, como veremos no subcapítulo 1.5 (TRIST; MURRAY, 1990).

Voltando a falar da ideia da comunidade terapêutica, de acordo com o educador Harold Bridger, o primeiro momento em que surgiu a ideia de “usar todos os relacionamentos e atividades de um centro psiquiátrico residencial para ajudar a tarefa terapêutica”, o que posteriormente seria chamado de comunidade terapêutica, foi em um memorando que ficou conhecido como o memorando Wharnccliffe, enviado por Wilfred Bion⁶⁹ em 1940 para seu ex-analista, John Rickman, que à época trabalhava no centro de tratamento de neuroses Wharnccliffe. Dois anos depois, em meio à Segunda Guerra Mundial, surgiu uma oportunidade para colocar em prática a ideia: no outono de 1942, Bion se juntou a Rickman no Hospital Militar Northfield, em Birmingham, para desenvolverem novas maneiras de tratamento que permitissem que o maior número possível de soldados que haviam sido desmobilizados devido a neuroses de guerra voltassem ao serviço militar ativo. Esta experiência ficou conhecida, posteriormente, como o primeiro experimento de Northfield (BRIDGER, 1990: 68).

⁶⁸ Sobre estes psicanalistas, ver o subcapítulo 1.2.

⁶⁹ O psicanalista britânico Wilfred Ruprecht Bion (1897-1979) nasceu na Índia, de pai inglês e mãe indiana, mas viveu em Londres desde os 8 anos de idade. Formou-se inicialmente em filosofia e em literatura, e só posteriormente em medicina. Foi contratado como médico assistente da Clínica Tavistock, em Londres, em 1932, e, em 1937, começou sua análise com um dos principais membros da BPS na época, John Rickman, logo após passando a fazer parte da sociedade inglesa. Suas experiências com os grupos foram objeto da publicação de vários artigos, entre os anos de 1946 e 1951, que depois foram reunidos em um livro, com o título de *Experiências em grupos*, publicado em inglês em 1961. Depois da década de 1940, Bion passou a se concentrar mais nos fundamentos teóricos da psicanálise individual, compondo uma obra complexa e extensa. Na década de 1970, veio por várias vezes ao Brasil, onde fez seminários e palestras que depois foram publicados em forma de livros (Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 69-71; GROSTSTEIN, 1983).

O próprio Bion, em um artigo de 1946⁷⁰, comentou sobre o objetivo e o funcionamento dos grupos em Northfield: ele considerava que a maneira habitual de lidar com os problemas dos soldados, dando baixa a eles para voltarem a ser civis, era “fútil” e representava na verdade uma fuga dos verdadeiros problemas. Devido a isto, segundo Bion, a primeira coisa era ensinar a comunidade (neste caso a Ala de Treinamento Militar localizada dentro do hospital) a buscar um diferente método de alívio para suas tensões, que ele, como psicanalista, considerava que tinham origens neuróticas: “a fuga do transtorno neurótico precisava ser parada; como em um regimento, a moral devia ser elevada até um ponto onde o real inimigo poderia ser enfrentado”. Assim, Bion comentava que o estabelecimento da moral não era um pré-requisito do tratamento, mas sim já uma parte deste (BION, 2014 [1946]: 970. Trad. minha).

Num primeiro momento, as discussões em Northfield eram realizadas em pequenos grupos, sem líderes pré-definidos; “assim que um número suficiente de pacientes havia sido, desta maneira, persuadido a enfrentar seu inimigo ao invés de fugir dele, um encontro diário de meia hora era organizado para toda a ala de treinamento, consistindo entre 100 e 200 homens” (BION, 2014 [1946]: 970. Trad. minha). Nesse encontro diário, a ala acabava se repartindo em uma série de grupos voluntários, com os objetivos mais variados, “desde aprender a dançar até estudar os regulamentos do governo sobre o pagamento dos soldados”, e as questões relacionadas a estes grupos menores eram discutidas por todo o grupo maior. Desta maneira, se concretizava a intenção terapêutica do experimento, que era fazer com que o grupo estudasse suas próprias tensões internas (BION, 2014 [1946]: 970. Trad. minha; BRIDGER, 1990: 71-73).

No entanto, a primeira comunidade terapêutica criada por Bion e Rickman durou apenas seis semanas; embora já começasse a apresentar bons resultados, foi encerrada pelo Exército, preocupado com a quebra de hierarquia implícita na situação, e enfrentou bastante resistência por parte dos médicos e trabalhadores do hospital, acostumados a um modelo diferente de organização e tratamento. Em sua avaliação do resultado da experiência, Harold Bridger destaca o conflito que havia entre o papel de Bion como

⁷⁰ O título do artigo era “The Leaderless Group Project” [O Projeto do Grupo Sem Líder], o que mostra a ênfase dada por Bion na questão da ausência de um líder definido de antemão. O artigo foi publicado no Boletim da Clínica Menninger, Kansas, Estados Unidos, onde trabalharam alguns dos psicanalistas com quem Rodrigué teve contato quando trabalhou na comunidade terapêutica de Austen Riggs, como mostraremos no subcapítulo 1.4.

psiquiatra e seu posto militar: “[Bion] estava de uniforme, um oficial na organização (isto é, o exército)⁷¹ colocando seus homens em confronto com a situação de sua unidade; ele era também um psiquiatra profissional consultando aqueles mesmos homens sobre a situação deles e decidindo com eles seu futuro em uma nação em guerra”. Para Bridger, embora Bion estivesse o tempo todo consciente da influência de fatores externos como a guerra na saúde de seus pacientes, não dedicava a mesma atenção a fatores internos, como a organização do hospital e as culturas de seus diferentes trabalhadores, o que enfraqueceu o primeiro experimento (BRIDGER, 1990: 73).

No ano seguinte, Ronald Hargreaves, o chefe do Diretório de Psiquiatria do Exército durante a guerra, resolveu novamente implementar modificações em Northfield, desta vez tirando a direção da comunidade das mãos de médicos como Bion; isto levou à escolha de Harold Bridger, o autor do texto que relembra os experimentos, um educador de formação e que já tinha tido experiência na seleção de pessoal do Exército, como encarregado da comunidade, no que ficou conhecido como o segundo experimento de Northfield. Neste caso, pela primeira vez a ideia de comunidade terapêutica foi aplicada a toda uma instituição, com grande sucesso, segundo Bridger: “um novo paradigma havia surgido” (BRIDGER, 1990: 69). Bridger manteve muito do esquema anterior de Bion, mas suas maiores modificações foram procurar envolver o hospital inteiro, e não apenas a ala trabalhada anteriormente, nas tarefas e estar aberto para discussões com “enfermeiras, assistentes sociais, administradores e terapeutas ocupacionais”, entre outros. Segundo ele, após algum tempo, tornou-se até difícil registrar a “tremenda energia e capacidade diretiva que pode ser gerada quando se torna possível encontrar um ambiente transicional através do qual descobertas da terapia podem ser aliadas a um propósito social e satisfação” (BRIDGER, 1990: 79).

Após algum tempo, mas ainda durante a guerra, outro psiquiatra, Thomas Main (1911-1990), passou a trabalhar em Northfield. Posteriormente, ele publicou um curto texto, em que pela primeira vez usava o termo de “instituição terapêutica”, no caso se referindo ao hospital⁷² (MAIN, 1946). De acordo com Main, as funções do psiquiatra em uma instituição com este novo caráter haviam mudado radicalmente:

⁷¹ Bion detinha o posto de major do Exército britânico desde a Primeira Guerra Mundial. Ver BRIDGER, 1990: 75.

⁷² No mesmo Boletim da Clínica Menninger onde foi publicado o artigo de Bion citado anteriormente. O texto de Main é citado no prefácio de Goldenberg à obra de Rodrigué, *Biografía...*, como um exemplo de

Os direitos anárquicos do médico na tradicional sociedade do hospital devem ser trocados pelo papel mais sincero de membro em uma comunidade real, respondendo não apenas a si mesmo e seus superiores, mas também para a comunidade como um todo, privilegiado e restrito apenas na medida em que a comunidade permite ou exige. Ele não é mais “senhor” de seus pacientes. Estes são passados para a comunidade, que irá tratá-los e que é “senhora” deles e do médico (...) O psiquiatra tem de tolerar desordem e tensão até o ponto em que fica claro que a própria comunidade precisa enfrentar esses problemas da vida em grupo (MAIN, 1946, *apud* BRIDGER, 1990: 83).

Após o término da guerra, Bridger foi substituído no comando de Northfield por outro psicanalista que posteriormente faria contribuições importantes para a teoria das terapias grupais: S. H. Foulkes⁷³, que teve o desafio de modificar a orientação da comunidade terapêutica, que agora deveria reabilitar os pacientes para a vida civil. Refletindo sobre o desenvolvimento das terapias grupais em geral, Foulkes, após citar algumas mudanças de ênfase que a terapia pressupunha, como de indivíduo para grupo ou de centrada em um líder para centrada no grupo, defendia inúmeras possibilidades de aplicação mais geral da terapêutica, chegando até a pensar nela em relação à política da época:

(...) Uma visão mais ampla verá nela [a terapia grupal] um novo método de terapia, investigação, informação e educação. Uma visão ainda mais ampla irá considerar a terapia grupal como uma expressão de uma nova atitude em relação ao estudo e à melhora das interrelações humanas em nossa época. Pode ver nela um instrumento, talvez o primeiro adequado, para uma abordagem prática ao problema chave de nosso tempo: a relação deteriorada entre o indivíduo e a comunidade. Desta maneira, seu alcance é tão vasto quanto o desses relacionamentos. Tratamento de psiconeuroses, psicoses, crimes etc., questões de reabilitação, administração industrial, educação, em resumo, todo aspecto da vida em comunidades, grandes ou pequenas. Talvez alguém adotando esta visão ampla veja nisto a resposta, no espírito de uma comunidade democrática, ao manejo de massa e de grupos pelos regimes totalitários (FOULKES, 1946, *apud* BRIDGER, 1990: 85. Trad. minha).

“como um hospital pode transformar-se em uma comunidade terapêutica na medida em que todos os membros do mesmo participem na vida diária da instituição” (GOLDENBERG, 1965: xi).

⁷³ Foulkes nasceu na Alemanha com o nome de Siegmund Heinrich Fuchs, em 1898. Após se formar em medicina e começar a se interessar pela psicanálise, ele fez uma análise didática com Helene Deutsch e, em 1930, foi apontado diretor da Clínica do Instituto Psicanalítico de Frankfurt. Com a ascensão de Hitler ao poder, se refugiou na Inglaterra em 1933, tendo obtido ajuda de Ernest Jones. Ao receber a cidadania britânica em 1938, mudou seu sobrenome para Foulkes. Seu trabalho no Hospital de Northfield lhe forneceu a base para o desenvolvimento de sua teoria de psicoterapia de grupos, sobre a qual publicou vários livros nas décadas de 1940 e 1950. Foulkes também foi um dos fundadores, em 1952, da Sociedade Grupo-Analítica britânica, que permanece em atividade até hoje em dia. Ver GROUP-ANALYTIC SOCIETY, s.d.

Bridger, na conclusão de seu artigo, também via a ideia de instituição terapêutica como podendo ser estendida a toda organização coletiva:

Northfield mostrou que um ambiente amplamente facilitador pode levar a um amplo amadurecimento em adultos. Abordagens e métodos aprendidos primeiro em um ambiente psiquiátrico especializado podem ser adaptados para produzirem graus de comprometimento e níveis de performance inalcançáveis pelas organizações burocráticas convencionais na indústria e em outros setores sociais (BRIDGER, 1990: 86).

Desta maneira, tanto a teoria da terapia psicanalítica de grupos como a ideia de uma comunidade psiquiátrica terapêutica surgiram no mesmo contexto, dos experimentos feitos por psicanalistas/psiquiatras britânicos durante a Segunda Guerra Mundial com ex-soldados. Rodrigué teve contato profundo, posteriormente, com estas duas formas de terapia: utilizou os textos de Bion como referência teórica para desenvolver uma terapia de grupos na Argentina, como veremos a seguir, e trabalhou durante quatro anos numa das mais renomadas comunidades terapêuticas da época – Austen Riggs nos Estados Unidos. No entanto, em suas obras, Rodrigué não menciona a relação entre estes dois aspectos, preferindo analisar os dois tópicos de maneira separada. Inicialmente, ele elaborou uma modalidade de psicoterapia de grupo, sob a influência principalmente de Bion, para, apenas após sua passagem pelos Estados Unidos, discorrer sobre a ideia de comunidade terapêutica e sua possível aplicação a outros campos.

Seu primeiro texto no qual discutiu a questão da terapia de grupo foi publicado em outubro de 1954 no primeiro número da revista *Acta Neuropsiquiátrica Argentina*, com o título de “Bion y la psicoterapia de grupo”. Rodrigué começava o artigo dizendo que a psicologia de grupo, ou seja, “os fenômenos psicológicos resultantes da interação de dois ou mais indivíduos”, vinha sendo estudada até então por duas disciplinas diferentes, a sociologia e a psicologia. Estas duas disciplinas chegavam a conclusões diferentes sobre os grupos; isto se dava, de acordo com ele, porque cada uma delas se interessava apenas por um setor do fenômeno grupal, a psicologia pelo que mudava no indivíduo a partir do momento em que ele participava de um grupo e a sociologia pelas mudanças ocorridas no grupo de acordo com a superestrutura econômico-social na qual este estava inserido. Desta maneira, as duas disciplinas também discordavam a respeito das observações realizadas em um “grupo terapêutico”, o que levava o autor a defender que esse grupo terapêutico seria um importante “campo experimental para o estudo dos

fenômenos coletivos”. Para isso, o grupo precisaria ter três características essenciais: a primeira, ser formado por um número pequeno de pessoas, no máximo 20; a segunda, se reunir em grupo regularmente, o que o levaria a “ir forjando sua história”; e a terceira, ser dirigido “de uma certa maneira”⁷⁴ por um terapeuta. Assim, ele concluía que o grupo terapêutico escapava dos problemas tanto da psicologia, que estuda “elementos demasiado simples”, como da sociologia, que estuda “elementos demasiado complexos”, e, portanto, defendia a necessidade de uma nova metodologia para o estudo dos grupos (RODRIGUÉ, 1954: 108).

Na continuação do artigo, Rodrigué citava o texto de Freud de 1921, “Psicologia das massas e análise do eu”, como já indicando o fato de que certos fenômenos que ocorriam na análise individual, como a transferência, poderiam ser estendidos para a análise de grupos. Mas, para o autor, quem deu o grande passo para a compreensão da natureza dos grupos foi mesmo Bion, que “foi o primeiro a focar o grupo em função dele mesmo”, observando, sem ideias preconcebidas, o que ocorria no interior deste. Assim, o psicanalista inglês teria descoberto que “o grupo forma uma totalidade psicológica; que essa totalidade tem uma forma de expressão comunal e que essa expressão do grupo pode ser influenciada e interpretada pelo terapeuta” (RODRIGUÉ, 1954: 109).

A técnica desenvolvida por Bion, para Rodrigué, possuía como característica básica o fato de que não se recomendava dirigir o grupo nem determinar o que os membros devem fazer ou qual é o seu papel, de acordo com a ideia expressa no título do artigo de Bion, do “grupo sem líder”. Para o psicanalista argentino, “essa atitude de limitar-se a interpretar dentro de um marco transferencial é essencialmente similar à que adota o psicanalista”, e, desta maneira, “sua técnica é seguida pela maioria dos analistas que, neste país, se dedicam à psicoterapia de grupo” (RODRIGUÉ, 1954: 109), uma indicação de que já havia um conjunto de psicanalistas argentinos, nessa época, que utilizavam tal psicoterapia.

A seguir, Rodrigué resumia alguns dos conceitos básicos da teoria de grupos de Bion: a ideia de valência, uma atitude irracional e instantânea que inibiria a parte racional do grupo; as chamadas *basic assumptions*, características que um grupo poderia assumir e para cada qual Bion distinguia um tipo de líder, que, ao contrário da teoria clássica, seria “aquele que melhor interpreta ou simboliza as necessidades atuais do

⁷⁴ Rodrigué destaca este termo, no texto, com itálico.

grupo”. Rodrigué também criticava, no artigo, elementos da teoria de Bion que considerava obscuros e mal definidos. Por exemplo, ele destacava a importância, nas atividades de grupo, da cooperação inconsciente, que, segundo o autor, Bion não levava em conta. O autor também criticava a afirmação de que só uma SB poderia estar presente em cada momento do grupo, questionando se não seria possível a coexistência de mais de uma, estágios transicionais entre elas e mesmo a existência de outras SBs, cujas características não teriam sido descritas por Bion (RODRIGUÉ, 1954: 109-112).

Próximo ao final do artigo, Rodrigué contava como vinha sendo sua experiência no trabalho com grupos: ele trabalhava com grupos terapêuticos “fechados”, com um número fixo de pacientes, no caso nunca passando de oito membros. Para a composição do grupo, ele seguia um critério diverso do mais comum, que era de fazer “um grupo o mais homogêneo possível, ou seja, que o integrassem pacientes de um mesmo sexo, de uma idade e nível cultural aproximados e adoecendo de um transtorno comum”. Ele afirmava que este critério acabava por produzir, de acordo com sua experiência, grupos com “falta de variedade e vivacidade de atitudes e com uma excessiva concentração no problema comum”. Devido a isto, preferia formar grupos mistos com problemas e personalidades diferentes (RODRIGUÉ, 1954: 112).

Como conclusão, Rodrigué discutia a relação entre as teorias de Bion e os conceitos psicanalíticos:

O autor [Bion] assinala que, para operar com liberdade no campo dos fenômenos de grupo, preferiu criar uma série de conceitos e inventar sua terminologia. Aqui se coloca um problema que pode ser formulado do seguinte modo: convém (ou é lícito) transportar a um novo campo – o grupo, neste caso – conceitos psicanalíticos que foram definidos e cujo sentido foi precisado em relação com o campo bipessoal da transferência? Creio que a atitude de formular novos conceitos para uma nova situação é a mais acertada (RODRIGUÉ, 1954: 113).

Posteriormente, em *Separações necessárias*, de 2000, Rodrigué reafirmava a influência de Bion na sua concepção de psicanálise de grupos: “eu lhe devo [a Bion] meu interesse pelos grupos. (...) Suas concepções foram um marco na história da psicologia social. Para mim ele foi um líder carismático. Fui observador em um de seus grupos: suas intervenções tinham um caráter estranho, meio profético, meio poético” (RODRIGUÉ, 2006: 63). Segundo Heliana Rodrigues, a convite dos psicanalistas Adelheid Koch e Mário de Almeida Prado, Rodrigué veio ao Brasil entre 1954 e 1955, para “ministrar seminários e supervisões necessários à formação de psicanalistas”

(RODRIGUES, 2007). É possível que já nesta época seus seminários e supervisões enfatizassem as terapias de grupo.

Em 1955, Rodrigué foi um dos fundadores da Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo (AAPPG) (RODRIGUES, 2007); segundo o autor, escrevendo em 2000, na época, outros três analistas, “Johnny Morgan, Raul Usandivaras e Jorge Mom” também estavam trabalhando com grupos, e eles se reuniram com o objetivo de criar uma associação. Dois anos após, Rodrigué foi um dos autores, ao lado de dois importantes membros da APA e também fundadores da AAPPG, Leon Grinberg e Marie Langer, de um livro sobre terapias grupais, intitulado *Psicoterapia del grupo. Su enfoque psicanalítico*. Segundo ele, os outros membros da associação criticaram o fato de não terem sido convidados para também serem coautores do livro, e isto teria acabado por “cindir o grupo” (RODRIGUÉ, 2006: 69). O livro foi publicado pela Editorial Paidós, de Buenos Aires, em uma coleção chamada “Biblioteca de Psiquiatria, Psicopatología y Psicossomática”, da qual era o volume de número 20⁷⁵; foi publicado inicialmente em 1957, saiu em uma segunda edição, revista e aumentada, em 1961, uma terceira edição em 1971 e uma quarta edição em 1974, que é a edição que dispomos da obra, sempre pela mesma editora Paidós. Na segunda orelha, que apresenta uma biografia dos autores, o maior destaque era dado a Leon Grinberg, analista didático e professor do Instituto de Psicanálise, que havia sido presidente da APA⁷⁶ e, durante vários anos, vice-presidente da IPA e diretor do Conselho Didático das Sociedades Psicanalíticas Latino-Americanas. Grinberg era também retratado como “um pensador original e criativo, que segue em seus estudos a linha do pensamento psicanalítico argentino, integrando os conceitos fundamentais de Freud com as mais valiosas contribuições da escola psicanalítica inglesa de Melanie Klein”, além de ter descoberto “fatos novos e esclarecedores”. Já Marie Langer era apresentada como psicanalista didática da APA, tendo ocupado vários cargos diretivos naquela instituição, mas principalmente como dedicada à investigação dos “problemas psicossomáticos femininos”, tendo publicado pela mesma editora o livro *Maternidade e sexo*

⁷⁵ Observando uma lista dos títulos publicados na coleção, encontramos várias obras de psicanalistas ou relacionadas às psicoterapias grupais, como *A função do orgasmo*, de Wilhelm Reich (n. 2), *Novas direções em psicanálise*, o livro organizado por Melanie Klein e outros psicanalistas para o qual Rodrigué contribuiu com um artigo (n. 10), *O psicodrama analítico na criança*, de Didier Anzieu (n. 19) e, com os números consecutivos de 23 e 24, duas obras fundamentais para a teoria das terapias de grupo: *Experiências em grupos*, de W. R. Bion, e *Psicoterapia psicanalítica de grupo*, de S. H. Foulkes e E. J. Anthony.

⁷⁶ Grinberg foi presidente da APA entre os anos de 1961 e 1964. Antes dele, a presidente tinha sido Marie Langer, de 1959 a 1961. Ver APA, s.d.

(GRINBERG; LANGER; RODRIGUÉ, 1974: segunda orelha). O perfil de Rodrigué era o mais curto dos três:

Dr. Emilio Rodrigué cumpriu sua carreira psicanalítica em Londres. É, na atualidade, *Associated Member* da *British Psychoanalytical Society*, e também membro da *Asociación Psicoanalítica Argentina* e da *Sociedad de Psicología, Psicoanálisis y Medicina Psicosomática*. Já publicou diversos trabalhos científicos e é um dos colaboradores de *New Directions in Psychoanalysis* – livro representativo da “Escola Inglesa”. Em colaboração com G. T. Rodrigué publicou *El contexto del proceso analítico* (Paidós). Realizou sua aprendizagem em psicoterapia de grupo na Clínica Tavistock de Londres (GRINBERG; LANGER; RODRIGUÉ, 1974: segunda orelha, grifos no original).

Aqui percebe-se que, na época, o destaque dado à trajetória de Rodrigué era por sua formação em Londres, sua participação na “Escola Inglesa” e sua experiência na Clínica Tavistock. A obra apresentava um prefácio para cada uma das primeiras edições. O da primeira edição, que tem a data de 30 de junho de 1957, começava dizendo que “este é um livro sobre grupos escrito por um grupo”, uma “aventura coletiva” cuja escrita causou grande prazer a eles. Para essa escrita, “pudemos nos reunir na tarefa de esclarecer nossas ideias e de discordar e concordar com nossas conclusões”. Antes de escrevê-lo, tiveram dúvidas se não seria melhor esperar mais alguns anos e recolher uma quantidade maior de experiências clínicas, mas logo se resolveram pela escrita, pois “o tema é jovem para nós e nos contagia com seu otimismo”. A seguir, apontavam que existia “uma real necessidade de um livro que tratasse do tema da psicoterapia coletiva”, pois tal terapia estava entrando “no hospital, na escola, no ensino universitário e na fábrica”, e, ao mesmo tempo, segundo os autores, não existia até aquele momento, em castelhano, “nenhum texto original ou traduzido que trate de maneira ampla da psicoterapia de grupo” (GRINBERG; LANGER; RODRIGUÉ, 1974: 7).

Os autores defendiam que o livro era dirigido para os interessados na psicoterapia de grupo, que haviam participado de seminários ou cursos, mas também para “os estudantes de psiquiatria que buscam orientação no complexo campo da saúde mental e das relações humanas” e, especialmente, para “o médico que enfoca psicossomaticamente ao doente e busca soluções para o difícil problema de tratar integralmente ao paciente hospitalar” e para o pedagogo, que “tem que manejar grupos constantemente”. Por fim, o livro seria indicado para “todas as pessoas interessadas nas relações humanas” (GRINBERG; LANGER; RODRIGUÉ, 1974: 7-8). A seguir,

afirmavam que o livro não era um manual, pelo menos no sentido usual deste termo, pois não pretendia tratar das diferentes correntes existentes no campo nem era eclético, mas, ao contrário, tinha uma orientação definida, que era baseada na obra “de Freud, de Melanie Klein, de Bion e do núcleo de terapeutas formados em torno da Clínica Tavistock, em Londres”. Mesmo assim, afirmavam que o trabalho deles já possuía um “selo distintivo”, uma especificidade, que era a do “núcleo argentino de terapeutas de grupo”. O prefácio era concluído com um agradecimento especial a Beatriz de la Barra de Rodrigué, primeira esposa de Emilio, que, segundo eles, “com muita dedicação e esforço assumiu o papel de ‘núcleo coordenador’ de nossa equipe” (GRINBERG; LANGER; RODRIGUÉ, 1974: 8).

No prefácio à segunda edição, com a data de 31 de julho de 1960, os autores falavam da sua gratidão “pela muito favorável acolhida” que a obra recebeu, o que era demonstrado pela rapidez com que a primeira edição havia se esgotado e pelo fato da obra ter sido publicada, em 1960, em uma tradução para o alemão. Também se referiam ao livro que organizaram em 1959, do qual falaremos logo a seguir, como outra demonstração do grande “interesse do público” pelo tema. Desta maneira, ao invés de simplesmente reimprimirem o mesmo livro, eles o ampliaram e o atualizaram, agregando mais material clínico e reescrevendo certos capítulos teóricos, em especial o capítulo sobre grupos especiais. E terminavam o prefácio apontando para “as novas possibilidades que oferece o conhecimento dos dinamismos grupais e a experiência de seu manejo no campo da didática, da sociologia e, para expressá-lo em uma única denominação, no das *relações humanas*” (GRINBERG; LANGER; RODRIGUÉ, 1974: 10, grifo dos autores).

No prefácio à terceira edição, com a data de 30 de agosto de 1971, os autores já se colocavam em uma posição bem diferente. Reconhecendo que a obra havia se tornado uma espécie de “clássico”, eles concluíam que não valia a pena modificá-la, pois “isto equivaleria a escrever outro livro, ou talvez nenhum, uma vez que agora estamos em problemáticas diferentes e trabalhamos em grupos distintos”. Assim, eles apenas recomendavam ao leitor que tivesse “espírito crítico” e pegasse do livro “o que lhe parecesse mais útil e congruente” (GRINBERG; LANGER; RODRIGUÉ, 1974: 11). Os prefácios demonstram que, ao longo da década de 1960, as posições dos autores se modificaram: Langer e Rodrigué se distanciaram da psicoterapia de grupo como

praticada e teorizada nos livros escritos por eles na década de 1950 e se envolveram com movimentos políticos e cargos institucionais⁷⁷.

Psicoterapia del grupo rapidamente se tornou uma referência teórica no campo da psicoterapia de grupo na América Latina. Apenas um ano depois de sua publicação, o psicanalista brasileiro Walderedo Ismael de Oliveira, num discurso na inauguração da Sociedade Brasileira de Psicoterapia de Grupo, citava o nome dos três autores, Grinberg, Langer e Rodrigué, ao lado dos três psicanalistas ingleses vinculados à Clínica Tavistock que deram contribuições teóricas ao campo: Bion, Ezriel e Foulkes (OLIVEIRA, 1958: 290-291).

Rodrigué, novamente ao lado de Leon Grinberg e Marie Langer, publicou em 1959 uma complementação daquela obra de dois anos antes, intitulada *El grupo psicológico en la terapéutica, enseñanza e investigación*. Este livro era constituído por vários pequenos artigos de psicólogos, psiquiatras e psicanalistas da Argentina e do Brasil buscando focar mais o lado prático da terapêutica de grupo e foi publicado dentro da Biblioteca de Psicoanálisis da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA), uma indicação de que as terapias de grupo, na época, eram aceitas no seio da principal instituição psicanalítica ortodoxa argentina. O livro continha pequenos perfis dos seus três editores científicos e também de todos os colaboradores, em número de trinta. O perfil de Rodrigué, em 1959, destacava sua vinculação a sociedades de psicoterapia de grupo, inclusive no Brasil; do mesmo modo, uma comparação dos perfis dos outros dois editores científicos publicados em 1959 com os de 1957 revela que passou a ser dado mais destaque à participação dos analistas em sociedades dedicadas à psicoterapia de grupo (GRINBERG; LANGER; RODRIGUÉ, 1959: v).

Em uma introdução teórica assinada pelos três editores, eles buscavam definir o “grupo psicológico”: em uma primeira definição, diziam que “o grupo psicológico é a pluralidade de pessoas que, em um momento determinado, estabelecem uma interação precisa e sistemática entre si” (GRINBERG; LANGER; RODRIGUÉ, 1959: 5). Embora não citem o autor nas referências bibliográficas da introdução, eles se utilizaram de conceitos definidos pelo psicólogo norte-americano Mapheus Smith em um artigo de 1945. No artigo, intitulado “Situação social, comportamento social, grupo social”,

⁷⁷ Apenas León Grinberg parece ter continuado a trabalhar diretamente com o conjunto das teorias de Bion na década de 1960, pois, em 1971, publicou, juntamente com Elizabeth Tabak de Bianchedi e Dario Sor, uma *Introdução à obra de Bion*, que é considerada uma referência excelente e muito útil por um dos especialistas contemporâneos na obra de Bion (GROTSTEIN, 2007: xi). Este livro foi traduzido para o português por Walderedo Ismael de Oliveira.

Smith definia um grupo como sendo “uma unidade consistindo em um número plural de organismos separados (agentes), que possuem percepção coletiva de sua unidade e que têm a capacidade e a tendência de agir e/ou reagir de modo unitário frente ao ambiente” (SMITH, 1945: 227)⁷⁸. Para os autores da introdução, essa definição é importante porque caracteriza o grupo como “uma unidade cujo caráter orgânico é percebido por seus integrantes”, o que significa que a psicoterapia deve tratar deste grupo como unidade, e não das manifestações individuais de seus participantes (GRINBERG; LANGER; RODRIGUÉ, 1959: 6).

Das referências teóricas citadas pelos autores, entre os psicanalistas que trabalharam em Tavistock, o único que ainda não destacamos é H. Ezriel⁷⁹, com três artigos citados publicados em diferentes revistas médicas e de psicanálise na década de 1950. Assim, percebe-se que o chamado Grupo de Tavistock, com a sua ênfase na importância do grupo como uma entidade, em especial Bion, Foulkes e Ezriel (MacKENZIE, 1992: 105), foi a grande referência teórica para os analistas argentinos.

Em *Separações necessárias*, Rodrigué fez algumas considerações gerais sobre os grupos e seu trabalho com eles: “Os grupos são ainda mais misteriosos que as mulheres. Na maior parte do tempo, quebra-se a cabeça para compreender o que se passa. Mas há momentos fulgurantes, nos quais o grupo funciona como uma orquestra inspirada”. A seguir, apontava, ao contrário da maioria dos teóricos sobre a psicoterapia de grupo, que “costuma-se dizer que um grupo é menor que a soma das partes”, mas citava uma obra de ficção científica que apresentava a história de vários “deficientes”, segundo ele, que tinham algum sentido superdimensionado, e que, ao se juntarem, formavam um supergrupo, para concluir que “todo grupo é uma espécie de débil mental dotado de talentos parciais”⁸⁰ (RODRIGUÉ, 2006: 68).

Mesmo posteriormente, Rodrigué continuou utilizando e defendendo as terapias grupais como solução para a questão do pequeno número de pacientes que tinham atendimento analítico. Em *Separações necessárias*, ele conta que, na década de 1960, Hernán Kesselman, um de seus grandes colegas e amigos, foi nomeado professor de

⁷⁸ Grinberg, Langer e Rodrigué citam a definição como sendo do “grupo psicológico”, mas no artigo original o autor se refere ao “grupo social”.

⁷⁹ Henry Ezriel (1910-1985), como Foulkes, emigrou para a Inglaterra na década de 1930. Nos primeiros anos do pós-guerra, filiou-se ao grupo kleiniano de psicanalistas e passou a trabalhar na Clínica Tavistock, ao lado de Bion. Posteriormente, publicou suas contribuições teóricas sobre a psicoterapia de grupos, mantendo-se próximo ao modelo de Bion, mas permitindo mais abertura para interpretações individuais. Ver MacKENZIE, 1992: 105.

⁸⁰ A obra citada é *More than Human*, do escritor norte-americano Theodore Sturgeon, publicada pela primeira vez em 1953. Ver também o subcapítulo 4.2.

Psicologia Médica no Hospital de Clínicas de Buenos Aires, e seus colegas foram chamados para trabalhar com ele. Rodrigué ficou encarregado do serviço de admissões e afirma que teve uma ideia, que chamou de “grupo de espera”, para resolver um dos problemas do serviço, que era o tempo demasiado longo de espera para as admissões. Afinal, “tradicionalmente, em todos os hospitais, o paciente chegava, pegava um número e tinha que esperar mais de uma semana antes de ser recebido numa breve entrevista individual”, enquanto com o grupo de espera, “o paciente chegava, uma secretária preenchia sua ficha e ele era recebido no mesmo dia numa admissão coletiva”, na qual os pacientes eram divididos em subgrupos e cada um ficava com dois ou três terapeutas. Os pacientes passavam por duas ou três sessões dessas, mas desde o primeiro dia também participavam de consultas individuais, o que também indica que ele aqui aproveitava elementos de sua experiência em Austen Riggs, que veremos no próximo subcapítulo. E ele concluía, mais uma vez fazendo referência a Bion: “a outra vantagem era que os estudantes podiam assistir às reuniões como observadores. Elementar, meu caro Bion” (RODRIGUÉ, 2006: 161-162).

1.4. “Como sorvete de casquinha”: Estados Unidos e a comunidade terapêutica, de 1958 a 1962

Na pesquisa para a elaboração de seu artigo sobre o caso de Raúl, citado acima, Rodrigué se interessou por uma menção à obra da filósofa norte-americana Susanne K. Langer (1895-1985). A referência havia sido feita por Marion Milner⁸¹, outra analista kleiniana, em um artigo publicado no mesmo livro organizado por Melanie Klein, com o título de *New Directions in Psychoanalysis*, no qual apareceu o texto de Rodrigué sobre Raúl⁸². Este era o conteúdo da extensa nota de rodapé de Milner:

Infelizmente, não consegui, antes de escrever este artigo, ler a detalhada discussão de S. Langer sobre a natureza e função do simbolismo, uma vez que sua obra ainda não havia sido publicada na Inglaterra e não consegui obter uma cópia. Tivesse tido acesso ao livro a tempo, teria feito referência específica a algumas das afirmações de Langer sobre fala e simbolismo. Particularmente relevante para o meu problema é a ênfase dela nas vantagens de pequenos sons feitos com partes do corpo como meios de formação simbólica. Uma dessas vantagens é a intrínseca falta de importância, apenas por si sós, desses sons. Isto se relaciona ao meu ponto sobre a efetividade dos

⁸¹ Sobre Marion Milner, Rodrigué comentou em *Separações necessárias* que sua gentileza o inibia. Ver pág. 65.

⁸² O título do artigo de Milner era “The Role of Illusion in Symbol Formation”, e foi publicado como capítulo 5 do livro.

brinquedos como um meio de pensamento e comunicação sendo devida à sua maleabilidade, ou seja, o fato de suas reais qualidades não serem importantes para seu uso prático, de maneira que elas podem receber significados arbitrários ou convencionais e assim serem utilizados como uma linguagem (MILNER, 1955: 99, n. 1. Trad. minha).

Langer foi uma filósofa que escreveu especialmente sobre lógica simbólica, arte e estética. Filha de alemães, ela foi uma das primeiras mulheres norte-americanas a ser reconhecida profissionalmente como filósofa e a ter uma carreira acadêmica no campo (PRICE, 2000). A referência de Milner era ao livro mais conhecido de Langer, *Filosofia em uma nova chave* (1942). Nesta obra, a autora dava prosseguimento à teoria desenvolvida pelo filósofo alemão Ernst Cassirer (1874-1935) de que o fator que distingue o homem dos animais é sua capacidade de simbolizar⁸³, e expandia o conceito apontando que a “criação de símbolos é a atividade essencial da arte, mito, ritual, ciências, matemáticas e filosofia” (PRICE, 2000). A citação de Milner é exatamente em relação ao aspecto simbólico da elaboração infantil, uma questão importante para os discípulos de Melanie Klein.

A reação de Rodrigué ao ler a referência foi buscar o livro de Langer, que conseguiu comprar rapidamente. Segundo ele, “nunca um livro me produziu tanto efeito”. Na mesma noite, ele escreveu uma carta para Langer, dizendo que graças a ela, ele se sentira inteligente, e desejava se tornar seu discípulo. A carta não foi respondida, então após seis meses Rodrigué enviou outra, “fogososa e insinuante”; após mais seis meses, novamente sem resposta, mais uma, “ainda mais fogosa”. Finalmente, após um mês, ele recebeu uma breve resposta: “Susanne Langer me dizia que era uma pesquisadora solitária e sem discípulos, mas que, tendo em vista minha insistência elefantésca (a expressão não é dela, mas era mais ou menos o que ela deixava entender), ela poderia fazer uma exceção” (RODRIGUÉ, 2006: 72-73; PERES, 2004b: 26).

Ela também recomendava que ele buscasse trabalho na comunidade terapêutica de Austen Riggs, próxima à casa da filósofa. Assim, ele enviou foto e currículo ao Dr. Robert Knight, diretor de Austen Riggs, e mudou-se, com mulher e filhos, para os Estados Unidos seis meses após o envio da carta; lá ele ficaria durante quatro anos, de 1958 a 1962. Segundo ele, “já conhecia a clínica de nome, tinha ouvido falar dela na minha estada anterior na Tavistock” (RODRIGUÉ, 2006: 73; RODRIGUES, 2007). Curiosamente, pela narrativa de Rodrigué, ele só procurou se vincular a uma clínica na

⁸³ Em especial em suas obras *Filosofia das formas simbólicas*, em 3 volumes (1923-1929) e *Linguagem e Mito*, de 1946, cuja tradução para o inglês foi feita por Susanne Langer. Ver FRIEDMAN, 2016.

qual trabalhavam alguns dos psicanalistas de mais destaque na época após uma indicação de uma filósofa. Embora Langer se ocupasse dos aspectos psicológicos da criação de símbolos em sua obra, ela citava poucas vezes a psicanálise e Freud; no entanto, um trecho do seu prefácio à terceira edição da obra, em 1956, pode fornecer alguns elementos para entendermos o que interessou tanto a Rodrigué em seu livro:

(...) [este livro] proclama ainda a obra de uma brilhante, embora estranhamente sortida, geração intelectual – Whitehead, Russell, Wittgenstein, Freud, Cassirer – para mencionar apenas alguns – que lançaram o ataque contra o tremendo problema do símbolo e significado e estabeleceram o princípio fundamental do pensamento filosófico de nossos dias (LANGER, 1971 [1956]: 13).

O que merece ser destacado neste trecho é que Freud está colocado ao lado de outros quatro filósofos da primeira metade do século XX, e sendo tratado como um dos autores que “estabeleceram o princípio fundamental do pensamento filosófico” da época, que vinha a ser, de acordo com Langer, a questão do pensamento simbólico e dos significados semânticos, daí a “nova chave” do título de sua obra. Também podemos supor que o contato com Langer ocorreu em um momento em que Rodrigué acabava de ser desvinculado, por assim dizer, de dois grupos dos quais participava anteriormente: dos psicanalistas kleinianos, que, segundo ele, o abandonaram por ter ficado ao lado de Paula Heimann, e da APA, da qual mais uma vez havia saído depois de desentendimentos pessoais com outros analistas. Neste contexto, o contato com uma filósofa especializada em lógica simbólica, que naturalmente não se vinculava a nenhuma corrente psicanalítica, e, além disso, uma pessoa que vivia sozinha e que havia abandonado a carreira acadêmica para continuar escrevendo, como veremos a seguir, pode ter apelado a Rodrigué como uma certa possibilidade de estabilidade em meio a tantos acontecimentos tumultuosos da época.

Langer, na época em que Rodrigué a conheceu, havia abandonado a carreira acadêmica e passado a viver sozinha, em uma casa isolada, em um povoado de Connecticut chamado Mystic. Toda quinta-feira, Rodrigué passava o dia com ela, estudando e discutindo seus textos. Ele a chama de “eremita” e descreve como ela vivia: “A casa de Susanne Langer ficava no meio de uma floresta de pinus, sem nenhum vizinho nas cercanias. Era uma casa rústica, de madeira, cujo interior era forrado de livros. Livros, arquivos e mesas de trabalho cercavam uma grande lareira na qual Susanne preparava suas refeições”. A própria Susanne era descrita por Rodrigué como já tendo passado dos setenta anos, “espigada e seca, com um rosto germânico e

estranhos olhos azuis esbugalhados”, pouco falante e interessada apenas em discussões teóricas. Segundo Rodrigué, “então compreendi por que ela levou tanto tempo para me responder: tinha fobia de gente” (RODRIGUÉ, 2006: 90). Mesmo com essas diferenças de personalidade entre os dois, Rodrigué aponta que aprendeu muito com a filósofa, sobre a obra de Cassirer e a lógica simbólica, e principalmente o que ele diz que pode ser resumido na fórmula “É assim mesmo?”, a “duvidar da palavra, mesmo quando escrita” (RODRIGUÉ, 2006: 91).

A experiência em Austen Riggs, que Rodrigué descreveu posteriormente nos livros *Biografía de una comunidad terapéutica* e *Separaciones necesarias*, foi marcante para a sua trajetória. A clínica, que está ativa até hoje, está localizada na pequena cidade de Stockbridge, no oeste do estado norte-americano de Massachussets. Rodrigué a descreve como “um maravilhoso povoado de dois mil habitantes” e diz que, “encravada nas florestas de Berkshire, o verde umbigo da Nova Inglaterra, a dois passos de Woodstock”, Stockbridge era classificada como patrimônio histórico, por ser “o melhor representante da arquitetura bostoniana, uma joiazinha”. A própria arquitetura da clínica chamou a atenção do psicanalista, que na narrativa posterior a retrata como se fosse feita de doces, com um olhar semelhante ao de uma criança: “O telhado da Austen Riggs Clinic era de marzipã, suas janelas, de caramelo ambarado e a biblioteca, de mil-folhas” (RODRIGUÉ, 2006: 76).

A clínica era “de luxo, com lago e quadra de tênis, financiada em parte pela Fundação Ford, em parte por generosos doadores”. Os próprios pacientes, em geral de famílias ricas, entravam voluntariamente na clínica, de acordo com Rodrigué. Na época em que ele trabalhou nela, as quarenta e duas vagas estavam sempre ocupadas (RODRIGUÉ, 2006: 76-77). Em *Separaciones necesarias*, ele faz um resumo de como funcionava a clínica e o tipo de paciente que ela atendia:

O pessoal era composto de quatorze psiquiatras, oito psicólogos, seis professores (teatro, cerâmica, jardinagem, etc.) e seis enfermeiras. Um número quase igual de pacientes e de pessoal especializado, ao qual devem ser acrescentados os bibliotecários, os secretários e o cozinheiro nutricionista.

A idade média dos pacientes era, nos anos 1970⁸⁴, de vinte e cinco anos e a duração da permanência, de sete meses. A maioria deles havia começado estudos universitários que não pôde terminar. Afora um pequeno número de toxicômanos e alguns casos de neuroses graves, a maioria dos pacientes era *borderline* (RODRIGUÉ, 2006: 77. Grifo do autor).

⁸⁴ Curiosamente, Rodrigué cita aqui dados de uma época posterior à sua passagem por Austen Riggs.

A seguir, ele criticava essa categoria diagnóstica de *borderline*, dizendo que era “um saco de gatos nosológico que se apoia mais no prognóstico do que no diagnóstico”, para depois resumir o conceito como sendo de um paciente “que se situa na fronteira da loucura, mas continua a funcionar” (RODRIGUÉ, 2006: 77).

Em relação ao tratamento, os pacientes da clínica passavam por quatro sessões, de caráter analítico, toda semana, além de discutir seus problemas com um tutor designado. Também, em grupos de dez pacientes, participavam de reuniões, com um terapeuta e uma enfermeira, nas quais se discutiam, entre outras coisas, aspectos da gestão da clínica. Os pacientes participavam de várias comissões de cogestão: o “comitê central”, o “comitê de atividades”, que se encarregava de educação e lazer, e o “comitê de trabalho”, que coordenava o trabalho dos próprios pacientes, que recebiam um salário por isso⁸⁵. Como aponta Rodrigué, isto era uma característica de uma comunidade terapêutica: “uma comunidade terapêutica é como sorvete de casquinha: come-se o sorvete e a casquinha. A comunidade é em si terapêutica” (RODRIGUÉ, 2006: 78-79).

Pela narrativa posterior de Rodrigué, o trabalho em Austen Riggs era bem mais leve do que a rotina anterior como psicanalista na Argentina: “Para um analista argentino habituado a trabalhar cinquenta horas por semana em consultório, Austen Riggs era um País dos Prazeres. Ali, eu me ocupava de no máximo quatro pacientes, isto é, dezesseis horas por semana”. Ainda mais, “almoçávamos na clínica (comida chinesa nas terças-feiras), depois jogávamos pingue-pongue. Às 17:45h, uma campainha nos avisava de que a sessão estava terminada e era preciso sair da sala (uma vez um médico havia sido agredido por um paciente quando não havia mais ninguém no local)” (RODRIGUÉ, 2006: 79).

Além disso, Rodrigué havia chegado aos Estados Unidos com experiência psicanalítica: “eu tinha trinta e cinco anos e já numerosos anos de divã atrás de mim; meus companheiros tinham dez anos menos e, psicanaliticamente, eram marinheiros de primeira viagem”; outros dois elementos também favoreceram seu trabalho: ser analista

⁸⁵ Embora Rodrigué não entre em detalhes, em *Separações necessárias*, sobre quais as opções de trabalho ou atividades que os pacientes de Austen Riggs poderiam escolher, uma comparação com a comunidade de Northfield no final da década de 1940, descrita no subcapítulo anterior, pode esclarecer um pouco sobre essas possibilidades: Harold Bridger aponta que, em Northfield, pacientes podiam escolher trabalhar em um jornal ou uma rádio da comunidade, praticar dança e música, pintar quadros, trabalhar como pintores, carpinteiros, marceneiros ou jardineiros ou mesmo praticar esportes, como o jogo de tênis (BRIDGER, 1990: 80). Em Austen Riggs, atualmente, existem várias atividades possíveis para os pacientes (ver página 73).

didata, “o que, na época, tinha muito valor” e a sua experiência com terapia de grupos que vinha da Argentina e que, segundo ele, foi extremamente útil em Austen Riggs (RODRIGUÉ, 2006: 97). Devido à essa experiência, em pouco tempo ele já coordenava quatro grupos e, logo após, foi nomeado chefe do Comitê Central: “meu salário triplicou, meu tempo de trabalho se reduziu: passei de quatro para dois pacientes a fim de me dedicar ao estudo da comunidade” (RODRIGUÉ, 2006: 80), o que permitiu que ele começasse a fazer as pesquisas para a escrita do livro *Biografía de una comunidad terapêutica*.

Na comunidade, ele também teve contato com vários psicanalistas de destaque, em especial os três diretores da clínica na época, que Rodrigué chama de “notável trio”. Um deles era David Rapaport (1911-1960), um psicanalista húngaro de origem judaica muito reconhecido por suas contribuições teóricas para a psicanálise. Rapaport havia emigrado para os Estados Unidos em 1938, e trabalhado na Clínica Menninger, no Kansas, até 1948, quando se mudou para Austen Riggs. Em um obituário escrito em 1961, o também psicanalista Merton Gill aponta que Rapaport praticava pouco a psicanálise, preferindo se ocupar de questões teóricas, mas nunca deixou de conduzir e analisar testes e experimentos clínicos, de maneira que conseguiu, tanto em Menninger como em Riggs, “criar para si mesmo uma combinação pouco comum na qual ele melhor produzia – um cargo acadêmico em um ambiente clínico” (GILL, 1967: 4. Trad. minha).

Segundo o próprio Rodrigué, Rapaport era um “excelente teórico, que se ocupava de um único paciente e passava o resto do tempo estudando”, e “seu seminário era aterrorizante” e temido por todos, pois corria um boato de que ele havia lido *A interpretação dos sonhos*, de Freud, quarenta e sete vezes (RODRIGUÉ, 2006: 77). Por outro lado, Rodrigué também narra um outro episódio, no qual Rapaport tem uma participação mais amigável: em um determinado momento de sua estadia em Stockbridge, Rodrigué se apaixonou por uma egípcia de nome Nara, que era casada com um dos administradores da clínica. Embora ele ainda estivesse casado e morando com Beatriz, sua primeira esposa, conseguiu marcar um jantar com Nara, no qual, segundo ele, ocorreu “um amor cortês e puro, cuja recompensa foi um beijo”. Posteriormente, o marido de Nara, descontente com o acontecido, proibiu os dois de voltarem a se encontrar. Segundo Rodrigué, ele passou “mais de um dia jogado na cama sem poder dormir”, e perdeu “três quilos em vinte e quatro horas”. Quando voltou ao trabalho e se encontrou com Rapaport, contou toda a história a ele, esperando uma dura reprimenda.

No entanto, ele disse: “Doutor Rodrigué, o senhor é um amigo, de modo que não tenho nenhuma interpretação a fazer. Todavia, posso, como amigo, retribuir sua confiança”, e contou um episódio parecido de sua vida em Budapeste, quando era mais jovem. Rodrigué conclui que “essa intervenção produziu em mim um enorme impacto. Ela equivalia a meses de divã e selou uma curta amizade” (RODRIGUÉ, 2006: 92-93). Aqui aparece um elemento frequente na narrativa de Rodrigué sobre sua trajetória: os contatos pessoais e de amizade importam mais para ele e produzem mais lembrança do que os contatos profissionais, como no caso de Rapaport, que, enquanto teórico em seus seminários, era aterrorizante, mas quando se colocou na posição de amigo e confidente, ganhou a afeição de Rodrigué. Rapaport morreu repentinamente de ataque cardíaco em dezembro de 1960, quando Rodrigué ainda estava trabalhando em Austen Riggs. O livro *Biografía de una comunidad...* é dedicado a ele.

Os outros dois integrantes do “notável trio” eram Robert P. Knight, também proveniente da Clínica Menninger, em Topeka, Kansas⁸⁶, como Rapaport, e que assumiu a direção de Austen Riggs em 1947⁸⁷ e Erik Erikson (1902-1994), um psicanalista e psicólogo que também conduzia aproximações com outras disciplinas, como a antropologia⁸⁸. Nascido na Alemanha, com o nome de Erik Homburger, ele foi o primeiro discípulo de Anna Freud e tornou-se um psicanalista especializado em crianças e adolescentes. Na década de 1930, emigrou para os Estados Unidos, modificou seu nome (adotando Erik Erikson, que significava simplesmente Erik, filho de Erik) e naturalizou-se americano (ROUDINESCO; PLON, 1998: 178-179). Erikson trabalhou na clínica de 1951 a 1960. Rodrigué aponta que Erikson era o autor, segundo ele, de três grandes livros: *Infância e sociedade* (1950), que trata do desenvolvimento infantil em diferentes culturas e sociedades, e suas duas “psicobiografias”, ou biografias psicanalíticas, de Martinho Lutero (1958) e Mahatma Ghandi (1969). Rodrigué escreveu um curto prólogo que passou a ser incluído a partir da segunda edição da tradução

⁸⁶ É importante lembrar que foi no Boletim desta mesma clínica que Bion e Main publicaram artigos sobre a terapia de grupo (ver p. 75 e 77). Segundo Gill e Holzman, escrevendo na década de 1970, a Fundação Menninger, que dirigia a clínica, havia atraído a partir da década de 1940 “pessoas com capacidades extraordinárias”, em parte porque “as universidades não estavam fornecendo treinamento adequado para os psicólogos clínicos”, e Menninger foi uma pioneira em “desenvolver programas de treinamento clínico psicanaliticamente orientados para psicólogos” (GILL; HOLZMAN, 1976: 6).

⁸⁷ Nesse mesmo ano, Knight assumiu a presidência tanto da Associação Psiquiátrica Americana quanto da Associação Psicanalítica Americana. Ver “History. Austen Riggs Center”.

⁸⁸ Seu livro *Infância e Sociedade* inclui capítulos sobre a infância em sociedades nativas norte-americanas, e em seus agradecimentos Erikson cita quatro antropólogos norte-americanos: Gregory Bateson, Ruth Benedict, Martin Loeb e, com destaque especial, Margaret Mead (Ver ERIKSON, 1973: 15).

argentina de *Infância e sociedade*, em 1966. Nele, mantendo a tendência de preferir contar anedotas do seu convívio pessoal com os psicanalistas a elaborar sobre as contribuições teóricas destes, o que ele justificava no caso de Erikson por dizer que “o contato fora do livro permite uma compreensão mais plena e matizada do que o autor escreve”, Rodrigué contava o que teria ocorrido quando Erikson, poucos dias antes do Natal, estava esperando pelo embarque em um aeroporto; uma criança “de pouco mais de 12 anos” se aproximou e perguntou a ele com um sorriso: “Desculpe, senhor, mas o senhor não é o Papai Noel?”. A partir desta anedota, Rodrigué concluía que “a poucas pessoas poderia ocorrer algo assim”, e que a história mostrava “a sensação contagiosa de boa vontade, de humor e de cordialidade que o recipiente da pergunta inspirou em uma adolescente”, para mais à frente concluir que “Erikson não é o Papai Noel, mas o compreende tão bem como se fosse”. Em relação a aspectos teóricos da obra de Erikson, Rodrigué apontava que a grande contribuição do autor havia sido continuar o esquema delineado inicialmente por Freud e Abraham do desenvolvimento da personalidade da pessoa, abrangendo do nascimento até a morte. Erikson defendia que entre os diferentes estágios da personalidade acontecem eventos denominados de “crises”, e que a aparição das crises não se devia apenas a fatores biológicos, mas também a fatores psicossociais, que se tornavam cada vez mais predominantes à medida em que a pessoa envelhecia. Rodrigué concluía que “esta concepção é profundamente frutífera na clínica” (RODRIGUÉ, 1966: 15-16).

Segundo Rodrigué, os três diretores da clínica se respeitavam e se admiravam mutuamente, o que fazia com que as reuniões de discussão de casos clínicos fossem “um verdadeiro prazer” de serem assistidas. Rodrigué deixa claro, no entanto, sua predileção pelo estilo de Erikson: “Nesse trio inspirado, Erikson tinha a batuta. Em geral, os culturalistas voam baixo, mas Erikson descrevia os casos clínicos com um incrível sentido do teatro” (RODRIGUÉ, 2006: 77). Com tantas figuras de destaque, a comunidade de Austen Riggs, na década de 1950, tornou-se o centro da “psicologia do ego americana”⁸⁹, como aponta seu *site* atual⁹⁰. Mas também pode-se perceber como as

⁸⁹ A chamada psicologia do ego americana foi uma escola de psicanálise, inspirada pelos escritos de Anna Freud, que se concentrava nos mecanismos de defesa do ego. Seus primeiros autores buscavam a elaboração de uma psicologia geral, derivada da biologia evolucionária, que explicaria todos os aspectos do comportamento humano. Rapaport foi considerado o seu grande sistematizador teórico, em especial em sua obra *The Structure of Psychoanalytic Theory*, de 1960. Erikson, no entanto, já em obras como *Infância e sociedade* questionou a preponderância dos fatores biológicos na psicologia do ego, chamando a atenção para fatores sociais e culturais, como Rodrigué apontava no prólogo ao seu livro. A psicologia do ego dispôs de um virtual monopólio sobre a psicanálise norte-americana entre as décadas de 1950 e

fronteiras entre as especialidades da psicanálise, psiquiatria e psicologia eram pouco nítidas no ambiente da clínica, onde seus diretores eram reconhecidos igualmente em cada uma das três disciplinas. Outra comprovação disto está no título do primeiro volume de trabalhos técnicos editado pelo centro, em 1956: *Psychoanalytic Psychiatry and Psychology: Clinical and Theoretical Papers* [Psicologia e Psiquiatria Psicanalíticas: Artigos Clínicos e Teóricos].

Rodrigué, posteriormente, se referiu ao contato com Erikson e Rapaport como a grande contribuição que obteve por sua passagem por Austen Riggs. Por exemplo, em um trecho do prólogo da biografia de Freud escrita em 1995 que está citado no início deste capítulo, após citar vários analistas britânicos com os quais teve contato na sua época de estudos em Londres, ele dizia ter “trabalhado, por mais de três anos, na mesma clínica que David Rapaport e Erik Erikson” (RODRIGUÉ, 1995: 30). Esse contato, ocorrido após a formação feita com Melanie Klein e alguns de seus discípulos, foi muito utilizado posteriormente por Rodrigué como forma de legitimação dentro da tradição psicanalítica; afinal, ele havia trabalhado com alguns dos nomes mais importantes do campo nos dois países de língua inglesa. Devido a isto, o psicanalista Gregorio Baremlitt fez uma superlativa e bem-humorada comparação, em um depoimento de 2008:

[Emilio Rodrigué] se psicanalisava com Paula Heimann (discípula predileta de Melanie Klein), supervisionava seus casos com a própria Sra. Klein, assim como com Herbert Rosenfeld, Donald Winnicott e Ana (*sic*) Segal. Estudava filosofia com Susanne Langer. (...) Foi morar numa comunidade terapêutica, onde trabalhou com Rappaport e Erik Erikson. Uma formação assim, naqueles tempos, era mais ou menos como ter-se analisado com Freud, supervisionado seus casos com Anna Freud... e ter-se confessado com São Pedro (BAREMLITT, 2008b: 206).

A experiência em Austen Riggs também foi importante posteriormente, quando Rodrigué se estabeleceu na Bahia. Segundo um depoimento do psicanalista Jairo Gerbase, em 1974, quando Rodrigué foi chamado pela primeira vez para Salvador, ele também fez “uma exposição sobre comunidade terapêutica”, a partir do seu trabalho em Austen Riggs, na Casa de Saúde Ana Nery (GERBASE, 2014: 68).

1.5. *Biografía de una comunidad terapéutica*

1970, quando passou a ser questionada por outras teorias. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 169-171; WALLERSTEIN, 2002.

⁹⁰ “History. Austen Riggs Center”.

Biografía..., o primeiro livro assinado por Rodrigué como único autor, foi publicado em 1965 pela Editorial Universitaria de Buenos Aires (Eudeba), dentro de uma coleção denominada Temas de Eudeba/Psicología. Alguns outros livros publicados na mesma coleção foram *Psicología de la conducta*, de José Bleger (também citado na bibliografia da obra), *Breve historia de la psiquiatria*, de E. H. Ackerknecht, *Problemas psicopatológicos en pediatría*, de Telma Reca e colaboradores, e *Manual de psiquiatria*, de Mauricio Goldenberg, que também assinava o prólogo do livro de Rodrigué. A obra era apresentada em seus paratextos, não assinados, como a narrativa da “gênese e o desenvolvimento de um experimento social destinado a modificar a estrutura comunal e a ação terapêutica de um hospital mental”, experimento que durou mais de uma década. Rodrigué “utiliza técnicas tomadas da psicanálise e da psicologia social” para estudar “as crises e os conflitos” que ocorreram naquela comunidade. O enfoque seria o de uma “análise institucional”, o que faz com que sua leitura seja recomendada para vários tipos de profissionais: “o pedagogo, o psicólogo social, o sociólogo e psicólogo fabril, o psiquiatra e o psicólogo clínico”, mas não diretamente para psicanalistas. Rodrigué era descrito como membro didata da APA, posição que ele havia voltado a ocupar após 1962, e membro fundador da Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo (RODRIGUÉ, 1965: paratextos).

O prólogo da obra era assinado pelo psiquiatra argentino Mauricio Goldenberg, com a data de setembro de 1964. Goldenberg (1916-2006) iniciou sua carreira em psiquiatria no Hospício das Mercês, onde entrou em contato com outros psiquiatras bastante ligados à psicanálise, como Enrique Pichon Rivière e Hernán Kesselman⁹¹. Como o próprio Goldenberg contou em um depoimento: “naquela época estava no hospício Pichon Rivière, um jovem brilhantíssimo. Eu o visitava às escondidas, porque se na cátedra [de psiquiatria] soubessem que eu estava me misturando com psicanalistas, estava perdido” (DIAMANT, 2005). Em outro trecho do mesmo depoimento, fornecido na década de 1990, Goldenberg novamente enfatizava que o fato de se relacionar com a psicanálise na época não seria bem-visto pelo seu círculo profissional:

Foi uma situação difícil porque tinha de viver em segredo a minha simpatia pela psicanálise. Ia muito à sala de Pichón. Ele me dizia: “Por que não se envolve diretamente?” Mas se tivesse tornado públicas minhas relações sub-reptícias com a

⁹¹ Kesselman participou do Movimento Plataforma e foi um dos grandes amigos de Rodrigué. Ver subcapítulo 2.4.

psicanálise, não teria chegado a chefe de clínica na cátedra. Havia uma luta mortal. Mas eu tinha muitos amigos analistas e pude ajudá-los (DIAMANT, 2005).

Mesmo apontando a existência deste conflito, Goldenberg, que não era psicanalista praticante, introduziu a terapia individual quando foi encarregado da organização do Serviço de Psicopatología e Neurologia do Hospital de Lanús, em Buenos Aires, criado em outubro de 1956. Inicialmente, o plano de Goldenberg, para lidar com os poucos recursos humanos de que dispunha, era “formar grupos reduzidos e reservar a psicoterapia individual para casos especiais”, além de tratar pacientes com patologias comuns em grandes grupos (DAGFAL, 2009: 435-6). Em seu depoimento, Goldenberg relembra com alegria a organização de Lanús:

Foi fabuloso. Um grande trabalho. Consegui que os psiquiatras tradicionais que lá estavam – uns carcamanos – fossem embora e coloquei gente jovem. O serviço cresceu muito. Havia reflexólogos, psicanalistas, condutivistas... discutíamos muito, pensávamos, defendíamos nossa ideologia. (...) Fomos pioneiros. (...) Não queríamos uma assistência psiquiátrica tradicional. As instituições psiquiátricas, em geral, eram fechadas. Seus recursos terapêuticos eram fundamentalmente biológicos: eletrochoque, insulino-terapia, etc., muito poucos ingredientes psicológicos e psicanalíticos, zero. Então se colocou uma outra maneira de se ver o trabalho. Em primeiro lugar, respeitar as personalidades. Em segundo lugar, um serviço totalmente aberto (DIAMANT, 2005).

Rodrigué, escrevendo em 2000, apontava como Goldenberg, em Lanús, “se cercou de jovens médicos que, muito rápido, brilharam como estrelas de primeira categoria”, dentre eles seu amigo Hernán Kesselman; além disso, Rodrigué destacava que “Goldenberg mantinha muito boas relações com a APA e convidava seus discípulos a se analisarem” (RODRIGUÉ, 2006: 97). O serviço do hospital de Lanús, que inicialmente contava apenas com três psiquiatras, já dispunha, em 1960, de cerca de 50 médicos, recebendo quase 7.000 pacientes por ano (DAGFAL, 2009: 435-6). Se, num primeiro momento, Goldenberg não se referia diretamente à psicanálise em seu serviço, em 1962 já encontramos uma apresentação sua em que dizia que a grande maioria dos pacientes passavam por “terapias de corte psicanalítico”. Para o historiador da psiquiatria Alejandro Dagfal, “seria muita simplificação dizer que Goldenberg era um propagador das ideias freudianas. Na verdade, tudo indica que teve que aceitar a psicanálise por necessidade instrumental, por pressão de um meio profissional que exigia dele cada vez mais” (DAGFAL, 2009: 437). Em um período em que a psicanálise se tornava mais forte na Argentina, a partir da segunda metade da década de 1950,

Goldenberg teve de se adaptar; no entanto, isso não quer dizer que sua experiência no Hospital de Lanús não tenha sido importante para a inserção da psicanálise na Argentina, como conclui Dagfal em um trecho relevante para esta pesquisa, se lembrarmos que Rodrigué era, na época, um dos analistas didatas da APA:

Primeiramente, no que diz respeito aos profissionais, foi, provavelmente, a primeira instituição não afiliada à APA a oferecer uma formação clínica integral, na perspectiva psicanalítica, incluindo supervisões, cursos teóricos e pesquisa. Desta maneira, o “Lanús” tornou-se uma alternativa importante para a formação de elite proposta pela APA, acessível para poucos médicos. Em 1958 a APA contava com apenas 12 psicanalistas didatas, o que, além do fator econômico, limitava muito a quantidade de formandos. Por consequência, o trabalho no hospital, apesar de mal remunerado, tornava-se um bom lugar de formação, que podia ser complementado com grupos de estudos particulares. (...) Tudo isto era um atalho muito atrativo, que estava disponível para os jovens psiquiatras com menos recursos e para os primeiros psicólogos (DAGFAL, 2009: 437).

Portanto, é possível perceber o motivo de Goldenberg ter sido escolhido para escrever o prólogo de *Biografía...*, já que ele era um docente respeitado de psiquiatria na UBA, dirigia um experimento no Hospital de Lanús que era o mais assemelhado à comunidade terapêutica de Austen Riggs que havia na Argentina, além de ter relações de amizade e profissionais com vários psicanalistas argentinos.

Em seu prólogo, Goldenberg elogiava a obra de Rodrigué, “um relato histórico pleno de informações, críticas, comentários e interpretações pessoais”, que constituía “um dos mais sérios trabalhos de investigação institucional (referente à psiquiatria) publicados em língua espanhola”. Para Goldenberg, muito do interesse do livro vinha do fato de ser uma narração da “experiência vivida do autor”, que foi “espectador ao mesmo tempo que coautor e coator” na comunidade terapêutica. Posteriormente, o psiquiatra argentino fazia uma breve história da psiquiatria, para tentar situar a experiência e as inovações de Austen Riggs dentro desse contexto. Para ele, como para vários outros psiquiatras que elaboraram histórias de sua disciplina, o início do século XX marcava um período de crise desta, já que o psiquiatra não tinha possibilidade de curar ou melhorar os transtornos mentais, por dispor apenas da internação e nenhum recurso terapêutico. Além disso, ele apontava os estabelecimentos cheios de “pacientes crônicos e inativos” como caracterizando a psiquiatria da época. No entanto, a partir de um processo que ele chamava de “psicologização da psiquiatria”, foram introduzidos

novos conhecimentos e novas técnicas, como a psicologia experimental e a psicanálise de Freud e seus seguidores, que permitiram à psiquiatria se dinamizar e ampliar seu enfoque teórico (GOLDENBERG, 1965: ix-x). Goldemberg considerava que, durante e depois da Segunda Guerra Mundial, em especial nos Estados Unidos, a psicanálise e correntes dela derivadas se incorporaram “oficialmente” à psiquiatria, ao mesmo tempo em que apareceram as técnicas sociodramáticas⁹² e as contribuições da sociologia e da psicologia social. Como consequência, segundo ele, o psiquiatra agora não mais diagnosticava apenas, mas também curava e prevenia, e as instituições assistenciais psiquiátricas se modificavam de maneira correspondente. Goldenberg também citava o serviço de Lanús que dirigia, colocando-o juntamente a outras tentativas latino-americanas no sentido de comunidades terapêuticas, à época em que escrevia (GOLDENBERG, 1965: xi-xiii).

Analisando os referenciais teóricos citados diretamente por Rodrigué, bem como os que estão implícitos em *Biografía...*, podemos perceber uma busca de novos arcabouços teóricos por parte do autor. Embora ele sempre se considerasse um psicanalista, mesmo em Austen Riggs, as únicas referências a psicanalistas ligados à IPA são os textos sobre terapia de grupos, não havendo nenhuma referência direta a Freud ou a Melanie Klein, por exemplo. O livro apresenta apenas oito referências em sua bibliografia⁹³, mas podemos dividir estas referências em três grupos: o primeiro seria constituído pelas obras que tratavam de aspectos psiquiátricos a partir de um ponto de vista informado pelas ciências sociais, no caso em número de três, *Asilos*, do sociólogo canadense Erving Goffman, *Psychiatry II. A Social Psychological Study of Incontinence*, de Schwartz e Stanton, e *The Change of Culture in a Factory*, de Elliot Jaques. O segundo grupo seria o das obras que falavam diretamente de comunidades terapêuticas, a saber duas, *The Therapeutic Community*, do psiquiatra inglês Maxwell Jones, e *The Community as a Doctor*, de R. Rapaport. Por fim, no terceiro grupo estão duas obras sobre terapia psicanalítica de grupo, *Psicoterapia del grupo*, de Grinberg, Langer e Rodrigué⁹⁴ e *Teoria de la comunicación en terapéutica psicoanalítica*, de D. Liberman, e um livro de um psicanalista argentino marxista, *Psicología de la conducta*, de José Bleger⁹⁵ (RODRIGUÉ, 1965: 189). Se nos concentrássemos apenas nestas obras

⁹² Como o psicodrama, apresentado no subcapítulo 3.4.

⁹³ Destas, falaremos mais detalhadamente, a seguir, das obras de Goffman e de Jaques, porque são citadas mais extensamente e como influências maiores por Rodrigué.

⁹⁴ Sobre este livro, ver o subcapítulo 1.3.

⁹⁵ Sobre Bleger e sua importância para o Movimento Plataforma, ver os subcapítulos 2.2 e 2.4.

citadas diretamente, já veríamos uma utilização e combinação de diferentes referenciais teóricos e terapêuticos por Rodrigué; mas, na introdução que escreveu para o livro, ele ainda citou e incorporou outros referenciais. Assim, para entendermos o processo de apropriação desenvolvido pelo autor neste livro, precisamos, mesmo que rapidamente, apresentar alguns destes autores/teorias utilizados pelo psicanalista argentino.

A obra que Rodrigué afirmava como tendo exercido a maior influência sobre *Biografía...* não era nem a de Goffman nem os textos dos teóricos ingleses sobre a comunidade terapêutica, mas sim “a obra já clássica” de Elliot Jaques⁹⁶, *The Change of Culture in a Factory*. Segundo Rodrigué, ele havia participado de um seminário com o autor no Instituto Tavistock, no qual Jaques contava “sua experiência em psicologia fabril”. Para o analista argentino, o que o interessou na obra de Jaques foi “o enfoque clínico de tomar uma instituição como um paciente”, que Rodrigué tentou aplicar para Austen Riggs em *Biografía...* (RODRIGUÉ, 1965: xvi). O livro de Jaques descrevia um projeto realizado em uma fábrica de metalurgia de Londres, a Glacier Metal Company, que levou a mudanças na organização e na cultura da empresa. Embora o livro tenha se tornado uma referência, posteriormente, para campos como, na época, a psicologia industrial, hoje psicologia organizacional ou do trabalho, e a administração de empresas, não houve demanda pela continuação da experiência em outras empresas (TRIST; MURRAY, 1990).

Na introdução ao livro de Jaques, A. T. M. Wilson, diretor do Instituto Tavistock, apontava que a dificuldade de se observar sistematicamente o comportamento humano e de entender as forças sociais e psicológicas que o influenciam poderia ser mais bem compreendida a partir de uma visão psicanalítica, pois, segundo ele,

cada um de nós, no curso de seu desenvolvimento, estabeleceu dolorosamente um conjunto de suposições em relação ao que é real e o que é importante para determinar o nosso comportamento; (...) essas suposições dão significado às nossas vidas e oferecem alguma proteção do medo e da incerteza; (...) e mesmo tentativas pessoais de modificar tais suposições profundamente enraizadas produzem ansiedade e resistência, que podem ser apenas superadas por um sério esforço psicológico (WILSON, 1951: xiii-xiv. Trad. minha).

⁹⁶ Elliot Jaques (1917-2003) foi um psicanalista canadense que, após a Segunda Guerra Mundial, estabeleceu-se na Inglaterra, onde fez o curso da British Psychoanalytical Society e foi analisado por Melanie Klein. Ele também foi um dos fundadores do Instituto Tavistock de Relações Humanas, em 1948, como vimos no subcapítulo 1.3, e seu livro citado, que descreve os resultados de uma experiência com uma indústria metalúrgica inglesa, saiu em 1951 pela Tavistock Publications, sendo a primeira obra publicada pela editora do instituto (TRIST; MURRAY, 1990).

Para superar essa ansiedade e resistência, eram necessários profissionais especializados, como psicólogos ou psicanalistas. Da mesma maneira, sempre relacionando sociologia e psicanálise, Wilson afirmava que o Instituto Tavistock “considerava o comportamento como determinado por um campo de forças interrelacionadas”, o que fazia com que o trabalho do pesquisador consistisse em descobrir e estudar as características e relações destas forças ao longo de um período de tempo; ao mesmo tempo, ele defendia que uma das grandes descobertas do estudo havia sido de que “forças inconscientes no comportamento grupal e a associação involuntária entre grupos para propósitos dos quais [as pessoas] têm apenas uma tênue percepção” desempenhavam um papel importante no comportamento adaptativo e na resistência a mudanças (WILSON, 1951: xiv-xvii).

No entanto, uma grande ênfase era colocada, na introdução, para demonstrar que o trabalho desenvolvido pelo Instituto e por Jaques não era apenas teórico, embora pudesse ser utilizado para generalizações maiores sobre o comportamento humano, mas também prático, pois a empresa de engenharia era uma “cliente” que havia procurado o Instituto para que mudanças fossem produzidas, e os resultados do experimento eram julgados a partir, também, da opinião dos administradores e trabalhadores da própria empresa. Isto nos leva a uma questão relevante, que é o caráter pragmático desse tipo de aplicação da psicanálise, uma intervenção que buscava, declaradamente, fazer com que os trabalhadores desempenhassem sua função de maneira mais produtiva, sem qualquer questionamento do sistema no qual eles trabalhavam. Neste sentido, tais correntes psicanalíticas justificavam a crítica feita por alguns teóricos e psicanalistas marxistas de que só buscavam a adaptação do trabalhador a um sistema capitalista.

Um outro referencial teórico que Rodrigué mencionava na introdução era a chamada psicanálise interpessoal, baseada principalmente na obra do psiquiatra norte-americano Harry Stack Sullivan⁹⁷ (1892-1949). Rodrigué defendia que havia surgido, desde a primeira metade do século XX, “uma nova ideia na psiquiatria”, cuja primeira formulação teria sido feita por Sullivan em dois artigos publicados no início da década

⁹⁷ Sullivan continuou a ser uma influência para movimentos contestadores na psiquiatria e psicanálise após sua morte. Por exemplo, quando o Grupo Milanês para o Desenvolvimento da Psicoterapia, que teve influência sobre o Movimento Plataforma como veremos no subcapítulo 2.4, foi fundado em 1960, um dos objetivos do grupo era introduzir na Itália a “cultura psiquiátrica e psicanalítica” de alguns autores, entre eles Sullivan. E quando o mesmo grupo organizou na editora Feltrinelli uma coleção intitulada “Psicoterapia e ciências humanas”, o primeiro e vários outros livros da coleção foram escritos de Sullivan. Ver “Presentation of the Journal and History of the Group of *Psicoterapia e Scienze Umane*”.

de 1930, onde desenvolvia a ideia da psiquiatria como “a soma das relações interpessoais”. De acordo com Rodrigué, “o homem, o paciente, para Sullivan, é uma trama de laços e vínculos afetivos que os unem ao próximo em uma forma e estilo especiais. Uma maneira de modificar o homem é alterando, no presente, essa rede de vínculos interpessoais” (RODRIGUÉ, 1965: 1). As relações desta corrente de psicanálise interpessoal, às vezes também chamada escola americana de relações interpessoais, com outras correntes psicanalíticas eram definidas desta maneira em um livro de 1995:

A escola americana de relações interpessoais partilha com a escola britânica de relações de objetos, a psicologia do ego pós-freudiana e a psicologia do *self* uma ênfase comum no estudo psicanalítico da adaptação, do *self*, da realidade, da defesa, da análise de caráter e na modificação da técnica psicanalítica para a análise de transtornos de personalidade. Ao contrário destas outras escolas citadas, a americana não está ligada, seja em espírito ou em linguagem, à teoria clássica (LIONELLS *et al.*, 1995: 3).

Além de Sullivan, Rodrigué citava outros psiquiatras/psicanalistas na introdução: a primeira delas era Anna Freud, em especial por causa dos experimentos feitos com crianças em Hampstead durante a Segunda Guerra Mundial⁹⁸, que, para o psicanalista argentino, comprovavam que toda mudança na estrutura social produzia novos tipos de tensões no grupo, algo que ele apontava como sendo ilustrado em muitos dos capítulos de *Biografia...* (RODRIGUÉ, 1965: 3). Continuava apontando os textos de Bruno Bettelheim (1903-1990), tanto sobre o “meio terapêutico” como também um artigo sobre o comportamento individual e de massa em situações extremas, escrito a partir da experiência do autor em campos de concentração durante a guerra. Rodrigué via este último artigo como revelando “o efeito devastador de uma instituição que mortifica o indivíduo ao negar-lhe toda a nutrição social”, e, portanto, antecipando a ideia das instituições totais, que veremos a seguir com Goffman (RODRIGUÉ, 1965: 4).

A seguir, Rodrigué citava alguns trabalhos com base teórica sociológica e/ou antropológica sobre as instituições de doentes mentais; dentre estes, ele dava bastante destaque ao artigo de Caudill e outros autores publicado em 1952 sobre a estrutura social em uma ala psiquiátrica⁹⁹. William Caudill, o principal autor do artigo citado, era um antropólogo médico norte-americano que se internou como paciente numa clínica psiquiátrica privada e passou dois meses em tratamento, sem que os terapeutas

⁹⁸ Ver página 61.

⁹⁹ CAUDILL, W. *et al.* Social Structure and Interaction Processes on a Psychiatric Ward. *American Journal of Orthopsychiatry*, v. xxii, 1952, pp. 314-334.

soubessem sua verdadeira identidade. Desta maneira, ele buscou retratar como os pacientes da ala psiquiátrica viam a si mesmos e à instituição na qual estavam internados. Rodrigué resumiu da seguinte maneira os achados do autor: desde o início de seu tempo como paciente observador, Caudill sentiu uma série de pressões vindas do grupo para que agisse de determinada forma, especialmente no sentido de se comportar como um paciente neurótico “intermediário”, nem muito doente nem muito saudável; havia uma tendência a se idealizar a competência do terapeuta e da instituição; portanto, existia um sistema de valores que os autores chamavam de “papel de paciente”, que o grupo esperava que fosse adotado por todos. Ao mesmo tempo, o pessoal médico da instituição não reconhecia “o mundo dos pacientes como um grupo social”, analisando apenas a conduta de cada um individualmente. Como consequência, os pacientes acabavam por desenvolver uma estrutura social própria e a responder de uma maneira que era produzida por pressões sociais, mais do que por questões psicológicas, o que é a conclusão mais interessante do artigo para o psicanalista argentino (RODRIGUÉ, 1965: 6-7).

A introdução prosseguia referindo-se ao texto de Tom Main, “O hospital como entidade terapêutica”¹⁰⁰, como sendo “o manifesto da nova orientação psiquiátrica”, marcada pela noção de um governo paritário “em que pacientes e pessoal *colaboram em equipe* a responsabilidade de governar a instituição” (RODRIGUÉ, 1965: 8-9. Grifo do autor). Rodrigué destacava a advertência de Main de que, no processo de implementação da comunidade terapêutica, o psiquiatra deve “tolerar a presença de um grau crescente de desordens e tensões grupais, uma vez que são essas situações de crise que irão impulsionar os membros da comunidade a buscar soluções sociais”, algo que o psicanalista argentino apontava como tendo acontecido frequentemente em Austen Riggs. A seguir, se baseando em uma obra do psiquiatra norte-americano R. Rapaport, *The Community as Doctor*, Rodrigué apresentava os seis pontos mais gerais que as comunidades terapêuticas tinham em comum: 1) a organização social hospitalar como um todo, da qual o paciente participa, tem efeito terapêutico; 2) a ação social não é secundária e menos relevante do que a terapia individual, mas sim considerada como parte vital e dinâmica do tratamento; 3) os pacientes devem assumir uma participação ativa na administração da comunidade, podendo variar desde aquelas em que os pacientes apenas se informam sobre os assuntos importantes em reuniões até outras

¹⁰⁰ Ver página 77.

comunidades onde o voto dos pacientes tem o mesmo peso do voto do corpo médico, como Austen Riggs; 4) todas as relações que ocorrem dentro do hospital são consideradas como potencialmente terapêuticas, não apenas as que ocorrem entre médico e paciente, mas também entre os pacientes, com enfermeiras, assistentes sociais etc.; 5) é importante também a qualidade do meio social criado, o que alguns autores chamam de “clima emocional”, ligado ao grau de tolerância e permissibilidade da instituição; 6) as comunidades terapêuticas valorizam todo procedimento que aumenta a comunicação intergrupal, pois esta fornece mais informações tanto para médicos como para pacientes, o que favorece o tratamento (RODRIGUÉ, 1965: 10-12).

Rodrigué tinha consciência de que os seis pontos eram genéricos, e que a real implantação de uma comunidade terapêutica dependeria de vários fatores, como “a história da instituição, sua localização geográfica, a personalidade do chefe de serviços, a ideologia psiquiátrica do pessoal, a idade da população de pacientes e a gravidade de seus transtornos emocionais”. Mesmo assim, considerava que a ideologia da comunidade terapêutica poderia ser considerada “a terceira revolução psiquiátrica”, as duas anteriores tendo sido feitas por Pinel e Freud, respectivamente. A seguir, ele passava a falar das chamadas “instituições totais”, organizadas de maneira diferente do que a comunidade, não apenas para marcar o contraste entre os diferentes modelos, mas porque acreditava que “toda instituição, por mais progressiva que seja, traz consigo um lastre de tradições psiquiátricas, que, em momentos de crise, levam o pessoal médico a cair na tentação de privar o paciente de sua identidade como pessoa” (RODRIGUÉ, 1965: 12-13).

A referência citada mais extensamente por Rodrigué para a parte das “instituições totais” é a obra do sociólogo canadense Erving Goffman (1922-1982), publicada em 1961 com o título de *Asilos* e o subtítulo de *Ensaio sobre a condição da situação social de pacientes mentais e outros internados*¹⁰¹. A obra é composta de quatro ensaios, nos quais Goffman, a partir de sua experiência de campo em uma instituição asilar em Washington, desenvolveu sua teoria das “instituições totais”; Rodrigué só cita trechos do primeiro ensaio, “Sobre as características das instituições totais”. A definição mais geral de Goffman, apresentada logo no início de sua introdução, apontava uma instituição total como “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade

¹⁰¹ Traduzido em português como *Manicômios, conventos e prisões* (GOFFMAN, 2010).

mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”. Embora no título original em inglês Goffman só mencionasse asilos, ele mesmo afirmava que o primeiro exemplo claro desse tipo de instituição que vinha à mente seriam as prisões (GOFFMAN, 2010: 11). Simbolicamente, um elemento que caracterizaria essas instituições seria a existência de um limite bem definido que separasse a instituição do exterior e que proibisse a saída desta, limite este que podia ser natural, como florestas ou pântanos, ou construído, como arame farpado, portões trancados (GOFFMAN, 2010: 16; RODRIGUÉ, 1965: 13).

A seguir, Goffman indicava a existência de cinco variedades de instituições totais, um trecho de seu texto que foi citado por Rodrigué de maneira praticamente integral. Em primeiro lugar, estavam as instituições de cuidado de pessoas consideradas como incapazes e inofensivas, como, por exemplo, os orfanatos, os asilos de idosos e os abrigos para moradores de rua. Em segundo lugar, instituições criadas para abrigar pessoas também consideradas incapazes, mas que, de alguma maneira, punham em perigo a comunidade, como o asilo mental, o sanatório de tuberculosos e o leprosário. Um terceiro tipo era representado pelas instituições criadas para proteger a comunidade contra o que julgava ser perigos intencionais, como penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra e campos de concentração. Em quarto lugar, instituições para realizar de maneira mais adequada determinada tarefa, como escolas internas, navios, quartéis. Por fim, os estabelecimentos destinados a servir de refúgio do mundo, como abadias, mosteiros e outras instituições religiosas. Esta classificação não era exaustiva, mas sim colocada pelo autor como um ponto de partida para suas análises (GOFFMAN, 2010: 16-17; RODRIGUÉ, 1965: 13-14).

Goffman também indicava como outra característica geral das instituições totais o fato de que os internos delas, ao contrário da maioria das pessoas, exerciam a recreação, o descanso e o trabalho no mesmo lugar e em contato sempre com as mesmas pessoas. Além disso, nelas, “todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários”. Da mesma maneira, todas essas atividades são realizadas em grupos: para Goffman, “o controle de muitas necessidades humanas pela organização burocrática de grupos completos de pessoas” é o fato básico das instituições totais. Quem exerce esse controle nas instituições é um pequeno grupo de supervisores, que é separado do grande grupo dos internos; os supervisores não passam

todo o tempo dentro da instituição e mantêm contatos com o mundo exterior, assim, devido a isto, existe uma grande animosidade e distanciamento social entre os dois grupos e a mobilidade entre um e outro é quase inexistente (GOFFMAN, 2010: 18-19; RODRIGUÉ, 1965: 14-15).

Em outro trecho citado por Rodrigué, Goffman apontava como o recém-chegado a uma instituição total era rapidamente desprovido de seus pontos de referência pessoais: “o novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico”, mas, logo após sua entrada, começava “uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu”, o que fazia com que o seu eu fosse “sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado”. Alguns aspectos que levavam a essa “mortificação do eu” eram a adoção de uniformes, que, como o próprio nome revela, evitam a diversidade de formas de apresentação de cada pessoa, o controle restrito das relações com o mundo exterior, de maneira que o interno deixa de exercer a posição que tinha anteriormente, e mesmo aspectos físicos como o corte de cabelo obrigatório. Em geral, as instituições substituíam esses bens pessoais por outros que eram claramente propriedade da agência controladora (como uniformes, distintivos, crachás etc.) e que eram periodicamente inspecionados para evitar que demonstrassem alguma personalidade (GOFFMAN, 2010: 24; RODRIGUÉ, 1965: 15).

Rodrigué concluía a parte em que citava Goffman com uma reflexão em que acrescentava a psicanálise como podendo ser praticada de maneira a “mortificar o eu”, como nas instituições totais:

Que a instituição total quebra a identidade do confinado, não há dúvida. Nos últimos anos, tomando esses exemplos extremos como ponto de partida, psiquiatras e sociólogos têm se perguntado se não existem formas mais sutis de “mortificações egóicas”. Tomemos, como exemplo, a situação psicanalítica. Pode-se reconhecer nela uma forma de doutrinação, uma vez que o paciente, deitado, ouvindo a voz do analista (ou percebendo seu silêncio) está em uma situação propícia para que se produza uma perda parcial de identidade. É possível – mais ainda, é provável – que esta regressão seja necessária. Mas o que se deve ter especialmente em conta é que toda instituição corre o risco de mortificar o eu de forma excessiva e indiscriminada, sem dar ao indivíduo a oportunidade de que essa perda moral de autonomia seja, em geral, produtiva (RODRIGUÉ, 1965: 17. Trad. minha).

Rodrigué citava extensamente Goffman porque defendia a tese de que a comunidade de Austen Riggs, em seus primeiros tempos, havia sido uma instituição

total e que posteriormente, com a chegada dos psiquiatras vindos da Clínica Meninger, como Rapaport e Knight, havia sido transformada em uma comunidade terapêutica democrática. O próprio livro era estruturado para refletir esta ideia: a primeira parte, bem menor do que a segunda, incluía apenas a introdução teórica, a parte sobre as instituições totais e um capítulo intitulado “Anatomia de uma instituição”, no qual apresentava dados sobre a situação de Austen Riggs quando trabalhou lá, entre o fim da década de 1950 e início da de 1960. A segunda parte, bem maior, começava pela história de Austen Riggs, destacando o “período crítico de transição” e a “etapa inicial de reorganização”, títulos de subcapítulos. Os capítulos seguintes narravam as diferentes transformações e reformas pelas quais a instituição havia passado, para concluir esta parte com uma avaliação da comunidade terapêutica de Austen Riggs e da própria ideia de comunidade terapêutica. O livro se encerrava com um apêndice, colocado entre o último capítulo e a bibliografia, que apresentava um histórico clínico bastante detalhado de uma paciente de Austen Riggs, com o nome de Betsy Anne¹⁰².

No capítulo de conclusão, Rodrigué retomava algumas das ideias discutidas anteriormente, para avaliar os resultados da experiência de Austen Riggs; assim, para ele, o asilo mental, “em sua larga, triste e conhecida história de preconceitos”, poderia ser melhor compreendido como um mecanismo de defesa da sociedade, que confina e tira de circulação o louco, visto como uma ameaça, e ainda vai mais além: o desumaniza e apaga sua identidade. As instituições totais são vistas, portanto, como maneiras da sociedade segregar e não ter de enfrentar medos ancestrais e arcaicos. O movimento libertário na psiquiatria desde Pinel, para Rodrigué, se baseava em uma premissa central: a loucura é “apenas” uma enfermidade. No entanto, nessa condição do louco como doente, ele acabava por ser colocado o tempo todo em um papel passivo diante de sua enfermidade; era o médico apenas quem tinha o papel ativo, o que, para Rodrigué, ia contra a visão psicanalítica, na qual o paciente também tem uma posição ativa, inclusive em suas resistências a se curar (RODRIGUÉ, 1965: 162-163).

Apesar de suas boas intenções, para Rodrigué o movimento libertário da psiquiatria não foi tão bem-sucedido. Portanto, ele enfatizava a “grande diferença que existe entre o hospital aberto e a comunidade terapêutica”, pois esta última implicava na “criação de fatores terapêuticos em todos os níveis da interação comunitária”. A ideia de comunidade ainda estava em seu início, com muitas hesitações, erros e confusões, mas

¹⁰² Rodrigué não menciona em nenhum lugar do histórico se este era um nome fictício ou era o nome real da paciente.

era muito promissora. No entanto, para se obterem melhores resultados, alguns elementos já poderiam ser apontados: a mera supressão do confinamento e do que Rodrigué chamava de “hospitalismo” já produzia efeitos terapêuticos, mas para avançar mais era necessário que os pacientes assumissem “papéis formais” dentro da comunidade, como os de trabalhador ou estudante. A designação de papéis formais diferentes da sociedade fora da comunidade levava o autor a se questionar em que medida Austen Riggs seria artificial, mas ele acabava por concluir de maneira generalizante que “toda relação interpessoal terapêutica é um artifício, já que nela se busca diminuir e controlar o número de variáveis que operam no campo psicológico” (RODRIGUÉ, 1965: 164-165).

Se a artificialidade da comunidade terapêutica era necessária para Rodrigué, ele não deixava de fazer outras críticas ao experimento, a partir de sua vivência em Austen Riggs: a primeira era de que não se devia esquecer que a comunidade era uma “sociedade enferma”. Enferma tanto porque a sociedade em geral segregava e exercia pressões negativas sobre as instituições mentais, mas também porque tinha uma grande proporção de membros com transtornos mentais. Isso levava a um alto índice de “suicídios, de atuações psicóticas, de rebelião e apatia”. Além disso, havia outros riscos: a excessiva criação de comitês e grupos poderia levar a uma burocratização da comunidade e a uma contenção das angústias em novas estruturas sociais, ao invés de enfrentá-las (RODRIGUÉ, 1965: 166).

No entanto, ele não deixava de concluir de maneira otimista o livro, pensando em aplicações da comunidade terapêutica para além da psiquiatria:

(...) creio que a comunidade terapêutica pode lançar luz a problemas que vão além da psiquiatria. Do mesmo modo que Freud encontrou no sintoma do paciente neurótico um instrumento que é a chave para a compreensão do fenômeno psicológico, é possível que o estudo da comunidade terapêutica transcenda o campo da psiquiatria e nos permita compreender melhor a dinâmica de nossa sociedade (RODRIGUÉ, 1965: 167).

O *site* atual de Austen Riggs¹⁰³ demonstra que muitos dos aspectos narrados por Rodrigué em *Biografia...* ainda estão presentes na clínica: os pacientes continuam a passar por sessões de psicanálise individuais quatro vezes por semana, e continua em vigência o Programa de Comunidade Terapêutica, que “inclui uma série de grupos interconectados com o objetivo de aumentar a autoridade do paciente, promover o

¹⁰³ Disponível em <http://www.austenriggs.org/>

aprendizado interpessoal e criar um ambiente que favorece ao tratamento”. Cerca de 50 encontros de grupo acontecem a cada semana, alguns abertos a todos os pacientes, alguns voltados para os diferentes programas que envolvem os residentes e alguns outros ainda voltados para dificuldades específicas. O pessoal do centro fornece consultoria para pequenos grupos focados em aprendizado interpessoal e dinâmicas de grupo, mas também existem shows de música, grupos de arte e de leitura, jogos de basquete e outras atividades; o paciente pode escolher participar em diferentes grupos e atividades (AUSTEN RIGGS CENTER, s.d.).

O variado leque de influências teóricas trazido por Rodrigué em *Biografia...* pode ser visto como representando dois movimentos em sua trajetória profissional e, de maneira mais geral, na própria história da psicanálise: em primeiro lugar, ele refletia um processo mais amplo de abertura desta última, que, desde a década de 1950, havia buscado se integrar a outras ciências sociais. Como coloca Mariano Ben Plotkin referindo-se à APA:

O posicionamento da psicanálise entre as ciências sociais retirou da psicanálise o aspecto misterioso e quase metafísico cultivado por alguns membros conservadores e poderosos da APA. Se a psicanálise era uma ciência social, então psicanalistas podiam e deviam discutir suas preocupações como iguais em relação aos sociólogos, antropólogos e o resto (PLOTKIN, 2001: 87).

Como um exemplo desta nova postura, Plotkin citava exatamente o prefácio de *Biografia...*, onde Rodrigué direcionava o livro para “pessoas interessadas nas ciências sociais”, falando mais diretamente, segundo ele, para “o psiquiatra, o psicólogo, o sociólogo e o educador”, mas desejando “dialogar com outros especialistas, particularmente para aqueles que estão interessados na política como uma ciência” (RODRIGUÉ, 1965: xv). Assim, “para Rodrigué, naquela época, uma comunidade terapêutica era um lugar onde psicanálise, psiquiatria e política convergiam” (PLOTKIN, 2001: 87).

O segundo ponto a ser ressaltado é que a publicação de *Biografia...* marcou, por um lado, a inserção definitiva de Rodrigué na tradição psicanalítica, pois os nomes de Rapaport e Erikson seriam utilizados como fontes de legitimação a partir da própria narrativa de sua experiência em Austen Riggs; o livro foi publicado numa coleção universitária sobre psicologia juntamente com várias outras obras de psicanalistas izeanos; e, na época de publicação da obra, ele já havia reassumido o posto de analista didata na APA e estava às vésperas de assumir a presidência da instituição. Por outro

lado, na mesma obra podem ser vistos os primeiros elementos que indicavam sua posterior ruptura com esta mesma tradição, como a busca de referenciais teóricos e terapêuticos em autores fora do campo ortodoxo da psicanálise freudiana, e, em muitos casos, críticos do *establishment* psiquiátrico/psicanalítico; um estilo de escrita mais pessoal, mais bem-humorado e com uso de anedotas; e a preocupação com os aspectos políticos e sociais da profissão e com a influência de fatores externos e culturais nos ambientes terapêuticos.

Assim, depois de *Biografía*, a trajetória de Rodrigué reflete a maior importância dada a questões como a influência do marxismo, a crítica ao dogmatismo na formação dos analistas na IPA e na APA e as diferenças de atendimento entre classes sociais distintas, em detrimento de aspectos mais técnicos da profissão. A conjuntura intelectual e cultural da época, aliada a um crescente número de críticas à psicanálise ortodoxa, permitiu que uma série de movimentos contestatórios surgissem e se fortalecessem; e Rodrigué estava na posição ambígua de alguém que foi um dos principais dirigentes da mesma instituição que ele, em seguida, criticaria severamente, como veremos no próximo capítulo.

Capítulo 2

A ruptura progressiva com a tradição e o “amplo centro apolítico e castrado”

“Chama a atenção a ferocidade com que a psicanálise ortodoxa mutilou partes de si mesmo, cortando o braço direito de Lacan anos depois de Reich haver perdido o esquerdo, para chegar a se constituir no amplo centro apolítico e castrado de nossos dias” (RODRIGUÉ, 1979: 36, nota 10)

Quando Emilio Rodrigué teve o primeiro contato com Salvador em 1974 e, posteriormente, começou a passar pelo menos seis meses do ano por lá participando da formação de outros analistas, ele trouxe consigo não apenas a sua formação em psicanálise, obtida na Argentina e na Inglaterra de acordo com os preceitos da IPA durante a década de 1940, como vimos no capítulo anterior, mas também experiências com outras terapias e teorias psicológicas, muitas vezes combinadas com a psicanálise; além disso, ele buscou ativamente contribuir, de diferentes maneiras, para a renovação e popularização desta. Embora a sua posição anterior como presidente da APA e vice-presidente da IPA (na década de 1960) e discípulo de Melanie Klein (na década de 1950) tenham sido usadas frequentemente por ele como fonte de legitimação profissional quando da chegada em Salvador, ele também chegou projetando uma imagem de psicanalista heterodoxo, transgressor, aberto a novas experiências com a psicanálise e consciente da vinculação desta com contextos mais amplos, especialmente políticos e culturais.

Podemos dividir essas suas “experiências” com a psicanálise em dois grupos: as relacionadas à terapia psicanalítica (psicoterapias grupais e outras terapias)¹⁰⁴ e as relacionadas à formação dos psicanalistas e ao contexto político de sua época (questionamento da análise didática, influência do marxismo). Em relação ao primeiro grupo, desde o início da década de 1950 Rodrigué já escrevia sobre e praticava psicoterapias grupais, como vimos no capítulo anterior. Portanto, este capítulo se concentra no segundo grupo das chamadas “experiências”, que consiste nas críticas à formação psicanalítica oficial, baseada na análise didática, e na busca de um posicionamento da psicanálise em relação ao seu contexto político e social,

¹⁰⁴ Como o psicodrama, as terapias corporais e o grito primal. Ver subcapítulo 3.4.

abandonando o ideal de uma suposta “neutralidade” e “universalidade” psicanalítica. Isto não pode ser compreendido de maneira isolada, se não levarmos em conta que Rodrigué, como vários outros analistas seus contemporâneos, estava participando de um movimento internacional mais amplo de renovação da psicanálise, que pretendia responder a algumas das críticas feitas na época a esta, tornando-a menos elitista e aproximando-a de outras ciências humanas, como a sociologia e a antropologia, ao mesmo tempo em que buscavam politizá-la.

Este grupo de experiências envolveu as tentativas de escapar do “amplo centro apolítico e castrado” da psicanálise oficial da *International Psychoanalytical Association* (IPA), na citação que abre este capítulo. Para entendermos esta parte da trajetória de Rodrigué, é preciso voltarmos um pouco no tempo para analisarmos as relações entre psicanálise e política, e, mais especificamente, entre psicanálise e o marxismo, com a constituição do chamado “freudo-marxismo”, uma discussão que percorreu todo o século XX mas que foi especialmente importante e dominante na década de 1960, época em que Rodrigué alcançou seus cargos institucionais mais elevados. Assim, depois de apresentarmos a história do “freudo-marxismo”, desde seus inícios na época da Revolução Russa até os acontecimentos da década de 1960, estudamos a trajetória de Rodrigué a partir de seu segundo retorno à Argentina, no início dessa mesma década.

Os dois grupos de experiências convergiram para a participação de Rodrigué no Movimento Plataforma, do final da década de 1960. Movimento este que, por um lado, defendia a abertura da psicanálise a outras terapias e filosofias, como uma maneira de torná-la mais vinculada ao contexto cultural e político de sua época, e, por outro lado, foi declaradamente marxista em sua orientação teórica e político-econômica. Rodrigué, embora não tenha sido um dos principais líderes do movimento, o apoiou e o utilizou para romper com a APA e a IPA, se afastando da psicanálise institucionalizada. Por isso, este capítulo se encerra com a história desse movimento, um dos momentos em que a história da psicanálise na América Latina e na Europa confluíram mais fortemente, e que marca uma ruptura importante na trajetória profissional de Rodrigué.

2.1. Psicanálise e política: o freudo-marxismo na Revolução Russa e na França

Em suas críticas ao movimento psicanalítico e à sua própria trajetória anterior, publicadas a partir de *O paciente das 50.000 horas* (1977), um dos pontos apontados por Rodrigué era o caráter “reacionário” e conformista da psicanálise institucionalizada

em torno da APA, que reproduzia e se adaptava aos valores burgueses predominantes na sociedade, sem questioná-los. No entanto, ao contrário de outros colegas seus participantes do Movimento Plataforma, Rodrigué nunca se filiou oficialmente a partidos comunistas nem professou seguir o marxismo. Isso não o impediu de incorporar, em sua escrita, boa parte das discussões sobre as relações entre marxismo e psicanálise. Devido a isto, iremos analisar alguns aspectos da história destas relações entre psicanálise e marxismo, com ênfase em determinados contextos que se revelaram importantes para a trajetória de Rodrigué: as primeiras décadas na União Soviética (onde surgiu a crítica stalinista à psicanálise como “ciência burguesa e reacionária”), na França (onde a crítica soviética repercutiu bastante e produziu alguns textos de grande influência internacional) e na Argentina (na qual essa discussão foi bastante extensa e frequente nas décadas de 1950 e 1960, em geral se baseando na apropriação das fontes francesas).

As relações entre a psicanálise, saber desenvolvido a partir da primeira década do século XX, e o marxismo, corrente ideológica que surgiu no século XIX, mas que se expandiu e ganhou centralidade com a Revolução Russa de 1917, foram bastante complexas, havendo inúmeros exemplos tanto de divergências como de convergências entre as duas teorias. A história da recepção da psicanálise, tanto nas primeiras décadas da existência da União Soviética como na França e, posteriormente, na Argentina é fundamental para esta discussão, pois as críticas e os alinhamentos grupais que se definiram naqueles contextos continuaram a ser influentes até a época do Movimento Plataforma.

Embora outras tradições psicológicas fossem fortes na Rússia do início do século XX, a psicanálise foi inicialmente bem recebida, tendo sido incluída em um processo frequente de intensa apropriação russa de pensadores alemães, processo que já havia ocorrido anteriormente no século XIX, com nomes como Kant, Hegel, Marx e Nietzsche. Alguns psiquiatras russos estudaram em Viena com os primeiros psicanalistas, retornando posteriormente para sua pátria de origem, abrindo consultórios e escrevendo artigos teóricos. Um dos principais nomes entre estes, Nikolai Ossipov (1877-1934), que estudou com Jung, chegou a desenvolver, logo antes do início da I Guerra Mundial, uma teoria da psicanálise como uma “ciência cultural”, que constituiria uma ponte entre as ciências médicas e os valores culturais, uma vez que, segundo ele, muitos dos traumas psicológicos estavam ligados ao contexto cultural (MILLER, 1990: 876-882).

Logo após a Revolução de 1917, o governo comunista incentivou a psicanálise, com a abertura de um instituto estatal de formação psicanalítica e alguns analistas tendo a liberdade de estabelecerem clínicas privadas e públicas. Em 1921, Ossipov, que era contra os bolcheviques, deixou a Rússia, se estabelecendo em Praga; no entanto, outros dois freudianos russos, Ivan Ermakov (1875-1942) e Moshe Wulff (1876-1971) fundaram no mesmo ano, em Moscou, a Associação Psicanalítica de Pesquisas sobre a Criação Artística e, dois anos depois, estiveram entre os criadores da Associação Psicanalítica Russa, que, em 1925, já contava com cerca de 30 membros, número bastante elevado para a época. O primeiro secretário dessa associação foi o jovem psicólogo Aleksandr Luria (1902-1977), que publicaria, até 1928, vários artigos defendendo a aproximação entre psicologia e as teorias freudianas¹⁰⁵ (MILLER, 1990: 876-882; ROUDINESCO; PLON, 1998: 480; 674).

No entanto, a partir de 1923, a psicanálise na União Soviética foi colocada no centro de um intenso debate político-ideológico, deixando de ser tratada preferencialmente como uma teoria clínica-científica para ser ideologizada de acordo com os interesses do regime governante, que refutava teorias que não considerasse compatíveis com o marxismo. Inicialmente, alguns autores defenderam essa compatibilidade, como Bernard Bykhovskii, um jovem filósofo marxista, em 1923. Com o aparecimento de seu artigo, a teoria psicanalítica na União Soviética “moveu-se pela primeira vez dos grupos literários, médicos e acadêmicos para o centro do domínio da política e das preocupações do partido bolchevique”. A partir daí, entre 1923 e 1930 vários teóricos buscaram “uma base empírica comum para a inclusão da psicologia freudiana dentro de um arcabouço ideológico marxista” (MILLER, 1985: 628).

No mesmo período, porém, se iniciou um forte contra-ataque das forças contrárias à psicanálise, que acabariam por vencer a disputa e eliminá-la da União Soviética. Ao mesmo tempo, as teorias do fisiologista Ivan Pavlov (1849-1934) começaram a ser preferidas pelo regime, inclusive no campo da psicologia. Embora as relações entre Pavlov e o governo comunista soviético nem sempre tenham sido boas, o cientista, vencedor do Prêmio Nobel de Medicina de 1904 por pesquisas sobre o sistema

¹⁰⁵ Um dos artigos mais importantes de Luria desta época tinha o título de “Psicanálise como um sistema de psicologia monística” e foi publicado em 1925 em um volume coletivo de ensaios intitulado “Psicologia e marxismo”. O artigo está disponível, juntamente com vários outros de Luria, na Internet em uma página organizada pelo psicólogo norte-americano Michael Cole em homenagem ao psicólogo soviético: COLE, s.d. Após 1928, Luria deixou de escrever sobre psicanálise e se tornou um grande especialista em neuropsicologia e no estudo das funções corticais do cérebro (ROUDINESCO; PLON, 1998: 480; MILLER, 1985: 636).

digestivo, foi transformado num dos ícones da ciência soviética a partir da década de 1920, por razões apontadas pelo historiador Daniel Todes. Segundo ele, para os bolcheviques, Pavlov era um reacionário político, mas também uma figura com prestígio internacional que podia ser usada para fins de propaganda, além de um cientista talentoso que fornecia elementos para a visão de mundo materialista; para Pavlov, o Estado comunista era repressivo, dogmático e até mesmo criminoso, mas era o governo de sua amada pátria natal e, principalmente a partir de 1933, seu protetor em uma conjuntura internacional cada vez mais difícil; além disso, Pavlov tinha a esperança de que o avanço da ciência soviética tornasse os comunistas mais democráticos (TODES, 2014: 4).

Um dos nomes mais conhecidos que escreveram contra a psicanálise nessa época foi o crítico literário Mikhail Bakhtin, que publicou *O freudismo* em 1927¹⁰⁶, opondo de maneira categórica o que chamava de “freudismo” e marxismo, com afirmações como a de que Freud “explica processos essencialmente sociais do ponto de vista da psicologia individual” (BAKHTIN, 2007: 20). Como consequência deste e de outros artigos, o conceito de inconsciente, na União Soviética, “foi atacado como se fosse um inimigo do Estado”, considerado como impossível de ser verificado e como um depósito de conflitos internos imaginários e a psicanálise acabou por ser proscrita da União Soviética, sob a alegação de que sua ênfase no comportamento passado da pessoa não combinava com os interesses do novo Estado soviético, com sua ideia de um “novo homem”. Aqui se originaram os ataques à psicanálise como uma ciência “burguesa” e “idealista”, em “inerente contradição com as teorias do socialismo” (MILLER, 1990: 883-887). O historiador da psicanálise Martin Miller aponta a questão central desta disputa:

Os psicanalistas (...) acreditavam que o homem era de fato dominado por seu passado (...) e que ele poderia ser aliviado de seu sofrimento destrutivo e angustiante apenas confrontando francamente e interrogando seu passado. As autoridades bolcheviques que subiram ao poder com Stalin estavam comprometidas com o princípio oposto – que a sociedade socialista pós-revolucionária não possuía passado; pelo menos, não um que fosse válido, útil ou instrutivo. O passado deles era de sistemas econômicos, formas de autoridade política e conjuntos de valores que deviam não apenas ser obliterados, mas

¹⁰⁶ O livro foi assinado, na época, por V. N. Voloshinov, e existe discussão sobre se o próprio Bakhtin foi o seu autor. No entanto, a edição brasileira foi publicada com o nome de Bakhtin, e Alexander Jovanovic afirma nela que “parte de suas obras acabou sendo publicada sob o nome de amigos próximos que não estavam interditados pela censura soviética”, como Voloshinov.

também transcendidos em uma maneira especificamente aprovada (MILLER, 1990: 888. Trad. minha).

Por outro lado, Léon Trotsky (1879-1940), que havia frequentado o círculo de Alfred Adler em Viena, escreveu a Pavlov em 1923 dizendo que a teoria freudiana poderia ser incluída em uma psicologia materialista/marxista, como um caso particular da própria doutrina dos reflexos condicionados, defendida por Pavlov (ROUDINESCO; PLON, 1998: 675). Quatro anos depois, Trotsky declarou que a psicanálise e o “procedimento experimental” (ou seja, a neurofisiologia de Pavlov) não eram incompatíveis nem entre si nem com o marxismo:

A tentativa de declarar a psicanálise “incompatível” com o marxismo e simplesmente voltar as costas para o freudismo é simples demais ou, de maneira mais acurada, simplista demais. (...) O freudismo é uma hipótese de trabalho que pode produzir, e sem dúvida produz, deduções e conjecturas que seguem as linhas da psicologia materialista. O procedimento experimental irá, no tempo devido, fornecer os testes para estas conjecturas. Mas nós não temos base nem direito de banir o outro procedimento que, mesmo que possa ser menos confiável, não obstante tenta antecipar as conclusões na direção das quais o procedimento experimental está avançando mais lentamente (TRÓTSKI, 1927, *apud* MILLER, 1985: 644. Trad. minha).

De acordo com Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, Trótski, para aproximar o freudismo ao materialismo, eliminou do primeiro a teoria da sexualidade (ROUDINESCO; PLON, 1998: 675). A associação de Trótski, que depois de 1927 foi obrigado a deixar a União Soviética e se exilar, com a psicanálise acabou se tornando um dos fatores que explicam a violência do contra-ataque, que fez com que as instituições psicanalíticas do país fossem fechadas e os analistas obrigados a emigrarem. Ao mesmo tempo, a partir da década de 1930, Pavlov foi adotado pelos comunistas como a única “psicologia permitida” pelo marxismo, em oposição à psicanálise e a outras psicologias (TODES, 2014: 787; MILLER, 1985: 644). A história da psicanálise na União Soviética mostra, portanto, como as relações entre doutrinas psicológicas e seus contextos sociais, políticos e institucionais são complexas, pois a mesma doutrina foi, em momentos diferentes e por autores diferentes, considerada como compatível com o marxismo e, desta maneira, como uma possível base sobre a qual se construiria uma verdadeira psicologia comunista ou, ao contrário, como uma doutrina burguesa e reacionária ligada ao declínio da burguesia na Europa ocidental (KOZULIN, 1984: 3).

A visão stalinista em relação às ciências continuou a ser dominante no movimento comunista internacional nas décadas seguintes. Em 1946, o então secretário de ideologia do Partido Comunista da União Soviética, Andrei Jdanov (1896-1948), atualizou a chamada Teoria das Duas Ciências, segundo a qual toda ciência era burguesa ou proletária; no campo psicológico, as teorias de Pavlov, portanto, eram proletárias e marxistas e a psicanálise burguesa e reacionária (RODRIGUES, 2011: 517). A partir daí, os vários partidos comunistas ocidentais foram orientados a reproduzir a mesma orientação e criticar a psicanálise¹⁰⁷. Esta orientação foi seguida, por exemplo, na França, em 1949, mas as discussões sobre as relações entre psicanálise e marxismo nesse país vinham de bem antes, desde, pelo menos, a década de 1920.

Um nome foi muito influente nestas discussões na França: o do filósofo Georges Politzer (1903-1943). Judeu húngaro, Politzer chegou a Paris em 1920, e em 1928, ao mesmo tempo em que se filiava ao Partido Comunista Francês, publicou sua primeira obra, *Crítica dos fundamentos da psicologia*, na qual criticava a psicologia clássica e defendia a ideia de uma psicologia concreta, baseada parcialmente na psicanálise. A obra teve grande importância para uma recepção inicial das ideias de Freud na França, funcionando como uma espécie de guia do pensamento freudiano para muitos leitores e influenciando nomes como Merleau-Ponty, Sartre e Lacan (CIARDI; GIGOU, 1986). De acordo com Roudinesco, Politzer foi “não somente um autêntico leitor de Freud, como tem a envergadura de um grande teórico” (ROUDINESCO, 1988: 77-78). No entanto, na década de 1930 Politzer se tornou ferrenho defensor das ideias stalinistas sobre as ciências e a psicologia; em 1933, publicou na revista *Commune* um artigo atacando os surrealistas freudo-marxistas, segundo ele contrarrevolucionários e pequenos burgueses. Quando da morte de Freud, em 1939, escreveu, sob pseudônimo, que a psicanálise estava em crise, dominada pelo “materialismo mecanicista”. Politzer foi capturado pelos nazistas e fuzilado em 1943 e, portanto, não participou das discussões a respeito da psicanálise na França pós-guerra (CIARDI; GIGOU, 1986). Roudinesco não concorda com a visão mais difundida, de que Politzer mudou de posição, na década de 1930, devido a pressões dos comunistas para que se dedicasse a obras de economia política, observando que ele acabou por não escrever nenhum texto desse tema e que o “ódio extravagante” que ele demonstrou em relação à psicanálise

¹⁰⁷ Uma outra referência indispensável na história do freudo-marxismo é a chamada Escola de Frankfurt, com as obras, a partir da década de 1930, de pensadores alemães como Theodor Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse. Não me aprofundo aqui na Escola de Frankfurt por considerar que ela teve menos influência direta sobre os argentinos e Rodrigué. Para saber mais sobre ela, ver JAY, 1996.

após 1929 não tinha nada em comum com a “hostilidade latente” do partido comunista na época. Para a historiadora, ao contrário, a mudança de Politzer se explicaria pelo fato de que a doutrina marxista oferecia a ele uma certeza e uma segurança que ele não via na psicanálise (ROUDINESCO, 1988: 77-78). Como veremos a seguir, Politzer, esquecido nos primeiros anos após sua morte, foi resgatado pelo psicanalista argentino José Bleger em 1958, em um livro, intitulado *Psicanálise e dialética marxista*, que foi muito influente para todos os psicanalistas argentinos de sua época e para os futuros participantes do Movimento Plataforma, como Rodrigué.

Após a guerra, uma das tendências que se destacaram entre os psiquiatras franceses foi a dos comunistas com Lucien Bonnafé, que era, pessoalmente, de tendência libertária e surrealista (CIARDI; GIGOU, 1986). No início de dezembro de 1948, a comissão ideológica do Comitê Central do Partido Comunista francês convocou uma reunião com médicos e psiquiatras do partido e exigiu que estes escrevessem um documento público contra a psicanálise. Este documento, cujo título era iniciado pela palavra “autocrítica”, foi publicado, em 1949, na revista *La Nouvelle Critique* (VEZZETTI, 2016: posição 614-620). O manifesto era assinado por oito médicos franceses vinculados a hospitais psiquiátricos do país: Bonnafé foi o nome que encabeçou o artigo, sendo os outros sete Follin, J. e E. Kestemberg, Serge Lebovici, Le Guillant, Monnerot e Shentoub (BONNAFÉ *et al.*, 1949).

A revista *La Nouvelle Critique* havia surgido pouco tempo antes, em dezembro de 1948, vinculada diretamente ao Partido Comunista, com a ideia de competir com a revista de Sartre *Les Temps Modernes* no campo da cultura e da inteligência. No entanto, nunca chegou a alcançar o mesmo prestígio cultural do outro periódico, pois, desde logo, foi percebida como um órgão difusor de uma visão bastante ortodoxa e dogmática e, assim, teve um papel de “relativa marginalidade no campo intelectual”. Desde seu primeiro número, coube a ela promover “as teses da Guerra Fria”, como o realismo na pintura e a contraposição ciência burguesa/ciência proletária (VEZZETTI, 2016: pos. 620-626). Em paralelo às discussões com o grupo de psiquiatras, o Partido Comunista francês dirigiu aos intelectuais, em fevereiro de 1949, um informe com o título de “Responsabilidades de um intelectual comunista”. Nele, de acordo com a teoria das duas ciências, se decretava que apenas os temas permitidos pela direção poderiam ser discutidos publicamente (VEZZETTI, 2016: pos. 632-638).

Em seu livro sobre a história da psicanálise na França, Elisabeth Roudinesco nos fornece uma narração detalhada, a partir, inclusive, de entrevistas com alguns dos

participantes, da conjuntura e das discussões que envolveram a escrita do manifesto de 1949. Três grupos de profissionais foram procurados para assinar o documento: psicanalistas praticantes e que inicialmente eram contra a crítica da psicanálise, como Serge Lebovici; psiquiatras que não eram analistas, mas eram contrários à crítica da psicanálise, como Bonnafé; e psiquiatras favoráveis à condenação, como Follin. Como as divergências eram grandes desde o início, foram necessárias várias sessões de discussão, e o documento publicado foi “o resultado de um compromisso entre diversos textos, uns emanando dos signatários e outros da direção” do PCF, apresentando uma crítica relativamente atenuada em relação a uma versão inicial, “violentamente dogmática”, mas cujo manuscrito foi perdido (ROUDINESCO, 1988: 201).

No manifesto publicado, a ideia de uma psicanálise burguesa e elitista era reafirmada a partir de uma análise de classes, que apontava o alto custo dos tratamentos psicanalíticos e o conseqüente elitismo da terapêutica: “uma minoria ínfima de doentes pode se beneficiar de curas tecnicamente sérias”, minoria esta que era selecionada pelas suas possibilidades financeiras, com o dinheiro se tornando o “motor necessário da cura”. Esta crítica tinha bastante peso, devido aos altos preços cobrados pelos psicanalistas e sua pouca abertura, pelo menos na época, a questões sociais. Esse elitismo também era causado pelo individualismo da psicanálise, tanto em relação à sua forma de atendimento, em sessões individuais, como à sua explicação teórica, que, segundo os psiquiatras franceses, era “idealista e mistificante”; assim, de acordo com eles, o individualismo da psicanálise levava à negação de qualquer possibilidade de transformação da ordem social (BONNAFÉ *et al.*, 1949). Esta crítica ao individualismo e elitismo da psicanálise foi um dos motivos para que Rodrigué e outros psicanalistas passassem a utilizar formas de atendimento grupal, tanto para aumentar o número de pessoas atendidas em cada sessão como para combater a ideia dos altos custos e do acesso a poucos do tratamento.

Embora os psiquiatras franceses reconhecessem o mérito de Freud em haver mostrado a importância de elementos como a sexualidade, os traumas da infância e os sonhos para a psicologia, discordavam da interpretação freudiana de tais elementos, que viam, a partir de uma concepção ortodoxa marxista, como sendo basicamente manifestações da luta de classes. Para eles, a ideia psicanalítica das fantasias inconscientes, analisada sem levar em conta as realidades econômicas e sociais do paciente, se tornava um tipo de alienação:

se é verdade que para o doente, para a criança ou o sonhador suas imagens e seus fantasmas podem aparecer como realidade, crer, aceitar essas produções imaginárias, defender sua realidade em si mesma, fora da consciência que os imagina, é, por definição, delirar: é um modo de alienação do indivíduo (BONNAFÉ *et al.*, 1949).

Roudinesco aponta que, perto de outros textos da mesma época e na mesma linha, o manifesto foi moderado em seu tom:

(...) sem dúvida, veicula a habitual hostilidade à noção da pulsão de morte, reatualiza os “erros” politzerianos, atém-se à prática “burguesa” dos terapeutas (...), porém, de modo geral, a condenação parcial o leva ao simplismo, e os partidários da tendência moderada têm êxito nesse grande esforço de refutar, não o freudismo e a psicanálise, mas sua utilização considerada “perniciosa” ou “mistificadora” (ROUDINESCO, 1988: 203).

Além disso, na própria França os efeitos do manifesto foram quase nulos, de acordo com Vezzetti e Roudinesco. Dos signatários do documento, os que praticavam a psicanálise continuaram praticando-a e se afastaram do partido; os psiquiatras reformistas, como Bonnafé, mantiveram uma relação amistosa com a psicanálise; já o público para o qual o manifesto era dirigido, os psiquiatras e psicanalistas simpatizantes do partido, não apenas não foram convencidos contra a psicanálise como muitos se afastaram do PCF (VEZZETTI, 2016: pos. 765-768). Na Argentina, porém, a repercussão foi muito diferente, como veremos a seguir.

2.2. Psicanálise e política: o freudo-marxismo na Argentina

O contexto argentino a respeito das relações entre marxismo e psicanálise reproduziu muitas das situações de tensão e confronto ocorrendo em outras partes do mundo, após a Segunda Guerra Mundial. Vários psiquiatras daquele país ligados direta ou indiretamente ao Partido Comunista Argentino (PCA), como Jorge Thénon e Gregorio Bermann, de quem falaremos a seguir, depois de uma primeira aproximação estreita com a psicanálise até a década de 1930, posteriormente rechaçaram-na e passaram a reproduzir os argumentos da condenação stalinista. Além disso, a repercussão do manifesto de Bonnafé e outros foi bastante intensa na Argentina (DEL CUETO; SCHOLTEN, 2005: 4).

O primeiro nome a se projetar nessas discussões após a Segunda Guerra Mundial foi José Bleger (1922-1972). Ele nasceu em Santa Fé e ganhou destaque no grupo da segunda geração psicanalítica argentina. Membro da APA, em 1959 começou a dar

aulas de psicanálise na graduação em psicologia da Universidade de Buenos Aires (UBA), sendo o primeiro professor desta disciplina em universidades argentinas (ROUDINESCO; PLON, 1998: 77-78). Formado em psiquiatria, Bleger começou a participar dos debates sobre a sua profissão escrevendo na *Revista Latino-Americana de Psiquiatria*¹⁰⁸, na qual um de seus diretores, Gregorio Bermann, foi uma grande influência para seus primeiros textos. Nos textos que publicou na revista, Bleger ainda não falava de psicanálise e discutia questões terapêuticas e farmacológicas da psiquiatria, embora já aparecesse a preocupação com o aspecto social das doenças mentais¹⁰⁹. A partir de 1955, em seus textos sobre psicanálise e marxismo, Bleger rompeu em alguns aspectos com Bermann, ao reformular o esquema das “duas ciências”, diminuir o tom panfletário e a submissão às diretrizes do PCA. No entanto, Hugo Vezzetti também aponta que Bleger manteve “a fidelidade a um objetivo maior” de Bermann: a busca de um enfoque social para a psiquiatria e psicologia inspirado no marxismo (VEZZETTI, 2016: pos. 3.588-3.596).

Em 1958, Bleger publicou um livro sobre as relações entre psicanálise e marxismo, *Psicanálise e dialética marxista*, que obteve muita repercussão na Argentina. O capítulo 1 do livro era um texto que fora publicado inicialmente, em 1955, na *Revista Brasiliense*, intitulado “Georges Politzer, la psicología y el psicoanálisis”. No livro como um todo, mas especialmente neste capítulo, Bleger resgatava algumas das ideias de Politzer, mas, ao contrário da postura dos últimos anos de vida do filósofo francês, buscava conciliar novamente a psicanálise com o marxismo/materialismo dialético. Para isso, Bleger procurava dar maior importância às primeiras obras de Politzer, em especial a sua *Crítica dos fundamentos da psicologia*, de 1928, em que a crítica do filósofo francês à psicanálise ainda não era tão radical. Como afirma Vezzetti, retomar a Politzer na década de 1950 já era um posicionamento antipavloviano, uma vez que reafirmava a ligação entre psicologia e filosofia, e não com a fisiologia de Pavlov, embora Bleger fosse filiado ao PCA (VEZZETTI, 2016: pos. 3653). Além disso, Politzer era um autor

¹⁰⁸ A *Revista Latino-Americana de Psiquiatria (RLAP)*, que circulou entre os anos de 1951 e 1954, foi dirigida pelo médico brasileiro Cláudio de Araújo Lima (1908-1978) e pelo argentino Gregorio Bermann (1894-1972), mantendo sede dupla nas cidades de Córdoba, na Argentina, e do Rio de Janeiro, no Brasil. Enquanto uma revista especializada na área da psiquiatria, a *RLAP* apresentava como diferencial em relação a outras publicações do mesmo período o fato de não se limitar à apresentação e discussão de casos clínicos, pois buscava promover debates em torno da epistemologia da psiquiatria na América Latina face à produção do conhecimento psiquiátrico na Europa e nos Estados Unidos, pretendendo ter um alcance continental em sua circulação. Ver CERQUEIRA, 2019: 200-223.

¹⁰⁹ Alguns textos publicados por ele na revista: “Sociopatología del Donjuanismo”, n. 1, 1951; “Progresos terapéuticos en psiquiatria”, n. 2, 1952; “Cortisona e cortico-trofina en psiquiatria”, n. 5, 1952; “La sexología según Osvaldo Schwarz”, n. 6, 1953.

praticamente desconhecido na Argentina daquela época, o que justificava que o primeiro capítulo do livro fosse basicamente destinado a apresentar os conceitos deste autor (DEL CUETO; SCHOLTEN, 2005: 2). O livro tinha sete capítulos, mas concentraremos nossa análise na Introdução e no capítulo 1 já citado, por considerarmos que, do ponto de vista teórico, são os textos mais importantes do livro.

Na introdução ao livro, significativamente intitulada “Epistemologia e psicanálise”, Bleger declarava que buscava fazer uma “análise epistemológica” da psicanálise, ou seja, “examinar os *a priori* conceituais com os quais trabalhou Freud” e “a estrutura dos pressupostos ou ‘princípios’ com os quais (...) elaborou suas hipóteses e teorias” (BLEGER, 1958: 18-19). Ou seja, não interessava a Bleger descartar diretamente a psicanálise pelo seu conteúdo ideológico, como haviam feito os stalinistas e os comunistas franceses, mas tentar entender seus pressupostos teóricos, como havia feito Politzer em seus primeiros textos. Bleger tomava a ideia dos “pressupostos” ou “esquemas referenciais” de um dos fundadores da APA e o único nome que ele mencionava nos agradecimentos do livro, Enrique Pichon-Rivière (BLEGER, 1958: 11; DEL CUETO; SCHOLTEN, 2005: 1).

No texto do capítulo propriamente dito, Bleger iniciava afirmando que, ao falar de Politzer como psicólogo, era preciso ter em mente que este nunca foi um “psicólogo de gabinetes”, nem de “técnica ou profissão”, mas sim “o crítico da psicologia e o psicólogo de uma vida vivida com plenitude”, o militante acima de tudo. Como outros textos que falam de Politzer em relação à psicanálise¹¹⁰, Bleger concordava que os trabalhos do francês sobre psicologia deveriam ser agrupados em duas etapas diferentes: a primeira, de seus escritos de 1928 e 1929, compreendia a crítica da psicologia e da psicanálise e a elaboração das bases de uma “psicologia concreta”, sendo esta a principal parte da produção de Politzer que Bleger resgatava; já na segunda etapa, após sua filiação ao PCF, os textos de Politzer seriam mais dispersos e buscavam criticar apenas “alguns aspectos da psicanálise”. No entanto, o psicanalista argentino defendia que Politzer não havia mudado de posição por influência do PCF e que todos os seus textos formavam uma crítica coerente e complementar da psicologia e da psicanálise. Desta maneira, Bleger podia elogiá-lo intensamente em 1955: “pessoalmente, atribuímos a Politzer o mais alto significado na crítica da psicologia e na renovação da

¹¹⁰ CIARDI; GIGOU, 1986; ROUDINESCO, 1988.

mesma; é totalmente original em suas concepções e efetua realmente uma crítica produtiva” (BLEGER, 1958: 30-31).

O argentino considerava que o próprio Freud havia sido a inspiração para a psicologia concreta referida por Politzer, mas afirmava que poucos autores após 1939 haviam seguido essa linha crítica no campo da psicologia; dentre esses poucos autores citados, dois nomes eram de psiquiatras franceses sobre cujo contexto já falamos neste capítulo, Bonnafé e Follin (signatários do manifesto de 1949). Bleger também fornecia uma definição de seu objetivo com o texto:

Entenda-se – de uma vez por todas – que não se trata de assimilar a psicanálise no seio do marxismo ou vice-versa, justificar com o marxismo as teorias psicanalíticas. Trata-se do único que é necessário e útil: o estudo da psicanálise, utilização de seus aportes, aprofundamento e reelaboração da mesma sem compromisso com suas hipóteses animistas ou mitológicas e nesta tarefa a utilização consequente do materialismo dialético é fundamental (BLEGER, 1958: 33, nota 4).

Para Bleger, o “rechaço da vida interior” e a “aceitação do drama como objeto da psicologia” eram as premissas das quais partia Politzer; neste rechaço o argentino não via a negação da existência da vida interior, o que seria fenomenologicamente impossível, mas sim “a crítica à psicologia que transforma o fenômeno, os dados psicológicos, em coisas”. Por sua vez, o drama no texto do filósofo francês incluiria tanto o comportamento, objeto de estudo de vários outros ramos da psicologia, como a vida interior, “em sua dependência e correlação dialética com o mundo externo” (BLEGER, 1958: 34-35). Bleger citava um trecho da obra original de Politzer para explicar o que este queria dizer por drama: “(...) nós queremos designar pelo termo ‘drama’ um fato e nós fazemos completa abstração das ressonâncias românticas desta palavra. Pedimos ao leitor que se habitue a esta acepção simples do termo e esqueça seu significado ‘comovente’”¹¹¹ (POLITZER, 1928: 10).

A partir desta acepção do termo drama se derivava o objeto da psicologia concreta, a saber “o conjunto dos fatos considerados em sua relação com o indivíduo”, e também se fazia a ligação entre psicologia concreta e materialismo dialético, a partir da afirmação de que a psicologia deveria ser considerada como “encravada na economia”, uma vez que, de acordo com a teoria marxista, mesmo os fatos psicológicos são

¹¹¹ As primeiras propostas de uso do “psicodrama” por Jacob Moreno foram contemporâneas deste texto de Politzer, em 1927, como apontamos no subcapítulo 3.4.

determinados pelas condições econômicas e materiais da sociedade da qual o indivíduo participa. No entanto, Bleger criticava a maneira muito simplista como Politzer apresentava tais relações, pois considerava que entre “o modo de produção dos bens materiais” e “os fatos psicológicos”, não existia uma relação tão direta e imediata, mas sim uma relação complexa na qual influíam inúmeros “intermediários dialéticos”, e que deixar de apontar isto seria cair novamente no “mecanicismo” tão criticado por Politzer (BLEGER, 1958: 39-41).

A seguir, Bleger apresentava a crítica de Politzer à psicologia clássica, com a qual ele concordava, baseada principalmente na ideia de que essa psicologia analisava a “vida interior” dos indivíduos deslocada de suas realidades concretas, o que a fazia estudar “processos que não são nossas ações cotidianas” e a levava a transplantar a “realidade concreta, dramática” para uma “segunda natureza”, para uma espécie de mito da crença na alma e na vida interior, que é o que Bleger e Politzer chamam de “mitologia” ou “animismo” na psicologia (BLEGER, 1958: 41-42). De acordo com Politzer, essa transposição do real para o plano espiritual era efetuada através do uso de ferramentas idealistas, que criavam uma suposta realidade para algo que não existia concretamente. Assim,

do mesmo modo como um sistema religioso revela uma transposição ao plano da fantasia de uma realidade social concreta, criando-se outro mundo projetado no céu, igualmente a vida concreta e particular do sujeito é levada, por meio da transposição, a engendrar uma entidade espiritual, como segunda natureza, como essência distinta e à parte do mundo real e concreto (BLEGER, 1958: 43).

Para Politzer, três tendências mais modernas da psicologia procuravam romper com o espiritualismo e o abstracionismo da psicologia clássica: a *gestalt*, o behaviorismo e a psicanálise. No entanto, elas continuavam a cometer “erros”, que acabavam por “viciar os novos caminhos que assinalam” (BLEGER, 1958: 44). Destas três correntes psicológicas, Politzer só deixou escrita a crítica de uma, a psicanálise. Bleger apontava que, para Politzer, a psicanálise (em especial *A interpretação dos sonhos*, a principal obra de Freud com a qual Politzer trabalhava) havia iniciado muito bem, rompendo com o idealismo e o animismo a partir da ideia de Freud de que os sonhos deveriam ser interpretados a partir “da vida dramática do indivíduo” e não de sua realidade interior separada do seu cotidiano. Porém, ao seguir com o seu desenvolvimento teórico, Freud teria postulado a existência de um “inconsciente” que seria parte de um “aparelho psíquico”, e aqui Politzer já identificaria um retorno ao

idealismo das “construções mitológicas da psicologia clássica”. Bleger, apesar de psicanalista, concordava com Politzer em que, apesar de existirem indubitavelmente fatos concretos sobre os quais se baseia a construção do inconsciente, a construção deste como sistema ou integrante do aparelho psíquico ocorria através de uma transposição, pela qual o “relato significativo” do paciente se transformava em “entidade psicológica, coisa” (BLEGER, 1958: 47-51).

Assim, Bleger concordava que a psicanálise havia se “mistificado” e voltado a se basear em teorias idealistas. Embora considerasse que, mesmo com seus erros, Freud representava “uma etapa necessária na psicologia”, apontava que o que continuava a atrair os jovens para a psicanálise era “o saber concreto que, indubitavelmente, sua prática aporta e não o idealismo de Freud”, o qual deveria ser assinalado e demonstrado pelo materialismo dialético (BLEGER, 1958: 53). Com relação ao último texto de Politzer sobre psicanálise, “O fim da psicanálise”, publicado em 1939, Bleger não considerava que este texto fosse uma ruptura com o pensamento anterior de Politzer, mesmo com suas críticas à psicanálise se tornando bem mais fortes, a ponto de profetizar o fim desta como corrente psicológica. Para Bleger, as críticas ao caráter idealista e biologista da psicanálise eram corretas, bem como a afirmação de que “a psicanálise trata de explicar a história pela psicologia e não a psicologia pela história”, como seria desejável, mas, nesse último trabalho, Politzer não teria feito “um justo apontamento do aporte concreto da psicanálise como psicologia”, além de ter exagerado em sua previsão de que a psicanálise teria o mesmo fim da frenologia e do hipnotismo: o esquecimento (BLEGER, 1958: 59). Esse aporte concreto da psicanálise era o que permitia que Bleger defendesse ainda sua relevância, mesmo concordando com a maioria das críticas de Politzer; ao mesmo tempo, considerava que era necessário oferecer à “juventude estudiosa” uma “visão do momento em que dentro da psicanálise o idealismo começa a usurpar a ciência”, a década de 1950 em que o psicanalista argentino estava escrevendo (BLEGER, 1958: 62).

O livro de Bleger praticamente não foi comentado por membros da APA, mais uma indicação da postura supostamente “apolítica e neutra” desta instituição. A exceção foi Fernando Ulloa, de quem falaremos ainda neste capítulo, que publicou uma resenha detalhada na revista *Acta Psiquiátrica Argentina* (DEL CUETO; SCHOLTEN, 2005: 4). No mesmo ano da publicação do livro, Bleger foi convocado para uma reunião da Comissão de Assuntos Culturais do PCA, da qual participaram psiquiatras como Thénon e José Itzginsohn, além de figuras de destaque da intelectualidade comunista. A

transcrição dessa reunião foi publicada na revista *Cuadernos de Cultura* em 1959. Nela, Bleger foi aconselhado a “realizar uma militância mais ativa no partido” e a “superar debilidades ideológicas”, mas não foi expulso do PCA (DEL CUETO; SCHOLTEN, 2005: 6).

Em 1959, dois psiquiatras argentinos comunistas publicaram artigos criticando a obra de Bleger, a partir do ponto de vista soviético. Cesar Cabral, em um texto intitulado “Algo sobre psicanálise e materialismo dialético”, voltava a caracterizar a psicanálise como “idealista, irracional e apriorística” e criticava a inconsequência e falta de compromisso ideológico de Bleger. Já Adolfo Lértora chamava o escrito de Bleger, pejorativamente, de “freudomarxista” e continuava a considerar a reflexologia de Pavlov como a “única psicologia verdadeiramente científica e compatível com o materialismo dialético”. Da mesma maneira, questionava se o “primeiro Politzer” seria marxista de verdade, discordando da teoria de Bleger de que os escritos do francês apresentariam uma continuidade de ideias, e da afirmação de que a reflexologia de Pavlov não seria uma psicologia, o que, para Lértora, caracterizava “uma dissimulação e uma tergiversação” de Bleger em relação a Pavlov. Bleger respondeu aos dois autores afirmando que a psicanálise deveria ser analisada como uma ciência, não apenas pelo seu caráter ideológico, e que ambos, Cabral e Lértora, confundiam constantemente política com ciência (DEL CUETO; SCHOLTEN, 2005: 5-7).

Em um comentário sobre o livro de Bleger publicado em 1960, Gregorio Bermann, citado anteriormente como editor da *RLAP*, reconhecia a “forte capacidade de raciocinar” e o “interesse por tudo compreender” de Bleger, mas era, em geral, crítico à empreitada de reconciliar a psicanálise com o marxismo. Para ele, em relação à ideologia de Freud, não havia mais dúvidas que “a sociologia, a filosofia, a ética, as interpretações históricas e antropológicas do freudismo são idealistas” e, portanto, não mereciam a qualificação de progressistas. Apenas as investigações clínicas da psicanálise ainda poderiam ser discutidas neste sentido. Além disso, a psicanálise, em especial na sua versão norte-americana, estava, no país “do capital de monopólio por excelência”, totalmente a serviço da burguesia, “desde a prática nos consultórios médicos até nas ‘relações humanas’ na indústria” (BERMANN, 1960: 108-109). Bermann também retomava algumas críticas sobre a formação psicanalítica, dizendo que, devido ao longo tempo e grande esforço (inclusive financeiro) necessários para a realização da análise didática e da formação como analista, os psicanalistas acabavam se convertendo a uma espécie de igreja ou seita, que refletia os valores burgueses da

sociedade mais geral e da qual jovens estudantes teriam muita dificuldade em escapar. Assim, Bermann criticava a afirmação de Bleger de que os jovens de sua época seriam atraídos para o estudo da psicanálise mais do que para o de outras correntes psicológicas. No geral, embora diga que compreende a atração de Bleger pela psicanálise e não seja tão crítico a esta última como em outros textos seus, Bermann concluía que a psicanálise estava ultrapassada e deveria ser substituída por outras técnicas: “não teria sido mais apropriado que Bleger estivesse entre as filas dos arquitetos dos tempos novos, em vez de perder-se nos meandros do estilo monstruosamente barroco ou nas ruas sem saída da psicanálise?” (BERMANN, 1960: 110).

Dois anos depois, em 1962, Bleger foi expulso do PCA. Existem várias versões sobre a causa de sua expulsão: que havia sido, um pouco tardiamente, por causa do livro de 1958; que era consequência do fato de que Bleger havia viajado à União Soviética e regressado criticando o antissemitismo que haveria lá, ou mesmo, na opinião de Cabral, porque Bleger teria publicado anúncios de seu trabalho de assessoramento profissional a industriais e comerciantes, o que teria sido considerado como contrário às diretrizes do partido (DEL CUETO; SCHOLTEN, 2005: 5-7).

Se em relação aos psiquiatras comunistas, a recepção da obra de Bleger não foi muito favorável, o autor acabou obtendo “consagração acadêmica” a partir do início da década de 1960, a partir de sua ideia de “psicologia da conduta”. Del Cueto e Scholten afirmam que ainda está por ser feito um estudo mais extenso mostrando de que maneira esta psicologia da conduta é uma continuação do projeto de *Psicanálise e dialética materialista*, ou se ele incorporou novos elementos conceituais em sua análise (DEL CUETO; SCHOLTEN, 2005: 11). De qualquer maneira, Bleger se tornou, próximo ao fim da década de 1960, uma das principais inspirações para o Movimento Plataforma, como mostra esse trecho de um depoimento do psicodramaturgo Eduardo “Tato” Pavlovsky, que participou ativamente do movimento: “Nos reuníamos às quintas-feiras na casa de Gregório Baremlitt, com a finalidade de ir consolidando uma maneira própria de pensar. Naturalmente que o eixo fundamental era José Bleger. Ele era o inspirador, mas participou pouco, embora integrado ao grupo” (PAVLOVSKY, 2001, *apud* MASCARENHAS, 2015).

2.3. O segundo retorno de Rodrigué à Argentina e a presidência da APA

Apesar dos muitos elogios que fez à comunidade terapêutica de Austen Riggs e ao seu trabalho por lá, Rodrigué não permaneceu trabalhando nos Estados Unidos por muito tempo: em 1963, retornou mais uma vez à Argentina, onde se estabelecerá pelos dez anos seguintes. As razões de seu retorno não são muito claras: ele mesmo afirmou posteriormente que talvez o “fato de ser kleiniano”, e, portanto, não ser muito bem-visto pelos psicanalistas norte-americanos, o tenha influenciado (RODRIGUÉ, 2006: 95). No entanto, em um trecho anterior de *Separações necessárias*, ele apontava que já havia se afastado do movimento kleiniano a partir da ruptura de sua analista didata, Paula Heimann, com o grupo, no final da década de 1940¹¹². A seguir, ele indicava outra possível razão: “como médico estrangeiro, sem equivalência de diploma, eu teria sido dependente demais de Riggs”, e deixava transparecer um ressentimento pelo fato de a instituição não ter escrito ao governo norte-americano “para lhe pedir que fizesse uma exceção em meu favor”. Da mesma maneira que o motivo anterior, este não parece muito crível: afinal Rodrigué havia trabalhado em Austen Riggs por pelo menos quatro anos sem precisar da equivalência de seu diploma, e nada indica que esta questão havia se tornado repentinamente tão central no início da década de 1960. Por fim, ele acabava por reconhecer um motivo pessoal como mais decisivo: “o que fez a balança pender para o lado da partida foi a morte de Heinrich Racker¹¹³. Nunca uma morte havia me alegrado tanto. Reconheço que não é muito correto constatar que a morte de Racker me tirou da depressão pós-Nara¹¹⁴, mas foi assim” (RODRIGUÉ, 2006: 96). Outros acontecimentos, não mencionados pelo autor, também podem ter influenciado sua decisão: a morte repentina de Rapaport, em 1960, e a partida, na mesma época, de Erikson de Austen Riggs, para ser professor de desenvolvimento humano em Harvard (FRIEDMAN, 1999). Como Rapaport e Erikson eram as duas figuras de Austen Riggs às quais Rodrigué se vinculou mais fortemente, é plausível que a saída dos dois tenha tornado o ambiente da clínica norte-americana menos amigável para o analista argentino.

De volta à Argentina, Rodrigué percebeu o grande impulso que a psicanálise havia recebido no país durante os anos em que ele esteve fora. Ele considerava que os primeiros sinais disto haviam ocorrido em 1956, ano do centenário do nascimento de

¹¹² Ver páginas 72-73.

¹¹³ Analista didata da APA e marido de Nouné, sua paixão na Argentina no início da década de 1950. Ver página 71.

¹¹⁴ A mulher de um trabalhador de Austen Riggs, por quem Rodrigué havia se apaixonado enquanto estava lá. Ver páginas 91-92.

Freud: o início das experiências de Mauricio Goldenberg na clínica de Lanús, que já analisamos no subcapítulo 1.5, a fundação da Associação Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupos¹¹⁵, o início da utilização do psicodrama por Tato Pavlovsky e Jaime Rojas Bermúdez¹¹⁶ e a chamada “operação Rosario” (RODRIGUÉ, 2006: 97). A “operação Rosario” foi um evento organizado por jovens estudantes e médicos da cidade de Rosario que trabalhavam com Enrique Pichon Rivière no Instituto Argentino de Estudios Sociales (IADES), em Buenos Aires. Utilizando a técnica dos grupos operativos, os estudantes e médicos de Rosario organizaram “uma espécie de *happening*”, que contou com “cerca de mil pessoas – desde professores universitários até boxeadores, incluindo um bom número de estudantes de psicologia e medicina, com a coordenação de vinte analistas”, que se reuniram em um final de semana para “discutir Rosario”. O grande número e a heterogeneidade dos participantes favoreceram a exposição pública da psicanálise na Argentina (BALÁN, 1991: 156)¹¹⁷.

Como Rodrigué contou em *Separaciones necesarias*: “O número de psicanalistas se multiplicava. Freud entrava na universidade: a de medicina, graças a Garma e Rascovsky; e a de psicologia, através de Bleger, Liberman e Ulloa. Freud era um *happening* no Instituto Di Tella, com Marta Minujín¹¹⁸” (RODRIGUÉ, 2006: 96; PERES, 2004b: 29). Citando o livro de Jorge Balán, ele apontava que o curso de “Introdução à psicologia”, ministrado por José Bleger, era assistido por centenas de estudantes, principalmente mulheres, que ouviam as aulas através de alto-falantes instalados nos corredores e nas salas próximas.

A seguir, Rodrigué apontava que, em 1963, quando retornara ao país, o grupo de analistas de sua geração já estava começando a ocupar cargos diretivos: entre os nomes citados neste trecho, estavam León Grinberg, José Bleger, Willi Baranger e Diego García Reynoso (RODRIGUÉ, 2006: 98). Com Grinberg, com quem havia organizado, em conjunto também com Marie Langer, a dois livros na década de 1950 sobre psicoterapia de grupos¹¹⁹, Rodrigué “juntou” seu consultório, mas não se referiu, posteriormente, à relação entre os dois colegas de maneira muito favorável:

¹¹⁵ Rodrigué foi um dos fundadores da instituição. Segundo Heliana Rodrigues (2007), a fundação da associação argentina teria ocorrido um ano antes, em 1955.

¹¹⁶ Pavlovsky foi um dos maiores amigos e uma das pessoas mais próximas a Rodrigué durante toda a vida deste. Ver subcapítulo 3.4.

¹¹⁷ Quando Rodrigué se refere à “Operação Rosario”, ele cita Balán, mas este último autor diz que o evento ocorreu dois anos mais tarde, em 1958.

¹¹⁸ Artista plástica (1943-) que realizou uma série de *happenings*, ou *performances*, marcadas pela contracultura, na Argentina da década de 1960. Ver MINUJÍN, s.d.

¹¹⁹ Ver subcapítulo 1.3.

Tinha uma relação curiosa com ele [Grinberg]. Ele me considerava mais do que eu o considerava, e guardo disso uma culpazinha. Eu o criticava em silêncio, sua excessiva ambição me incomodava e eu preferia não conversar com ele. Sem dúvida, eu invejava seu grande talento político e o fato de ele ser o líder, indiscutível mas pouco amado, dos Revolucionários. Num certo sentido, seu papel de chefe me foi proveitoso; ele provavelmente me levou à presidência da APA (RODRIGUÉ, 2006: 98).

Logo após retornar à Argentina, Rodrigué também assumiu seu romance com Nouné, separando-se rapidamente de Beatriz, por meio, segundo ele, de “uma operação cirúrgica sem anestesia”, pois ele dizia preferir “cortar na carne a ficar em marchas e contramarchas, como faz a maioria dos maridos” (RODRIGUÉ, 2006: 99). A relação com Nouné foi lembrada por ele como uma sucessão de momentos felizes, marcada, além disso, por uma ótima situação financeira: “ganhávamos bem a nossa vida, e Nouné possuía um maravilhoso apartamento em Paris e uma casa rústica perto de Cannes”, de maneira que, todo ano, o casal passava dois meses na Europa e fazia “safáris gastronômicos”, buscando os melhores restaurantes por toda a França (RODRIGUÉ, 2006: 100-101). Rodrigué também atribuía ao relacionamento com Nouné, psicanalista como ele, avanços em suas técnicas de analista e, inclusive, nas suas relações com os pacientes que analisava. Segundo ele, na época em que estava com ela, “na transferência, parei de me posicionar como personagem central. Abandonei o modelo do ‘Sim, mas...’ pelo do ‘Sim, e ainda...’, surfando na associação livre do paciente, sem jamais contrariar a direção da onda” (RODRIGUÉ, 2006: 104).

Por fim, ele também atribuía ao seu relacionamento com Nouné a chegada à presidência da APA, pelo fato dela ser a viúva de Racker, um nome muito respeitado dentro da instituição. Segundo ele, “mais uma vez, eu vim ocupar o lugar de Édipo”:

Ninguém se perguntou como pude me casar com Nouné apenas um mês depois de minha volta dos Estados Unidos; ninguém nem mencionou o delito anterior e clandestino. Mas é evidente que, para o inconsciente coletivo da APA, eu deitava com Jocasta e meu poder sobre o reino se estendia (RODRIGUÉ, 2006: 104).

Além disso, ele publicou, com a coautoria de Nouné, um livro sobre técnicas de psicanálise, *El contexto del proceso analítico*, no ano de 1966, mesmo ano em que assumiu a presidência da APA. Nouné, que é creditada no livro como Geneviève T. de Rodrigué, foi a autora de quatro dos onze capítulos do livro, os restantes sendo assinados por Emilio Rodrigué. O livro foi publicado pela Editorial Paidós, de Buenos

Aires, na mesma coleção (Biblioteca de Psiquiatria, Psicopatología y Psicossomática) em que foram publicados os livros coletivos sobre terapia de grupos. O livro era dedicado a Marie Langer e a Susanne Langer, “que, em certo sentido, são irmãs” (RODRIGUÉ; RODRIGUÉ, 1966: 5).

Na introdução, que era assinada pelos dois autores, diziam que “na psicanálise, existem tratados teóricos, técnicos, clínicos e aplicados”, mas que, embora esse livro tivesse um pouco de todos esses elementos, não se enquadrava precisamente em nenhum deles¹²⁰. A seguir, discutiam o problema de transformar a fala dos pacientes em um relato narrativo e concluíam que, entre o que ocorreu em uma sessão de análise e o que se relata posteriormente, “não existe nenhuma similitude formal externa”, e que, portanto, o relato é um artifício utilizado para favorecer a compreensão do leitor, que, exatamente por sua qualidade de artifício, nunca é “totalmente satisfatório” em evocar a riqueza emocional de uma sessão (RODRIGUÉ; RODRIGUÉ, 1966: 11-12).

Os autores também apontavam que o grupo argentino de psicanálise teria se formado distante dos “dois grandes centros que polarizaram a criação original e a polêmica analítica (primeiro Viena-Londres, depois Inglaterra-América do Norte)”. No entanto, eles consideravam que isto acabou por produzir uma vantagem para os argentinos, que não foram dominados pelo “paroquialismo” e “caráter de cisma” identificado nos dois movimentos psicanalíticos de língua inglesa, que, para Rodrigué, “conhecem pouco ou nada” do pensamento um do outro. A prova disto era a trajetória do próprio Rodrigué, que havia sido membro tanto de uma sociedade inglesa como de uma norte-americana de psicanálise. Ao contrário, os argentinos, “por sua geografia e história”, podiam receber elementos dos dois grupos¹²¹ (RODRIGUÉ; RODRIGUÉ, 1966: 13).

Portanto, a ideia dos autores era de “aproximar, mais do que integrar” as diferentes correntes teóricas psicanalíticas, permitindo “colocar no mesmo campo ideias e modos de pensar que, no estado natural do pensamento analítico, se desenvolvem em nichos sem conexão”. Desta maneira, eles diziam que “neste livro, gravita mais Rapaport do que Erikson”, embora este último fosse citado com mais frequência na

¹²⁰ É possível fazer um paralelo aqui com as dificuldades posteriores de Rodrigué em enquadrar sua produção literária em um gênero definido, como veremos no subcapítulo 4.2.

¹²¹ Este mesmo argumento, mas estendido para a América Latina em geral, será defendido por Rodrigué na introdução de sua biografia de Freud, de 1995, a saber, que os psicanalistas latino-americanos podiam incorporar elementos tanto dos ingleses como dos franceses, sem precisar se filiar a nenhuma dessas escolas. Ver o subcapítulo 4.3.

obra, devido à importância dos textos teóricos e metapsicológicos de Rapaport¹²². A seguir, apontavam outros autores que teriam influenciado a obra, como Kanner, Winnicott e Susanne Langer, cujo “aporte lógico-estético à teoria analítica dos símbolos” continuava a ser uma influência marcante para Rodrigué, mesmo que Langer não fosse psicanalista, mas sim filósofa (RODRIGUÉ; RODRIGUÉ, 1966: 14). E concluíam a introdução com uma afirmação bastante otimista sobre o futuro da psicanálise argentina:

Estamos convencidos de que o grupo argentino pode ser um caldeirão que, no futuro, integre as correntes da nossa atual sectária psicologia psicanalítica. (...) Cabe agregar um fator imponderável de sumo valor: o estímulo e vigor de nosso grupo. O fermento de ideias que aqui se dá é notável; boas ideias, algumas brilhantes, outras indisciplinadas, configuram um clima intelectual onde se tem a firme impressão de que nosso fatigante e difícil trabalho é valioso, porque estamos inovando (RODRIGUÉ; RODRIGUÉ, 1966: 14).

Este trabalho valioso havia se originado por causa da “gente pioneira” que havia criado a APA argentina, como Garma, Racker e Pichon Rivière, que não só eram talentosos como até mesmo “fanáticos pela ‘coisa analítica’ como chave para descobrir e compreender – mesmo que com prepotência – o enigma de como a gente é por dentro” (RODRIGUÉ; RODRIGUÉ, 1966: 14-15). Como veremos a seguir, neste mesmo ano Rodrigué assumiu a presidência da APA, o que permite que se faça uma leitura política de sua declaração de confiança no futuro do “grupo argentino”.

Embora Rodrigué só tenha retornado à Argentina em 1963, as discussões sobre a formação dos analistas na APA e a relação destes com a sociedade argentina já vinham ganhando fôlego desde pelo menos 1959, quando a própria APA organizou um simpósio sobre “a relação entre analistas”, questão que foi retomada no ano seguinte no Congresso Psicanalítico Latino-Americano, realizado no Chile. Foi neste contexto de autocrítica e de divisão da instituição em diferentes grupos que se desenvolveram as condições que permitiram a Rodrigué ascender até a presidência da APA. Um nome que deve ser mencionado aqui é o de Mauricio “Moro” Abadi¹²³. Como vimos no capítulo 1, era na casa dele que os psicanalistas argentinos se reuniam para fazer supervisão, e foi

¹²² Sobre Rapaport, Erikson e as relações entre Rodrigué e eles na comunidade terapêutica de Austen Riggs, ver o subcapítulo 1.4.

¹²³ Os poucos dados biográficos que conseguimos obter sobre Abadi afirmam que ele nasceu em Damasco, na Síria, em 1917 e emigrou para a Argentina em 1935. Lá, entrou para a APA na década seguinte, instituição da qual foi presidente em 1977-1978, durante a ditadura argentina. Foi professor titular de uma cadeira em psicologia da Universidade de Buenos Aires. Até próximo à sua morte, em 2003, Abadi continuou escrevendo e participando de programas de TV sobre psicanálise na Argentina. Ver ANU MUSEUM OF THE JEWISH PEOPLE, s.d.; RESNICOFF, s.d.

lá que Rodrigué conheceu Noune. Abadi, no simpósio de 1959, realizou uma intervenção dizendo que a APA estava se tornando semelhante às sociedades secretas, caracterizadas pelo uso de rituais e pelo isolamento total em relação ao meio social ao seu redor. Para Abadi, esse isolamento limitava o campo de ação do analista, que aceitava “barreiras em suas relações com o mundo para separar ou dissociar a atividade profissional da vida fora do consultório”. Ele defendia, ao contrário, que a psicanálise se abrisse a influências vindas de outras ciências, como a psicofisiologia e o desenvolvimento dos psicofármacos, e se constituísse em uma filosofia de vida, tendo contatos e trocas com o mundo exterior (BALÁN, 1991: 198).

Abadi, em sua participação no simpósio, foi bem contundente em sua crítica à APA, em um trecho que Rodrigué também cita literalmente:

Uma certa tentativa de imobilização, com um caráter quase religioso, de nossas conjecturas teóricas, elevadas à categoria de dogmas, ou de certas normas técnicas do tratamento psicanalítico, veneradas como rituais, só podem ter sentido na medida em que sigamos pensando que a “nossa” psicanálise é um instrumento mágico que deve ser preservado contra toda contaminação e em toda a sua pureza, no santuário de sociedades psicanalíticas com a configuração de privilegiados grupos esotéricos (ABADI, *apud* BALÁN, 1991: 198; RODRIGUÉ, 2006: 123).

Desta maneira, Abadi reconhecia uma divisão dos analistas da APA entre “puros” e “impuros”, e se colocava como “o mais impuro de todos os impuros” (RODRIGUÉ, 2006: 123). Rodrigué, quando retornou à Argentina, se filiou ao grupo dos “puros”, que era liderado por Marie Langer. Os membros deste grupo buscavam assegurar que a prática da psicanálise como terapia fosse feita apenas pelos formados em uma instituição psicanalítica, separando-a do ensino e da difusão da psicanálise para outras profissões, como a psicologia e o direito. Assim, na Faculdade de Medicina da UBA, por exemplo, a psicanálise era dada em cursos e grupos de estudos fora do currículo de medicina e “culminava na fundação de escolas privadas para o treinamento de psicanalistas fora da APA”, um modelo mais próximo ao que defendia o grupo “impuro”, enquanto no curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Letras professores como José Bleger ministravam cursos apenas com orientação teórica psicanalítica e impediam que os alunos fizessem atendimentos psicanalíticos, mais de acordo com a visão do grupo “puro” (BALÁN, 1991: 198-199).

Os “puros” também defendiam a implementação de um código de ética para a profissão, por acharem que estava ocorrendo em demasia o que chamavam de “abuso de

transferência”, ou seja, “o uso indevido do poder do analista sobre o paciente em tratamento”. Como Langer colocou na época, “os abusos de transferência [ocorriam] em todos os sentidos: erótico, econômico, de manipulação política (...), na luta pelo poder na APA. Nós éramos os ‘moralistas’, os ‘superegoicos’ (...), eles os consumistas” (LANGER, *apud* BALÁN, 1991: 199; RODRIGUÉ, 2006: 124).

O grupo liderado por Langer também era conhecido como Grupo Escobar, devido à localidade na Grande Buenos Aires onde, segundo Balán, a maioria de seus membros tinham chácaras onde passavam os fins de semana. De acordo com Rodrigué, ao contrário, só três analistas do grupo tinham casas em Escobar: Marie Langer, León Grinberg e Noune, cuja casa era usada por Rodrigué; em resumo, os autores dos livros sobre psicanálise de grupos do final da década de 1950, que continuavam a ser amigos e a formar um grupo político dentro da APA. O grupo Escobar chegou ao poder na APA antes do regresso de Rodrigué à Argentina, com a ascensão de Marie Langer à presidência da instituição em 1960, iniciando uma sequência de quatro presidentes consecutivos do grupo¹²⁴ (BALÁN, 1991: 200; RODRIGUÉ, 2006: 124).

Para Balán, os membros do Grupo Escobar que chegaram à presidência da APA compartilhavam a perspectiva kleiniana, além de “uma atitude rigorosa sobre a psicanálise e o exercício da profissão”. Em seus mandatos durante a década de 1960, implementaram medidas com exigências maiores para o treinamento, como a instituição de um quarto ano de seminários; essa “opção por um modelo de treinamento mais fechado resultava coerente tanto com a ênfase kleiniana no enquadre da relação analista-paciente como com o desejo de ‘moralizar’ a profissão” (BALÁN, 1991: 201).

Embora um dos pontos centrais dessa orientação kleiniana fosse a ideia de que a psicanálise deveria ser praticada e ensinada como estando isolada do meio social, cultural e político, Balán aponta que a forte politização da psicanálise argentina no final dos anos 1960 foi iniciada, paradoxalmente, pelos próprios kleinianos, ou seja, o grupo de Langer, dos “puros”. Para Balán, no entanto, “essa aparente contradição não foi percebida como tal pelos seus atores: os fundamentalistas se transformavam em revolucionários sem descontinuidade aparente, uma vez que a ideologia freudiana original permitia também uma leitura da psicanálise como meio de transformação social” (BALÁN, 1991: 202).

¹²⁴ Após Langer, assumiu a presidência Grinberg, de 1961 a 1964, sucedido por David Lieberman, de 1964 a 1966 e Rodrigué, de 1966 a 1968. Ver APA, s.d.

Entre os fatores que explicam a transformação dos “fundamentalistas” em “revolucionários”, podemos colocar algumas trajetórias pessoais relevantes, especialmente a de Enrique Pichon-Rivière. Inicialmente, Pichon, que na década de 1960 já não participava ativamente da APA, foi destituído de sua posição de analista didata na instituição. De acordo com Rodrigué, o fato ocorreu em sua administração como presidente, ou seja, entre 1966 e 1968, já que, segundo ele, Pichon “não pagava sua cotização como membro da APA”, não dirigia mais seminários e “permanecia afastado da atividade científica”. No entanto, Rodrigué, retroativamente, considerava este ato o seu maior erro como presidente e concluía que teria sido melhor nomear a Pichon presidente honorário da instituição (RODRIGUÉ, 2006: 125). Para Balán, o afastamento de Pichon, que teria sido ocasionado também por doença, foi um dos fatores que fez com que Marie Langer, especialmente, assumisse um papel mais ativo na militância política. Langer, além de amiga, compartilhava orientações ideológicas e políticas com Pichon, e, ao contrário deste, era o nome mais forte do grupo dominante na APA da época. Como Pichon não podia mais fazer análise didática dentro da APA, alguns de seus jovens analisandos, com uma postura política mais ativa, passaram para Marie Langer, que foi, progressivamente, se tornando mais receptiva em relação a estas posturas (BALÁN, 1991: 202). Assim, é possível perceber que o processo de enfraquecimento do “purismo” e do “fundamentalismo” foi gradual, ocorrendo durante quase toda uma década.

Além disso, na mesma época, dois dos discípulos mais próximos de Pichon ganhavam bastante destaque, inclusive no ambiente político: José Bleger, de quem falamos no subcapítulo anterior, e Fernando Ulloa, que, como veremos a seguir, foi o líder do Movimento Documento, precursor do Movimento Plataforma. “Bleger e Pichon exerciam uma forte liderança intelectual sobre jovens psiquiatras e psicanalistas que não se viam cômodos dentro de um papel profissional estreito; pelo contrário, participavam ativamente da vida institucional e política, no que começava a ser chamado de ‘o campo da saúde mental’”. (BALÁN, 1991: 202). Já para Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, o próprio Pichon teria se desinteressado pela análise didática em 1965, mas “o seu seminário, para o qual acorria a juventude, continuou a lhe garantir um lugar incontestável de líder intelectual, apesar do álcool e dos medicamentos” (ROUDINESCO; PLON, 1998: 593). Desta maneira, uma aproximação entre o grupo de Escobar e os psicanalistas de militância política na esquerda produziu as condições

para o surgimento dos movimentos Documento e Plataforma, dos quais iremos falar no próximo subcapítulo.

Rodrigué, comentando o trecho de Balán sobre os “puros” e “impuros” em 2000, concordava com M. Langer de que, no fundo, a disputa pelo poder era o elemento mais importante dessas divisões:

(...) Pode-se dizer que a psicanálise aberta que Abadi propõe é muito diferente da abertura que Plataforma proporá uma dezena de anos depois. Sua presença vale como sintoma de um mal-estar, mas todos nós, tanto os puros quanto os impuros, entabulamos um debate de feição religiosa, uns falando de contaminação, os outros, de ritualização. Na minha opinião, esses eixos eram externos a uma problemática especificamente psicanalítica. A questão era, antes de tudo, uma luta pelo poder, conduzida pelo poderoso imaginário político da APA (RODRIGUÉ, 2006: 124).

Portanto, em abril de 1966 Rodrigué assumiu a presidência da APA, com o programa de continuação da linha dos três presidentes anteriores: Marie Langer, León Grinberg e David Liberman. Em sua gestão, o diretor do Instituto de Psicanálise era Diego García Reinoso e o Centro Racker¹²⁵ era chefiado por José Bleger. Segundo Balán, “todos eles formavam o grupo ‘forte’ de analistas didatas, que combinavam a adesão kleiniana, o espírito restritivo e elitista da APA e as posturas políticas da intelectualidade de esquerda que predominava na universidade e em alguns meios hospitalares, como o Lanús ou o Hospital de Crianças¹²⁶” (BALÁN, 1991: 204).

No contexto político argentino, foi o ano em que um golpe, em 28 de junho de 1966, depôs o presidente Arturo Illia e passou a Presidência para o general Juan Carlos Onganía, que instituiu mais uma ditadura militar. Inicialmente, o golpe foi apoiado por “um amplo consenso entre grandes empresários (e também pequenos e médios), entre a maioria dos partidos políticos – exceto os radicais, socialistas e comunistas – e até entre muitos grupos da extrema esquerda, satisfeitos com o fim da democracia ‘burguesa’”. No entanto, logo esta aprovação começou a diminuir, pois o governo implementou uma poderosa repressão ao que chamava de comunismo, que acabou por atingir todas as expressões de pensamento crítico, especialmente as universidades. Estas sofreram intervenção e perderam a autonomia acadêmica, e, em 29 de julho de 1966, na chamada “noite dos cacetetes”, a polícia invadiu algumas faculdades da UBA e chegou a espancar alunos e professores. Muitos professores pediram demissão na sequência e

¹²⁵ Criado após a morte de Heinrick Racker. Ver página 71.

¹²⁶ Onde trabalhavam Pichon Rivière e sua esposa Armina Aberastury. Ver páginas 69-70.

foram trabalhar no exterior (ROMERO, 2006: 160-161). A carreira de psicologia foi uma das mais afetadas pelas intervenções do governo, “deixando de funcionar na prática por quase dois anos”, até 1968. Como consequência, o governo Onganía passou a ter a oposição de quase todos os intelectuais argentinos (BALÁN, 1991: 204-205).

Estes acontecimentos acabaram por afetar decisivamente a APA, apesar da instituição ainda defender oficialmente seu isolamento em relação ao meio político. Muitos dos jovens candidatos em formação na época participavam da vida política e cultural do país, em geral militando fora dos partidos tradicionais da esquerda argentina, mas, ao mesmo tempo, se definiam como trabalhadores de saúde mental e psicanalistas. Desta maneira, em 1967, já na presidência de Rodrigué, a APA realizou um simpósio sobre a “problemática atual”, que incluía as relações da instituição com o ambiente externo. No entanto, devido ao clima político, as discussões não foram publicadas externamente; circularam apenas internamente e sua difusão fora da APA foi proibida (BALÁN, 1991: 205).

Logo após ter deixado o cargo de presidente da APA, em 1969, Rodrigué foi atacado pelo filósofo Oscar Abelardo Masotta (1930-1979), em um artigo publicado no primeiro número da *Revista Argentina de Psicología*, publicação oficial da Asociación de Psicólogos de Buenos Aires (APBA), fundada em 1962. O artigo de Masotta tinha o título irônico de “Leer a Freud”, e “seu principal argumento era que os psicanalistas da APA não entendiam e não podiam entender a Freud”. Em sua crítica, Masotta, que foi um dos primeiros a introduzir o pensamento de Lacan na Argentina, mobilizava, além do psicanalista francês, Marx e o filósofo francês Louis Althusser¹²⁷ contra Rodrigué e os psicanalistas da APA de maneira geral. O ex-presidente da APA respondeu na mesma revista com um texto intitulado “Leer a Rodrigué”. A revista não permitiu que Masotta continuasse a discussão, então ele reproduziu o artigo de Rodrigué no número 1 de *Cuadernos Sigmund Freud*, acompanhado de sua resposta: “Anotaciones para un psicoanálisis de Rodrigué” (BARRERAS, 2012: 3).

Esta discussão pessoal na verdade encobria uma disputa por espaços institucionais e pela afirmação das disciplinas do campo “psi”. Rodrigué era

¹²⁷ O filósofo Louis Althusser (1918-1990), durante a década de 1960, ficou conhecido por publicar duas obras que buscavam reformular o marxismo, *Para Marx e Ler o Capital*; ao mesmo tempo, ele se inspirava profundamente nas teses freudianas e na obra de Lacan, tendo escrito o artigo “Freud e Lacan” em 1964. Muitos alunos seus passaram a fazer parte da École Freudienne de Paris (EFB), instituição fundada por Lacan em 1964 e que se estabeleceu, inicialmente, em uma sala da École Normale Supérieure, onde Althusser dava aulas. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 124, 165, 449; ALTHUSSER, 1996.

identificado com a APA, organização da qual havia deixado de ser presidente apenas um ano antes, e que vivia uma crise institucional. Como coloca Mariano Ben Plotkin, “o fato de que a primeira crítica dura à APA a aparecer nas páginas da *RAP* foi administrada por um *outsider*”¹²⁸, e também de que “Rodrigué recebeu imediatamente a oportunidade de responder e de ter a última palavra (...) nos dá uma indicação dos sentimentos contraditórios dos psicólogos em relação ao *establishment* psicanalítico” (PLOTKIN, 2001: 161). Ao mesmo tempo, o que incomodou a Rodrigué foi o fato de alguém exterior às instituições psicanalíticas consagradas e sem nenhuma experiência clínica tentar lhe “dar lições sobre como interpretar Freud”. Por isso, a resposta de Rodrigué demonstra o quanto “debilitada e assediada estava a hegemonia da APA no interior do mundo ‘psi’: seu presidente tinha que discutir com alguém que, segundo os parâmetros da própria instituição que presidia, não reunia as condições para ingressar nela” (BARRERAS, 2012: 4).

Neste mesmo contexto, os ecos do movimento estudantil de maio de 1968, em Paris, também chegaram até a Argentina. Rodrigué aponta “os anos Woodstock, da liberação sexual e da maconha” como influências para as mudanças em sua carreira psicanalítica (RODRIGUÉ, 2006: 125). Além disso, “nos começos de 1969, o regime militar de Onganía dava sinais de esgotamento” (BALÁN, 1991: 205). Alguns movimentos estudantis de pequeno porte aconteceram, culminando no chamado “Cordobazo”¹²⁹, de enorme importância simbólica e que seria citado, posteriormente, por Marie Langer como o fator que teria precipitado a ruptura dos membros do Movimento Plataforma com a APA.

Em 1969, logo antes do “Cordobazo”, já tendo deixado o cargo de presidente da APA, Rodrigué foi eleito presidente da Federação Argentina de Psiquiatras (FAP). Segundo ele, “não tinha a menor ideia do que era a FAP”, mas, mesmo sem estar

¹²⁸ Masotta não era membro da APBA nem formado em medicina ou psicologia, apesar de seu papel na difusão das ideias de Lacan.

¹²⁹ O Cordobazo foi uma revolta popular que reuniu operários e estudantes contra a ditadura militar de Onganía, ocorrida na cidade de Córdoba nos dias 29 e 30 de maio de 1969; foi uma das chamadas “puebladas”, revoltas populares argentinas que aceleraram o desgaste do governo. Iniciou-se com a convocação de uma greve geral e seguiu com a caminhada de milhares de estudantes e operários em direção ao centro da cidade, onde se juntaram a outros manifestantes e foram atacados violentamente por forças militares. Mesmo assim, a multidão controlou a zona central da cidade por várias horas, antes que o Exército fizesse com que os manifestantes se dispersassem e seguissem para os bairros residenciais de Córdoba, onde foram apoiados por grande parte da população, que ergueu barricadas e destruiu vários estabelecimentos comerciais, mantendo o controle de partes da cidade por dois dias. Após esse período, com a chegada de reforços militares da capital, o movimento foi reprimido e vários de seus dirigentes presos. O saldo do movimento foi de entre 20 e 30 mortos, cerca de 500 feridos e 300 presos, e sua repercussão em todo o país foi enorme, sendo considerado por alguns historiadores como “o maio de 68” argentino. Ver VEZZETTI, 2009; LANGER, 1973: 10-11; ROMERO, 2006: 166-167.

presente, foi eleito por unanimidade, o que ele atribuía tanto à “importância que a psicanálise havia adquirido no meio psiquiátrico” quanto à sua “ascensão e glória como psicanalista no fim dos anos 1960”, indicando que teria sido eleito basicamente devido à sua reputação na época (RODRIGUÉ, 2006: 126). Segundo Balán, a FAP, na época, era uma instituição pouco ativa dominada por psiquiatras comunistas. Rodrigué, uma figura de prestígio que não tinha vínculos partidários, teria sido escolhido “pela sua capacidade potencial de atrair a jovens psiquiatras e psicanalistas para a transformação da FAP em um instrumento da luta gremial e política” (BALÁN, 1991: 207).

De qualquer maneira, assumir o cargo colocou-o no centro das movimentações políticas da época: quase todos os analistas que viriam a ser participantes de Plataforma eram membros tanto da APA como da FAP, e esta última começou a distribuir panfletos apoiando a greve geral convocada pelos operários em Córdoba, inclusive dentro da APA. No entanto, a instituição psicanalítica reagiu mal e proibiu, inicialmente, a continuação das atividades políticas. Como Rodrigué coloca: “Eu, como presidente da FAP, recebi uma carta indignada e aberta do presidente da APA, em nome de todos os membros da APA, proibindo-nos categoricamente de exercer essa atividade política...” (RODRIGUÉ, 2006: 180). No entanto, após os acontecimentos em Córdoba, a associação mudou de posição: no dia 30 de maio de 1969 suspendeu suas atividades, em sinal de luto pelas vítimas do “Cordobazo”, e publicou um texto nos jornais de Buenos Aires “lamentando a incompreensão do governo nacional em relação aos movimentos juvenis de Córdoba” (BALÁN, 1991: 205-206). A partir da FAP, os psicanalistas continuaram pressionando a APA, e, em outubro de 1970, membros da FAP distribuíram panfletos na APA pedindo sua adesão a uma greve dos trabalhadores de saúde mental, o que provocou uma crítica do então presidente da APA, Jorge Mom, insatisfeito com o que via como “invasão de território” (BALÁN, 1991: 207). No ano seguinte, os membros do Grupo Plataforma argentino, incluindo Rodrigué, romperam com a APA, o que marcou o encerramento da trajetória do psicanalista argentino em instituições oficiais de psicanálise.

Os psicanalistas que romperam com a APA, tanto membros de Plataforma como de Documento, voltaram seus esforços institucionais para a FAP, onde Marie Langer sucedeu a Rodrigué na presidência. A FAP, em 1972, criou, junto com a Associação de Psicólogos e de Pedagogos, a Coordenação de Trabalhadores da Saúde Mental, cujo grande impacto na época foi sentido através de uma dependência sua, o Centro de Docência e Investigação (CDI), que, em pouco tempo, se transformou em uma enorme

escola informal, com mais de mil estudantes, que combinava as cátedras de Teoria Psicanalítica e de Psicopatologia e também dava cursos de filosofia marxista e de psicologia institucional, pretendendo romper com a fragmentação existente entre os profissionais do campo “psi”. No entanto, em 1974, o governo peronista fechou o CDI. Langer, Rodrigué e vários outros psicanalistas dissidentes, sabendo que seus nomes constavam em algumas das “listas negras” da época, deixaram a Argentina logo depois. Marie Langer foi para o México e Rodrigué se estabeleceu em Salvador (BALÁN, 1991: 209).

Rodrigué afirmava que Marie Langer tinha sido a principal influência para que ele se afastasse da psicanálise “de paletó e gravata”: “Se eu tivesse que localizar uma virada em minha vida política, eu diria que ela ocorreu com o grupo Escobar. Assim como Susanne Langer foi meu guru em lógica, Marie Langer o foi em política”. Além disso, ele destacava que alguns jovens analistas e antigos pacientes também influenciaram sua “reviravolta ideológica”, como Gregorio Baremlitt¹³⁰, além de M. Langer e José Bleger (RODRIGUÉ, 2006: 125).

As relações pessoais de Rodrigué com o marxismo e o comunismo foram menos intensas, pelo menos oficialmente, do que as de alguns de seus amigos e colegas. Como ele narra em *Separações necessárias*, quase 30 anos após o ocorrido, em 1973 era filiado ao partido peronista argentino (“afiliado n. 65000 e alguma coisa”), embora se considerasse um “peronista atípico”, que “não pertencia nem a uma unidade de base nem a um sindicato” (RODRIGUÉ, 2006: 163-164). A seguir, conta a história de quando foi, em viagem, com um grupo de comunistas argentinos, naquele mesmo ano, para a Rússia e para a Bulgária. Neste último país, depois de uma visita a uma fazenda, o grupo foi apresentado ao comissário encarregado desta, e Rodrigué diz que “foi uma história de amor à primeira vista; eu o olhei e fiquei levemente ruborizado. Ele devia ter cerca de sessenta anos, mas parecia mais jovem, um Kurt Jürgens¹³¹ em plena saúde”. Após beberem algumas taças de vinho, o comissário fez um brinde “pela psicanálise!”, o que deixou Rodrigué animado e o fez dizer que “se eu tivesse que escolher um dia para aderir à sua causa, Kurt, seria este”. Logo a seguir, um dos membros do PC argentino que estava presente colocou à frente de Rodrigué uma ficha de adesão e o lápis para que ele assinasse. Receando desagradar aos anfitriões, Rodrigué assinou a

¹³⁰ Sobre Baremlitt, seu papel no Movimento Plataforma e sua relação com Rodrigué à época, ver o subcapítulo 4.4.

¹³¹ Kurt Jürgens (1915-1982) foi um ator de teatro e de cinema alemão, que chamava a atenção pela alta estatura e forte compleição.

ficha. No entanto, logo após o ocorrido, se sentiu muito mal, não conseguiu comer e, abatido, foi falar com o coordenador da delegação, que lhe devolveu a ficha de adesão sem pedir explicações. Segundo ele, “fui membro do Partido Comunista durante cerca de três horas” (RODRIGUÉ, 2006: 164-166). O trecho revela como a relação de Rodrigué com a política foi mais casual, sem nunca ter assumido o papel de militante como fizeram alguns colegas e amigos seus, como veremos a seguir.

2.4. O Movimento Plataforma

Para entendermos a importância do Movimento Plataforma para a história da psicanálise, precisamos fazer um breve recuo cronológico, para apresentarmos a história da principal instituição freudiana ortodoxa, a *International Psychoanalytical Association* (IPA), durante e logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, pois posições defendidas pela instituição desde aquela época foram uma das causas das reivindicações do Plataforma.

Após a ascensão do nazismo, a Sociedade Psicanalítica Alemã tentou evitar seu fechamento fazendo uma série de concessões às autoridades, entre elas expulsar, em 1933, Wilhelm Reich, na época um comunista perseguido pelo regime, e aceitar, em 1936, fazer parte do Instituto Alemão para a Investigação Psicológica e a Psicoterapia, de orientação nazista (conhecido como o Instituto Göring, porque seu diretor era Mathias Heinrich Göring, primo de Hermann Göring), o que acarretou a renúncia "voluntária" de seus membros judeus. Tendo ocorrido sob a liderança do psicanalista britânico não judeu Ernest Jones, este processo defendido por ele de uma suposta “abstenção diante da política pública” não foi bem-sucedido na Alemanha, uma vez que a Sociedade Psicanalítica Alemã acabou sendo fechada em 1938. No entanto, após a guerra, o mesmo padrão supostamente apolítico continuou a ser defendido pela IPA, sob a presidência de Jones (NITZSCHKE, 2003; VEZZETTI, 2009).

A Segunda Guerra Mundial e o nazismo também fizeram com que muitos analistas de países da Europa Central, como Alemanha, Áustria, Suíça e Hungria, se exilassem, em especial na Inglaterra e nos Estados Unidos, o que fez com que o inglês se convertesse no idioma principal da IPA (a própria revista oficial passou a ser referida como *International Journal of Psycho-analysis*). Este exílio provocou uma dispersão e fragmentação política, o que fez com que analistas de esquerda em seus países de origem não conseguissem, pelo menos inicialmente, manter este ativismo político em

seus locais de imigração, como foi o caso da austríaca Marie Langer na Argentina¹³². Assim, a IPA passou a considerar a dimensão clínica da psicanálise como dominante e a defender uma profissionalização da formação dos psicanalistas, que chegou a extremos de sistematização, ao definir o número obrigatório de sessões por semana, quantos anos duraria a análise didática, a padronização das entrevistas de seleção e dos critérios de admissão; ao mesmo tempo, manteve uma despolitização das instituições e dos psicanalistas individualmente (DEL CASTILLO, 2010).

O auge da carreira de psicanalista passou a ser alcançar a condição de analista didata, que forma os outros analistas, mas não precisa necessariamente continuar em análise ele mesmo (PLOTKIN, 2001: 50). O Movimento Plataforma surgiu como uma crítica a essa situação, na forma de uma dissidência do movimento freudiano motivada por questões de ordem ideológico-política e por reflexões “sobre o lugar social da psicanálise como instituição, dos psicanalistas como sujeitos sociais e da psicanálise como movimento social”. Analistas de vários países se juntaram e dirigiram suas críticas a dois aspectos principais: o primeiro, o modelo tradicional de formação dos psicanalistas, organizado de maneira que “o candidato era um ator passivo na trama de elementos que o compunham”; o segundo, um reconhecimento da dimensão político-social da psicanálise, e, conseqüentemente, uma crítica à suposta neutralidade defendidas pelas instituições e a um modelo de profissionalização que acabava por isolar o psicanalista de seu contexto circundante (DEL CASTILLO, 2010).

Seus antecedentes podem ser localizados em um grupo de psicanalistas suíços da cidade de Zurique, membros da Sociedade Suíça de Psicanálise (SSP), afiliada à IPA, que começaram, na década de 1950, a se reunir para estudar psicanálise. Três dos membros desse grupo, Fritz Morgenthaler, Paul Parin e Goldy Parin-Matthèy, eram analisandos do psicanalista e neurologista marxista Rudolf Brun (1885-1965), que foi um dos principais nomes da corrente etnopsicanalítica de língua alemã. Em 1958, o grupo de analistas suíços se institucionalizou adotando o nome de Seminário Psicanalítico para Candidatos, mas ainda se mantendo dentro da SSP, de cujo Comitê Executivo seus membros frequentemente participavam, e seguindo as diretrizes da IPA (DEL CASTILLO, 2010).

¹³² Na introdução ao livro do Movimento Plataforma, sobre o qual falaremos mais abaixo, Langer afirmava, em 1971, que os primeiros analistas que tentaram conciliar psicanálise e marxismo, após serem obrigados a fugir do nazismo, ficaram “desarraigados e dispersos em países distantes” e “já não mais tiveram a força suficiente para retomar a discussão” (LANGER, 1973: 10).

A insatisfação com as exigências da formação de psicanalistas e com a postura conservadora da IPA continuou a crescer, mas o grande impulso para a formação do Movimento Plataforma foi dado pelos acontecimentos de maio de 1968 na França. O ano de 1968 foi marcado, em todo o mundo, pelo que os sociólogos Ricardo Antunes e Marcelo Ridenti chamaram “a era das múltiplas explosões e revoltas: operárias, estudantis, feministas, dos negros, dos movimentos ambientalistas, dos homossexuais” (ANTUNES; RIDENTI, 2007: 79). O movimento psicanalítico não teve como ficar alheio a este contexto. Com um questionamento aos valores estabelecidos e aos modelos sociais, a juventude estudantil, principalmente na França, reivindicou uma maior participação nas decisões políticas e universitárias, criando alguns *slogans* que seriam depois reutilizados por movimentos psicanalíticos, como “sejam realistas, tentemos o impossível”¹³³. Além disso, duas das principais inspirações teóricas de maio de 1968 eram autores ligados à psicanálise, mas de correntes alternativas em relação à ortodoxia ipeana: Wilhelm Reich e, especialmente, Herbert Marcuse¹³⁴.

Em um depoimento datado de 1993, um dos psicanalistas suíços membros do movimento, Berthold Rothschild, contou que:

Um artigo crítico de um jovem analista parisiense, Jean-Luc Donnet (janeiro de 1969), foi o ponto de partida de nossas discussões, além dos trabalhos de Herbert Marcuse e dos Freudo-Marxistas¹³⁵. Donnet realizava uma dupla crítica às instituições psicanalíticas: como sociedade científica (“*société de savants*”) e como sociedade de poder (“*société de pouvoir*”), que nos sensibilizou sobre o aspecto do poder na psicanálise dominante, o ponto fraco da análise didática etc., e nos animou a criticar e polemizar de maneira sistemática sobre as implicações ideológicas e políticas de nossa *práxis* e questioná-las (ROTHSCHILD, 1993, *apud* DEL CASTILLO, 2010).

Influenciados pelos acontecimentos de maio, os candidatos do Seminário Suíço demandaram uma maior participação na tomada de decisões relativas à administração

¹³³ Este *slogan* foi utilizado por Heliana Conde Rodrigues em seu texto sobre Gregorio Barenblitt e a análise institucional no Brasil (RODRIGUES, 2011).

¹³⁴ O filósofo e crítico cultural alemão Herbert Marcuse (1898-1979) foi um dos membros mais importantes da primeira geração da chamada Escola de Frankfurt, na primeira metade da década de 1930. Após a ascensão do nazismo, exilou-se nos Estados Unidos, onde naturalizou-se cidadão norte-americano e viveu até a sua morte. Enquanto dava aulas em várias universidades do seu país de adoção, Marcuse publicou suas duas obras mais conhecidas e que influenciaram profundamente ao movimento de 1968: *Eros e civilização* (1955) e *O homem unidimensional* (1968). Nelas, ao mesmo tempo Marcuse criticava a acomodação da psicanálise e seu uso como terapia destinada a garantir trabalhadores sãos e também a sociedade industrial e capitalista na qual o homem havia perdido seu espírito crítico e capacidade de revolta. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 500; e o *site* criado por um neto de Marcuse, www.marcuse.org (MARCUSE, 2001).

¹³⁵ Sobre os freudo-marxistas, ver os subcapítulos 2.1 e 2.2.

da instituição. No final de 1968, organizaram uma assembleia geral, que deu origem a um grupo de trabalho, inicialmente com o nome de “Psicanálise e sociedade” e que, posteriormente, se converteu no chamado Grupo Plataforma, ao qual se agregaram, ainda em 1968, analistas italianos do Grupo Milanês para o Desenvolvimento da Psicoterapia, que havia sido fundado por Pier Francesco Galli em 1960 (BOLKO; ROTSCCHILD, 2015: 14). O grupo suíço passou a ser a tendência dominante no Seminário Psicanalítico para Candidatos, e organizou em Zurique, em junho de 1969, a Primeira Conferência Europeia de Psicanalistas Jovens, da qual participaram também analistas italianos e austríacos, discutindo questões ligadas à formação psicanalítica. Logo a seguir, outra conferência foi realizada em Milão, na qual se decidiu organizar um contracongresso ou congresso paralelo simultâneo ao 26º. Congresso da IPA, que foi realizado no mesmo ano em Roma¹³⁶.

O Congresso de Roma, como os realizados anteriormente pela IPA, só era aberto para membros regulares e especiais desta instituição; estudantes de psicanálise eram proibidos de participar das discussões, mas puderam pela primeira vez, no Congresso de Roma, se inscreverem como ouvintes, o que permitiu que Marianna Bolko, uma jovem candidata italiana que estudava em Zurique, participasse do Congresso, juntamente com Bernard Rotschild (BOLKO; ROTSCCHILD, 2015: 16-17). De dentro do próprio Congresso, eles organizaram o contracongresso, colocando no *hall* do restaurante Carlino, próximo ao hotel onde estava sendo realizado o Congresso, um cartaz grande com os dizeres “26º. Congresso Internacional Psicanalítico” e distribuindo, inclusive para os próprios psicanalistas que apresentavam contribuições no Congresso, um panfleto que denunciava: 1) que a formação dos candidatos a analista era prejudicada pelo fato de que as “instituições psicanalíticas diretamente interferem com a análise” didática; 2) que a estrutura das associações psicanalíticas parecia, acima de tudo, “proteger a profissão psicanalítica em detrimento dos objetivos científicos e socioculturais da psicanálise”; 3) que muitas instituições eram muito fechadas, “sem relação com o exterior, e isto ocorre em uma atmosfera que inspira autoidealização e omite os aspectos da sua própria estrutura que geram regressão”; 4) e que as associações psicanalíticas haviam perdido seu contato com a sociedade contemporânea e, desta maneira, paradoxalmente, “havia se distanciado de um conjunto inteiro de profundos

¹³⁶ O programa original do Congresso da IPA, publicado no *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 1, 1969, não apresentava nenhum título geral e, pela lista de apresentações aprovadas, se concentrava nos aspectos clínicos da psicanálise. Ver BOLKO; ROTSCCHILD, 2015: 15.

desenvolvimentos que ocorreram na sociedade atual muitas vezes como efeito da própria psicanálise”. Eles concluíam o panfleto com a afirmação de que o Congresso da IPA ignorava completamente aquelas questões e que quem quisesse discuti-las seria bem-vindo ao contracongresso (BOLKO; ROTSCCHILD, 2015: 20).

O contracongresso foi oficialmente aberto em 30 de julho de 1969 com as seguintes palavras de Rothschild: “Nós estamos reunidos aqui para discutirmos livremente e não para trocar cumprimentos como está sendo feito no Hotel Hilton [sede do Congresso da IPA]. No Hilton o ar é condicionado e, portanto, também os reflexos. Mas não aqui. Nós podemos falar livremente”. Muitos participantes do congresso da IPA foram conferir o contracongresso, entre eles Marie Langer, marcando o primeiro contato dos argentinos com o movimento (BOLKO; ROTSCCHILD, 2015: 21). Após três dias de discussões, a repercussão foi tão grande que o próprio Lacan, informado da realização do contracongresso, voou para Roma. No entanto, como Bolko e Rothschild recordam, “nós não o desejávamos no Carlino; havíamos conversado extensamente sobre líderes carismáticos como um fenômeno típico da cultura psicanalítica”. Lacan teve de se contentar com uma conferência de imprensa no Centro Cultural Francês com alguns analistas italianos (BOLKO; ROTSCCHILD, 2015: 22).

Segundo os analistas, eles coletaram mais de 200 assinaturas de psicanalistas de diversos países e, no que interessa de perto a esta pesquisa, “através dos argentinos (Armando Bauleo e Hernán Kesselman), nós nos aliamos ao grupo dissidente da psicanálise argentina” (BOLKO; ROTSCCHILD, 2015: 22). Foi realmente a repercussão do contracongresso que fez com que um grupo de analistas argentinos, membros da APA, rompessem com esta e se integrassem ao Grupo Plataforma, com o nome de Grupo Plataforma Argentino, sob a liderança de Marie Langer e Fernando Ulloa (PERES, 2004b: 35; DEL CASTILLO, 2010).

Após o Congresso da IPA, houve o VIII Congresso Internacional de Psicoterapia, em Milão, em 1970, organizado por Pier Francesco Galli, no qual os membros suíços, argentinos e de outros países do Plataforma desempenharam papel de destaque. Os eventos que se seguiram foram assim narrados por Bolko e Rothschild:

Depois do Congresso de Milão, nós dois, com Pier Francesco Galli e Armando Bauleo, fomos para Londres, onde encontramos Aaron Esterson, David Cooper e Morton Schatzman, que estavam, na época, em total posição antipsiquiátrica. Nós quatro, sob o sol e no verde de Hyde Park, próximo a Hyde Park Corner, fundamos Plataforma Internacional como um receptáculo, um meio de unificação e

inspiração organizacional, para nossa energia psicanalítica-política (BOLKO; ROTSCCHILD, 2015: 23).

No Congresso Internacional da IPA seguinte, que ocorreu em Viena em 1971, o grupo organizou um encontro paralelo em um único dia, sob o título de “Teoria e prática psicanalítica à luz dos vários caminhos para o socialismo” (BOLKO; ROTSCCHILD, 2015: 23). Refletindo sobre o legado deixado pelo movimento, Bolko e Rotschild reconhecem que este foi perdendo a sua força durante a década de 1970, devido a pressões institucionais, divergências entre seus participantes e à própria perda de força geral da psicanálise em relação ao mundo cultural, à medicina e à psiquiatria. Eles também elogiam o ativismo político dos argentinos, dizendo que naquele país “Plataforma Internacional se tornou uma importante força política de esquerda”, lutando contra “as posições reacionárias” da APA, até que, em 1974, por causa do golpe militar, a maioria dos analistas foi forçada ao exílio; após isso, os contatos entre os analistas de diferentes países ocorreram mais a nível pessoal do que institucionalmente. E, por fim, os autores reafirmam sua posição, dizendo que a principal reivindicação do Movimento Plataforma, o fim da formação psicanalítica hierárquica baseada na análise didática, nunca foi atingida, pelo menos em relação às instituições oficiais como a IPA (BOLKO; ROTSCCHILD, 2015: 23-26).

O Movimento Plataforma não foi o primeiro grupo a romper com a IPA, mas a novidade estava em sua postura radical, não se limitando a assinalar os aspectos da formação psicanalítica que continham, em seu entender, elementos contraditórios com a própria teoria psicanalítica e que sufocavam o espírito socialmente e politicamente crítico do movimento, mas também abrindo mão totalmente de sua participação na IPA. Isto ocorreu com mais força entre os argentinos, que renunciaram à APA em 1971, pois os italianos não pertenciam à instituição, embora mantivessem relações informais com ela, e os suíços só se separaram da IPA em 1977, mantendo até hoje em dia o Seminário Psicanalítico de Zurique como uma instituição independente (DEL CASTILLO, 2010).

Embora os argentinos tenham se vinculado ao Movimento Plataforma algum tempo após seu início e após o contracongresso de 1969, mantendo boa parte das reivindicações do grupo inicial, pode-se dizer que foi na Argentina que o movimento se desenvolveu mais e atraiu um número maior de psicanalistas de destaque. A importância do chamado Grupo Plataforma Argentino foi tão grande que dois ex-presidentes da APA – Marie Langer e Emilio Rodrigué – romperam com a entidade e participaram do Movimento Plataforma, sendo que Langer foi considerada uma espécie

de líder informal do movimento e Rodrigué havia deixado sua presidência apenas um ano antes do surgimento do Movimento Plataforma na Europa, em 1968.

Afinal, a APA, fundada em 1942, foi a primeira instituição latino-americana a ser reconhecida oficialmente pela IPA, em 1949. Uma das bases nas quais ela assentava sua legitimidade institucional era, segundo Hugo Vezzetti, a ideia de “neutralidade” (uma categoria própria da cura) entendida como abstinência política e transferida para as relações com os problemas da esfera pública”, o que levava a entidade a nunca se pronunciar sobre os acontecimentos sociais e políticos, um dos focos centrais das críticas dos participantes de Plataforma. O próprio documento inicial do Movimento Plataforma argentino afirmava que este teria sido o primeiro movimento mundial a romper com uma associação psicanalítica por razões político-ideológicas (VEZZETTI, 2009), ao contrário dos grupos Plataforma suíço e italiano.

Após participarem dos eventos na Europa, Bauleo e Kesselman, ao retornarem para a Argentina, fundaram a filial argentina do Plataforma Internacional. Os nomes que fizeram parte desse grupo inicialmente tinham em comum uma longa experiência com análise e formação psiquiátrica, necessária para terem entrado na APA anteriormente; mas também uma formação política e profissional ampla. Bleger e Pichon, embora não tenham participado diretamente do movimento, eram as principais influências para o grupo, enquanto Marie Langer era o nome de maior prestígio (BALÁN, 1991: 206). Outro grupo crítico à APA que se formou a partir de 1970 foi o grupo Documento. O grupo tirava seu nome do fato de que inúmeras propostas suas de mudanças, que circulavam internamente na forma de documentos na APA, haviam sido negadas pela direção. Fernando Ulloa era um dos seus principais participantes, e o grupo renunciou à APA pouco depois do grupo Plataforma. De acordo com Vezzetti, tanto em Documento como em Plataforma estavam encarnadas “críticas e buscas nascidas nos anos anteriores, fora da APA, e que tinham forjado uma tradição inovadora por meio, sobretudo, das obras de Pichon Rivière e Bleger” (VEZZETTI, 2009). Para Balán, “Plataforma e Documento expressavam de forma distinta o espírito reivindicativo que havia tomado conta do país com o Cordobazo. Estes grupos, no entanto, estavam em minoria dentro do corpo de eleitores da APA, composto por seus membros titulares e didatas” (BALÁN, 1991: 207-208). Ao regressarem do Congresso da IPA de Viena em 1971, os membros de Plataforma apresentaram imediatamente sua renúncia à APA, sem consultarem os colegas membros de Documento. Descrentes com as possibilidades de obter reformas dentro do ambiente institucional, os psicanalistas buscaram um caminho

diferente. Os membros de Documento foram forçados a seguir o mesmo caminho alguns dias depois (BALÁN, 1991: 208).

Langer foi creditada como organizadora de uma coletânea de textos de participantes argentinos de Plataforma, publicada em 1971 e 1972 na Argentina e traduzida, em apenas um volume, em 1973 no Brasil, com o título de *Questionamos a Psicanálise e suas Instituições* (LANGER, 1973). Porém, além de Langer, outros vinte e dois psicanalistas argentinos assinavam o livro, tendo escrito artigos para este e sendo apresentados em ordem alfabética de sobrenome na capa. Destacamos inicialmente os nomes, dentre estes vinte e dois, que estiveram ligados mais diretamente à trajetória de Rodrigué e sobre quem falaremos mais a seguir: Armando Bauleo, Hernán Kesselman, Eduardo Pavlovsky e Fernando Ulloa¹³⁷. Também devem ser destacados os nomes de José Bleger¹³⁸ e Gregorio Baremlitt¹³⁹.

A vinculação entre freudismo e marxismo, tão discutida anteriormente, era evidente no livro do Movimento Plataforma desde sua epígrafe, assinada por Marie Langer: “Freud e Marx descobriram igualmente, por detrás de uma realidade aparente, as verdadeiras forças que nos governam: Freud, o inconsciente; Marx, a luta de classes” (LANGER, 1973: 5). No prefácio da obra, também assinado por Langer e datado de outubro de 1971¹⁴⁰, inicialmente aparecia a pergunta: “quem questiona, o que, desde quando, por que, para que e para quem?”. O prefácio, a seguir, buscava responder a estas questões na ordem em que foram apresentadas. Assim, quem questionava, em primeiro lugar, eram os vinte e três nomes que assinavam o livro; mas não apenas eles, Langer apontava, mencionando vários outros nomes ligados ao movimento. Inicialmente, ela lembrava de Pichon Rivière, segundo ela “o primeiro entre nós que questionou as limitações autoimpostas pela psicanálise, buscando novas saídas e sofrendo o destino dos pioneiros”. A seguir, indicava que outros que faziam parte do grupo não tinham, naquele momento, um trabalho com os seus pensamentos que

¹³⁷ A presença de Ulloa indicava que, naquele momento, o grupo Documento era aceito como parte do movimento, o que não ocorreria mais nos anos seguintes (VEZZETTI, 2009).

¹³⁸ Embora Bleger não tenha participado ativamente do movimento, para grande tristeza de seus seguidores, Langer incluiu um texto dele publicado em 1962, “Psicanálise e marxismo”, no livro *Questionamos*.

¹³⁹ Os outros dezesseis psicanalistas que assinavam o livro eram: Laura Achard de Demaría, Carlos G. Bigliani, Léa N. de Bigliani, Mirta Casas de Pereda, Santiago Dubcovsky, Luís Maria Esmerado Capdouze, Júlio C. Marotta, Miguel Matrajt, José Rafael Paz, Léa R. de Paz, Alberto Pereda Valdez, J. Carlos Pla, Gilberta Royer de García Reinoso, Fanny E. de Schutt, Maren Ulriksen de Viñar e Marcelo Viñar (LANGER, 1973: capa).

¹⁴⁰ Portanto anterior ao rompimento com a APA, que ocorreu, segundo Vezzetti, em novembro de 1971 (VEZZETTI, 2009).

pudesse ter sido incorporado ao livro; é nesta categoria que ela mencionava Rodrigué, além de Diego García Reinoso¹⁴¹. Langer também mencionava, sem citar nomes, outros psicanalistas que questionavam suas práticas, mas não tinham o costume de escrever sobre isto; e, por fim, outros que não eram psicanalistas, mas também questionavam (LANGER, 1973: 7).

O que era questionado, segundo ela, não era a psicanálise em si, como ciência ou terapêutica, uma vez que “somos psicanalistas e a psicanálise nos interessa”, pois “comprovamos que ela serve para que o homem se conheça melhor e a seu semelhante, para que minta menos e saiba conduzir mais lucidamente seu destino”. Depois de reafirmar os pontos de contato entre a psicanálise e o marxismo, Langer afirmava que o que era questionado eram “as omissões que o atual pensamento psicanalítico comete”, como a maneira pela qual a estrutura da sociedade capitalista contribuiria para produzir as neuroses e se introduziria na prática clínica. Assim, não questionavam o Freud que mostrava como a ideologia da classe dominante era transmitida através das gerações pelo superego, mas questionavam o Freud que via a sociedade e o homem como basicamente imutáveis. Concluindo, questionavam “a institucionalização atual da psicanálise e seu pacto com a classe dominante”, o isolamento das instituições psicanalíticas e a prática que vinha se tornando elitista (LANGER, 1973: 8).

Ao falar sobre desde quando questionavam, Langer citava que o início do engajamento dos analistas argentinos teria ocorrido após o Cordobazo, que vimos no subcapítulo anterior, do mesmo modo que, segundo ela, com os uruguaios, teria ocorrido após a morte do estudante Líber Arce. A seguir, buscava comparar esses eventos com os ocorridos com uma figura da história da psicanálise que também havia combinado marxismo e psicanálise e sido expulso das instituições psicanalíticas pelo seu engajamento político, Wilhelm Reich. Segundo ela, houve uma greve em Viena em 1927, na qual, em uma grande manifestação, a polícia começou a atirar contra o pessoal desarmado, no meio dos quais estava Reich. Langer citava um trecho do psicanalista austríaco, em que ele afirmava que começou a participar do movimento de higiene mental por causa daquela manifestação, em que teriam sido mortas cem pessoas e feridas mais de mil. Além do engajamento político de esquerda, Reich era convocado neste trecho do prefácio para introduzir um outro elemento às reivindicações dos

¹⁴¹ Diego, sua esposa Gilou (Gilberta), que assinava um dos capítulos do livro, Langer e Rodrigué foram os quatro analistas didatas da APA que participaram do movimento e romperam com a instituição psicanalítica (VEZZETTI, 2009).

questionadores: a libertação sexual. Para Langer, “para mudar o homem não basta eliminar sua exploração econômica. É preciso mudar a família” (LANGER, 1973: 9). Ainda mais, além da miséria econômica do proletariado, seria preciso enfrentar a “miséria sexual do proletariado”, que Langer descrevia em tom veemente:

Como é que o operário pode gozar com sua companheira exausta, em sua moradia precária, em plena promiscuidade? E como é que ela poderá gozar, exposta constantemente a uma nova gravidez que se transformará num novo filho que não terão condições de sustentar? O Estado não lhe fornece anticoncepcionais e até mesmo lhe nega o direito de aborto, isto é, o direito inalienável de todo ser humano de dispor de seu próprio corpo. As massas, frustradas sexualmente, tornam-se neuróticas, e o neurótico sabe sofrer mas não sabe lutar (LANGER, 1973: 9).

Portanto, segundo Langer, “a luta por melhores moradias e contra a lei que proíbe e castiga o aborto conduzirá as massas, ao mesmo tempo, contra o fascismo e pela revolução” (LANGER, 1973: 9). Ela reconhecia que Reich não havia sido o único analista a assumir uma posição engajada de esquerda, mas teria sido “o mais absoluto e concreto”. Mesmo assim, seus esforços não foram bem-sucedidos, tanto por causa da ascensão do nazismo como devido à oposição que as próprias sociedades e instituições psicanalíticas da época fizeram a estes posicionamentos. A seguir, ela dizia que não iria falar das influências mais recentes, de Marcuse, Adorno e outros, para se concentrar no processo argentino, e concluía que “aprendemos algo: enquanto se seguir a regra do jogo segundo a qual uma sociedade analítica é um lugar tão afastado e não contaminado pelo ‘de fora’ como um tratamento psicanalítico de moldura perfeita, não se poderá ser ‘revolucionário’ dentro dela” (LANGER, 1973: 10-11).

Hugo Vezzetti, ao analisar os fatos daquela época, aponta outros fatores para explicar a ruptura dos membros de Plataforma com a APA: primeiramente, por volta de 1968, José Bleger, já fora da universidade, reuniu num grupo de estudos sobre psicanálise e marxismo vários dos participantes do movimento futuro, como Bauleo, Kesselman, Pavlovsky e Baremlitt, entre outros. Nesse grupo de estudos surgira a proposta de se criar um Instituto de Psicologia Social, o que acabou por não ser concretizado devido à conjuntura política. Além disso, a experiência de Langer e Rodrigué na FAP permitiu que os psicanalistas fizessem um “verdadeiro rito de passagem do interior fechado da associação para o espaço político público” (VEZZETTI, 2009).

Destacamos alguns dentre os autores dos artigos publicados no livro *Questionamos*. Começamos por Armando Bauleo, que como vimos anteriormente foi o representante argentino na fundação do Movimento Plataforma Internacional. Bauleo (1932-2008) foi um médico psiquiatra que, à época do movimento, fazia sua formação na APA. Pertenceu à segunda geração de discípulos diretos de Pichon Rivière (entre os membros da primeira estavam Bleger e Ulloa), era membro do Partido Comunista argentino como Bleger e trabalhava com este no curso de Psicologia na Faculdade de Filosofia e Letras da UBA. Em 1975, se exilou da Argentina por motivos políticos, passando um ano no México e depois se estabelecendo na Espanha e na Itália, onde publicou vários trabalhos sobre psicoterapia grupal, desenvolvendo o conceito de “grupo operativo” (VEZZETTI, 2009; JAÏTIN, 2008).

Por sua vez, Hernán Kesselman, também psiquiatra e candidato na APA, havia sido um dos principais participantes das reformas implantadas no Serviço de Psicopatologia do Hospital de Lanús por Mauricio Goldenberg¹⁴². Kesselman também foi docente no curso de psicologia da UBA, em uma matéria dirigida por Goldenberg (VEZZETTI, 2009). Seu artigo em *Questionamos* era dos mais curtos, mas também mais incisivos: “Plataforma Internacional: Psicanálise e Anti-imperialismo”. Segundo Rodrigué narrava em *Separaciones necesarias*, o artigo foi omitido na segunda edição do livro, sob a alegação de que teria havido uma “inexplicável troca de papéis”, o que não convenceu ao próprio Rodrigué, que considerava Kesselman “o personagem mais esquecido” de todos os participantes do Plataforma; isto talvez teria acontecido, especulava Rodrigué, por causa de seu vínculo com o peronismo (RODRIGUÉ, 2006: 181-182).

O terceiro nome de destaque entre os autores é Eduardo “Tato” Pavlovsky, de quem falamos em mais detalhes no subcapítulo 3.4. Pavlovsky foi um participante importante de Plataforma, e continuou defendendo as conquistas do movimento posteriormente, como neste trecho seu de 1976, em que apresentava Bauleo e Kesselman como iniciadores do movimento:

Mas também foram Hernán e Armando que iniciaram o movimento que culminou com a cisão da APA (Plataforma). E, hoje mais do que nunca, essa cisão se torna legítima, hoje mais do que nunca essa cisão tem valor moral, se lembrarmos que a psicanálise da APA precisa de subsídios clínicos para organizar congressos internacionais (PAVLOVSKY, *in* RODRIGUÉ, 1979: 12).

¹⁴² Ver páginas 95-97.

Em outro livro seu, de 2001, ele rememorava o Movimento, vinculando-o mais amplamente ao contexto cultural, político e teatral da época:

(...) Os psicanalistas que nos anos 60 haviam tido inquietações sociais, tinham afinidades com este grupo [Plataforma]. (...) A maioria eram marxistas ou peronistas revolucionários. Foi um movimento desordenado, caótico, mas se constituiu num espaço fundante. (...) Foi um movimento ético, que enuncia um mal-estar, que corresponde a um social histórico determinado que questiona o papel do psicanalista em relação à sua formação na instituição e a sua projeção social. (...) Depois se dissolveu, mas não importa. Foi a enunciação que teve relevância. Para mim Plataforma foi um modelo de ruptura ético-ideológica, queríamos introduzir e colocar a psicanálise na nossa realidade histórica e social. (...) Neste momento, um pouco antes, Lacan se separava da Internacional (IPA). Foi algo como o Teatro Aberto. Fracassou, depois que apareceu. Cada um de nós seguiu com seu campo de experiência, mas tanto Plataforma como Teatro Aberto foram produções de novas subjetividades, acontecimentos dentro da cultura. Um rompimento com a “igreja psicanalítica”. Foi destruída pela ditadura e pela aparição do lacanismo, outra igreja. Plataforma era uma posição ideológica e micropolítica de questionamento da organização institucional psicanalítica, a forma como se transmitia a psicanálise. (...) Não havia diferenças teóricas. Plataforma foi uma encarnação da subjetividade dos anos setenta, que também gerou o Teatro Aberto (PAVLOVSKY, 2001, *apud* MASCARENHAS, 2015).

Para concluir, é preciso ressaltar que os três, Bauleo, Kesselman e Pavlovsky, já eram amigos íntimos de Rodrigué à época do movimento, tendo participado de outros movimentos anteriores junto com ele. E, posteriormente, esse contato continuou a ser muito próximo, tanto que os três assinaram, com o próprio Rodrigué, o “Prólogo multipessoal” de *O paciente das 50.000 horas*, cuja primeira edição em espanhol foi em 1976.

Outro dos grandes amigos de Rodrigué, inclusive com o contato mantido durante todo o tempo em que este viveu em Salvador, foi Fernando Ulloa, um dos líderes do Grupo Documento. Ulloa (1924-2008) foi um dos fundadores da Faculdade de Psicologia da UBA. Seu trabalho se concentrava na chamada análise institucional, campo que criou na Argentina, segundo a terapeuta francesa Rosa Jaïtlin. Um detalhe curioso é que três destes amigos, Bauleo, Rodrigué e Ulloa, morreram no mesmo ano de 2008, o que levou Jaïtlin a escrever um artigo homenageando-os (JAÏTLIN, 2008).

Posteriormente, Marie Langer fez uma avaliação modesta dos resultados de Plataforma: “... diante da APA, conseguimos sair, o que já é bastante” (LANGER, *apud* RODRIGUES, 2001: 13). O próprio Rodrigué, embora na maioria das vezes, em suas

referências ao movimento, seja entusiástico, também fez algumas críticas. Por exemplo, ao falar sobre a rápida perda de unidade e de influência do movimento, usa uma metáfora, a “história do canário salmão”. O canário salmão era um animal que foi dado de presente a Rodrigué, que abriu sua gaiola dourada, para devolver a liberdade ao pássaro, mas diz que este “não sabia voar nem andar na perigosa liberdade do jardim”, tendo passado “vários dias preso na gaiola aberta”. No entanto, uma vez que se tornou livre, o canário se transformou em um outro animal, agressivo e violento, “um monstro com penas”. A metáfora era utilizada por Rodrigué tanto para caracterizar seu período na APA como “preso na gaiola dourada” como para dizer que, uma vez livres, “a loucura tomou conta de nós” e “perdemos a misericórdia” (RODRIGUÉ, 2006: 180-181).

Inegavelmente, no entanto, Plataforma marcou a renúncia de Rodrigué a instituições oficiais de psicanálise, algo que ele manteria até sua morte. Além disso, a relação do movimento com os contextos cultural e político da época permitiu que ele abrisse um espaço para sua atuação profissional em que manteve o vínculo com a psicanálise freudiana, mas se colocou em uma posição de muito mais liberdade, tanto em termos de teorias/terapêuticas como em relação à sua própria vida pessoal. Isto se tornou evidente em seus livros publicados após se estabelecer em Salvador, como veremos no próximo capítulo.

Capítulo 3

“Ser diferente era interessante”: Rodrigué chega à Bahia

Após desempenhar um papel central na psicanálise institucional argentina nos conturbados anos entre 1966 e 1970, como vimos no capítulo anterior, Emilio Rodrigué acabou tendo de se exilar do país, como vários outros de seus colegas, no início da década de 1970, devido a ameaças de morte por parte de grupos paramilitares e à intensificação da perseguição a pessoas identificadas com a esquerda política. Em um primeiro momento, ele foi para Madrid, Espanha, mas logo, por influência de uma ex-analisanda sua, a antropóloga Juana Elbein dos Santos, foi convidado para conhecer Salvador, e pouco tempo depois se estabeleceu em definitivo na capital baiana. Em seus primeiros anos lá, Rodrigué se beneficiou, por assim dizer, de dois tipos de reputação, divulgados por ele mesmo: por um lado, ele havia sido, durante algum tempo, um dos discípulos mais próximos de Melanie Klein, havia trabalhado com Erik Erikson e David Rapaport e sido presidente da APA e vice-presidente da IPA, portanto possuía um currículo invejável em relação à psicanálise institucional e mais ortodoxa da IPA, bem como em relação aos praticantes da *ego psychology* norte-americana, corrente dominante na psicologia dos Estados Unidos na época; por outro lado, ele havia participado do Movimento Plataforma com vários de seus colegas e amigos e já era conhecido, também, por experimentos em relação à terapia psicanalítica, participação em movimentos contraculturais, e, mais recentemente, pela recusa em participar de instituições de psicanálise filiadas à IPA, o que se revelou bastante adequado para sua carreira em Salvador, que ainda não apresentava nenhuma instituição de psicanálise afiliada à instituição internacional à época em que ele chegou. Ele também se associou a outros movimentos anti-ipeístas, como o lacanismo, o que lhe colocou em uma posição bastante progressista para o contexto da época.

Assim, este capítulo pretende mostrar como Rodrigué, em Salvador, desenvolveu progressivamente um estilo pessoal de terapia psicanalítica, bastante aberto a outras terapias e influências teóricas e avesso a quaisquer tipos de ortodoxias, e como esse processo passou a estar presente em sua produção escrita também, pois, após *O paciente das 50.000 horas* (1977), que funciona como uma espécie de divisor de sua obra escrita, seus livros passaram a utilizar de maneira cada vez maior elementos autobiográficos e literários, em conjunção com a psicanálise. O capítulo se inicia com

uma análise da situação da psicanálise/psicologia na capital baiana até seu estabelecimento por lá, com o objetivo de contextualizar sua chegada e de mostrar que, embora tenha sido uma figura importante no processo pelo qual vários profissionais baianos passaram a trabalhar com terapias psicológicas e psicanalíticas, Rodrigué deu continuidade e se vinculou a processos que haviam se iniciado antes de sua chegada. A seguir, o texto mostra a importância do candomblé para os primeiros contatos de Rodrigué com Salvador, dando início a uma relação ambivalente do autor com a religião que continuaria por toda sua estada na Bahia. O subcapítulo seguinte apresenta como, já morando em Salvador há alguns anos, Rodrigué retomou um artigo anterior para fazer um balanço bastante crítico de sua participação na psicanálise ipeana e da própria psicanálise, tanto em termos político-ideológicos como em termos teóricos, na primeira parte do já citado livro *O paciente das 50.000 horas*. Na segunda parte deste livro, ele narra alguns casos que já havia atendido em Salvador, em especial o do jovem Hélio de Castro, ou, na obra, Dorado; o contexto deste caso, visto como paradigmático por Rodrigué, é então analisado mais detalhadamente. Por fim, a narrativa em *O paciente...* indica que o analista argentino utilizou, no caso de Dorado, outras técnicas terapêuticas que não eram costumeiras no *mainstream* psicanalítico, como o psicodrama, o grito primal e as chamadas terapias “bioenergéticas”, além de continuar com as terapias grupais que utilizava desde a década de 1950; dessa maneira, falamos mais, especialmente, sobre a combinação da psicanálise com o psicodrama, uma técnica que um de seus grandes amigos e colegas, Eduardo “Tato” Pavlovsky, foi um dos maiores praticantes na Argentina, além de ser a técnica praticada por sua mulher na época em que chegou a Salvador, Martha Berlin.

3.1. O panorama da psicologia e da psicanálise em Salvador até a chegada de Rodrigué

Quando Rodrigué se estabeleceu definitivamente em Salvador, no início de 1974, ele passou a participar de um cenário profissional diferente tanto do que havia vivenciado na Argentina como nos Estados Unidos. A psicanálise estava ganhando força no Brasil na mesma época, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, mas a opção por Salvador fez com que ele encontrasse ainda um outro cenário, onde não havia nenhuma sociedade de psicanálise reconhecida oficialmente pela IPA e as faculdades de psicologia, estabelecidas há pouco tempo, ainda estavam se organizando. Ao mesmo tempo, o próprio Rodrigué, que já havia rompido com a APA e a IPA,

embora ainda utilizasse a primeira parte de sua trajetória profissional como fonte de legitimação, não trabalhava mais apenas com a psicanálise freudiana ortodoxa. Com Martha Berlin, sua esposa na época, ele chegou a Salvador promovendo “vivências”, “*workshops*” e “maratonas” ligadas a terapias corporais e grupais.

A partir da década de 1960, pelo menos em teoria, os psicólogos dos cursos recém-criados no Brasil passaram a também poderem ser candidatos a psicanalista, rompendo o monopólio anterior, em que os psicanalistas obrigatoriamente eram formados em medicina, e em geral se especializavam na área de psiquiatria. No Rio de Janeiro, isto ocorreu na prática a partir da década de 1980. A profissão de psicólogo foi regulamentada no Brasil em 1962¹⁴³, apenas dois anos antes do início da ditadura civil-militar com o golpe de 1964. Desta maneira, o processo de implementação institucional dos cursos de psicologia em todo o país ocorreu estreitamente conectado com o contexto político da época (SILVA, 2020: 20). No entanto, a lei que regulamentou a profissão foi apenas uma última etapa de um processo de legitimação social da psicologia que havia se iniciado nas décadas anteriores, através do surgimento de professores de psicologia que haviam se qualificado através de leituras próprias ou em cursos de curta duração, e lecionavam em cursos universitários como Direito, Medicina, Filosofia e Educação (SILVA, 2020: 46-47).

Alguns autores¹⁴⁴ apontam o fortalecimento das disciplinas “psi” por todo o mundo ocidental na segunda metade do século XX como decorrente de uma maior valorização do individualismo e das questões íntimas e particulares na modernidade, em detrimento de aspectos sociais, religiosos e políticos. No Brasil, este processo ocorreu paralelamente ao momento de maior endurecimento do regime militar, no final da década de 1960 e primeira metade da década de 1970. O próprio endurecimento do regime, com a instituição de censura, tortura e assassinato de militantes políticos, contribuiu para que se buscasse uma espécie de refúgio nas terapias psicológicas, voltadas para a vida interior do indivíduo: “esse aumento de investimento nas questões relativas ao ‘interior’ faz com que o conhecimento de si mesmo se torne uma finalidade, em vez de um meio para se conhecer o mundo. A visão intimista, extremamente valorizada nesses anos, esvazia a realidade social e o domínio público” (COIMBRA, 2008: 45). Da mesma maneira, o antropólogo Gilberto Velho aponta que “a suposta supervalorização do trabalho ou da política aparece como contrapartida de um pouco

¹⁴³ Através da Lei n. 4.119, de 27 de agosto de 1962 (BRASIL, 1962).

¹⁴⁴ Como JACÓ-VILELA, 2001, com grande inspiração de DUMONT, 2000.

caso ou indiferença pelos encantos da intimidade familiar amorosa”, e que “parece haver (...) a ideia de que o indivíduo dispõe de uma quantidade de energia limitada (libido?) que corre o risco de ser desperdiçada” caso não seja investida no âmbito privado. “A *politização do cotidiano* pode ter como contrapartida a *desafetivação da vida pública*” (VELHO, 1986: 42. Grifos do autor). De acordo com Coimbra e Velho, portanto, ocorreu no Brasil do regime militar uma *psicologização* do cotidiano, que acabou por levar a uma *despolitização* da psicologia, pelo menos em seu discurso oficial, embora deva-se dizer que nenhuma psicologia é totalmente despolitizada, uma vez que está inserida em seu contexto social, econômico e político.

Dentro do contexto da época, a psicologia que passou a ser ensinada nas faculdades era majoritariamente positivista e behaviorista, de inspiração norte-americana e com ênfase em aspectos técnicos, defendendo uma objetividade e neutralidade científicas. Estes cursos podiam ter uma base mais humanista (baseada em Carl Rogers) ou behaviorista (baseada em Skinner), embora a psicanálise estivesse presente em todos eles, de maneiras diferentes. A psicanálise, ensinada nos mesmos cursos, mesmo quando era hegemônica, também estava marcada por esse individualismo, “tecnicismo” e pela “despolitização”: “uma ‘certa’ clínica torna-se a grande demanda dos estudantes de psicologia, que sonham com seus consultórios privados; os psicanalistas são os seus modelos de referência” (COIMBRA, 2008: 47). De acordo com Coimbra, se referindo à época do chamado “milagre” econômico brasileiro, “é nesse contexto de terror nos diferentes microespaços, de medo, imobilismo e apatia, que uma certa leitura da psicanálise se expande e ganha características bem mais autoritárias”, especialmente entre as classes médias urbanas do Rio de Janeiro e São Paulo (COIMBRA, 2008: 49).

Jane Russo, embora concorde com Coimbra em ligar o grande crescimento da psicanálise, na época, com um processo de despolitização, aponta um outro elemento como importante para o contexto: o movimento contracultural, iniciado no fim da década de 1960 na Europa e nos Estados Unidos, e cujos efeitos foram sentidos no Brasil na época do “milagre”: “a contracultura redimensionou e deslocou o que até então era considerado ‘político’, politizando questões consideradas ‘menores’, ou não políticas, pela esquerda tradicional, tais como a sexualidade, as relações entre os gêneros, as relações entre pais e filhos etc.”. Dessa maneira, para Russo, a “interiorização não significava necessariamente ‘despolitização’. Ao contrário, do ponto

de vista da ‘nova política’ contracultural, reformar-se interiormente podia ser interpretado como uma forma de luta política” (RUSSO, 2008: 419-420).

Esta afirmação nos chama a atenção para os efeitos dos acontecimentos de 1968 no Brasil. Vimos no capítulo anterior como o maio de 1968 francês foi um dos principais fatores motivadores do Movimento Plataforma, mas seus efeitos também foram sentidos nos chamados países do “Terceiro Mundo”, como Brasil, México e Argentina. Estes países compartilhavam algumas condições estruturais com os países “centrais”, como França e Estados Unidos, onde se iniciaram os principais movimentos de 1968, como a urbanização crescente, “a massificação dada pela indústria cultural, o aumento do proletariado e das classes médias assalariadas, a importância dos jovens na composição etária da população, o acesso crescente ao ensino superior, além da incapacidade do poder constituído para representar sociedades que se renovavam” (ANTUNES; RIDENTI, 2007: 80).

Ao mesmo tempo em que as disciplinas psicológicas se institucionalizavam no Brasil, a cidade de Salvador passava por um grande crescimento populacional e por transformações culturais. Segundo o antropólogo Antônio Risério, Salvador sempre teve uma história de intensa agitação e modernização cultural, que, conjugada a um processo de expansão econômica e industrialização a partir da década de 1940, levou a um dinamismo de vanguarda com a agregação de culturas internacionais e locais, o que acabaria produzindo, na década de 1960, o Cinema Novo, a Tropicália e outras produções culturais. A cidade cresceu de 290 mil habitantes em 1940 para 417 mil em 1950, e continuou crescendo de maneira acelerada nas décadas seguintes (RISÉRIO, 2000).

Economicamente, o estado da Bahia começou, a partir do final da década de 1940, a ver implementados projetos de desenvolvimento regional, tanto pelo governo estadual como pelo federal. Esses projetos fizeram com que, na década de 1960, o estado se integrasse ao capital industrial centralizado na região Sudeste, o que, segundo André Dias (2005: 129), encerrou “o longo período de decadência e estagnação econômica iniciado ainda no século XIX”. Os principais marcos desse desenvolvimento foram “a localização de reservas petrolíferas no Recôncavo baiano, o início das atividades de prospecção e extração do óleo, a instalação da Refinaria Nacional de Petróleo em Mataripe, em 1950, e a fundação da Petrobras em 1953”, eventos que, por sua vez, “induziram uma série de outras atividades, tanto na área industrial, quanto nas áreas comerciais e culturais”, dentro de um processo considerado pelo autor como de

“modernização conservadora” (DIAS, 2005: 129). Apesar dessa modernização, no entanto, pelo menos até o final da década de 1950, Salvador ainda era uma cidade pouco acolhedora para “estrangeiros”, provenientes de outros estados brasileiros, e para quem não pertencia à elite descendente dos antigos senhores de engenho, como revela este trecho da historiadora Katia Mattoso, grega de nascimento e que chegou à cidade em 1957:

A Bahia me foi imposta por acaso: descobrira-se petróleo na região do Recôncavo (...) e para lá seguiu o meu marido, geólogo, encarregado de fundar a primeira escola brasileira especializada no assunto. Salvador tinha então meio milhão de habitantes, mas (...) era uma “bela adormecida”, aparentemente estagnada no tempo (...). Os grupos haviam levantado barreiras que os tornavam pouco acolhedores diante de “estrangeiros”, incluindo-se nestes os brasileiros oriundos de outros estados. Pernambucanos, sergipanos, paulistas, cariocas ou mineiros, todos eram imediatamente reconhecidos e colocados em seu lugar: fora! (...) Essa antiga elite formava um grupo fechado. (...) Os “novos ricos”, brasileiros ou estrangeiros, eram considerados com um desdém. (...) Fonte de poder e de relativa segurança, o serviço público era considerado por essas famílias tradicionais como a única atividade compatível com sua condição e seu desejo de mando. (...) Além de ser uma honra e uma fonte de remuneração segura, servir ao Estado trazia o prestígio, garantia o desempenho do papel de protetor e renovava a influência, real ou suposta, de quem geria uma parcela do poder (MATTOSO, 1992: 9-12).

No entanto, embora Mattoso apontasse essa desconfiança em relação aos nascidos em outros locais e com diferentes posições sociais, ela complementava a informação em um trecho que nos fornece alguns indícios sobre a recepção inicial de Rodrigué na Bahia:

Meu marido e eu tínhamos poderosos trunfos: formávamos um casal de raça branca, com sobrenome conhecido e instrução universitária. Assim, integrávamos, de saída, o grupo dominante, a elite intelectual. (...) Além disso, os baianos letrados nutriam um culto sincero à Europa e ao acervo da civilização grega (MATTOSO, 1992: 11).

Em relação ao curso de psicologia, ele foi aberto na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1968; ele foi oferecido, desde este ano, pela Faculdade de Filosofia da Bahia (FFB), que passou a se chamar Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH); no mesmo ano, devido à reforma universitária feita pelo governo militar, a FFB havia perdido dez cursos de graduação, ficando apenas com Filosofia, Ciências Sociais e História. O curso de psicologia aumentou a valorização da instituição, uma vez que houve grande demanda de alunos interessados no novo curso. Embora o curso

autônomo de Psicologia só tenha se iniciado em 1968 na UFBA, na anterior FFB¹⁴⁵ havia cursos de temas psicológicos ministrados nas diferentes disciplinas de licenciatura e no curso de filosofia. Os temas predominantes na época eram psicologia educacional, do aprendizado e testes psicométricos¹⁴⁶ (SILVA, 2020: 76-79).

Um outro espaço importante para a recepção e apropriação das ideias freudianas em Salvador foi a cátedra de Clínica Psiquiátrica da Faculdade da Bahia (UFBA). Em novembro de 1964, mesmo ano em que os militares assumiram o governo brasileiro, esta cátedra foi declarada vaga, com o titular Nelson Pires sendo expulso da universidade. O professor livre docente Rubin de Pinho, que era assistente de Pires, embora também sofresse perseguição política na época, requereu a regência interina da cátedra, e, em 1966, após a realização de um concurso, assumiu a condição de catedrático. Apesar da situação política difícil, o período de exercício de Rubin de Pinho foi visto como “um tempo de maior abertura teórica” no ensino e na prática da psiquiatria na faculdade (SILVA, 1995: 174-175). Segundo alguns depoimentos de professores contemporâneos, Pinho era mais aberto para a psicodinâmica e para a psiquiatria social e não tão “fortemente organicista” como o seu antecessor Pires. De acordo com o psicanalista e professor do Departamento de Neuropsiquiatria da UFBA Adilson Sampaio, em depoimento gravado em 1992, “[o professor Rubin tinha] uma curiosidade muito grande para o social... tanto que ele se dedicou muito assim ao campo de atividades em Psiquiatria Transcultural, muito preocupado com as coisas que aconteciam nos terreiros de candomblé” (SAMPAIO, 1992, *apud* SILVA, 1995: 175).

Essa maior abertura se refletiu no estabelecimento de novas disciplinas, como medicina psicossomática, no curso de graduação, e de uma disciplina optativa de saúde mental no recém-criado mestrado em saúde comunitária. Mas, principalmente, em um “clima” de discussões e de efervescência intelectual, que estava ligado ao contexto de inquietações políticas e sociais da época. Como aponta o psiquiatra Luiz Humberto Pinheiro, na época estudante,

¹⁴⁵ A FFB foi instaurada como faculdade independente em 1941. Em 1946, foi integrada, juntamente com outras faculdades da cidade de Salvador, na Universidade da Bahia (UBA), criada em 08 de abril de 1946 e que, após 1965, passou a ser denominada Universidade Federal da Bahia (UFBA).

¹⁴⁶ Em um programa detalhado da disciplina de psicologia ministrada em 1957 para o curso de filosofia pelo professor João Inácio Mendonça (1903-1969), a única menção às correntes psicanalíticas era em uma parte da quarta série, sobre “as escolas psicológicas de maior interesse atual”, juntamente com a psicologia social, a psicologia da personalidade, a psicologia gestáltica e a psicologia reflexológica e neopsicanálise. Mesmo assim, o que era citado aqui era a “neopsicanálise” (SILVA, 2020: 82).

(...) nessa época, já estava emergindo uma busca de alguma coisa na psiquiatria, e nós estávamos vivendo esse reflexo, que depois a gente passou a viver... muito depois com todo o movimento da comunidade terapêutica... psiquiatria social e tal, que veio para a Bahia mais tarde, mas nessa época já existia, é provável que anteriormente processasse isso dentro da Clínica Psiquiátrica (...) A psiquiatria [atraía porque] era o único ponto que acenava para algumas coisas que estavam dentro da cabeça das pessoas (...) Na minha geração já existia esse aceno no meu curso de internato, eu dei cursos de filosofia, cursos de antropologia, que era um curso dado por Vivaldo Costa Lima (...) (PINHEIRO, 1980, *apud* SILVA, 1995: 180).

Esse contexto também favoreceu a introdução de disciplinas psicológicas no curso de psiquiatria, e mesmo uma certa abertura para a psicanálise pode ser notada, embora com algumas ressalvas, como o próprio professor Rubin de Pinho afirmou em um depoimento:

Tem que haver uma divisão de trabalho, eu acho respeitável e indico psicanálise para certos casos, eu acho que é respeitável, agora... a situação grave que eu vi a poucos anos... foi que, além dos médicos, os meus alunos que faziam internato, vários saíram querendo ser analisados, fazer residência... também é justo e normal, mas tava acontecendo aquela coisa de que todos os psicólogos que se formavam era para fazer psicoterapia... Esse foi um dos males que o Sigmund [Freud] deixou para nós (risos)... Então eu notava o seguinte: formavam-se cem, mais de cem psicólogos por ano, tinha-se criado um centro industrial potente, o Centro Industrial não encontrava um psicólogo formado na Bahia para trabalhar lá... que aplicasse testes (PINHO, 1992, *apud* SILVA, 1995: 182-183).

Assim, podemos assinalar que, por um lado, havia uma abertura no campo psiquiátrico baiano para novas terapêuticas, incluindo a própria psicanálise, e para a discussão das relações entre a psiquiatria e outras ciências humanas e sociais, mas havia uma certa resistência aos elementos teóricos da psicanálise, se preferindo as aplicações mais práticas desta, como tratamento e terapia. De acordo com Marcos Silva, “o campo psiquiátrico-psicológico baiano, numa espécie de inversão, acolheria primeiro como recurso técnico aos derivativos [da psicanálise] ‘psicoterapêuticos’, nos quais ela aparecia como uma espécie de teoria de fundo” (SILVA, 1995: 186-187). Silva aponta que o psiquiatra Gabriel Nery, da geração inicial do Sanatório Bahia, se referia à psicoterapia praticada na Bahia como “Peba” (Psicoterapia Esculhambada Baiana), marcada pelo improvisado, pelo autodidatismo e pela falta de sistematicidade (SILVA, 1995: 187).

O professor Rubim de Pinho, em depoimento gravado em 1992, reconhecia que, comparada a outros estados brasileiros, a Bahia teve uma chegada tardia da psicanálise,

mesmo que, segundo ele, houvesse interesse por parte dos psiquiatras em terem formação psicanalítica. Depois de apontar como em São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, os grupos de candidatos contrataram analistas didatas já nas décadas de 1930 e 1940, ele afirmava que

(...) então eu acho muito tardia na Bahia a chegada da Psicanálise... do ponto de vista da atitude dos psiquiatras em relação a essas teorias, por que nos anos 50 na Bahia... neste tempo na Bahia, se tinha a impressão de que o que se considerava, é que o moderno era ser psicanalista... Psiquiatra de boa formação teria de ser psicanalista... não haviam (*sic*) psicanalistas na Bahia nesta época... (PINHO, 1992, *apud* SILVA, 1995: 187-188).

Embora tenham existido iniciativas isoladas de profissionais baianos em busca de formação psicanalítica antes da década de 1950¹⁴⁷, o primeiro espaço institucional para a aplicação de psicoterapias com algum elemento psicanalítico foi apontado por Marcos Silva como a Clínica Psiquiátrica do Hospital das Clínicas de Salvador, onde, no final da década de 1950, o psicólogo Caio Flamínio começou, por incentivo do professor Nelson Pires, a realizar atendimentos psicoterapêuticos em pacientes. Segundo o relato de Flamínio, seu primeiro caso envolveu a interpretação de um sonho, “um exemplo magnífico” segundo ele, mas, embora o serviço fosse aceito e bem-visto pelos colegas psiquiatras, se manteve de forma isolada, não se constituindo numa atividade oficial da clínica (FLAMÍNIO, 1980, *apud* SILVA, 1995: 189-190).

A Bahia não dispunha, à época, de nenhuma sociedade de psicanálise filiada à IPA. No final da década de 1960, alguns psicólogos e psiquiatras de Salvador formaram o Núcleo de Estudos Psicoterápicos (NEP), buscando levar à Bahia “profissionais para ministrar cursos e formações”. Além da preocupação com a necessidade de formação, os profissionais baianos buscavam arranjos para “redução dos altos custos que a vinda de profissionais de fora representava” (SILVA, 2018). A chegada de Rodrigué e Martha Berlin veio preencher essa demanda por um profissional estrangeiro que tivesse condições de preparar os futuros psicanalistas baianos.

3.2. A chegada em Salvador e o candomblé

Sobre os primeiros contatos de Rodrigué com Salvador, dispomos de alguns relatos. O próprio autor, em uma entrevista de 1995, disse que seu primeiro contato com

¹⁴⁷ Rubim de Pinho cita o urologista baiano Pedro Ferreira como tendo ido, na década de 1940, para o Rio de Janeiro estudar psicanálise, mas diz que este não retornou posteriormente à Bahia como psicanalista (PINHO, 1992, *apud* SILVA, 1995: 187).

Salvador ocorreu quando “foi convidado para participar de um encontro de antropólogos sobre o candomblé”. Segundo ele, “gostei muito desse lugar e decidi ficar. Ficava então seis meses em Salvador e seis meses em Madri. Aos poucos, Salvador foi devorando Madri” (CHNAIDERMAN, 1995). Em *Separações necessárias*, de 2000, Rodrigué fornece mais detalhes, mas não se refere ao suposto encontro de antropólogos, dando ênfase no fato de que teve durante algum tempo um contato indireto com a cidade, antes de conhecê-la pessoalmente. Sua narrativa introduz uma figura central neste processo, a antropóloga Juana Elbein, apelidada carinhosamente de Juanita. Ela havia sido paciente do psicanalista antes deste ir para os Estados Unidos, na década de 1950, e voltou a procurá-lo no final da década de 1960, na Argentina. De acordo com ele, “Juanita era uma pessoa difícil de esquecer. Ela fazia pensar num sensual urso russo. Branca de olhos azuis como as pequenas bolas de gude da minha infância, ela havia ganhado em majestosa opulência nesses últimos dez anos” (RODRIGUÉ, 2006: 137).

Ela havia estudado antropologia, na Argentina e nos Estados Unidos, durante as décadas de 1950 e 1960, e se interessado por culturas afro-americanas. Tendo recebido uma bolsa para fazer pesquisa em Salvador, encontrou Deoscóredes Maximiliano dos Santos, mais conhecido como Mestre Didi. De acordo com Rodrigué, Mestre Didi era “Sumo Sacerdote do culto aos mortos”¹⁴⁸ e uma centelha se produziu entre ele e a antropóloga através de uma “combinação explosiva”; eles se casaram, “e o coração de Juanita, antes provido de racionalidade, se transformou no de uma mulher apaixonada” (RODRIGUÉ, 2006: 138).

Para seu doutorado em Etnologia na Sorbonne, Paris, feito no final da década de 1960, Juanita trabalhava com a temática dos *Nagô e a morte*. Segundo Rodrigué, antes de terminar sua tese, a antropóloga “desejava submeter suas conclusões a meu ponto de vista ponderado”, transformando o psicanalista em supervisor de seu trabalho. Tendo aceitado a proposta, ele narra de maneira entusiasmada o que se seguiu:

Durante as semanas em que Juanita ficou em Buenos Aires, nos vimos regularmente; todo dia (...), ela me contava suas aventuras na tradição

¹⁴⁸ Mestre Didi (1917-2013), filho de Mãe Senhora, foi iniciado no culto aos ancestrais na Ilha de Itaparica aos oito anos. Com 17, ele já foi confirmado como *Ojê Korikowê Olukotun*, sacerdote no culto aos ancestrais, no *Ilê Agboulá*, na mesma Ilha de Itaparica. Posteriormente, assumiu funções religiosas mais importantes no Axé Opô Ofonjá, terreiro de sua mãe. Ao mesmo tempo, Mestre Didi tornou-se escritor, publicando livros sobre contos africanos e sobre a língua iorubá, e escultor de renome, realizando exposições por todo o mundo. Em 1975, ele “recebeu a mais alta hierarquia sacerdotal, *Alapini*, no culto aos ancestrais Egun”. Ver SILVA; ASSIS; SEIDEL, 2017.

dos Eguns ou ancestrais. Juanita se mostrou excelente antropóloga; suas anotações, vívidas e complexas, me introduziram numa simbólica que eu ignorava totalmente. Pouco a pouco, eu conseguia imaginar a cerimônia do culto aos mortos na Ilha de Itaparica e as do Axé Opô Ofonjá¹⁴⁹, terreiro que foi de Mãe Senhora, a mãe de Mestre Didi, ou seja, a finada sogra de Juanita (RODRIGUÉ, 2006: 138).

Rodrigué conta que ficou tão fascinado pelo material que lhe era contado pela antropóloga que começou a ter sonhos relacionados à cultura afro-brasileira. Um deles, que ele acabou por contar a Juanita, revelou que, pelo menos da parte do psicanalista, havia o desejo de um outro tipo de relacionamento entre eles:

Uma gruta azul, luminosa. Um pequeno riacho de águas límpidas atravessa o silêncio do sonho. Perto da nascente, uma rã verde, perto dela uma pequena pedra que atrai minha atenção. Pedra polida, cor de canela com veios verdes. Sinto uma admirável atração pelo calhau. Pego-o. Um calor palpitante emana dele. “Ele me pertence”, digo.
– A pedra é minha – disse a Juanita, fechando minha mão.
– Ela é sua ou lhe pertencia por direito?
– Me pertencia por direito (RODRIGUÉ, 2006: 138-139).

Foi Juanita quem interpretou o sonho para ele, “uma interpretação muito aprofundada”, embora o advertisse de que ele não poderia contar para ninguém. Rodrigué conclui dizendo que “de repente, eu a olhava com outros olhos. Juanita, além de atraente, possuía um poder desconhecido” (RODRIGUÉ, 2006: 139). Este trecho é revelador porque mostra que o analista partiu de seus sonhos pessoais, um dos materiais mais comuns na psicanálise, mas quem fez a análise do simbolismo latente no sonho foi a antropóloga, a partir de outros referenciais teóricos, como o candomblé, o que impressionou Rodrigué, transformado de analista em analisando.

Segundo ele, a supervisão terminou em menos de um mês, e eles se separaram. Alguns meses depois, Juanita retornou para Buenos Aires, agora com Mestre Didi, que

¹⁴⁹ O Axé Opô Ofonjá foi fundado por Eugênia Ana dos Santos (1869-1939), a célebre ialorixá Mãe Aninha. Eugênia utilizava um nome iniciático iorubá, Omo Obá Biyí, que segundo Maria das Graças Rodrigué significa “O rei nasceu aqui e agora”, e participou por alguns anos do Ilê Iá Nassô, o “terreiro” mais antigo de Salvador conhecido, fundado na década de 1830. Na primeira década do século XX, ela comprou uma roça em São Gonçalo, no bairro do Cabula, e se instalou por lá, juntamente com outros dois sacerdotes, Rodolfo Martins de Andrade e Joaquim Vieira da Silva. Em 1910, segundo M. das G. Rodrigué, ela abriu as portas do Axé, fato que Juana Elbein dos Santos coloca em 1919. A partir daí, se concentrou no lugar “a flor da elite negra do Brasil” (SANTOS, 2016: 13, n. 1). Quando Aninha morreu, em 3 de janeiro de 1938, foi sucedida inicialmente por Maria da Purificação Lopes, Iá Bada, em 1939. Já de idade avançada, Iá Bada chefiou o terreiro apenas por dois anos, até 1941. Ela foi sucedida por Maria Bibiana do Espírito Santo (1900-1967), chamada de Mãe Senhora, a mãe de Mestre Didi, que esteve à frente do terreiro por quase 30 anos. Depois de Mãe Senhora, ocuparam a chefia do terreiro Mãe Ondina de Oxalá (1968-1975), Mãe Stella de Oxóssi (1976-2018) e atualmente o cargo é exercido por Mãe Ana de Xangô, desde 2019. Ver RODRIGUÉ, 2001: 48-59; SANTOS, 2016: 13, n. 1.

vinha expor esculturas e objetos rituais. Era a primeira vez que Rodrigué conheceria pessoalmente ao artista baiano, mas seus receios logo se dissiparam:

O Sumo Sacerdote da Morte era um homem magro, seco, da minha idade, uma espécie de Gandhi negro, que tinha nos olhos uma centelha maliciosa. Se estava avaliando o supervisor de sua mulher, sua feição de jogador de pôquer africano não deixava transparecer nada (RODRIGUÉ, 2006: 140).

Posteriormente, eles foram caminhando até um restaurante próximo para jantar. Rodrigué ia à frente, de braços dados com Juanita, quando sentiu uma pontada intensa nas costas, que relacionou com outro sonho que havia tido, no qual era metralhado. Para ele, isso ocorrera porque Mestre Didi caminhava logo atrás dos dois. A conclusão de Rodrigué já revelava como ele começava a utilizar também referenciais do candomblé, juntamente com a psicanálise:

Acredite se quiser, estávamos os dois, psicanalista e sacerdote, engajados em fantasias eróticas atravessadas por forças obscuras e arcanos fictícios. Naquele momento, eu soube que, nem mesmo em sonhos, eu teria uma aventura amorosa com a mulher de um Sumo Sacerdote da Morte (RODRIGUÉ, 2006: 140).

Uma semana após a morte da segunda esposa de Rodrigué, Nouné, em uma data que o autor não fornece, mas que pode ser deduzida como sendo ao redor do ano de 1970¹⁵⁰, Mestre Didi, de passagem por Buenos Aires, foi encontrar Rodrigué, que ficou surpreso ao vê-lo sem a companhia de Juanita e “vestido com uma túnica africana”. Na conversa, Didi disse a ele que, como ambos tinham o mesmo orixá, Xangô, Rodrigué deveria se esquecer de Nouné, pois “o nosso orixá não gosta da morte” e “os mortos detestam os vivos”. Embora chocado com a proposta, o psicanalista relata que isso acabou funcionando, do mesmo modo que, após tomar um banho com um sabão especial trazido por Mestre Didi, ele diz que conseguiu, pela primeira vez em muito tempo, “dormir direto, sem comprimidos nem pesadelos” (RODRIGUÉ, 2006: 155-156). Assim, Didi acabou por se tornar um grande amigo do psicanalista argentino.

Numa biografia escrita pela psicanalista, amiga e ex-analisanda de Rodrigué Urania Peres, a história de seu primeiro contato com Salvador é contada com mais

¹⁵⁰ A doença e morte de Nouné é narrada por Rodrigué no capítulo 18 de *Separações necessárias*, “Morte de Nouné”. Nele estão alguns dos trechos mais tocantes e emocionantes escritos pelo psicanalista, mas não serão analisados mais profundamente aqui, por fugirem ao objetivo deste capítulo. Ver RODRIGUÉ, 2006: 147-154.

detalhes, sem serem mencionadas as questões pessoais entre o psicanalista e a antropóloga:

É possível afirmar que, de alguma maneira, o candomblé trouxe Emilio à Bahia. Uma ex-analisanda, Juanita Elbein, o havia procurado para que fizessem juntos a revisão do livro *Los Nagô y la Muerte*, que a antropóloga havia escrito. Trabalharam um mês, ficando Emilio fascinado por tudo o que se inteirou sobre o culto africano. Alguns meses após o final do trabalho, Juanita, casada com Mestre Didi, filho de Mãe Senhora, convida-o para assistir a cerimônia do sétimo ano da morte de Mãe Senhora, do Axé Opô Afonjá. A cerimônia teria a duração de uma semana e não permitia a saída do terreiro. Do aeroporto ao terreiro, a semana foi cumprida (PERES, 2004b: 37).

Em um curto depoimento publicado em 2014, Juana afirmava que foi colega de Rodrigué na Faculdade de Medicina de Buenos Aires, e confirmava que ele, além de ser seu analista, ajudou-a nos momentos finais da elaboração de sua tese de doutorado (SANTOS, 2014: 31). Para fazer pesquisas relacionadas a esta tese, Juana viajou com Mestre Didi para a África em 1967, onde o escritor teve contato com suas raízes africanas, chegando mesmo a impressionar alguns soberanos locais pelo seu conhecimento da língua e das tradições iorubás. Enquanto o casal estava em viagem na África, Mãe Senhora faleceu, em 22 de janeiro de 1967 (SANTOS, 1997: 58). Portanto, podemos datar a ida de Rodrigué para Salvador, para participar das cerimônias de sétimo ano da morte de Mãe Senhora, como sendo no início de 1974¹⁵¹.

Bem mais detalhada sobre as circunstâncias dessa primeira ida a Salvador é a narrativa de Rodrigué em *Separações necessárias*, que ocupa todo um capítulo do livro, intitulado “Candomblé”. Inicialmente, ele confessava ter preconceitos quando recebeu o convite para a cerimônia: “de Buenos Aires, eu imaginava fogueiras e negros dançando em volta, ao som de tantãs, como nos piores filmes de Tarzã”. No entanto, a princípio, segundo ele, a ideia de ter de passar a semana toda sem sair da comunidade não o inquietava. Na viagem de avião, ele releu o livro de Juana, obtendo assim uma vaga descrição do lugar onde se situava o Axé Opô Afonjá (RODRIGUÉ, 2006: 197).

Após chegar, Rodrigué descreveu o local em detalhes no livro:

¹⁵¹ Outra fonte que aponta o ano de 1974 como sendo quando Rodrigué chegou a Salvador é o livro escrito conjuntamente por ele e a psicanalista Syra Tahin Lopes, *Um sonho de final de análise* (RODRIGUÉ; LOPES, 1986: 58).

Ao chegar em frente ao portão, (...) caíamos em cheio no retábulo de um pintor *naij*¹⁵², no qual as crianças soltavam pipas e as casas multicoloridas pareciam de brinquedo. Três construções se destacavam. À direita, sobre um fundo de árvores gigantescas, se erguia a casa de Xangô, Orixá Rei do terreiro, casa ainda em construção. Ao lado, a casa de Oxalá, uma moradia ampla, mas simples, decoração ideal para um conto de fadas baiano. Por fim, o Barracão: o lugar das cerimônias, onde eram celebrados os rituais públicos (RODRIGUÉ, 2006: 198).

Ele havia chegado a tempo para o início das cerimônias de celebração de sete anos da morte de Mãe Senhora, “uma ilustre ialorixá, tão famosa no seu tempo quanto Mãe Menininha do Gantois nos anos 1980”. Devido a isso, “Ialorixás e Babalaôs de todas as nações do candomblé” se reuniam naquela ocasião. Entrando no Barracão, segundo ele “um casarão simples, do tamanho de um campo de basquete”, o psicanalista viu Mestre Didi, que, “com o agogô na mão, marcava o ritmo para os que tocavam os atabaques”, que soavam desde o crepúsculo para atrair os fiéis. Havia duas arquibancadas construídas, uma para cada sexo, onde ficavam as pessoas “menos importantes”, como o argentino. As mais importantes ficavam em um estrado, diante do portão de entrada, onde também ficava o trono de Mãe Ondina, a regente do terreiro naquela época, que Rodrigué descreve como “gorda, majestosa em seu trono, com uma cara bochechuda do tipo Charles Laughton” (RODRIGUÉ, 2006: 198-199).

Como é informado em *Os nãgô e a morte*, Juana havia sido iniciada por Mãe Senhora, no Ilê Axé Afonjá, em 1964, e se sentia muito à vontade no terreiro, ao contrário de Rodrigué (SANTOS, 2016: 13). Desse modo, Juanita disse que ele deveria saudar Mãe Ondina, quando chegasse a hora. O psicanalista, assustado, perguntou como ele deveria fazer, ao que ela respondeu que simplesmente deveria observar como os outros faziam. De tão preocupado com o protocolo, Rodrigué conseguiu identificar três tipos de saudações: uma mais simples, na qual as pessoas se agachavam de frente antes de se ajoelhar e beijar a mão direita da Ialorixá; uma mais complexa, com duas prosternações, formando uma espécie de “parêntese”, antes de se ajoelhar e beijar a mão; e a terceira, ainda mais complexa, combinando as outras duas, com “prosternação frontal e lateral, depois o ajoelhar-se e o beija-mão” (RODRIGUÉ, 2006: 199-200). Mesmo muito nervoso, o analista acabou por desempenhar bem o ritual, que ele narrou depois em um parágrafo marcado pela ironia:

¹⁵² Nome de um estilo de pintura caracterizado pela simplicidade, ingenuidade e pela falta de elaboração técnica.

A fila diminuía. Uma mulher de mais ou menos quarenta anos saudou em parêntese, o que parecia ser próprio das mulheres. Um velhinho quase senil se aproximou do trono. Eu esperava confiante, pensando que a idade dispensava a prostração. Erro meu: o venerável velhinho, num ranger de ossos, se esparramou diante da Ialorixá. Eu vinha logo depois. Respirava ofegante, dando meu primeiro passo, e notava que Mãe Ondina tinha sempre a mesma expressão imperial, simplesmente tolerando a admiração dos súditos. Escolhi o protocolo mais simples. No momento em que minha testa tocou o chão, com o corpo rígido como um soldado de chumbo, minhas vértebras aristocráticas quase se insubordinaram. Foi difícil passar pelo buraco dessa agulha (RODRIGUÉ, 2006: 200).

A seguir, quando a cerimônia continuou, com as filhas de santo dançando em um tom lúgubre, Rodrigué passou a se sentir sufocado, e saiu do Barracão, sem que ninguém notasse, indo a um bar próximo onde bebeu e conversou com os frequentadores. Quando retornou, Juanita o esperava e repreendeu-o, pois ele não poderia ter saído do Barracão durante a cerimônia. Fica evidente em seu relato um desconforto com o ambiente e os rituais do terreiro, que só cresce ao longo da narrativa. Ao tentar explicar tal sentimento, Rodrigué inicialmente o atribui ao fato de que a comunidade era cercada de muros, o que comparava com um monastério, lugar no qual ele afirmava que nunca conseguiria viver. Logo a seguir, ele reconhecia que a comunidade era um lugar agradável, pacífico e até mesmo “edênico”. No entanto, “passado o primeiro momento de apresentações, que tinha o atrativo da novidade, me senti novamente oprimido. (...) A rejeição era visceral, acompanhava-se de bocejos, pálpebras fechadas e formigamento no cu” (RODRIGUÉ, 2006: 200-202).

Do mesmo modo, quando a Rodrigué foi permitido assistir a uma cerimônia de iniciação intitulada Bori, seus comentários revelam uma sensação de não pertencimento, de estranhamento e até mesmo de um certo desdém pelo ritual, como, por exemplo, este parágrafo, quando ele narra o que aconteceu depois que oito galinhas foram sacrificadas:

Os cânticos e presságios pararam, mas ninguém deixou a casa de Oxalá. Cada um ficou em seu lugar. Longa pausa. Um formidável suspense tornava os minutos intermináveis. Mãe Ondina, de pálpebras cerradas, talvez estivesse dormindo no seu trono. O tempo escoava tal a digestão de uma sucuri. Baforadas de claustrofobia me invadiram, fui tomado por uma crise de paranoia ao pensar que Juanita, sentada do outro lado da poça de sangue, me observava, atenta à menor fuga. (...) As horas passam, a noite cai e um desejo crescente de ir ao banheiro começa a me preocupar (RODRIGUÉ, 2006: 204).

Quando, após a cerimônia, foram servidos pratos de galinhas, Rodrigué percebeu que eram os mesmos animais que tinham sido sacrificados antes, o que o fez se sentir mal e se lembrar de quando, durante a faculdade de medicina, teve de fazer a necropsia de um paciente que havia visto, vivo, algumas horas antes. Assim, ele diz que não sabe quanto tempo levou para conseguir comer, e, ainda mais, “uma farpa de osso de frango entrou no meu palato e, naquela mesma noite, minha boca começou a inchar. Despertei tarde e febril e tive que tomar antibióticos” (RODRIGUÉ, 2006: 205).

A febre e a inflamação duraram pelo restante dos dias da presença de Rodrigué no terreiro, o que o levou a dizer que “queria saltar do trem, mas era impossível”. Pelo menos, ele reconhece que Juana e Mestre Didi foram “admiráveis anfitriões”. Finalmente, chegou o último dia da cerimônia, o apogeu da semana: “Jorge Amado e Dorival Caymmi estavam sentados na arquibancada de honra. O Axé Opô Afonjá oficiava sua Missa do Galo. A entrada de Mãe Menininha do Gantois causou uma viva emoção. O Barracão vibrava intensamente, a expectativa era grande” (RODRIGUÉ, 2006: 206). Mesmo com todo esse ambiente festivo, ele não conseguiu ficar acordado até o nascer do sol, quando, segundo Juanita, “o espírito de Mãe Senhora se materializaria no fundo do terreiro, perto da Casa dos Mortos”. No dia seguinte, disseram que ele não sabia o que tinha perdido. A narrativa é encerrada com a informação de que a “inflamação desapareceu por mágica quando eu saí do Axé Opô Afonjá para voltar à Bahia de fora dos muros” (RODRIGUÉ, 2006: 206).

Assim, é possível perceber na narrativa de Rodrigué sobre seu primeiro contato tanto com Salvador quanto com o candomblé que sua relação com a religião afro-brasileira foi no mínimo ambivalente. Ao mesmo tempo em que ele valorizava muito os contatos com pessoas como Juana Elbein e Mestre Didi, que continuaram a ser seus amigos próximos e íntimos por toda a vida, em relação aos rituais e crenças da religião ele se mostrava desconfortável e incomodado, a tal ponto que a semana passada no terreiro chegou a lhe produzir perturbações físicas. Se a Dra. Urania tinha razão quando escreveu que o candomblé de certa maneira foi o que trouxe Rodrigué para Salvador, através de seu contato com Juana Elbein, também é verdade que a relação dele com a religião afro-brasileira esteve longe de ser simples e direta e envolveu momentos de aproximação e recusa. Isto continuou no restante de seu tempo na Bahia, pois ele, na década de 1980, chegou a se casar com uma filha de santo do mesmo terreiro Axé Opô

Afonjá, a antropóloga Maria das Graças Rodrigué¹⁵³, mas, ao mesmo tempo, nunca aceitou nem se integrou ao candomblé da mesma maneira que outros estrangeiros que viveram na Bahia, como Roger Bastide, o orientador de Juana Elbein, e, principalmente, o fotógrafo francês Pierre Verger¹⁵⁴.

Nos agradecimentos do livro derivado de sua tese de doutorado, Juana Elbein dedicava um trecho a Rodrigué: “Não posso deixar de mencionar, muito especialmente, meu mestre e amigo Dr. Emilio Rodrigué, reparador de almas e grande mago, ‘ancestre espiritual’, a cujo ensino e confiança espero corresponder, sempre” (SANTOS, 2016: 6). No mesmo texto, ela citava seu orientador na Sorbonne, Roger Bastide, como seu “outro mestre”: “expresso igualmente meu reconhecimento mais profundo ao meu outro mestre, Prof. R. Bastide, cujo entusiasmo comunicativo e apoio constante nos últimos anos permitiram que este trabalho viesse à luz” (SANTOS, 2016: 6).

Bastide (1898-1974), que veio ao Brasil com outros professores franceses em 1938 para dar aulas de sociologia na recém-criada USP, interessou-se, a partir da década de 1940, pelas religiões afro-brasileiras, produzindo uma obra considerável sobre o candomblé e seus rituais, como *Estudos afro-brasileiros* (3 v., 1946, 1951 e 1953), *As religiões africanas no Brasil* (1958) e *O candomblé da Bahia (rito nagô)* (1961). Mas não é apenas por ter se interessado pelo candomblé baiano e vivido durante algum tempo em Salvador que Bastide pode ser aproximado a Rodrigué: ele procurou, desde o início da década de 1940, utilizar conceitos da psicanálise na análise de fenômenos sociológicos e religiosos, incluindo as próprias religiões afro-brasileiras (PEIXOTO, 2010). Um exemplo disto é o seu texto de 1941, “Psicanálise do cafuné”, que se inicia com o seguinte parágrafo: “A interpretação psicanalítica do cafuné que vamos nos permitir apresentar tem, para nós, um interesse, principalmente, metodológico. Trata-se de descobrir um meio de conciliar, por esse exemplo, a psicanálise e a sociologia” (BASTIDE, 2016 [1941]). Bastide assim fez um caminho de certa maneira oposto ao de Rodrigué: enquanto o sociólogo francês utilizava elementos da psicanálise, entre outros referenciais, para tentar compreender o candomblé, Rodrigué utilizou alguns elementos

¹⁵³ O relacionamento com Maria das Graças, o casamento entre eles, que foi celebrado no mesmo Axé Opô Afonjá, e outros aspectos da relação de Rodrigué com o candomblé são narrados em *Gigante pela própria natureza* (RODRIGUÉ, 1991). Por questões de espaço e de fôlego, esta tese não analisará este livro.

¹⁵⁴ Verger (1902-1996) foi iniciado por Bastide, que chegou a Salvador dois anos antes, nos assuntos afro-brasileiros. Mas o fotógrafo francês chegou a se tornar um filho de santo no mesmo terreiro Axé Opô Afonjá em 1948, e adquiriu o direito de “falar na África” em nome do candomblé, algo que não ocorreu nem com Bastide nem com Rodrigué. Ver PEIXOTO, 2010: 53-54.

do candomblé em sua visão de psicanálise, mas não foi iniciado na religião nem procurou compreendê-la tão profundamente¹⁵⁵.

Rodrigué não cita diretamente Bastide em nenhum de seus livros, e, na época de seu estabelecimento em Salvador, o sociólogo já havia retornado para a França desde o ano de 1958, onde assumiu a cadeira de etnologia e sociologia religiosa na Sorbonne, no curso da qual orientou a tese de doutorado de Juana Elbein dos Santos. No entanto, a partir do contato com Juana e Mestre Didi, e do interesse de Rodrigué pelo candomblé a partir deste momento em sua trajetória, é possível afirmar que ele tinha algum conhecimento da obra do sociólogo francês. Ele continuou a usar elementos do candomblé em outras de suas obras, como, por exemplo, a lenda iorubá que inicia sua biografia de Freud, publicada em 1995¹⁵⁶. Ao mesmo tempo, sua amizade com Juana e Mestre Didi continuou até a sua morte, em 2008¹⁵⁷.

3.3. *O paciente das 50.000 horas I: a crítica à psicanálise institucional*

Se o candomblé acabou sendo o fator que levou Rodrigué pessoalmente para Salvador pela primeira vez, ele se estabeleceu por lá utilizando a legitimação profissional derivada de suas experiências anteriores na Argentina, Inglaterra e Estados Unidos. Mas, ao mesmo tempo, ele já havia rompido com a APA e a IPA e tinha uma visão muito menos favorável da psicanálise institucional oficial. Assim, um dos primeiros textos produzidos por ele em Salvador era uma crítica a esta psicanálise, publicada em espanhol em 1977, como primeira parte do livro *O paciente das 50.000 horas*. Este texto retomava um artigo seu anterior de 1969, no qual já demonstrava algumas de suas críticas em relação à psicanálise de organizações como a APA e a IPA; na segunda versão, em 1977, ele já estava morando em Salvador, não estava mais vinculado a nenhuma instituição psicanalítica e acrescentou várias notas ao texto sobre isto. Desta maneira, a primeira parte de *O paciente das 50.000 horas* funcionou como um acerto de contas de Rodrigué com a psicanálise “oficial”, com a qual ele havia estado vinculado desde a década de 1940.

¹⁵⁵ No entanto, a psicóloga baiana Ana Bárbara Vieira Sinay Neves, em depoimento, disse que foi por fazer análise com Rodrigué a partir do final da década de 1990, ou seja, após sua separação de Maria das Graças, que ela se interessou mais pelo candomblé, se aproximando da religião. Ver NEVES, 2019.

¹⁵⁶ Ver subcapítulo 4.3.

¹⁵⁷ Juana Elbein narra que conversou com Emilio pouco tempo antes de sua morte: “Nas últimas semanas, antes de sua partida, trocávamos experiências sobre nosso mútuo envelhecimento” (SANTOS, 2014: 31). Mestre Didi morreu em 2013, mas Juana Elbein dos Santos, até onde conseguimos apurar, continua residindo em Salvador.

A história da publicação de *O paciente...* começou em 1969, quando o *International Journal of Psychoanalysis*, publicação oficial da IPA, completou cinquenta anos de existência. Para comemorar o marco, os editores da revista pediram que os vinte analistas que, na época, publicavam com mais frequência nela escrevessem um artigo para um número especial. Rodrigué estava entre os nomes convidados, o que era um indicador de seu prestígio entre a comunidade psicanalítica ipeana nesta conjuntura: segundo ele (1979: 19), a revista “tinha a reputação de ser o centro do próprio centro, e, em certas noites de insônia, podia-se imaginar, numa fantasia dourada e melancólica, a nota necrológica que encerraria sua carreira”. Ele havia deixado de ser presidente da APA há um ano e, também, havia acabado de renunciar à vice-presidência da IPA. No entanto, embora reconhecesse que “estava na cúpula”, ele não deixava de se sentir desconfortável em sua posição: “o triunfo não era tão retumbante porque meu nome aparecia em meio a uma elite de burocratas” (RODRIGUÉ, 1979: 19).

Para publicar no número especial da revista, Rodrigué teve a ideia de escrever um artigo que concentrasse sua experiência clínica “numa ficção que chamei de *O paciente das 50.000 horas*, isto é, a totalidade do meu trabalho junto ao divã” (RODRIGUÉ, 1979: 19). O artigo foi escrito rapidamente, segundo ele, e publicado, em inglês, na revista, mas não foi, posteriormente, traduzido para o espanhol nem publicado em Buenos Aires, por razões que Rodrigué remetia às suas discussões com Oscar Masotta, mencionadas no subcapítulo 2.3. Ele colocava: “quem tem medo de Phillis Greenacre¹⁵⁸? Mazotta (*sic*) é cem vezes mais perigoso”. Segundo ele, mesmo os psicanalistas de língua inglesa o estavam criticando, embora não dissesse qual era o teor da crítica (RODRIGUÉ, 1979: 20).

Convém ressaltar que este artigo foi escrito para a comemoração de uma efeméride da psicanálise ipeana, em que o autor se concentrava especificamente em analisar essa vertente psicanalítica, da qual havia participado ativamente durante mais de vinte anos. Posteriormente, após a ruptura com a APA e a IPA, em 1971, Rodrigué pensou em ampliar o artigo, escrevendo um livro no qual o texto ficasse nas folhas ímpares e críticas e comentários feitos por outros autores ficassem nas folhas pares¹⁵⁹. Chegou a convidar Marie Langer para escrever nas folhas pares, mas logo após

¹⁵⁸ Phillis Greenacre (1894-1989) foi uma psicanalista norte-americana que publicou livros e artigos sobre as relações entre literatura e psicanálise.

¹⁵⁹ Embora com uma estrutura um pouco diferente, Rodrigué publicou um livro em moldes parecidos em 1986, juntamente com Syra Tahin Lopes, com o título de *Um sonho de final de análise*: as sessões de análise são descritas primeiramente por Rodrigué e depois por Syra, e, posteriormente, cada um deles comenta o que o outro escreveu (RODRIGUÉ; LOPES, 1986).

desinteressou-se pelo manuscrito, só voltando a lê-lo no ano anterior à publicação do livro, o que seria em 1976¹⁶⁰. Portanto, entre 1969 e 1976, Rodrigué entrou em uma fase de escassa produção intelectual. Como ele mesmo apontou, posteriormente, no prefácio de *O paciente das 50.000 horas*, a reação às críticas que vinha sofrendo de outros psicanalistas, juntamente com a sua ruptura com a APA e a IPA, produziram uma crise pessoal, “uma espécie de idade-média na meia-idade da vida”, e que só foi completamente superada por ele quando começou a redigir suas obras em Salvador (RODRIGUÉ, 1979: 20).

Colocando o que sentiu ao retomar o trabalho com o texto de *O paciente...*, Rodrigué assumia explicitamente a posição de intelectual:

A impaciência toma conta de mim: sobrevoando, agora, o trajeto percorrido, como foi possível uma caminhada tão lenta? Outras vezes, paradoxalmente, fico assombrado, surpreendendo-me com a sorte incrível que tive. Porque há muitos riscos no caminho do intelectual e o mais perigoso de todos é ficar sem ter o que dizer (RODRIGUÉ, 1979: 21).

Ao mesmo tempo, ele apontava, destacando uma questão central em toda a sua produção escrita a partir deste livro, que “a estrada fértil do psicanalista é sua autoanálise. Nela constato a sequência de um fluir de ideias, um regato sistemático ao longo dos anos” (RODRIGUÉ, 1979: 21).

Assim, assumindo o papel de intelectual e de quem está descrevendo uma autoanálise, Rodrigué então reelaborou seu texto, o dividindo em duas partes: os três primeiros capítulos do livro *O paciente...* foram retirados do artigo para o número especial do *International Journal of Psychoanalysis*, mantendo o corpo do texto exatamente como havia sido publicado em 1969, mas com a adição de várias notas de rodapé comentando o que havia mudado de sua posição e em relação à psicanálise e sua prática. A seguir, depois de um interlúdio, ele passava a se referir, no capítulo intitulado “A cura dos noventa minutos”, a um caso de um jovem psiquiatra baiano, ou seja, a fatos que ocorreram depois de sua chegada em Salvador, em 1974.

É importante salientar que o analista argentino pretendeu que as duas partes do livro *O paciente das 50.000 horas* correspondessem a duas grandes divisões na sua carreira psicanalítica. A primeira representava sua atividade como um membro da IPA e, segundo ele mesmo, como um “analista ortodoxo”, com 25 anos de experiência (RODRIGUÉ, 1979: 21). Já a segunda estava marcada pela ruptura com a APA e a IPA,

¹⁶⁰ A edição espanhola da obra, da qual foi feita a tradução brasileira, foi publicada em 1977.

pela aproximação com o grupo Plataforma e por sua crítica à prática psicanalítica conduzida por ele no período anterior. Fazendo um balanço em relação ao que teria mudado, Rodrigué dizia que

Um problema desse período foi a escassa produção criativa. Mas o que houve é que perdemos a infraestrutura burocrática com a esperança secreta de que os próprios escombros nos orientassem para o futuro; foi exasperador constatar que continuávamos psicanalisando como sempre, talvez um pouco melhor, talvez um pouco mais angustiados. O leão libertado do jardim zoológico ainda não havia chegado à estepe (RODRIGUÉ, 1979: 21).

Rodrigué iniciava *O Paciente...* com os três capítulos do artigo original; os acréscimos, baseados na versão espanhola do artigo, tornavam o texto, segundo ele (1979: 25), “mais elaborado e reflexivo”; desta maneira, para ele uma chave de leitura do livro seria vê-lo como escrito por “alguém que quer vender uma nova proposição de vida”. Nestes três capítulos, Rodrigué fazia uma crítica bastante forte e, em alguns trechos, irônica tanto à situação da psicanálise freudiana na época, como à sua própria prática psicanalítica e até mesmo a pressupostos teóricos básicos desta psicanálise, como veremos a seguir. Nos comentários acrescentados posteriormente, como notas de rodapé, a crítica era ainda mais severa. Mas o capítulo 3 se iniciava com uma conta, que era a justificativa do título do livro:

Passo 25 anos como analista, psicanalisando. Suponha que trabalho 10 meses por ano, descontando férias, dores de garganta e eventuais preguiças em duras manhãs de inverno. Ritmo pouco saudável que me faz passar, facilmente, das 50 horas de trabalho por semana. Cada mês tem quatro semanas e quebrado, mas podemos arredondar: 25 x 10 x 50 x 4. O que dá: 50.000 HORAS (RODRIGUÉ, 1979: 27. Grifo do autor).

Em uma nota de rodapé, ele se dizia surpreso com o fato de estar com saudade desse passado de trabalho, pois essa saudade era apontada por ele como “a satisfação de um narcisismo masoquista, tal como a onipotência do condenado que se gaba de sua prisão perpétua”, e, portanto, seu trabalho era comparável à “Penitenciária de Las Heras”. Concluía dizendo que não interessava a ele contabilizar as horas de trabalho psicanalítico que tinham se passado desde 1969 até 1976, quando estava escrevendo esta versão do texto¹⁶¹ (RODRIGUÉ, 1979: 27, nota 1). Podemos observar que ele usou

¹⁶¹ Se ele afirmava que completou 25 anos de psicanálise em 1969, o início de sua carreira clínica teria se dado, então, em 1944, ou seja, apenas um ano após ter iniciado sua análise pessoal com Rascovsky, o que parece pouco plausível. Ver página 50.

1969, data da primeira versão do artigo, como um divisor de águas em sua carreira, marcando o início de um período turbulento durante o qual ele acabaria por romper com a APA e a IPA, se exilar da Argentina fugindo da ditadura militar e, pessoalmente, passaria por problemas pessoais, como a morte de Noune e a dificuldade de escrever.

Rodrigué, então, elaborou a ideia de “construir um ente, um artefato que funcione como um reflexo da clínica”, “um superpaciente que abranja a totalidade dos casos clínicos”, o paciente das 50.000 horas, ou simplificando, simplesmente “o paciente” (RODRIGUÉ, 1979: 28). Depois de criá-lo, ele questionava o que havia aprendido com este paciente, e concluía que, em princípio, nada, pois só recordava o caos das milhares de vozes diferentes que ouvia ao mesmo tempo. Portanto, ele concluía, como outros teóricos sobre a memória, que “a memória precisa esquecer”, e seguia com uma constatação que evidenciava que nesse “superpaciente” estavam também incluídos os atendimentos de grupos e comunidades terapêuticas: “além disso, sabemos que meu paciente fala diversas línguas porque foi um menino, um adolescente, um homem e uma mulher, um louco, um casal – que deseja ou não se separar, um grupo de 6 ou 12 membros, uma comunidade terapêutica” (RODRIGUÉ, 1979: 28).

Rodrigué chegava a quatro conclusões sobre o que teria aprendido com seu paciente fictício. A primeira delas era que apenas em uma única vez o paciente o teria “derrubado”: isso não seria nas muitas ocasiões em que ele sentiu impaciência, insônia, cansaço, irritação, nem mesmo quando sentiu regressões ou medos, pois considerava todas estas como “emoções menores”. Ele se referia apenas “à vez em que recebi o grande golpe que abala os alicerces: o impacto psicotizante¹⁶². Alguém disse exatamente o que não devia dizer no momento proibido” (RODRIGUÉ, 1979: 28-29). A seguir, se espantava de que isto tivesse acontecido somente uma vez com ele, e concluía que são relativamente poucos os analistas que “se arrebetam”. Isto seria devido ao fato de que existiria uma cumplicidade entre analista e paciente, semelhante ao que ocorre entre animais predadores: “cada um protege a jugular exposta do outro”¹⁶³, ou seja, eles se ajudariam em situações de estresse ou de fragilidade (RODRIGUÉ, 1979: 29).

A segunda conclusão era de que o cenário de realidade externa que o paciente descrevia em suas sessões não tinha correlação direta com seu estado de ânimo, ou, em outras palavras, “o conteúdo manifesto não reflete toda a angústia presente”, o que seria,

¹⁶² Ou seja, o momento em que ele perderia totalmente o equilíbrio mental e ficaria, por assim dizer, “fora de si”.

¹⁶³ Novamente, Rodrigué usava aqui a metáfora do analista como um animal predador, do mesmo modo como algumas páginas atrás ele se comparava a um leão liberto do jardim zoológico.

para ele (1979: 30), consequência do fato de que os psicanalistas avaliam mal as causas sociais que produzem o mal-estar psicológico. Aqui Rodrigué apresentava uma das primeiras críticas à psicanálise de sua época: “um problema candente na psicanálise atual está no fato de que as verdadeiras contradições sociais, aquelas cuja presença marcam o indivíduo, tornam-se invisíveis no divã”. Desta maneira, ele retomava alguns elementos apontados por vertentes dos vários saberes “psi”, como os freudomarxistas, como o caráter burguês, individualista e elitista da psicanálise, sua adequação ao capitalismo e a pouca preocupação com aspectos sociais que afetam o indivíduo, como vimos no capítulo 2.

Prosseguindo, ele dizia, a respeito da Argentina em 1970, que “pressente-se a existência de uma confusão ideológica que, por enquanto, não possibilita a aplicação do instrumento analítico para seu esclarecimento” (RODRIGUÉ, 1979: 30). Sobre este trecho, ele acrescentou um comentário em nota de rodapé em 1976: “Uma sensação de pudor pela minha ingenuidade, eis o que estou sentindo. Uma sensação de ingenuidade pela minha falta de pudor em projetar minha vida no paciente” (RODRIGUÉ, 1979: 30, nota 4). Aqui pode-se perceber que a ingenuidade referida por ele também dizia respeito à combinação entre ideologia e psicanálise, elementos que, no trecho mais antigo, ele via como incompatíveis, mas que, posteriormente, passaram a ser consideradas inseparáveis, a partir, por exemplo, da experiência do Movimento Plataforma.

A terceira e a quarta conclusões se referiam ao acontecido no consultório analítico, de alguma maneira desmistificando a psicanálise. Na terceira, ele concluía que o “contexto da descoberta”, ou seja, o momento repentino em que o analista chega a uma grande interpretação, raramente acontecia durante uma terapia. O que levava à quarta conclusão, de que a interação das associações livres de paciente e analista acarreta que eles vivam “uma experiência absolutamente singular entre duas pessoas: provavelmente, o diálogo mais insólito que jamais tenha existido”, porque marcado pela ruptura, algo que “tem como finalidade se destruir para que de suas cinzas emergja o conteúdo latente” (RODRIGUÉ, 1979: 30-31). Para Rodrigué, o diálogo que é construído em uma sessão de psicanálise precisa ser destruído para se chegar ao conteúdo mais importante, porque o que realmente interessa é o que supostamente “está por trás” ou não foi dito explicitamente neste diálogo.

Como conclusão desta parte do artigo, Rodrigué fazia uma reflexão muito significativa sobre a natureza da escrita e das ciências humanas em geral:

Neste trabalho concentro-me na discrepância entre a experiência clínica e o que, a seguir, se escreve sobre ela. Chamarei de BRECHA o abismo que separa a vivência da escrita. A BRECHA é uma falha para as ciências do homem, mas se torna particularmente nociva na psicanálise: na psicanálise a palavra circula como moeda única (RODRIGUÉ, 1979: 31. Grifos do autor).

Na parte seguinte do capítulo, ele iniciava uma crítica à institucionalização e burocratização da psicanálise pós-freudiana, com o título de “E a psicanálise logo deixou de ser jovem”. Nela, ele concluía que a psicanálise havia envelhecido, havia perdido “o caráter, a meta e até o exagero revolucionários”. Revolucionários não num sentido puramente político, de assumir o poder, pois “hoje em dia os sonhos de uma analistocracia nos parecem estranhos”. Mas sim da psicanálise como algo que iria “sacudir a ordem estabelecida”, “arrancar os alicerces sociais”, de maneira que “o soldado, o sacerdote, o burocrata iriam compreender o sentido do que eram e então se transformariam – abandonando sua forma de castração – ou desapareceriam simplesmente do mapa levados pela enorme onda de libertação do homem” (RODRIGUÉ, 1979: 32).

De acordo com ele, essa busca da mudança do homem e da sociedade viria desde o surgimento da teoria freudiana: “a aventura freudiana prevê a chegada do homem novo”, transformado pela psicanálise. Rodrigué (1979: 33) concluía, citando um trecho do texto de Freud “Análise terminável e interminável” (1937), que “o ato de se psicanalisar produz uma diferença qualitativa na pessoa analisada”, que iria muito além da simples cura médica, mas apontaria para “simplesmente, a transformação do homem pela psicanálise”. E então ele se questionava se isso realmente poderia acontecer. Sua conclusão inicial era um pouco cética: seria possível, mas ocorreria poucas vezes (RODRIGUÉ, 1979: 33).

Isto o levava a continuar se perguntando: “será que falhamos?”, e concluir que sim, que nas últimas décadas antes dele escrever, a psicanálise entrou numa “expansão lamentável”, que a teria vulgarizado e banalizado, o que contrastaria com o “isolamento notável” anterior de Freud, no começo do século XX (RODRIGUÉ, 1979: 34). Assim, para tentar entender o envelhecimento da psicanálise, que chamava de “um sintoma a ser desmascarado”, Rodrigué trazia a crítica, segundo ele “lúcida, sistemática e até mesmo imparcial”, feita pelo psicanalista francês Jean-Bertrand Pontalis¹⁶⁴ (1924-2013)

¹⁶⁴ Pontalis foi um nome importante da psicanálise francesa na segunda metade do século XX. Mais conhecido pelo seu *Vocabulário da psicanálise*, escrito em conjunto com Daniel Laplanche em 1967, escreveu vários ensaios, foi analisado por Lacan na década de 1950, participou da revista *Les temps*

em um texto de 1956, *A vigência de Freud*. Rodrigué concordava com Pontalis que o grande perigo do psicanalista estava em generalizar interpretações da singularidade de um paciente para o conjunto da sociedade, situação na qual ele poderia cair em “noções conformistas e dogmáticas”. E seguia fazendo uma crítica mais forte às instituições de psicanálise ligadas à IPA:

Pontalis assinala que o psicanalista, numa sociedade de consumo, tende a se mostrar simpático ao sistema, seduzido, comprometido e por fim ungido como ideólogo ilustre. Agrupamo-nos, então, em instituições psicanalíticas piramidais, filiais de uma Associação Internacional, que não têm outra finalidade a não ser a promoção maciça da psicanálise. Neste processo de assimilação, aceitamos os programas de nossa sociedade como realidades indiscutíveis e sem nos questionarmos sobre a razão de ser da cura¹⁶⁵ (RODRIGUÉ, 1979: 35).

Após esta crítica, Rodrigué transcrevia um trecho do texto de Pontalis para concluir seu argumento: “É estranho que a obra trágica de Freud, para quem a experiência humana está, para sempre, comprometida, prejudicada, iludida e dividida, desemboque num idealismo simplista e idealizador, que muitos acreditam poder extrair da psicanálise” (PONTALIS, 1956, *apud* RODRIGUÉ, 1979: 35).

Embora Rodrigué tenha escrito, em 1969, que não poderia acrescentar nada de novo a esta crítica de Pontalis, em 1976 ele publicou uma extensa nota de rodapé na qual trazia novos elementos em relação a este comentário. Primeiramente, ele dizia que, “do lado de cá da Plataforma¹⁶⁶”, todas as questões relacionadas já foram exploradas e deixaram de ser polêmicas, e que “um analista que acha lugar em sua ideologia para ser membro de uma filial da Internacional [a IPA] carrega consigo uma contradição insolúvel e prejudicial que se abate sobre a forma e o sentido que seu trabalho adquire” e acabava por praticar uma “terapia restrita”. Pois, segundo ele, “na aparência de passividade conformista do terapeuta” está escondida uma “grande violência”. E prosseguia em um trecho muito revelador, em que criticava a maneira como a psicanálise ortodoxa, ou seja, representada pela IPA e suas afiliadas, lidou com

modernes, de Sartre e Merleau-Ponty, até o fim da década de 1960 e organizou várias coleções sobre psicanálise na França (Ver ROUDINESCO, 2013).

¹⁶⁵ Em uma nota de rodapé escrita em 1976, Rodrigué apontava sobre este trecho que “o que hoje é um lugar comum em qualquer crítica contemporânea, na versão inglesa não foi dito nem pela metade” (RODRIGUÉ, 1979: 35, n. 9). Aqui ele estava se referindo ao fato de que muitas críticas da psicanálise escritas a partir da segunda metade dos anos 1970, inclusive textos do próprio Rodrigué, apontavam para este processo de assimilação do *status quo*, tanto do sistema capitalista de uma maneira geral como das instituições de psicanálise, como sendo um dos grandes problemas da psicanálise da época.

¹⁶⁶ Referência ao Movimento Plataforma, analisado no subcapítulo 2.4.

movimentos dissidentes anteriores: “chama a atenção a ferocidade com que a psicanálise ortodoxa mutilou partes de si mesmo, cortando o braço direito de Lacan anos depois de Reich haver perdido o esquerdo, para chegar a se constituir no amplo centro apolítico e castrado de nossos dias”¹⁶⁷ (RODRIGUÉ, 1979: 36, nota 10).

A conclusão de Rodrigué era de que “o problema não estaria apenas na forma pela qual os analistas são deformados ou na sociedade de consumo que nos devora ao domesticar-nos: o problema básico vem da própria estrutura da psicanálise [ipeana]” (RODRIGUÉ, 1979: 36). Ele discutia, na sequência, essa estrutura da psicanálise, dividindo sua análise em três partes: questões de procedimento, questões de metas e questões de teoria analítica. As primeiras diziam respeito, fundamentalmente, à necessidade de análise didática pelo candidato a se tornar psicanalista. O primeiro comentário era mais favorável à prática, apontando esta como “a fortaleza da psicanálise, a sua grande força didática: passaporte indispensável para aquele que vai formar homens novos” (RODRIGUÉ, 1979: 36). Mas, a seguir, vinha a crítica, baseada no fato de que a análise didática é muito prolongada e leva a que um analista só possa “falar com autoridade”, segundo ele, depois dos 40 anos de idade. Além disso, “é nesta docência prolongada que se trama a armadilha burocrática das associações psicanalíticas”¹⁶⁸ (RODRIGUÉ, 1979: 37). Em uma nota, ele atenuava um pouco a posição do artigo original, apontando que o Movimento Plataforma teria conseguido, pelo menos, abalar o monopólio da IPA e das instituições filiadas à esta:

De 1969 para cá estas considerações envelheceram. É verdade que o velho sistema de análise didática e seminários continua em vigor em todas as filiais da Associação Psicanalítica Internacional. Mas, nesse meio-tempo, houve o nascimento e morte da Plataforma, movimento que, com todas suas falhas e impotência final, teve o mérito de romper o mito da legitimidade das Associações Psicanalíticas como únicas herdeiras de Freud (RODRIGUÉ, 1979: 37, n. 11).

Além disso, em relação às questões de procedimento, Rodrigué apontava a assimetria da relação entre terapeuta e candidato a analista, que acabava por levar, segundo ele, ao apagamento da subjetividade do último, pois “por mais de cinco anos, os sonhos, os filmes vistos, os quadros pintados, a distribuição de volantes, a sexualidade do casal, isso tudo é interpretado de acordo com um argumento insólito (...) ao refletir peripécias antigas e não realizações propriamente ditas”. Isto produziria, no

¹⁶⁷ Este trecho foi reproduzido no início do capítulo 2 desta tese.

¹⁶⁸ Ver o subcapítulo 2.4 sobre a centralidade desta crítica para o Movimento Plataforma.

candidato, um medo de se exprimir, pois, após vários anos em que “tudo o que uma pessoa diz e faz na realidade significam outra coisa”, devido às interpretações feitas pelo analista sempre buscando significados ocultos, como consequência, se valorizava apenas o pensamento reflexivo e se desconfiava da ação (RODRIGUÉ, 1979: 37-38). Em relação a isso, é interessante a nota acrescentada por Marie Langer neste trecho do livro: “É lamentável mas lógico que isso nos aconteça. Nunca atuamos durante os cinco dias da semana. Dias que passamos presos à poltrona. E, como inconscientemente nos oferecemos como modelos, sugerimos passividade e cautela” (RODRIGUÉ, 1979: 38, n. 14).

A seguir, em um trecho com relevância histórica, Rodrigué reconhecia que seu “tom mordaz” exprimia seu ressentimento contra “as duas décadas em que um ‘macartismo do enquadramento’ imperou em nosso meio”, os “quase vinte anos” em que “nos obrigamos a construir um enquadramento asséptico no qual tanto o paciente como o analista se amoldavam de maneira absurdamente convencional e desvitalizante” (RODRIGUÉ, 1979: 38-39). Aqui, o analista argentino se referia à predominância, na APA argentina e no movimento psicanalítico ipeano, do chamado “kleinismo”, em especial a partir do final da década de 1950, concomitante ao quase monopólio dos principais cargos na IPA pelos psicanalistas formados por Melanie Klein ou por seus discípulos, na Inglaterra¹⁶⁹. Um dos aspectos dessa orientação kleiniana defendia um afastamento praticamente total entre analistas e seus analisandos, incluindo parentes e amigos destes. Este modelo de psicanálise defendia um controle rígido do processo de transferência, visando torná-lo mais impessoal e manejável pelo psicanalista; ao mesmo tempo, podemos resgatar aqui as discussões sobre a “neutralidade” e ausência de posicionamento político das instituições e dos próprios psicanalistas, como vimos no capítulo anterior. Rodrigué citava um exemplo: “se o relógio do paciente parava, não se dizia a ele que horas eram” (RODRIGUÉ, 1979: 39). Em outra ilustração disto, o psicanalista baiano Hélio de Castro afirma que este modelo ainda era dominante na formação de psicanalistas na Bahia e no Brasil no início da década de 1970, chegando a extremos como determinar que o analista atendesse o mesmo paciente sempre com a mesma roupa, além de não poder utilizar nenhum acessório que indicasse alguma informação pessoal do analista, como alianças, por exemplo (CASTRO, 2019).

¹⁶⁹ Sobre a predominância do “kleinismo” na APA a partir da década de 1950, ver pp. 36-37.

Em um texto publicado dois anos antes da edição espanhola de *O paciente...*, o prefácio para um livro sobre psicodrama¹⁷⁰, Rodrigué (1975: 11-12) já usava as mesmas expressões para se referir ao kleinismo: criticava a dominância de um “purismo kleiniano onde, exagerando, imperava um macartismo do enquadre asséptico”. No mesmo prefácio, ele qualificava a APA como uma “instituição que era bastante reacionária naquela época [a década de 1950]”, o que teria levado os próprios analistas argentinos a terem uma prática reacionária. Além disso, seu grande amigo Eduardo Pavlovsky, no prefácio a *O paciente...*, sugeria, entre outros títulos alternativos e cáusticos para o livro de Rodrigué, “A armadilha da ideologização kleiniana da psicanálise para analisar durante 15 anos um candidato sugerindo-lhe que isso é ciência porque exige bastante tempo” ou “A Associação Psicanalítica Argentina, eterna oficializadora de todos os regimes políticos” (PAVLOVSKY, 1979, *in* RODRIGUÉ, 1979: 11). É importante ressaltar aqui que ocorreu uma grande mudança no posicionamento de Rodrigué ao longo de sua trajetória profissional, se lembrarmos que, no final da década de 1940, ele havia estudado diretamente com a própria Melanie Klein em Londres e, pelo menos durante algum tempo, havia sido considerado como um dos mais próximos discípulos desta, para, pouco mais de duas décadas depois, criticar em termos tão contundentes o “kleinismo”.

Em relação às questões de procedimento, portanto, o próprio Rodrigué resumia suas críticas como destacando a demora para que o candidato a analista conquistasse autonomia, tanto profissional como pessoal, e apontando o caráter de doutrinação e dependência que existia na relação entre analista didata e candidato, que prejudicava a formação e a criatividade dos alunos (RODRIGUÉ, 1979: 40). O autor continuava o texto se debruçando sobre o que chamou de questões de metas, retomando a frequente discussão sobre a psicanálise ser ou não uma terapia que tem como objetivo “curar” os pacientes: para ele (1979: 40), se os pacientes muitas vezes buscam uma cura, o analista, por sua vez, busca “algo relacionado com a verdade; a mudança no outro que se mistura à minha própria mudança”, de maneira que seus objetivos seriam diferentes, o que marcaria, para Rodrigué, uma primeira contradição. No entanto, Rodrigué afirma a seguir que o próprio Freud, devido à época em que vivia e o contexto médico desta, não teria percebido o tamanho do passo que estava dando, ao descobrir que “**não existe uma normalidade médica mental**, que a divisão entre uma psicologia e uma

¹⁷⁰ Tratamos deste prefácio e do livro como um todo no subcapítulo 3.4, a seguir.

psicopatologia deforma mais que esclarece” (RODRIGUÉ, 1979: 42, grifo do autor). Ou seja, o paciente não precisaria ser curado, ele não é um caso médico, porque não existiria um estado normal mental que sirva de modelo para a terapia do paciente. Desta maneira, Rodrigué retomava algumas das críticas de Freud sobre a relação entre medicina e psicanálise, apontando, sem apresentar a referência, um trecho de Freud onde este diz que “a possibilidade de sua aplicação [da psicanálise] para finalidades médicas não deve nos induzir ao erro, porque a eletricidade e a radiologia também tiveram aplicações na medicina, apesar da ciência a que ambas pertencem continuar sendo a física” (FREUD, *apud* RODRIGUÉ, 1979: 42).

A segunda contradição, para Rodrigué, dizia respeito à questão de a análise ser uma investigação científica. Para ele, a hipótese seria, inicialmente, estimulante para os psicanalistas, pois “é uma tentação nos imaginarmos como experimentadores misturando variáveis ocorrentes, controladores de processos, ‘quase’ entrando na assepsia do laboratório”. Mas ele concluía que considerar o psicanalista como cientista de laboratório não era correto, pois quem poderia dizer quantas variáveis ocorriam em um processo como o da análise, em que duas subjetividades desenvolvem um relacionamento afetivo? (RODRIGUÉ, 1979: 43). Para apoiar sua posição de que a psicanálise não deveria ser confundida com uma investigação científica, Rodrigué utilizava um texto do psicanalista norte-americano George Stuart Klein¹⁷¹, no qual este dizia que “a experimentação se baseia no controle racional de condições e na manipulação de possíveis variáveis causais; o que constitui uma tarefa bem difícil no melhor dos casos, mas fica excluída de antemão pela situação terapêutica” (KLEIN, *apud* RODRIGUÉ, 1979: 43). De acordo com Rodrigué, esta confusão entre psicanálise e experimentação afetava a identidade do psicanalista e abria espaço para um “cientificismo”, no qual se utilizavam termos pouco usuais com a ilusão de que estes seriam mais científicos: ele concluía, portanto, que “a psicanálise não é experimentação, é experiência. A intenção cientificista de medir vai contra a própria essência dessa

¹⁷¹ George Klein (1917-1971) foi um psicólogo e psicanalista norte-americano que defendeu que a psicanálise apresentava uma mistura implícita de duas teorias, uma chamada metapsicológica ou mecanicista e outra psicológica ou do significado; isto, segundo ele, impedia que a teoria psicanalítica fosse mais clara, devido à contradição entre essas duas teorias. Além disso, o fato de Rodrigué citá-lo de maneira extensa em 1969 indicava o quanto os elementos teóricos com os quais o analista argentino havia entrado em contato nos Estados Unidos continuavam a ser importantes para a sua produção neste momento, pois Klein havia trabalhado na Clínica Menninger entre 1946 e 1950, estudando nestes diagnósticos psicológicos e psicanálise com David Rapaport; em 1949, Klein começou a atender pacientes como psicanalista em Menninger. Ver GILL; HOLZMAN, 1976: 6-7.

experiência, na medida em que não se mede o que se compartilha” (RODRIGUÉ, 1979: 44).

Tendo encerrado a questão das metas, Rodrigué se voltava agora para o último dilema, sobre as questões de teoria psicanalítica, mas antes afirmava, em uma nota de rodapé, que a partir daquele trecho iria utilizar apenas a versão em inglês enviada para o *International Journal of Psychoanalysis*, e não mais a versão com acréscimos em espanhol que vinha utilizando até então (RODRIGUÉ, 1979: 44, n. 16). Para discutir a teoria, ele novamente citava de maneira extensa George Klein, que defendia que o próprio Freud havia acreditado que, ao passar para o nível metapsicológico em sua elaboração teórica, “passava para um campo explicativo mais fundamental”. Klein (e o próprio Rodrigué que o citava) não concordava com isto, pois

Estes analistas (...) às vezes parecem dizer que os conceitos clínicos, estando mais próximos da situação psicanalítica, são menos teóricos e mais descritivos. (...) Na minha opinião, [isto] constitui um erro crasso (...). Os conceitos clínicos não são nem mais nem menos abstratos, nem menos teóricos que os metapsicológicos. Diferem só num ponto: seus referenciais estão mais próximos das atividades de observação clínica e do foco da intencionalidade do analista (...) e, por isso, potencialmente, podem passar por uma modificação sistemática (KLEIN, *apud* RODRIGUÉ, 1979: 45).

Continuando a referência a George Klein, o analista argentino fazia um trocadilho: “Klein se encontra com Klein”, querendo dizer que as teorias de George e Melanie Klein tinham semelhanças, embora os dois não tivessem nenhuma ligação, nem de parentesco nem de filiação teórica. Para Rodrigué, os princípios de George Klein seriam próximos da prática de Melanie Klein analisando crianças, através, especialmente, da construção, por esta última, de uma “teoria voltada para a prática” que se aproximava da defesa, pelo analista norte-americano, de uma psicanálise mais voltada para conceitos clínicos que fossem derivados da prática analítica (RODRIGUÉ, 1979: 46). A seguir, Rodrigué resgatava um comentário seu de 1967 no qual elogiava aspectos da prática dos analistas kleinianos:

A vida (...) me deu a oportunidade de supervisionar o trabalho clínico com inúmeros analistas cujas ideias diferiam muito das minhas; da minha experiência como supervisionado concluo que os analistas kleinianos são, geralmente, os mais imaginativos e, também, os mais comprometidos com o imediato do material clínico. (...) Para os kleinianos, cada sessão **tem que precipitar sua quota de associação livre** e as interpretações se tornam hipóteses de trabalho nessa busca (RODRIGUÉ, 1979: 46-47. Grifo do autor).

Aqui, portanto, Rodrigué enfatizava a importância da observação clínica e das descobertas que ocorriam durante as sessões de psicanálise, relativizando a relevância das definições teóricas abstratas e claramente defendendo a psicanálise como uma ciência humana e não de laboratório, que não pode ser quantificada. Isto é algo significativo por mostrar que a sua resistência ao uso estreito e dogmático das teorias psicanalíticas e à valorização excessiva das teorias metapsicológicas dominantes em algumas das correntes da psicanálise da época já estava aparente no artigo escrito em inglês em 1969, mesmo antes de sua ida para Salvador e ruptura com a APA e a IPA. Este processo se intensificou muito durante a década de 1970, quando Rodrigué utilizou outros tipos de terapias em Salvador, como veremos logo a seguir neste mesmo capítulo.

3.4. O paciente das 50.000 horas II: Dorado

Além de criticar a psicanálise institucional, Rodrigué apontava, em alguns trechos da primeira parte de *O paciente...*, como já estava trabalhando em Salvador e como pretendia implementar um curso de formação de psicanalistas por lá. Logo de início, ele citava outras terapias que utilizava, unidas, segundo ele, à psicanálise pela “violência”: seu trabalho buscava “uma definição, um teorizar sobre as possíveis violências que unem o corpus psicanalítico ao psicodrama, à bioenergética e à **gestalt**” (RODRIGUÉ, 1979: 21. Grifo do autor).

A seguir, ele defendia que não devia ficar preso ao passado e que a segunda parte do livro, portanto, tinha um interesse maior, pois estava marcando a abertura de um caminho, que seria, como se percebe posteriormente, sua participação na formação de alguns analistas em Salvador, a partir de 1974. Segundo ele (1979: 22), estava formando trinta e duas pessoas em Salvador, e iria representar esse grupo, no livro, a partir das figuras de “um jovem psiquiatra baiano e uma jovem psicóloga baiana”. Estes profissionais eram “inquietos, sem disciplina, ambiciosos no seu tédio, com o grande fantasma do Terceiro Mundo: estar perdendo o trem intelectual”. Segundo ele, “toda essa inquietação acabou por se voltar para Freud, como poderia ter se voltado para Marx, num outro momento político do Brasil”¹⁷². Eles “havam lido Freud. Sabiam tudo

¹⁷² É importante lembrar que a época marcava o auge da ditadura militar brasileira, mas Rodrigué aponta, curiosamente, que considera que eles se voltariam para Marx em “um outro momento político do Brasil”, ao contrário do que aconteceu na Argentina, em que uma parte dos psicanalistas radicalizaram sua militância de esquerda em reação, exatamente, aos governos militares.

sobre o analista didata. As esperanças estavam postas num psicanalista de renome, importado do Rio de Janeiro ou do Rio da Prata. Nós fomos os Messias, o que facilitou as coisas e preparou as tempestades” (RODRIGUÉ, 1979: 22). E, a seguir, acentuava as características especiais da formação que oferecia, juntamente com Martha Berlin:

Não nos propusemos como residentes mas como viajantes que compartilham e comprometem seis meses do ano à tarefa em comum. Nosso contrato, em princípio, é de três anos. Depois, veremos. Somos, então, pioneiros especiais meio visitas, meio donos de casa, o que provoca sutis variantes edípicas. Mas as vantagens são grandes: não estamos repetindo o vício verticalista dos núcleos de formação psicoterápica (RODRIGUÉ, 1979: 22).

Aqui temos vários elementos que merecem destaque: a afirmação de Rodrigué de que, nesse momento, passava apenas seis meses do ano em Salvador (os outros seis meses em Madri, como contou na entrevista a Miriam Chnaiderman (CHNAIDERMAN 1995)); a existência de um contrato por tempo específico, de três anos; e a organização horizontal, não “verticalista”, bastante diferente da organização hierarquizada nas sociedades de formação psicanalítica filiadas à IPA. Ao mesmo tempo, o que dava legitimidade a Rodrigué para assumir essa posição era sua participação anterior na APA e na IPA, o que se depreende do trecho em que fala que os baianos esperavam um psicanalista de renome, importado do Rio de Janeiro (local de sociedades aprovadas pela IPA e de onde partiram várias iniciativas de implantação de sociedades de psicanálise em capitais brasileiras¹⁷³) ou do Rio da Prata (onde a APA já formava psicanalistas, inclusive brasileiros, desde o fim da década de 1940¹⁷⁴). Também se percebe que ele não criou uma nova instituição de psicanálise para fazer a formação de seus alunos, que só fundariam novas instituições posteriormente em Salvador.

Na segunda parte de *O paciente...*, Rodrigué intitulou um capítulo de “A cura de noventa minutos”, fazendo um contraponto ao título do livro, apontando que, enquanto havia condensado em um paciente todas as suas 50.000 horas de psicanálise, a cura deste havia ocorrido em uma hora e meia, ou 90 minutos. Este paciente era um jovem psiquiatra baiano, Hélio de Castro, apelidado por Rodrigué, no livro, de “Dorado”. Enquanto Rodrigué publicou sua versão da terapia de Dorado em 1977, o próprio Castro, quarenta anos após o ocorrido, registrou a sua versão do que teria acontecido, num livro de depoimentos sobre Rodrigué publicado em 2014 (H. DE CASTRO, 2014).

¹⁷³ Ver, por exemplo, LOBO, 2012.

¹⁷⁴ Ver páginas 56-59.

No início de seu texto, Rodrigué era bem preciso com as informações que apresentava, de maneira diferente ao ocorrido em outros textos autobiográficos seus, em que as datas e as informações fornecidas são apenas aproximadas. Assim, a cura se deu em “um laboratório social”¹⁷⁵, na “manhã de um domingo do mês de março de 1976”, e as notas sobre o caso foram “registradas cinco dias depois do ato terapêutico” (RODRIGUÉ, 1979: 67). Antes de contar o que aconteceu no laboratório, Rodrigué fazia uma descrição de seu paciente:

Dorado tem 26 anos, solteiro, nascido no interior da Bahia, Brasil. Acaba de se formar em medicina, com a intenção de exercer a psiquiatria. Faz parte de um grupo pequeno com cultura elevada. E imediatamente percebo que, infelizmente, sei muito pouco a respeito do meio do qual ele vem. Acho que Dorado vem de uma família modesta; creio que seus pais estão vivos. Não sei nada do seu passado. Não me lembro se ele se referiu à existência de irmãos, mas tem o jeito sofrido que faz pensar num afastamento prematuro dos cuidados maternos (RODRIGUÉ, 1979: 67).

Logo a seguir, Rodrigué apontava que o mais lhe chamava a atenção era “o terror que [Dorado] traz afixado em seu rosto” e que havia sido esse medo o principal motivo de curiosidade do psicanalista argentino. Continuava passando a narrar o laboratório: Dorado foi o primeiro paciente a ir para o meio do círculo, às nove horas de domingo. A primeira questão que surgiu foi o fato de que uma das coterapeutas no laboratório, com o apelido de Deitinha, havia sido amante de Dorado; o próprio paciente e os terapeutas concordaram que ela permanecesse no laboratório, o que vai ser muito significativo para o ocorrido posteriormente. Dorado começava se referindo em termos elogiosos a um laboratório feito no ano anterior, ao que Rodrigué pedia para que ele refrescasse a memória dos terapeutas e se recordava de que havia trabalhado as imaturidades de adolescente e a “bissexualidade precária e conflitante” do paciente. No espaço de tempo entre os dois laboratórios, Dorado se formou como médico e começou a trabalhar em um hospital psiquiátrico, onde logo passou a estar “empenhado numa luta institucional, advogando melhorias assistenciais” com outros três colegas. As medidas repressivas da direção do hospital contribuía para que Dorado se sentisse novamente marginalizado. Ele começou a narrar detalhadamente os eventos do hospital, mas Rodrigué, convencido de que aquilo era uma “paranoia intensa mas benigna”, que

¹⁷⁵ O próprio Rodrigué informava sobre as características destes laboratórios: “os laboratórios sociais na Bahia se realizavam às quintas e sextas de noite e durante todo o sábado e o domingo. No total, umas 28 horas” (RODRIGUÉ, 1979: 67, n. 1).

não seria tão central para o caso, o proibiu de falar sobre aquilo naquele momento (RODRIGUÉ, 1979: 67-70).

Então, Dorado deslocou seu discurso e introduziu um outro personagem, Walter, um psiquiatra há cinco anos em formação analítica. Quando Dorado conversou com Walter, sentiu um amor muito intenso por ele, o que o perturbou. Rodrigué acrescentou então a informação de que Walter era o par atual de Deitinha, e o próprio Dorado percebeu que Walter ocupava o lugar de seu pai, o que produzia uma situação edípica que impressionou a Rodrigué. O analista então contou para todo o grupo a história de Édipo, mas ficou se sentindo “um pouco desiludido porque a história edípica, mais uma vez, não teve um efeito fulminante ao ser contada” (RODRIGUÉ, 1979: 70-71).

Rodrigué sugeriu então para Dorado a dramatização de uma cena, na qual o grupo dissidente do hospital havia levado até o fim sua revolta e Dorado ia à casa de Walter, personificado no momento por Deitinha, para lhe contar o que havia acontecido. Tendo sua sugestão sido aceita, o analista se surpreendeu porque, embora a linguagem de Dorado tivesse se tornado novamente paranoica, o relato teve um final feliz, com os quatro dissidentes sendo aprovados em um concurso e reconhecidos. Neste ponto do texto, Rodrigué acrescentou um comentário revelador de sua atitude em relação ao candomblé na época, continuando a discussão feita no subcapítulo 3.2: “a narrativa de Dorado, e só agora eu o noto, tem a obscuridade mágica do candomblé e percebo que existem inúmeras nuances da mitologia baiana que me escapam” (RODRIGUÉ, 1979: 72-73).

Através de uma associação de ideias, Rodrigué concluiu que a vitória na história, que significaria simbolicamente a vitória sobre o pai, revelava a importância da questão da angústia de castração. Para explorá-la corporalmente, primeiro pediu para que Dorado mantivesse um diálogo com seu pênis, mas considerou que o diálogo produzido era autoerótico e benigno, e então pediu para que ele “assustasse seu pênis”. A sequência da narrativa necessita ser transcrita integralmente, revelando a mencionada cura em 90 minutos pelo grito:

Dorado olhou para seu púbis, franziu a testa, inclinou o rosto e disse para o pênis que ia cortá-lo em pedacinhos com uma gilete. Que fincaria agulhas. Falava com voz zangada e de modo suficientemente ameaçador para que meu escroto (contratransferencialmente) se franzisse em sinal de alarme. Tive vontade de por as mãos nas virilhas, dobrar o corpo e gritar uuuuuuu! Dramatizei essa vivência e pedi a Dorado que fizesse o mesmo.

Houve uma transformação na metade da representação, quando Dorado iniciou o grito. Deu para perceber um movimento que começou no baixo ventre e que ficou em suspenso na metade da garganta. Seu rosto ficou desfigurado enquanto continuava preso no uivo que o afogava. O grito estrangulado levou muitos segundos para sair num acesso de tosse que convulsionava seu sufoco, vindo com náuseas, ânsias e baba. Vomitou.

Corri para abraçá-lo quando o grito ficou preso na garganta e tive a necessidade imperiosa de dar-lhe o máximo de amparo físico possível; um contato envolvente mas que permitisse a entrada de ar. Com uma mão eu sustentava sua testa; com a outra, massageava a nuca e a base do pescoço.

Mas o acesso de tosse não pôde impedir o grito mais dilacerante que os vizinhos jamais ouviram, interminavelmente longo e selvagem, o próprio uivo da angústia de castração.

Eu percebia que seu corpo, apavorado a princípio, ia-se acalmando, com a avalanche de angústia gritada. Estatelou-se no chão; eu o protegia.

Ficamos assim alguns minutos sem dizer nada. Em silêncio, alguém trouxe um pano para limpar a baba. Um outro limpou a boca de Dorado. Todos nós nos recuperávamos da cena demonológica (RODRIGUÉ, 1979: 74).

Alguns elementos que chamam a atenção nesta narrativa: embora a fundamentação teórica da cena fosse psicanalítica, a partir da ideia da “angústia de castração”, o processo terapêutico utilizou várias outras técnicas, como o psicodrama, o grito primal e as terapias corporais de base reichiana; a intensidade do acontecido surpreendeu e preocupou o próprio Rodrigué, que comentou depois que “estava com medo de ter ido longe demais”, de que a experiência tivesse se aproximado da morte (RODRIGUÉ, 1979: 74); e, por fim, a ideia que é repetida mais à frente, de que esse processo produziu uma “cura” de Dorado: “aos poucos, Dorado foi relaxando e sua distensão terminou com um soluço profundo em que certamente chorava por toda a angústia vivida momentos antes e, se assim podemos dizer, por toda a angústia do passado” (RODRIGUÉ, 1979: 75).

Castro, por sua vez, em seu texto, repete muitos dos trechos de Rodrigué sobre o ocorrido, mas também contextualiza de maneira mais ampla o evento. Ele mostra como a chegada de Rodrigué à Bahia foi contemporânea de uma série de eventos culturais e movimentos transgressores, heterodoxos e vinculados à contracultura, na Bahia e no mundo, em um longo trecho onde cita inúmeros títulos de filmes, músicas, autores, locais e acontecimentos da época, elaborando uma espécie de caleidoscópio cultural:

(...) o proibido passou a ter sua função de transgressão e a bandeira libertária deveria incluir minorias sem voz. Queríamos ouvir jornalistas, feirantes e prostitutas. Tento reacender o clima que ia da

androginia ao desbunde, da macrobiótica a Arembepe, o que pode querer dizer qualquer coisa como romper amarras morais onde o limite entre o normal e o patológico fica embaralhado. Assim, revia-se Brecht, Gorki, Nietzsche, Artaud, Becket.

(...) Ser diferente era interessante, a vanguarda cultuada em todas as áreas produzia formas de dizer e fazer o que não era permitido. (...) As mulheres queriam existir; *La Belle du Jour* trazia um novo modelo, a perversão polimorfa do macho numa mulher tão feminina espantavamos, trazia alívio e inquietação. E havia “Um bonde chamado desejo”. “O anjo exterminador”, ansioso e temido. “Teorema”, trazia “O discreto charme da burguesia” a revelar a hipocrisia social, máscaras de um mal-estar que fez Raul Seixas gritar ser a mosca na sopa e, em dueto com Kafka, a metamorfose ambulante. (...) “Toda nudez será castigada”, “Deus e o diabo na terra do sol” e o pavão misterioso Fellini embalado por Nino Rota, a rosa radioativa de Hiroshima no horizonte da guerra fria; Pink Floyd a cantar os muros que separam os humanos, metáfora do sistema a condenar os desertores (H. DE CASTRO, 2014: 73-74).

Foi neste contexto que Rodrigué, já rompido com a APA e a IPA e interessado em outras formas de psicoterapia, começou a trabalhar em Salvador. Para Castro, a psicanálise da época era “elitista e conservadora”, “perdida no neofreudianismo e ortodoxia kleiniana”, e foi para se opor a isto e renovar a psicanálise que Rodrigué incorporou “o lúdico, os jogos dramáticos, a *gestalt*, a participação do corpo em seus *workshops*” (H. DE CASTRO, 2014: 74). Outra autora que aponta como, em seus primeiros tempos em Salvador, Rodrigué utilizou as terapias corporais com inspiração reichiana é Jane Russo, que chega a dizer que Rodrigué “marca de forma curiosa todo o campo ‘psi’ baiano, que, ao contrário do que se observou no Rio e em São Paulo, será inicialmente reichiano e só depois psicanalítico e lacaniano” (RUSSO, 2002: 63).

Na sua chegada a Salvador, Rodrigué estava acompanhado de sua esposa na época, Martha Berlin, que era referida como terapeuta grupal (MARTÍNEZ BOUQUET; MOCCIO; PAVLOVSKY, 1975: 39), especializada em um subgênero destas terapias, o chamado psicodrama. Na mesma época, Rodrigué escreveu um prólogo, em 1975, para um livro de autoria de três psicodramaturgos argentinos, entre eles o seu grande amigo Eduardo Pavlovsky. Nele fazia referências ao livro *Psicoterapia del grupo*, de 1957, e ao quanto a sua posição em relação às grupoterapias havia mudado desde a publicação daquela obra. Para Rodrigué, esta sua obra anterior tem “o sabor agrídoce do ‘clássico’”. De acordo com ele,

para escrever um “clássico” são necessárias várias coisas. Com o nosso, a questão foi de apresentar um instrumento, localizá-lo e dar informação sobre a natureza do mesmo, mostrar como se usa e captar a necessidade do mesmo. Além do mais, precisa de um pouco de

sorte. Deste modo, um livro chega e preenche um vazio científico (RODRIGUÉ, 1975: 9).

De que vazio científico ele estava falando? Ao fato de que a psicoterapia de grupo, ou “grupoterapia”, como ele também se refere, praticamente não existia na Argentina até aquele momento, mas teria, em 20 anos, de 1955 a 1975, de acordo com ele, passado “do nada à psicoterapia mais empregada”, sendo utilizada em diversas configurações, estando “na base da terapia familiar e deste grupúsculo conflitivo que é o casal” (RODRIGUÉ, 1975: 9-10). Rodrigué continuava, em 1975, se referindo a Bion como quem teria fornecido as principais bases teóricas para a psicoterapia de grupo: “Bion considerou que o grupo, em si mesmo, era uma totalidade que deveria ser levada em conta se queria-se falar significativamente com gente reunida”, e, mais ainda, “se podia fazer uma interpretação do que estava se passando no grupo como totalidade, incluindo as diferentes interpretações e essa interpretação era capaz de tornar consciente o inconsciente” (RODRIGUÉ, 1975: 10).

A seguir, no entanto, Rodrigué criticava seu trabalho realizado com Grinberg e Langer na década de 1950, dizendo que eles “mistificaram o grupo” analítico, que se converteu em algo que tinha existência própria, “muito além de ser uma mera região de interesse científico”. De acordo com ele, isso ocorreu, em parte, devido ao fato de que eles eram “intelectuais de má consciência social”, que pensavam ter encontrado no grupo o caminho para “um maior sentido social” e uma socialização da psicanálise. Mesmo reconhecendo que este último objetivo, que era e seguia sendo importante, foi alcançado, ele apontava que “socializar não significa entender o social” e que este teria sido o grande erro cometido (RODRIGUÉ, 1975: 11).

Embora Rodrigué considerasse que os três autores não foram os únicos a terem errado, ele detalhava mais sua crítica a seguir, apontando que eles não haviam percebido, no livro “clássico”, que o contexto de surgimento do analista grupal estava comprometido. Este comprometimento se referia ao fato de que “todo terapeuta está comprometido”, mas, principalmente, que seu grupo estava comprometido com a APA, “instituição que era bastante reacionária naquela época” e que via com maus olhos, segundo Rodrigué, a questão das terapias de grupo, dizendo que não seriam análise e mesmo que seriam antianálise (RODRIGUÉ, 1975: 11-12). Devemos lembrar, como foi visto no subcapítulo 1.3, que, embora Rodrigué procure enfatizar a resistência da APA às terapias grupais na época, seus livros sobre tais terapias, escritos juntamente com

León Grinberg e Marie Langer, foram produzidos em um momento em que todos os seus autores eram analistas didatas, um dos postos de maior prestígio, na instituição.

Seguindo no “Prólogo”, Rodrigué marcava então a diferença entre o livro atual, de 1975, e seu livro de 1957: o analista, agora, faz parte de uma “cena”, de maneira que ele, interpretando e atuando dentro da dramatização, deixa de ver de fora, como “coordenador impassível”, o processo. Assim, em um trecho destacado em maiúsculas no original, “se leva em conta que a cena, que não é o indivíduo e não é o grupo, abarca a todos: terapeuta incluído”. Por fim, Rodrigué dizia que o livro dos três psicodramaturgos argentinos seguia totalmente essa linha exposta acima na prática e na técnica, mas não totalmente na teoria. Isso se daria, de acordo com ele, porque os autores teriam respeitado demasiadamente a obra “clássica” de 1957 e não teriam dado o último passo necessário: afirmar que “toda terapia grupal tem que ser concebida como uma dramática” (RODRIGUÉ, 1975: 12-13). Portanto, Rodrigué concluía o prólogo, em 1975, defendendo o psicodrama como base de toda terapia grupal, inclusive as psicanalíticas.

A técnica do psicodrama propriamente dita foi desenvolvida e assim nomeada pelo psicólogo e sociólogo romeno de origem judaica Jacob Levy Moreno (1889-1974), em 1923. Moreno foi contemporâneo de Freud na Viena das duas primeiras décadas do século XX, antes de emigrar para os Estados Unidos em 1925, onde passaria todo o restante de sua vida. A base do psicodrama é utilizar técnicas derivadas do teatro, como dramatização, desempenho e representação de papéis, utilização de monólogos ou diálogos, para obter elementos sobre a vida do paciente e suas relações com as outras pessoas. O método consiste em fazer com que as diferentes pessoas implicadas representem um conflito, improvisando dramaticamente. A eficácia terapêutica do psicodrama repousa na catarse experimentada pelos atores. Originalmente, o psicodrama tratava dos conflitos entre adultos no domínio da vida privada, mas foi estendido às crianças, aos grupos sociais e aos treinamentos profissionais (ANZIEU, 1991: 551).

O psicodrama desenvolvido por Moreno foi pensado desde o início como uma “direta refutação da psicanálise”, uma vez que ele considerava que a abordagem de Freud estava equivocada, por causa da falta de interesse deste em terapias de grupo, sua ênfase no verbal e não na ação e sua criação de um ambiente específico para a terapia, o que, para o teórico do psicodrama, afastava os pacientes e agia contra a espontaneidade destes. Desta maneira, Moreno defendia que o tratamento poderia ser feito até mesmo

“na rua” e que o terapeuta deveria se tornar um “amigo” do paciente, com o encontro entre estas duas pessoas podendo envolver até mesmo contato físico, todas recomendações contrárias à ideia da psicanálise de distanciamento e neutralidade da pessoa do analista (FOX, 1987: xiv).

Em uma palestra publicada em 1966, Moreno deixava clara outra de suas divergências com a psicanálise: a ênfase desta, segundo ele, estava nos acontecimentos passados da vida do paciente, enquanto Moreno defendia a importância do “agora e aqui”:

Freud, um expoente da psicologia genética e da psicobiologia, considerava que voltar para trás e tentar encontrar as causas das coisas era de interesse particular. Frequentemente, quanto mais para trás ele ia, mais achava que iria encontrar alguma coisa que seria válida como causação. E logo, os psicanalistas passaram a ir mais e mais para trás, até o útero, e se possível ainda além disso, até que eles se cansaram da fútil “*recherche du temps perdu*” e começaram a voltar (MORENO, 1978: 4).

A citação acima é relevante por mostrar que Moreno vinculava Freud à “psicobiologia”, enquanto defendia que seu trabalho estaria mais próximo da sociologia, mas também porque a ideia do “voltar para trás” na vida do paciente não era um pressuposto básico apenas da psicanálise, mas de várias outras correntes da psicologia e da psiquiatria, com a ideia de “anamnese”. Por fim, Moreno faz uma alusão à obra de Marcel Proust, *À la recherche du temps perdu*, de maneira a comparar a obra de Freud e a do escritor francês, ambas consideradas fúteis e fantasiosas para o criador do psicodrama.

Mais à frente na mesma palestra, Moreno colocava sua filosofia como estando em uma posição intermediária entre as filosofias freudiana e marxista, revelando que, por um lado, pensava em sua obra como sendo digna do mesmo destaque e influência que estas duas correntes de pensamento, e, por outro lado, buscava inserir sua terapia como um meio caminho entre duas visões consideradas por ele extremas, a individualista de Freud e a social de Marx:

No início do século XX, durante a minha juventude, duas filosofias sobre as relações humanas eram particularmente populares. Uma era a filosofia de que tudo no universo está localizado no indivíduo, na psique individual. Isto era particularmente enfatizado por Sigmund Freud, que pensava que o grupo era um epifenômeno. Para Freud, tudo era “epi”: somente o indivíduo importava. A outra filosofia era aquela de Karl Marx. Para Marx, tudo terminava no homem social, ou, mais especificamente, socioeconômico. Era como se isso fosse tudo

que existisse no mundo. Bem cedo em minha carreira, eu cheguei à conclusão de que existe uma outra área, um mundo maior além da psicodinâmica e da sociodinâmica da sociedade humana – a cosmodinâmica. O homem é um homem cósmico, não apenas um homem social ou individual (MORENO, 1978: 10).

Mesmo com tantas objeções por parte de seu criador, ao longo do tempo o psicodrama passou a ser aceito e utilizado por muitos psicanalistas de formação freudiana. Segundo Didier Anzieu, ele mesmo um psicanalista que escreveu um livro sobre a aplicação do psicodrama na psicanálise¹⁷⁶, o psicodrama analítico “transpõe as regras e conceitos da psicanálise aos jogos psicodramáticos, que se desenrolam então sem arquitetura cênica nem espectadores”, podendo ser individual ou grupal (ANZIEU, 1991: 551). Roudinesco e Plon apontam que o psicodrama foi utilizado por alguns psicanalistas principalmente para o tratamento das psicoses e dos distúrbios narcísicos infantis (ROUDINESCO; PLON, 1998: 611).

Na América Latina e em especial na Argentina, essa combinação entre psicodrama e psicanálise foi mais intensa, com um dos principais nomes tendo sido o argentino Eduardo Pavlovsky (1934-2015), apelidado de “Tato”. Formado em medicina, Pavlovsky entrou para a APA em 1958, tornando-se membro titular da instituição em 1967. Ao mesmo tempo em que atuava como psicanalista, estudou e começou a escrever peças de teatro. Em 1962 viajou para Nova York, onde conheceu Moreno e realizou com ele formação em psicodramas. No ano seguinte, retornando a Buenos Aires, fundou, juntamente com Jaime Rojas Bermúdez e Carlos Martínez Bouquet, a Associação Argentina de Psicodrama, instituição que deixou em 1969 por motivos ideológicos (MASCARENHAS, 2015).

Pavlovsky foi candidato a deputado por movimentos trotskistas no início da década de 1970, e, ao mesmo tempo, continuou escrevendo e atuando em peças de teatro. Após a proibição de uma destas pelo governo militar argentino, *Telerañas*, ele se exilou brevemente na Espanha, mas retornou em 1980 e fundou em 1985 o Centro de Psicodrama Psicanalítico Grupal (CPPG). Continuou escrevendo, atuando e clinicando até sua morte, em 2015, sendo uma figura popular em Buenos Aires; o psicanalista brasileiro Pedro Mascarenhas conta que, quando disse a um motorista de táxi em Buenos Aires, em 2013, que estava lá para participar de um congresso sobre psicodrama, o motorista perguntou: “Conhece Tato Pavlovsky?” (MASCARENHAS, 2015).

¹⁷⁶ *Le psychodrame analytique chez l'enfant et l'adolescent*, primeira edição de 1957.

Entre suas principais publicações psicanalíticas, Tato foi autor de *Psicoterapia de grupo en niños y adolescentes*, de 1967, que se tornou uma referência no campo latino-americano¹⁷⁷. O livro era dedicado a dois médicos que muito o influenciaram, mostrando a relação entre psicanálise e política que permeia toda sua obra: Marie Langer e Che Guevara (MASCARENHAS, 2015). Pavlovsky participou intensamente do Movimento Plataforma, como mostramos no capítulo 2. Em 1975, um ano depois de Rodrigué se estabelecer em Salvador, Pavlovsky escreveu, juntamente com Martínez Bouquet, citado acima, e Fidel Moccio, um livro intitulado *Psicodrama psicoanalítico en grupos* (MARTÍNEZ BOUQUET; MOCCIO; PAVLOVSKY, 1975). Rodrigué escreveu o prólogo para este livro, que já analisamos mais detalhadamente acima.

Grande amigo de Rodrigué, Tato Pavlovsky foi um dos três autores, além do próprio Rodrigué, que assinam trechos do chamado “Prólogo multipessoal” de *O paciente das 50.000 horas*. Nele, Tato dizia que o livro de Rodrigué o apaixonou, e que só poderia ter sido escrito por alguém que, “além de ser um prestigiado analista de nível internacional, tem gênio e talento literário”, o que Pavlovsky invejava. A seguir, falava de Rodrigué como uma “mistura de Cortázar¹⁷⁸ e Bion” e sugeria outros títulos, mais críticos e irreverentes, para o livro¹⁷⁹ (RODRIGUÉ, 1979: 11). Mas o psicodramaturgo argentino também destacava os fortes laços que uniam ele a Rodrigué e aos outros dois autores dos prefácios, Armando Bauleo e Hernán Kesselman, relação tão intensa que, para Pavlovsky, o melhor era “supor que o tempo nos converteu numa *gestalt* ou organismo com vários pseudópodos culturais, o que dificulta discriminar as individualidades”; a seguir, ele apontava exemplos de momentos que cada um deles recordava de maneira distinta (RODRIGUÉ, 1979: 11). Os últimos três parágrafos de seu prefácio merecem ser transcritos na íntegra, pois marcavam uma espécie de manifesto, continuação do Movimento Plataforma em 1976:

Nós rompemos com a Psicanálise Oficial. Com a Psicanálise Instituição. Com a Psicanálise Empresa.

E nosso campo de luta é este. Nossa querida imaginação de marginalizados, que você [Rodrigué] rotula como um tanto anárquica. Creio definitivamente que nossa forma singular e específica de produção científica e cultural é a liberdade que nos confere nossa

¹⁷⁷ No Brasil, um outro importante difusor do psicodrama foi o francês Pierre Weil (1924-2008), autor de livros como *Psicodrama triádico* (com Anne Schutzenberger) (1976) e *Psicodrama* (1979), com prefácio de Moreno. Rodrigué não se refere diretamente a Weil.

¹⁷⁸ Referência ao escritor argentino Júlio Cortázar (1914-1984), autor de vários contos e do romance *O jogo da amarelinha* (1963).

¹⁷⁹ Ver p. 177.

marginalização. Esse é o nosso espaço de luta. Esse é nosso posto verdadeiro de combate na cultura. Esse é o nosso empreendimento verdadeiro como intelectuais (PAVLOVSKY, *in* RODRIGUÉ, 1979: 12).

Muito deste espírito contestador foi levado por Rodrigué para a Bahia. Mas foi apenas uma de várias facetas que o psicanalista argentino desenvolveu após sua chegada ao Brasil; algumas delas serão analisadas mais detalhadamente no próximo capítulo.

Capítulo 4

As várias facetas de Rodrigué

Após se estabelecer em Salvador e publicar várias obras entre as décadas de 1970 e 1990, Emilio Rodrigué ampliou os papéis que desempenhou e os círculos profissionais em que atuou, passando a ser visto não apenas como um psicanalista, embora a psicanálise sempre estivesse presente em todas as suas atividades. Desta maneira, este capítulo analisa alguns destes outros aspectos pelos quais Rodrigué foi visto e considerado.

Este processo de diversificação, na verdade, começou bem antes do psicanalista se exilar no Brasil: a partir do final da década de 1950, Rodrigué, juntamente com Marie Langer e León Grinberg, foi uma importante referência para alguns psicanalistas brasileiros que buscaram implementar as técnicas de psicoterapia grupais no país. Para estes analistas brasileiros, Rodrigué funcionou como uma espécie de mediador entre eles e as teorias do psicanalista inglês Wilfred Bion, a principal referência na época para essa vertente da psicoterapia internacional, pois Rodrigué havia estudado em Londres com Melanie Klein, a principal influência de Bion, e publicou um artigo e dois livros em conjunto nos quais apresentava para os sul-americanos as principais contribuições de Bion para a psicoterapia grupal¹⁸⁰. Devido a isto, o primeiro subcapítulo aqui trata de Rodrigué no papel de referencial teórico, um papel que ele não voltaria a assumir durante toda a sua trajetória profissional subsequente.

Trabalhando e escrevendo em Salvador, Rodrigué progressivamente desenvolveu um estilo literário marcado pela combinação de elementos psicanalíticos (em especial em relação a uma autoanálise), autobiográficos e literários propriamente ditos, em suas obras publicadas a partir de *O anti yo-yo* (RODRIGUÉ; BERLIN, 1982). O papel de escritor de obras de ficção já havia sido assumido por Rodrigué no início da década de 1970, com a publicação do romance *Heroína*, no entanto a novidade nos seus livros posteriores vinha do fato de que ele se assumia, ao mesmo tempo, como escritor, autobiógrafo e psicanalista, desenvolvendo um estilo peculiar que permitia a ele ser considerado de diferentes maneiras, como a própria análise das fichas bibliográficas dos

¹⁸⁰ Sobre o artigo e os livros de Rodrigué sobre Bion, ver o subcapítulo 1.3.

seus livros revela. Esta discussão, sobre o escritor e autobiógrafo e o seu estilo, está no subcapítulo 4.2.

Na década de 1990, Rodrigué buscou participar de ainda outra comunidade, a dos historiadores de psicanálise. Para conseguir isso, ele elaborou uma nova versão do que vários outros psicanalistas e historiadores haviam feito antes dele: uma biografia do criador da psicanálise, Sigmund Freud, publicada em três volumes em 1995. A biografia, com o ambicioso subtítulo de *O século da psicanálise*, apresentava várias características particulares: foi o único livro de Rodrigué que foi publicado em primeiro lugar em língua portuguesa; foi, pelo menos se consideradas apenas as obras de maior extensão, a primeira biografia de Freud escrita por um autor que não era nem europeu nem norte-americano; a biografia de Rodrigué funcionava como uma espécie de metabiografia, discutindo as várias obras publicadas anteriormente sobre o mesmo tema, ao invés de apresentar nova pesquisa de fontes primárias; e, por fim, embora teoricamente fosse de um gênero literário diferente das suas obras anteriores, é possível encontrar elementos autobiográficos e de autoanálise na biografia, o que era admitido pelo próprio Rodrigué, que dizia que estava fazendo uma análise de Freud e, ao mesmo tempo, sendo analisado por este. Assim, a biografia de Freud e as relações de Rodrigué com os historiadores da psicanálise são o tema do subcapítulo 4.3.

Na sequência, apresentamos um outro personagem cuja trajetória tem muitos pontos em comum com Rodrigué, Gregorio Barenblitt. Ambos eram argentinos, psicanalistas e foram para o exílio no Brasil na década de 1970, além de terem sido muito próximos na década de 1960 na Argentina. No entanto, Barenblitt se instalou inicialmente no Rio de Janeiro e depois em Belo Horizonte, e, em relação à militância política, os dois amigos seguiram trajetórias bastante diferentes, o que não evitou que Barenblitt registrasse um depoimento bastante elogioso na ocasião de morte de Rodrigué. Assim, este subcapítulo mostra as semelhanças e diferenças entre as trajetórias dos dois argentinos, tentando pensar em Rodrigué também como um exilado, como alguém que passou por vários locais em sua vida, mas teve dificuldades de pertencimento em relação a estes, com exceção da Bahia, sua pátria adotada nas últimas décadas da vida.

4.1. Rodrigué como referência teórica: psicoterapias de grupo no Brasil

Rodrigué e os outros analistas argentinos seus coautores, Grinberg e Langer, não foram os únicos psicanalistas latino-americanos a combinarem a técnica da psicanálise

com atendimento individual com outras técnicas, incluindo as terapias grupais. Pelo contrário, há uma longa história de apropriação e combinações das mais variadas técnicas psicoterapêuticas na América Latina, incluindo o Brasil. Neste subcapítulo, apresentaremos mais detalhadamente as psicoterapias de grupo de base psicanalítica no Brasil, cuja história inicial é marcada pela influência dos terapeutas argentinos, incluindo o próprio Rodrigué.

Tanto termos mais gerais como psicoterapia de grupo ou grupoterapia como termos mais especializados como a chamada psicologia ou análise institucional foram utilizados por vários grupos e autores diferentes ao longo do tempo, que, em momentos diferentes, fizeram apropriações e combinações diferentes de influências teóricas, defenderam técnicas terapêuticas com diferenças entre si e vincularam suas psicologias a diferentes teóricos. Assim, é difícil encontrar uma única definição de tais correntes, bem como demarcar onde eram consideradas, durante a segunda metade do século XX, as separações entre elas.

Embora a maioria dos colaboradores do livro de 1959, *El grupo psicológico*, fossem argentinos, também houve alguns colaboradores brasileiros ou com fortes ligações com o Brasil, o que nos permite perceber a intensa influência do grupo argentino para a introdução da psicoterapia de grupo no Brasil. O nome brasileiro de maior destaque entre os colaboradores da obra era o de Walderedo Ismael de Oliveira, o que era revelado, entre outros fatores, pela extensão de seu perfil no início do livro. Walderedo participava, em 1959, de instituições de psicoterapia de grupo (membro fundador da Associação Brasileira de Psicoterapia de Grupo do Rio de Janeiro e membro titular da The American Group Psychotherapy Association), de psicanálise (membro titular tanto da APA como da IPA, membro titular e didático da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, membro fundador do Grupo de Estudos Psicanalíticos da Sociedade Brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro) e de psiquiatria (chefe do setor de Investigações Psicanalíticas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil e livre docente de Clínica Psiquiátrica da mesma universidade) (GRINBERG; LANGER; RODRIGUÉ, 1959: vii).

Walderedo Ismael de Oliveira nasceu em 31 de março de 1917 em Caiçaras, Paraíba. Foi para Recife cursar medicina, e nesta cidade, já decidido pela psiquiatria, foi interno e depois assistente de Ulysses Pernambuco, no Hospital das Tamarineiras. A seguir, veio para o Rio de Janeiro, onde começou a se interessar pela psicanálise (BASTOS, 2012: 284). Foi um dos membros fundadores do Centro de Estudos Juliano

Moreira, em 1944, e um dos participantes do Centro que foram para a Argentina fazer formação psicanalítica. Segundo Marialzira Perestrello, uma de suas colegas nessa formação, Walderedo viajou para Buenos Aires em fevereiro de 1947. Lá teve como analista didata Marie Langer (editora, juntamente com Grinberg e Rodrigué, dos dois livros sobre psicoterapia de grupos na década de 1950) e como supervisores Angel Garma e Arnaldo Rascovsky, outros dois fundadores e, posteriormente, presidentes da APA (PERESTRELLO, 2012c: 130). Entre os seminários assistidos pelos brasileiros no Instituto da APA, não é citado nenhum que tratasse especificamente de psicoterapia de grupos, mas encontramos vários sobre casos clínicos e psiquiatria psicanalítica. Entre os autores cujas contribuições eram colocadas como de estudo obrigatório, não estão os nomes dos que trabalharam com a terapia de grupos, como Bion e Foulkes (PERESTRELLO, 2012c: 131).

Retornando ao Brasil, Walderedo foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, onde assumiu o posto de analista didata; ao mesmo tempo, em 1958, foi convidado pelo professor José Leme Lopes para organizar o Setor de Pesquisa Psicanalítica (SPP) na Universidade Federal do Rio de Janeiro, à época, Universidade do Brasil. Neste setor foram desenvolvidas a maioria de suas pesquisas, sobre psicoterapia de grupos, psicanálise e psiquiatria (BASTOS, 2012: 285).

No mesmo ano de 1958, Walderedo assumiu um papel de destaque ligado aos desenvolvimentos da psicoterapia de grupo no Brasil. Ele foi o primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Psicoterapia de Grupo (SBPG)¹⁸¹, em cuja inauguração, em 09 de dezembro de 1958, fez um discurso, intitulado “Sobre Psicoterapia Analítica de Grupo” (OLIVEIRA, 1958). Nele, afirmava que a psicoterapia de grupo ainda era um domínio pouco explorado no Brasil. A seguir, apontava que era uma das mais “modernas técnicas de tratamento psicológico”, que poderia diminuir o “avultado número de enfermos que vegetam como marginais da medicina, sem que as formas rotineiras de assistência em ambulatório possam lhes proporcionar a solução para os conflitos internos que cerceiam as suas manifestações naturais de vida” (OLIVEIRA, 1958: 288). Ou seja, a terapia de grupo era pensada como uma nova forma de terapêutica para pacientes que não estavam sendo tratados com sucesso pelas terapias correntes da época.

¹⁸¹ Segundo Roberto Martins, a instituição existe até hoje com o nome de Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Estado do Rio. O mesmo autor aponta a SBPG como a “primeira instituição dedicada ao estudo e à psicoterapia dos grupos humanos no Brasil” (MARTINS, 2012: 286).

Continuando em seu discurso, Walderedo apontava o caráter interdisciplinar da sociedade, inserida em um contexto de busca de renovação da psicanálise e da psiquiatria, através da abertura para novos métodos e contribuições de outras ciências humanas:

A SBPG também se propõe a estimular o sentido da pesquisa e o estudo dos problemas psicológicos de nossos grupos sociais, promovendo aquela aproximação e intimidade indispensáveis entre psicanalistas, psiquiatras, sociólogos, antropólogos, assistentes sociais, enfim, de todos os estudiosos que – empregando métodos diferentes – convergem para um objeto comum: o Homem (OLIVEIRA, 1958: 289).

Desta maneira, seria necessário, para o psiquiatra, conhecer “a riqueza mítica” dos grupos a serem tratados, “as manifestações de sua vida religiosa”, “o nível de suas aspirações, o sistema social que regula a interrelação dos indivíduos, os tabus e as superstições, a valorização de conceitos como saúde, doença, morte etc.” Walderedo também citava nomes importantes da história da psiquiatria no Brasil, como os médicos Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Ulysses Pernambuco, como exemplos do “sentido eminentemente social” que ele defendia que deveria ser perseguido pela nova sociedade (OLIVEIRA, 1958: 289). Outras iniciativas de “aproximação aos problemas sociológicos através dos grupos” vieram através da escolha do sociólogo Gilberto Freyre como primeiro membro honorário da sociedade e do anúncio de um futuro seminário de antropologia cultural, a ser ministrado pelo psiquiatra René Ribeiro. Devido a isto, segundo Walderedo, seria possível se esperar, no futuro, uma ciência nova que estudasse o homem como “expressão bio-sócio-psicológica” (OLIVEIRA, 1958: 290).

Embora até o momento Walderedo só tivesse se referido a desenvolvimentos no campo da psiquiatria, ele prosseguia em seu discurso afirmando “que todos os integrantes do núcleo pioneiro” da SBPG “dedicam-se à psicanálise ou se encontram em treinamento psicanalítico” (OLIVEIRA, 1958: 290-291). A seguir, ele citava vários textos de Freud que tratavam de aspectos sociais, como *Totem e tabu* e *O mal-estar na cultura*, para concluir que:

A concepção psicanalítica da personalidade e o conceito freudiano de super-ego são os instrumentos básicos para as nossas investigações no domínio da psicologia coletiva e de suas relações com a psicologia do indivíduo. Quando Freud concebeu a noção de internalização de objetos e o processo de construção do super-ego pela incorporação de imagens infantis que impõem os hábitos culturais através de uma estrutura interna, automaticamente ficou eliminada a barreira que

arbitrariamente separava as duas formas de psicologia, e abriram-se as avenidas que nos conduzem à compreensão simultânea das fantasias inconscientes do indivíduo e da coletividade. Não precisamos, pois, renunciar às ideias freudianas nem afastar-nos do método psicanalítico; podemos ser terapeutas de grupo sem abirmos mão de nossas prerrogativas de psicanalistas (OLIVEIRA, 1958: 291).

Em um artigo dedicado ao levantamento da produção científica de Walderedo, Roberto Martins aponta quatro vertentes principais de produção, de acordo com as temáticas tratadas: temas de psiquiatria, de psicanálise com ênfase na clínica, de psicoterapia de grupo e de psicanálise e cultura. Nesta parte da tese, nos interessa mais a produção da terceira temática, sobre psicoterapia de grupo. Martins cita que a análise didática de Walderedo foi feita por Marie Langer, “coautora de *Psicoterapia del grupo* (1957), livro fundamental na difusão da grupoterapia na América Latina” (MARTINS, 2012: 292). Seu discurso citado acima foi sua primeira produção sobre a temática, mas seria sucedido por vários outros trabalhos, dentre os quais “The Psychoanalytical Approach to Group Psychotherapy”, apresentado no III Congresso Mundial de Psiquiatria, em Montreal, em 1961, “Notas sobre a terminação da análise de grupo” (1964), “Relações entre analistas: um estudo do grupo psicanalítico” (1965) e o “O analista na situação analítica de grupo”, apresentado no I Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo, em Porto Alegre, em 1968. Neste último, defendia que a análise de grupo deveria ser compreendida como “a criação de uma relação analítica, na qual o ‘grupo interno’ de cada indivíduo participante pode se projetar na atmosfera terapêutica que se organiza no *setting* grupal, funcionando este como um veículo terapêutico” (OLIVEIRA, 1968, *apud* MARTINS, 2012: 294). De maneira semelhante, Walderedo afirmava que o terapeuta precisava ser um participante do círculo grupal e compreender as regressões do grupo como “manifestações de uma transferência multifacetada” (MARTINS, 2012: 294). O trabalho de Walderedo publicado em *El grupo psicológico* era escrito em parceria com Ernesto La Porta e tinha o título de “Grupos de psicóticos y el contenido psicótico en la situación de grupo” (OLIVEIRA; LA PORTA, 1959: 113-126).

No mesmo número da *Revista Brasileira de Psiquiatria* que apresentava as contribuições lidas na sessão inaugural da SBPG em 09 de dezembro de 1958, Ernesto La Porta discorria sobre “Generalidades e histórico da psicoterapia de grupo no Brasil” (LA PORTA, 1958). No livro *El grupo psicológico*, em seu perfil, ele era apresentado como membro fundador da Associação Brasileira de Psicoterapia de Grupo e do Centro

de Estudos Psicanalíticos do Rio Grande do Sul, fundador do Setor de Investigações Psicanalíticas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, docente da Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, e psiquiatra do Departamento de Saúde Mental do Rio Grande do Sul (GRINBERG; LANGER; RODRIGUÉ, 1959: vi).

No trabalho apresentado em 1958, La Porta iniciava fazendo uma pequena revisão dos traumas ligados ao nascimento e aos primeiros anos de vida, a partir das teorias freudiana e kleiniana¹⁸². Prosseguia justificando a necessidade desse tratamento teórico em um texto histórico a partir da ideia de que só se pode tratar da história de algo se se souber o que o precedeu, o que, para ele, seria a psicoterapia individual ou a psicanálise em relação à psicoterapia de grupo (LA PORTA, 1958: 293-296). Assim, segundo ele, as primeiras tentativas de se fazer uma psicoterapia de grupo teriam sido através da reunião de pacientes que discutiam sobre as suas enfermidades sob a supervisão de um médico. No entanto, este tipo de terapia não teria sido praticado no Brasil; aqui a primeira forma de terapia grupal teria sido a praxiterapia, a terapia pelo trabalho, praticada em alguns hospitais psiquiátricos. As possibilidades terapêuticas da praxiterapia, porém, possuíam limites bastante claros, para o autor. Isto porque, adotando um ponto de vista psicanalítico, ele defendia que “a característica fundamental de toda psicoterapia, e, portanto, também da psicoterapia de grupo, (...) é o *emprego da palavra*” (LA PORTA, 1958: 295-296, grifo do autor). Esta palavra poderia ser empregada tanto pelo paciente ou por grupos deles, “com o objetivo de expressar suas tensões, vivências, conflitos e problemas emocionais”, como pelo médico, “para ajudar os enfermos”. A praxiterapia e terapias que usavam jogos, divertimentos etc. em grupo não teriam, portanto, eficácia terapêutica, por essa ausência do uso da palavra (LA PORTA, 1958: 296-297).

La Porta identificava então qual teria sido o primeiro trabalho, no Brasil, que contava sobre a aplicação dos princípios psicanalíticos a um grupo de pacientes. Foi um artigo de Alcyon Baer Bahia, intitulado “Experiências psicanalíticas em terapia de grupo”, que foi comunicado em 1951 à Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal e publicado na *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia* em agosto de 1954. Segundo La Porta, o próprio autor reivindicava a primazia histórica de seu trabalho, dizendo que “entre nós é, fora de dúvida, que é a primeira vez que se põe em marcha uma tal tentativa técnica”. E prosseguia apontando que estava tentando a “árdua

¹⁸² Ele inclusive citava um conceito introduzido por Paula Heimann, a analista didata de Rodrigué em Londres, sobre “memórias somáticas”.

experiência” de expor os conceitos da psicanálise individual “aos embates contraditórios de um grupo de pessoas neuróticas atuando conjuntamente” (LA PORTA, 1958: 297).

Logo após a publicação do artigo de Bahia, segundo La Porta, outro psicanalista começou a trabalhar com grupos, desta vez em Porto Alegre, David Zimmermann. Zimmermann publicou, em um artigo de 1957, “A dinâmica do grupo terapêutico”, suas impressões sobre a técnica, fazendo uma diferenciação entre a grupoterapia de orientação psicanalítica, que visava o indivíduo no grupo, e a de orientação grupal, que visava o grupo como um todo (LA PORTA, 1958: 298). Em 1955, Cyro Martins¹⁸³, outro psicanalista formado na Argentina, começou a trabalhar com grupos no Serviço Aberto de Higiene Mental do Hospital São Pedro, de Porto Alegre. No ano seguinte, o autor do artigo, Ernesto La Porta, diz que começou a trabalhar com grupos de psicóticos no serviço de mulheres indigentes do mesmo Hospital São Pedro. Assim, La Porta reivindicava para si a prioridade, no Brasil, do emprego da terapia de grupo em psicóticos (LA PORTA, 1958: 299).

Na continuação de seu artigo, La Porta trazia uma referência interessante sobre uma contribuição teórica de Rodrigué, dizendo que o psicanalista Mario Pacheco de Almeida Prado, quando ministrava um curso de psicologia a alunos de enfermagem, utilizou a psicoterapia de grupo. Inicialmente, Almeida Prado utilizou a terapia de orientação psicanalítica, mas, posteriormente, “sob a influência de Emilio Rodrigué, da escola argentina”, passou a utilizar “as modificações do método partindo para o tratamento do grupo como um todo, o que proporcionou uma experiência muito interessante em que se evidenciou a superioridade desse segundo processo”, o que levou Almeida Prado a defender que essa segunda experiência “tem sido muito mais rica e mais próxima dum fato que não havíamos tomado em consideração, de que o grupo é uma entidade psicológica” (LA PORTA, 1958: 299-300). Portanto, podemos concluir que, de acordo com La Porta e Almeida Prado, a contribuição teórica de Rodrigué foi no sentido de indicar a superioridade da psicoterapia de orientação grupal e não a de orientação psicanalítica.

La Porta também citava o psicanalista Bernardo Blay, de São Paulo, que utilizava o psicodrama, técnica sobre a qual já falamos anteriormente, e apontava o trabalho de Walderedo no Serviço de Doenças Mentais, com a colaboração de outros

¹⁸³ Zimmermann e Cyro Martins foram autores de artigos em *El grupo psicológico*, sobre “O psicoterapeuta frente ao grupo como totalidade e a contratransferência” e “A relação médico-paciente na situação de grupo”, respectivamente.

três psiquiatras¹⁸⁴, a partir de janeiro de 1958, como tendo sido o embrião da SBPG, formada como prosseguimento às reuniões de estudo desta equipe. O método de terapia de Walderedo consistia em encarar o grupo como uma entidade, dirigindo as interpretações a todos os participantes, embora considerasse que, em certas situações, eram necessárias orientações individuais. Como último dos praticantes citados, La Porta nomeava Werner Kemper, figura importante na constituição das sociedades de psicanálise do Rio de Janeiro, como utilizando a terapêutica de grupo em complemento às análises individuais (LA PORTA, 1958: 300).

Encaminhando a conclusão de seu artigo, La Porta enfatizava que o movimento brasileiro da terapia de grupo “fundamentalmente nasceu no meio psicanalítico, podendo se dizer que é uma contribuição da Psicanálise ao grupo terapêutico” e que, portanto, sua orientação histórica era psicanalítica e “consiste sobretudo na utilização da regra fundamental, da livre associação de ideias”, juntamente com os conceitos de interpretação, transferência e contratransferência (LA PORTA, 1958: 301). E, por fim, defendia que a interpretação do grupo como uma unidade era a mais correta para a psicoterapia de grupo:

O grupo terapêutico representa um fragmento do meio social. Estudá-lo e tratá-lo e procurar melhorar aquele fragmento é, portanto, um esforço para melhorar a entidade. Eis mais uma razão, essa de natureza finalista, porque se deveria encarar o grupo como uma unidade: uma tentativa de levar o indivíduo da sua unidade de pessoa à unidade social, onde ele tem de viver e onde deverá viver melhor não só para si mas também para o todo (LA PORTA, 1958: 303).

Ao contrário de Walderedo, La Porta, Zimmermann e Cyro Martins, Alcyon Bahia não foi colaborador do livro de 1959. No entanto, sua importância para o desenvolvimento da psicoterapia de grupo no Brasil foi inegável, como demonstram os trechos citados do artigo de La Porta, além de uma pequena biografia sua escrita por uma psicanalista ex-presidente da SBPRJ, Fernanda Marinho. Alcyon Baer Bahia (1911-1974) nasceu em Recife, Pernambuco, mas veio para o Rio de Janeiro ainda menino. Formou-se em medicina em 1936, pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. Em 1942, ingressou como psiquiatra no Serviço Nacional de Doenças Mentais. Ele foi o primeiro dos psiquiatras que trabalhavam no SNDM a ir para a Argentina fazer sua formação psicanalítica, em 1945, retornando ao Rio apenas em 1950. Atendendo em um consultório em Ipanema e trabalhando na Casa de Repouso

¹⁸⁴ Wilson Chebabi, Lourival Coimbra e Waldemar Zusmann.

do Alto da Boa Vista, Bahia se aproximou mais dos outros integrantes do chamado “Grupo Argentino”, que incluía os quatro psiquiatras residentes no Rio de Janeiro que haviam feito formação psicanalítica na Argentina, Walderedo Ismael de Oliveira, Danilo e Marialzira Perestrello e o próprio Bahia (MARINHO, 2012: 171-174).

Foi neste momento que Bahia começou a utilizar a psicoterapia de grupo: ele organizou, em 1951, na sede da Praia Vermelha do SNDM, “o que é tradicionalmente considerado o primeiro grupo terapêutico no Brasil. Também original foi o método empregado para seleção dos pacientes – um grupo de oito: a aplicação do teste de Rorschach interpretado sob fundamentos psicanalíticos” (MARINHO, 2012: 174-175). Seu trabalho citado anteriormente no texto de La Porta foi publicado em 1954, mesmo ano em que Bahia fundou o Serviço de Psicoterapia no SNDM, serviço dentro do qual ele implementaria, em 1959, o Ambulatório de Psicoterapia de Grupo, que posteriormente foi transferido para o Hospital Pinel. A principal base teórica para essa psicoterapia de grupos era o livro *Experiências com grupos*, de Bion, traduzido para o português por Walderedo, que, com La Porta e Bahia, formaram “o grupo pioneiro de difusão do trabalho psicanalítico com grupos no Brasil” (MARINHO, 2012: 175).

A importância dos escritos de Bion para a trajetória de Bahia foi tão grande que, na década de 1960, o analista brasileiro escreveu para seu correspondente britânico desejando ser analisado por este. A resposta de Bion não foi positiva, mas, mesmo assim, Bahia foi para Londres em 1967. Bion continuou não podendo atendê-lo, e indicou um outro analista britânico do grupo kleiniano, Lois Monro. Frustrado com esse desfecho, Bahia voltou para o Brasil poucos meses depois (MARINHO, 2012: 173). No entanto, em um livro organizado em 1981 em homenagem a Bion, Alcyon Bahia foi o único brasileiro a ter um texto publicado. O texto de Bahia escolhido não era sobre a psicoterapia de grupos, mas sim um artigo de teoria psicanalítica mais geral, intitulado “Influências e consequências do advento de novas teorias no manejo da técnica psicanalítica”, que havia sido publicado no *International Journal of Psychoanalysis* em 1977, e que abre, no livro, a seção de “Contribuições teóricas”. O organizador do volume memorial de Bion, James Grotstein, afirma que sua decisão pela inclusão do artigo de Bahia foi devido “à luz clara e incomum que ele lançou sobre a significação dos acréscimos de Klein e, particularmente, de Bion a respeito da teoria edipiana clássica, por um lado, e da teoria da memória e repressão clássica, pelo outro” (GROTSTEIN, 1983: 239).

Portanto, é possível perceber que os primeiros terapeutas a trabalhar com as psicoterapias de grupo no Brasil eram médicos psiquiatras e psicanalistas, que procuravam relacionar, sempre que possível, a psicanálise às técnicas grupais, muitas vezes fazendo referência aos próprios escritos de Freud, para tentar mostrar que não havia incompatibilidade entre a teoria psicanalítica individual e as terapias grupais. Além disso, é muito clara a influência dos argentinos que trabalharam com psicoterapia de grupo, como Rodrigué, sobre os brasileiros, o que é indicado, entre outros pontos, pelo fato de que os dois nomes apontados como principais na introdução da técnica no Brasil, Walderedo Ismael de Oliveira e Alcyon Baer Bahia, fizeram formação psicanalítica na Argentina. Isto também aconteceu com outros nomes importantes para a constituição das sociedades ipeanas cariocas, que se formaram com outras orientações teóricas, como vimos no subcapítulo 1.2.

Na década de 1970, outras terapias grupais começaram a ser difundidas no Brasil. Entre elas estava a análise institucional, cujo principal difusor foi Gregorio Baremlitt, sobre quem falaremos mais no subcapítulo 4.4.

4.2. Rodrigué como escritor e autobiógrafo: “um experimento entre as ficções da veracidade”

Desde o início da década de 1970, Rodrigué começou a experimentar com diferentes tipos de escrita. Se a obra *Biografía de una comunidad...*, publicada em 1965, já apresentava algumas inovações, como uma colocação mais pessoal do narrador e o uso de ironia e bom humor, ainda se enquadrava como uma publicação mais técnica, com longos trechos mais especializados e uma descrição pormenorizada das técnicas terapêuticas e do funcionamento de Austin Riggs, dando continuidade aos artigos e livros escritos em conjunto publicados por Rodrigué anteriormente, na década de 1950, como foi visto no primeiro capítulo.

Os acontecimentos do final da década de 1960, no entanto, com os movimentos contraculturais, o Movimento Plataforma na psicanálise e a ruptura de Rodrigué com a APA e a IPA, fizeram com que o autor, por um lado, enfrentasse uma espécie de “crise criativa” que o fez não conseguir escrever até a metade da década de 1970, como vimos no subcapítulo 3.3, porque sentia que suas publicações mais técnicas e mais ortodoxas não estavam mais de acordo com a maneira pela qual ele via a psicanálise nesse momento; e, por outro lado, passasse a pensar em escrever de outras maneiras e em outros gêneros, um movimento que, de alguma forma, espelhava a aproximação que a

própria psicanálise na época fazia com outras disciplinas, das quais as obras de Lacan, relacionando psicanálise com matemática e linguística, e de Althusser e Marcuse, na qual a psicanálise se combinava com política e filosofia, eram alguns exemplos.

Ao mesmo tempo, Rodrigué diz que, quando foi estudar psicanálise em Londres no final da década de 1940, sentiu que a maioria de seus colegas vinham de Cambridge ou Oxford e tinham “uma bagagem cultural muito superior” à dele (RODRIGUÉ, 2006: 60). Para remediar isso, e aproveitando o fato de que ele não trabalhava nesse momento, ao contrário de seus colegas, ele começou a frequentar galerias de arte e museus, ia “duas vezes por semana com Beatriz almoçar na National Gallery”, e passou a apreciar alguns pintores, como Turner e Botticelli (RODRIGUÉ, 2006: 57). Também percebemos em algumas de suas obras, como em *Separaciones necesarias*, a influência do cinema, tanto produções mais artísticas como filmes de Hollywood.

No entanto, os produtos culturais que aparecem mais frequentemente em *Separaciones necesarias* são os livros de literatura, e em especial os de gêneros mais populares: inicialmente os policiais de Agatha Christie, que Rodrigué e esposa liam durante o inverno londrino (RODRIGUÉ, 2006: 55-56), e posteriormente, após voltar à Argentina pela segunda vez, os romances de ficção científica. Este último gênero será importante porque vai estimular o psicanalista argentino a fazer suas primeiras tentativas de escrever literatura. Segundo ele, desde a juventude queria ser escritor de romances, mas, durante muito tempo, achou que não possuía jeito para isso. Olhando para trás, para suas primeiras produções psicanalíticas, Rodrigué era bastante crítico em 2000:

(...) produzi textos psicanalíticos, condição requerida para minha formação: embora não fossem particularmente bem escritos, pelo menos preenchiam as páginas em branco. Os analistas, dos quais faço parte, escrevem mal; recentemente, reli meus primeiros textos, não tinham nenhum valor literário. Em seguida escrevi com Marie Langer e León Grinberg um livro sobre os grupos, cujo conteúdo era interessante, mas o estilo, medíocre (RODRIGUÉ, 2006: 106).

Embora considerasse que *Biografía de una comunidad...*, ao contrário, já era um livro mais bem escrito e mais interessante, ainda não era o que ele queria escrever; desta maneira, na primeira metade da década de 1960, Rodrigué escreveu várias narrativas curtas de ficção científica que foram reunidas posteriormente em uma coletânea, com o título de *Plenipotência*, em 1966. Como suas inspirações, ele citava três escritores norte-americanos, entre os principais autores clássicos de ficção científica da época:

Ray Bradbury, Robert A. Heinlein e Theodore Sturgeon¹⁸⁵. Embora existam inúmeras definições diferentes em relação ao que caracterizaria o gênero chamado de “ficção científica”, a maioria delas concorda que ele é um estilo especulativo marcado por acontecimentos fantásticos, como viagens no tempo, mundos paralelos e viagens espaciais, entre outros, mas que são explicados de maneira científica e supostamente racional. Uma definição mais erudita apresenta a ficção científica como “um gênero literário ou construção verbal cujas condições necessárias e suficientes são a presença e interação entre estranhamento e conhecimento, e cujo principal elemento é uma estrutura imaginativa alternativa ao ambiente empírico do autor” (ROBERTS, 2006: 1). De acordo com o próprio Rodrigué, a coletânea *Plenipotência* foi um fracasso de público, com apenas “dois fãs, um norte-americano e um espanhol”. Mesmo assim, um dos contos da coletânea foi, posteriormente, transformado em um romance, *Heroína*, publicado em 1969. No entanto, a partir de uma sinopse bastante detalhada e comentada feita pelo autor em *Separações necessárias*, não é possível perceber nenhum elemento de ficção científica na história, mas, ao contrário, vários dos elementos que marcarão sua produção literária a partir da década de 1970 já podem ser vistos na obra.

A história de *Heroína* se inicia com uma jovem argentina, de nome Penélope (apelido Penny), que, num dia de Natal, passa todo o tempo pintando as unhas do pé e esperando um telefonema do namorado, que não ocorrerá; segundo Rodrigué, a história havia sido contada a ele por uma supervisionada, que, ao fazer o relato, havia compreendido que “a paciente, na realidade, se sentia como uma árvore de Natal e que as unhas eram as bolinhas que decoravam a árvore”. O nome Penélope foi escolhido como uma referência à personagem da *Odisseia*, de Homero, “a mulher que espera”. Após a triste noite de Natal, Penny, que era intérprete, vai a trabalho para um congresso psicanalítico internacional, em Bariloche. Lá ela encontra um analista japonês, Yoschide, e ambos têm um curto e intenso romance, que termina quando ele volta para o Japão. Devastada, Penny tenta o suicídio, e é internada numa clínica para tratamento (RODRIGUÉ, 2006: 107-108).

A narrativa do romance então apresenta a discussão dos psiquiatras da clínica sobre o caso de Penny, inclusive com a participação da própria paciente. O encarregado

¹⁸⁵ Bradbury (1920-2012) é mais conhecido pela coletânea de contos *As crônicas marcianas* (1950) e o romance *Fahrenheit 451* (1953); Heinlein (1907-1988) é mais conhecido pelos romances *Tropas estelares* (1959) e *Estranho em uma terra estranha* (1961). Sturgeon (1918-1985) é mais lembrado por várias coletâneas de contos e pelo romance *Mais que humano* (1953), que Rodrigué citou em outro contexto, quando fala da terapia de grupos, em *Separações necessárias* (ver pp. 84-85).

do caso dela é o Dr. Mortimer, que convida para a mesa a Dra. Marie Langer¹⁸⁶. Esta traz como convidado, segundo as palavras de Mortimer, “o doutor Emílio Rodrigué, que (...) acaba de publicar *Biografía de una comunidad terapéutica*, livro que lhes recomendo, no qual ele fala de uma experiência parecida com a nossa” (RODRIGUÉ, 2006: 109). Após uma discussão sobre o caso da paciente, em que a própria Penélope, solicitada a responder, surpreende os psiquiatras com afirmações rápidas e incisivas, o autor faz o seguinte comentário, em *Separações necessárias*: “E Emilio, que é Penny, fica contente com essa crítica irônica com relação à comunidade terapêutica. Essa biografia que me escapa das mãos e na qual, como em *A rosa púrpura do Cairo*¹⁸⁷, os personagens saem da tela me diverte muito” (RODRIGUÉ, 2006: 114). A seguir, após Penny sair da sala de reunião, o “intruso” Rodrigué pede a palavra e observa que o mito de Penélope, se, por um lado, representa, para os homens, um modelo de mulher casada fiel ideal, por outro lado também representa um desdém enorme por parte dela em relação aos seus pretendentes. Perguntado se teria alguma solução terapêutica para o caso, Rodrigué então aumenta as referências literárias: para ele, a solução seria transformar Penélope em Sherazade, a mulher que conta as histórias das *Mil e uma noites* para evitar ser morta. Marie Langer concorda com ele, mas acha que existe um outro homem na história, além do namorado que não telefonou no Natal, e então Rodrigué se lembra de tê-la visto com Yoshide no congresso psicanalítico. Langer defende então que a paciente deveria fazer terapia de grupo, onde haveria a possibilidade dela se transformar em Sherazade. Ela segue a sugestão e faz a terapia, tendo uma grande melhora, durante seis meses. Quando o grupo se reúne novamente após um período de férias, uma amiga de Penélope comunica a eles que ela havia ido embora para o Japão, e todos, emocionados, acabam concordando que ela fez a coisa certa (RODRIGUÉ, 2006: 115-120).

Em *Separações necessárias*, Rodrigué acrescentou alguns comentários à informação sobre o livro:

Hoje, trinta anos depois, choro ainda. Há algo nessa cena final que me toca profundamente. Tem relação com o fato de jogar com a vida, com o desejo e a realização desse desejo. Imagino que Penny preparou sua

¹⁸⁶ Langer foi uma das maiores amigas e inspirações de Rodrigué, e aparece em vários momentos nesta tese. Segundo ele, foi ela mesma quem escreveu sua parte e seus diálogos no romance, a partir de um roteiro fornecido por Rodrigué. Ver RODRIGUÉ, 2006: 117.

¹⁸⁷ Filme de Woody Allen, de 1985, no qual o personagem de um filme assistido pela protagonista sai da tela e ganha vida na realidade fora do cinema.

partida com muito cuidado (...) e que o fazia sem dizer uma palavra a ninguém. (...) Penny é meu eu ideal (RODRIGUÉ, 2006: 120).

E, a seguir, reforçando os elementos autobiográficos presentes no romance: “nunca pensei em misturar minha vida com a da heroína que eu havia criado. Essa narrativa autobiográfica faz com que eu tome distância de mim mesmo e me converta no personagem de minhas Memórias” (RODRIGUÉ, 2006: 120).

Percebe-se, portanto, que a narrativa de Rodrigué, por um lado, não tem nenhuma característica que justifique ser considerada como uma obra de ficção científica ou fantasia, mas, por outro lado, apresenta vários elementos que estarão presentes em toda a sua obra produzida a partir da década de 1970: a presença do próprio autor e narrador como um personagem da narrativa; a utilização de personagens reais, como ele mesmo e Marie Langer, em um contexto muitas vezes ficcional; a inserção de elementos psicanalíticos/psiquiátricos na trama; a referência a outros livros e/ou filmes bem conhecidos, neste caso, *A Odisseia* e *As Mil e Uma Noites*, entre outros; finalmente, uma espécie de metalinguagem, em que a voz narrativa está sempre borrando a distinção entre o ocorrido e o imaginado e refletindo sobre o próprio ato da escrita.

Embora Rodrigué tenha dito que *Heroína* era o único romance literário propriamente dito que ele havia publicado, e que ele se situava na “encruzilhada de sua vida literária” (RODRIGUÉ, 2006: 107), defendendo que ele está muito próximo de suas obras posteriores, já apresentando a mesma combinação entre psicanálise, autobiografia e literatura e indicando para o autor caminhos que seriam aprofundados no futuro.

Após *Heroína*, Rodrigué começou a produzir obras cuja classificação em categorias nítidas e separadas se tornou cada vez mais difícil. Esta dificuldade de definir o gênero literário de suas produções foi, em parte, incentivada pelo próprio autor, que muitas vezes defendia a originalidade de sua escrita, e ao mesmo tempo foi destacada em vários momentos na apresentação de seus livros, pelos editores ou pelo próprio autor. É possível mapear parcialmente essa discussão analisando alguns trechos e textos de apresentação de suas obras, onde outros autores e o próprio Rodrigué falam disso constantemente. Na apresentação de *El antiyo-yo*¹⁸⁸, por exemplo, a primeira obra escrita inteiramente por Rodrigué após seu estabelecimento em Salvador¹⁸⁹, é dito que “Martha Berlin e Emilio Rodrigué escreveram em conjunto uma surpreendente história

¹⁸⁸ O título do livro é um claro jogo de palavras com *O anti-Édipo*, obra do filósofo Giles Deleuze e do psiquiatra Félix Guattari publicada em 1968, uma crítica à psicanálise freudiana muito influente na época.

¹⁸⁹ O original em espanhol da obra foi publicado em 1977, cinco anos antes da tradução brasileira.

de um casal que se multipsecanaliza a si mesmo” e, a seguir, se aponta o “caráter autoconfessional marcante” do livro (RODRIGUÉ; BERLIN, 1982). Além disso, os próprios elementos bibliográficos do livro são contraditórios, revelando essa dificuldade de enquadrá-lo: enquanto o livro foi publicado dentro da Série Analytica da Imago Editora, coleção formada por obras psicanalíticas de caráter técnico, a ficha bibliográfica também classificava *El antiyo-yo* como romance argentino (RODRIGUÉ; BERLIN, 1982: s.p.). A dedicatória de Rodrigué e Berlin também jogava o tempo todo com essa confusão entre ficção e realidade: “dedicamos este livro à Érica e Miguel, fabulosos pacientes que emprestaram sua biografia à ficção para dar realidade às nossas fantasias” (RODRIGUÉ; BERLIN, 1982: 3).

Nas obras seguintes, essa questão continuou a aparecer. Sobre *A lição de Ondina* (1983), Rodrigué diz que “esse livro não é de técnica nem de teoria psicanalítica, muito menos um romance, ainda que seja o gênero que mais se aproxima: É UMA PSICANÁLISE APLICADA A MIM MESMO” (RODRIGUÉ, 1983. Grifo do autor). Logo a seguir, ele acrescenta: “Neste sentido meu trabalho é uma novidade: explora um espaço que difere tanto da autobiografia como da autoanálise, ainda que limite-se a ambos. A psicanálise, aplicada, apoia-se na autoanálise”. Aqui percebemos a referência à criação de um estilo diferente e novo segundo ele, embora o autor não tenha sido o primeiro psicanalista a escrever textos autobiográficos nem a fazer uma autoanálise, dois elementos que podem ser rastreados até os princípios da teoria, com Freud¹⁹⁰. Aparentemente para evitar o problema da decisão pelo enquadramento em algum gênero específico, a obra inaugurou uma coleção diferente da Imago Editora: Romance e Psicanálise; na ficha bibliográfica, à classificação de romance argentino, que se repete, se acrescentou o adjetivo psicológico. Além disso, o subtítulo do livro (“Manual ‘Psicanalítico’ de Sabedoria”) e suas divisões acrescentam um tom irônico de autoajuda a estas questões de ficção e realidade: o primeiro livro da obra é intitulado “Sobre a autenticidade do autêntico”; o segundo é intitulado “Para a saúde do homem sábio ou

¹⁹⁰ A autoanálise foi o processo pelo qual Freud desenvolveu, a partir da observação de seus sonhos e outros elementos psíquicos, alguns dos componentes teóricos da psicanálise. Sobre ela, ver ANZIEU, 1986, e sobre os comentários de Rodrigué a respeito deste livro, ver o subcapítulo seguinte, 4.3. Quanto às autobiografias, o próprio Freud escreveu, em 1925, “Autobiografia”, além de fazer vários comentários nesse sentido em “História do movimento psicanalítico”, de 1914. Depois dele, vários outros psicanalistas publicaram suas autobiografias, como Melanie Klein (publicada postumamente, ver KLEIN, 2019) e Wilfred Bion (que escreveu cinco volumes de memórias, começando, cronologicamente, com *O longo fim de semana*, de 1982, passando por *Todos os meus pecados lembrados*, de 1985, e pelos três volumes de *Uma memória do futuro* (1975, 1977 e 1979)), entre outros. Sobre as autobiografias de Bion, ver WILLIAMS, 2018. Assim, ao mesmo tempo em que Rodrigué defendia que estava sendo original, ele se apoiava em uma tradição que vinha sendo constituída desde a vida do próprio Freud.

sobre a certeza certa”; finalmente, o terceiro livro é intitulado “Sobre o sonho das interpretações” (RODRIGUÉ, 1983: 2-3).

Em *Ondina Supertramp*, mais uma vez as questões mencionadas estão presentes. O título novamente faz menção à região de Ondina, bairro de Salvador onde Rodrigué se estabeleceu e local conhecido da contracultura soteropolitana na década de 1970. No livro, em texto não assinado, Rodrigué era apresentado como “conhecido, admirado e controvertido”. A seguir, era apontada a formação psicanalítica do autor, com destaque para sua relação com Melanie Klein, mas, na frase seguinte, era dito que ele “tornou-se famoso como escritor de romances”. O livro atual era considerado como um “relato”, e, a seguir, “uma espécie de autobiografia – aparente ficção –, pois revela um Emilio Rodrigué real”. O próprio Rodrigué, neste livro, continuava a dificultar as tentativas de caracterizar sua escrita vinculando-a a vários gêneros ao mesmo tempo: “pode-se dizer da minha literatura que seja testemunhal, porém não me agrada a conotação jurídica do termo: meus livros não dão fé de nada. Prefiro situar-me como aquele que escreve o romance de sua vida. Um caminho vital e moralmente atribulado”. Ao mesmo tempo, ele dizia que esta obra, definida por ele como “uma incursão erótica do homem considerado velho”, “revela um caminho pela vida mais profundo” do que as duas obras anteriores, em parte porque ele admitia que representava sempre seu último livro como o melhor (RODRIGUÉ, 1989).

Em *Gigante pela própria natureza*, essa discussão estava exposta, entre outros lugares, na capa de trás. Nela, Rodrigué afirmava que, com esse livro, “se fecha uma tetralogia na qual o tema sou eu, no relato exemplar de uma vida que é a minha”¹⁹¹. Continuava dizendo que “uma vez mais me deparei com a dificuldade de caracterizar minha produção literária, já que não se trata, insisto, de uma peça autobiográfica, ainda que use lembranças como matéria-prima. Às vezes, penso que estou inventando um novo gênero literário nos limites entre ficção e realidade”, e afinal conclui que o que escreve se aproximava de “uma novela de amor”. Neste livro, ele conta sua paixão e casamento com a filha de santo Maria das Graças, no terreiro do Axé Opô Ofonjá¹⁹² (RODRIGUÉ, 1991).

¹⁹¹ O psicanalista inglês Wilfred Bion, que foi uma grande influência teórica para o trabalho de Rodrigué com a psicoterapia de grupos, como foi mostrado no capítulo 1, utiliza termos semelhantes no prefácio do primeiro volume de suas obras autobiográficas, *The Long Weekend*: “Eu escrevo sobre ‘mim’. Eu o faço deliberadamente porque estou consciente de que isto é o que eu deveria fazer de qualquer modo. É também mais provável que eu chegue mais próximo de minha ambição se eu escrever sobre a pessoa que conheço melhor do que qualquer outro – eu mesmo” (BION, 2014: 9. Trad. minha).

¹⁹² Sobre as relações de Rodrigué com o candomblé, ver subcapítulo 3.2.

Por fim, no prólogo de sua biografia de Freud, o próprio Rodrigué se define várias vezes como eclético, apresentando isto como uma das justificativas para a sua decisão de “historiar” a vida do criador da psicanálise:

A disposição de historiar viu-se facilitada por meu ecletismo impenitente – essa virtude com cara de vício – ou vice-versa. Sou eclético enrustido, dando-me ao luxo de não me pronunciar porque sei que me pronuncio. Eclético de mira: minha apreciação percorre um leque abrangendo desde o escárnio à hagiografia. Eclético na medida em que aceito a maré transferencial que esteja me levando (RODRIGUÉ, 1995: 27).

Portanto, se referindo apenas a cinco das obras de Rodrigué, encontramos um grande número de possíveis definições sendo citadas: “autoconfessional”, “romance”, “romance psicológico”, “uma psicanálise aplicada a mim mesmo”, “relato”, “espécie de autobiografia”, “aparente ficção”, “literatura testemunhal”, “o romance de uma vida”, “uso de memórias como matéria-prima”, “novo gênero nos limites entre ficção e realidade”, “novela de amor”, “escárnio”, “hagiografia”, “literatura transferencial”. O que há de comum entre todas essas expressões? Podemos perceber os três eixos principais nos quais as obras são enquadradas: um, de expressões ligadas à psicanálise ou aos saberes “psi” de maneira geral, como “psicológico”, “psicanálise aplicada”, “transferencial”; o segundo, de expressões ligadas à literatura, como “romance”, “ficção”, “relato” e mesmo “literatura testemunhal”; e, em terceiro lugar, as expressões se referindo a memórias e caráter autobiográfico, como “espécie de autobiografia” e “uso de memórias”. Mas talvez o mais importante sejam as expressões que combinam um ou mais eixos, demonstrando que não é possível fazer uma divisão nítida entre estes gêneros: “romance psicológico”, “o romance de uma vida”, “os limites entre ficção e realidade”. Mais ainda, a chave de leitura está na ideia dessa combinação entre gêneros, de uma obra que não é apenas uma autobiografia, uma autoanálise, uma história ou um romance, mas sim todos estes elementos combinados e superados, produzindo algo diferente.

A frase dos “limites entre ficção e realidade” introduz um outro tema cuja discussão está sempre presente nas obras de Rodrigué: a relação entre ficção e realidade, ou, em outras palavras, entre o que há de fictício e o que há de verdadeiro nos relatos do autor. Discussão presente em todos estes campos citados acima: psicanálise¹⁹³, história,

¹⁹³ Sobre a discussão da relação entre verdade e psicanálise, ver TFOUNI; LAUREANO, 2005; ABEL, 2011.

memória, autobiografia e até mesmo na literatura de ficção, a questão da “verdade” é, de alguma forma, solucionada por Rodrigué em um outro trecho de sua apresentação em *Gigante pela própria natureza*, com a ideia de “sua verdade” ou “verdade pessoal” e com a articulação direta entre sua escrita e sua vida:

“Nada é verdade, tudo é verdade”, digo em *Ondina Supertramp*, não para radicalizar o cinismo, e sim com o sentido de que meu compromisso é com a minha verdade, a qual por vezes chamo de minha ética. Um experimento entre as ficções da veracidade. Por isso se engana quem pensa que escrevo uma biografia. É uma outra coisa, sutilmente oposta. Como se a minha vida fosse a autobiografia de uma autobiografia. Dá para entender? Uma ficção da ficção. Escrever o que vivo e viver o que escrevo por vezes se alinham, a ponto de converterem-se no mesmo ato (Rodrigué, 1991: sp).

O que seria “a autobiografia de uma autobiografia”? Aqui Rodrigué demonstra ter consciência de discussões teóricas sobre o gênero, que dizem que cada ato de uma narrativa autobiográfica muda o narrador, porque “o próprio ato de contar a autobiografia de alguém pertence à própria autobiografia”, de maneira que, teoricamente, “uma autobiografia completa não é possível”, a não ser que fosse escrita depois ou imediatamente antes da morte de seu autor, o que é uma impossibilidade lógica (NIKULIN, 2015: 10). Como outro teórico importante do campo, Philippe Lejeune, que analisamos mais extensamente no referencial teórico desta tese, também reconhece, em artigos em que faz uma reavaliação de seu trabalho, a sua própria produção teórica sobre o tema pode ser encarada como uma obra autobiográfica, e ele só se interessou pelo gênero porque queria escrever a própria autobiografia (LEJEUNE, 2008d: 77).

A questão da relação entre escrita e vida que aparece na citação de Rodrigué também é relevante, pois vai de acordo com um conceito mais amplo que vem sendo utilizado recentemente, o de “escrita de vida”, que engloba autobiografias, biografias e outras narrativas pessoais¹⁹⁴. Mas, mais que isso, neste trecho, Rodrigué nos fornece uma das chaves de leitura de suas obras: a escrita não pode ser separada da vida vivida, a tal ponto que “escrever o que vivo e viver o que escrevo” se “convertem no mesmo ato”.

Aqui, podemos nos utilizar de trabalhos no campo da história da leitura. Afinal, o ato da leitura pressupõe uma comunicação entre autor e leitor baseada em expectativas anteriores: da parte do leitor, de leituras prévias; da parte do autor, de conseguir compor

¹⁹⁴ Ver a parte 4 do “Referencial teórico-metodológico”.

um texto que será compreensível e reconhecível pelo leitor. Se alguém conseguisse escrever um texto que não tivesse semelhanças em termos de estrutura e conteúdo com nada escrito anteriormente, este texto não seria compreensível por nenhum leitor, e, portanto, nunca seria lido (LONGMAN, 1991: 7).

Rodrigué está bem consciente destas questões em sua produção literária, e utiliza de expedientes para, ao mesmo tempo, assegurar e provocar o leitor: por exemplo, a primeira subdivisão de *A lição de Ondina* é intitulada “Sobre a autenticidade do autêntico”, e o primeiro capítulo se inicia com “Como é que começa?”, o que parece indicar uma dúvida convencional em relação ao início da narrativa, para logo depois prosseguir de maneira totalmente inesperada: “Esta manhã hipnotizei um cachorro. Sem mais nem menos, só com café, iogurte e granola no estômago, hipnotizei *Colita*, o cachorro mais enchedor de saco da praia de Ondina” (RODRIGUÉ, 1983: 7). Embora apareçam aqui os marcadores tradicionais da narrativa autobiográfica, como o texto em primeira pessoa e a referência a fatos do passado e dos quais o próprio autor participou, a escolha do fato narrado e o tom da escrita quebram totalmente a expectativa do leitor e marcam uma ruptura com a escrita sóbria e convencional de outras autobiografias.

Consideramos, assim, que, para a análise das obras de Rodrigué, é necessário compreendê-las como tendo sua narrativa composta a partir da utilização de vários elementos provenientes de diferentes campos do saber (psicanálise, autobiografia, história, literatura) *ao mesmo tempo*, com cada um destes influenciando aos outros e sendo influenciado por eles. Desta maneira, o autor busca criar um texto que não é a simples soma de seus elementos, mas sim caracterizado por uma escrita que busca transgredir e quebrar as definições convencionais dos gêneros com que trabalha, criando um “romance de uma vida psicanalítica”, como está no título desta tese.

4.3. Rodrigué como biógrafo e historiador da psicanálise: Freud e o século da psicanálise

Em 1995, Emilio Rodrigué publicou uma biografia em três volumes do criador da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939). Esta era sua primeira obra de caráter biográfico, sobre a vida de outra pessoa, de maneira que o próprio autor se definia como assumindo um novo papel, o de “historiador da psicanálise”. À primeira vista, ele parecia estar apenas adicionando mais uma obra a já enorme quantidade de escritos existentes na época sobre a vida de Freud. No entanto, a biografia de autoria de Rodrigué continha elementos que permitiram que seu criador a propagandeasse como

inovadora, o que contribuiu para que ele ganhasse mais renome, inclusive internacionalmente, e nos possibilita considerar esta sua obra como um ponto importante de sua trajetória, tanto como escritor quanto como historiador da psicanálise.

A biografia era um projeto ambicioso, o que era indicado pelo seu próprio subtítulo, *O Século da Psicanálise, 1895-1995*, e pela sua extensão, três volumes com mais de 400 páginas cada um. Ao utilizar um marco temporal menos convencional para o início da psicanálise, o ano de 1895 ao invés de 1900, data da publicação de *A interpretação dos sonhos* e ano considerado, pelo próprio Freud, como o indicador dos começos da teoria psicanalítica¹⁹⁵, Rodrigué buscava fazer, através da biografia de Freud, uma história de toda a psicanálise durante todo o seu primeiro século de existência. Mesmo isso não era tão inovador: vários autores, a começar pelo próprio Freud e pela maioria de seus biógrafos posteriores, sempre enfatizaram o quanto a psicanálise e a vida de seu criador estavam indissociavelmente ligadas. O que fazia da biografia de Rodrigué algo diferente eram outros dois aspectos. Inicialmente, havia a nacionalidade do autor, o primeiro a escrever uma biografia de Freud que não era nem europeu nem norte-americano e, ao mesmo tempo, o primeiro latino-americano¹⁹⁶, de uma região na qual a psicanálise teve recepções e apropriações muito ricas e intensas; e, em segundo lugar, porque Rodrigué tinha toda uma carreira anterior como psicanalista (como Ernest Jones, o primeiro biógrafo de Freud a escrever uma obra mais extensa e considerado o “biógrafo oficial” deste), mas também era escritor, com vários livros publicados em um estilo mais literário. Assim, a biografia se aproxima, em sua escrita, tanto da literatura como da psicanálise e da história.

Além disso, em muitos momentos pode-se perceber que Rodrigué faz paralelos entre a sua própria biografia e a de Freud. Este passou a ser visto não apenas como o personagem histórico sobre o qual Rodrigué escrevia, mas também como um modelo psicanalítico e que havia apontado o caminho de como se fazer a análise sobre essas relações entre história e psicanálise, o que é evidenciado até pelo uso de certos termos antes empregados em relação ao criador da psicanálise, como “autoanálise”, pelo argentino. Vinculando a sua própria trajetória à de Freud, ou, em outras palavras, inserindo sua autobiografia na biografia, Rodrigué fez com que mesmo esta sua obra,

¹⁹⁵ De certa forma, Rodrigué continuou identificando o início da psicanálise com *A interpretação dos sonhos*, uma vez que para ele este início seria com o sonho de Irma, que Freud disse ter acontecido em 1895, mas cuja narração e análise está em *A interpretação dos sonhos*. Ver RODRIGUÉ, 1995: 39.

¹⁹⁶ Na verdade, a afirmação de primazia de Rodrigué só se sustenta se considerarmos apenas as biografias extensas, com mais de 500 páginas, pois o chileno Germán Greve e o brasileiro Gastão Pereira da Silva, por exemplo, já haviam escrito pequenas biografias de Freud muitas décadas antes de Rodrigué.

supostamente mais distanciada e menos pessoal, possa ser lida como uma continuação de seus escritos autobiográficos anteriores.

Desta maneira, a história que o próprio Rodrigué dizia praticar era uma história pessoal, na qual o autor era, ao mesmo tempo, um participante importante, o eixo central em torno do qual se articulam as diferentes correntes e personalidades psicanalíticas e o historiador. Em nenhum momento, Rodrigué defendia que sua história era distanciada ou independente de seu posicionamento pessoal; na introdução da biografia de Freud, ele dizia que não teve acesso aos “arquivos e fabulosos bancos de dados das bibliotecas do Hemisfério Norte”, e, portanto, apenas releu as outras biografias já publicadas anteriormente, fazendo uma crítica a estas profundamente pessoal (RODRIGUÉ, 1995: 26).

Em relação à história editorial, a biografia escrita por Rodrigué também é diferente de todas as suas antecessoras. O livro foi publicado inicialmente em português, pela Editora Escuta, de São Paulo, em 1995 (RODRIGUÉ, 1995). No ano seguinte, foi também publicado em espanhol, língua materna do autor, pela Editorial Sudamericana, de Buenos Aires, em dois volumes, sem nenhuma informação a respeito de tradução (RODRIGUÉ, 1996). Neste caso, a sequência de publicação foi diversa da de todos os outros livros imediatamente anteriores de Rodrigué, publicados primeiramente em espanhol na Argentina e posteriormente traduzidos para o português. Em 2000, quatro anos depois, o livro foi traduzido para o francês, a partir da edição argentina, nos mesmos dois volumes (RODRIGUÉ, 2000). Neste caso, são apresentadas as informações da tradução, que esteve a cargo de Patricia Rey e foi revisada por Denise Coutinho e Michel Colin, com a colaboração do autor. Outro elemento importante da edição francesa é que o livro foi incluído na coleção *Désir*, que já publicara antes livros de, entre outros, Ernest Jones e do psicanalista argentino radicado na França Juan-David Nasio.

Fazendo uma comparação entre as duas edições, a brasileira e a argentina, em relação à parte inicial da obra, o “Prólogo”, pode-se perceber que, embora o texto base seja o mesmo, a edição em português é mais detalhada e rica em anedotas, enquanto o texto em espanhol é mais objetivo e seco. Por exemplo, no texto em português, o autor, em um parágrafo, diz de onde está falando e pede para que sejam relevadas algumas das limitações da obra: “Que os Orixás aceitem as oferendas deste arqueiro terceiro-mundista que sabe pouco alemão, que está longe dos Arquivos e dos fabulosos Bancos de Dados das Bibliotecas do Hemisfério Norte, na multimídia de seus *scanners*

instantâneos e outros portentos” (RODRIGUÉ, 1995: 26). A frase não aparece na edição argentina. Outro exemplo é de uma anedota contada, sem referência a fontes, por Rodrigué, sobre Freud e Adolf Adler. O texto em português conta a história em detalhes: “Há, é claro, o episódio em que Freud teria chamado Adler de pigmeu (segundo outros, a coisa foi com Stekel), ao que Adler retrucou que o pigmeu nos ombros de um gigante enxergava mais. Freud respondeu: ‘Um piolho não’” (RODRIGUÉ, 1995: 26). Na edição argentina, a frase é apenas: “Existe la anécdota de Freud calificando a Adler de pigmeo” (RODRIGUÉ, 1996: 10). Portanto, parece que os editores argentinos procuraram tirar um pouco do caráter anedotário e bem-humorado da escrita de Rodrigué, talvez em uma tentativa de dar um tom mais sóbrio e “científico” à sua obra.

Em uma carta enviada no final do ano de 1992 para os editores da Escuta Cristina e Manoel Berlinck, Rodrigué apresentava o projeto da biografia, dizendo que, naquele momento, a obra já tinha “2 anos e 8 meses de gestação”, e que ele ainda precisaria de mais dois anos para o término. Uma vez que a ideia era partir do “sonho de Irma” como marco inicial da psicanálise, e como o título já estava escolhido como *O século da psicanálise*, o autor era definitivo quanto ao fato de que o livro precisaria ser publicado em 1995, para marcar a comemoração dos cem anos do início da teoria e terapia. Juntamente com o lançamento da obra, ele previa a realização de dois congressos, um em Salvador e o outro em Buenos Aires, e já indicava dois nomes que gostaria que participassem: a historiadora e psicanalista francesa Elisabeth Roudinesco e Humberto Maturana¹⁹⁷ (RODRIGUÉ, 1992: 17-21). Pelas informações de que dispomos até o momento, apenas o congresso de Salvador foi efetivamente realizado, e dele participou, pelo menos, Roudinesco, como veremos a seguir.

Outro aspecto ressaltado por Rodrigué em sua carta era o que tornaria a sua biografia, de acordo com ele, superior a todas as outras anteriores. Para isto, quatro fatores seriam importantes:

- 1 – Por meu lugar como analista. Por ter estado dentro e fora da instituição; isto é, por minha ideologia.
- 2 – Por ter um maior *metier* de escritor. Considero que a trilogia que termina com Gigante foi um excelente aprendizado sobre a matéria biográfica.

¹⁹⁷ O neurobiólogo e filósofo chileno Humberto Maturana (1928-), que tem vários livros publicados sobre filosofia das ciências e é um crítico do realismo científico. Maturana é conhecido pela sua teoria da autopoiese, que defende que todo sistema vivo é capaz de se autodefinir, de se autoconstruir e até mesmo de se autorrenovar.

3 – Pela paixão e investimento que estou colocando na coisa.

4 – Pelo fato de que tanto a escola francesa como a inglesa serão representadas, incluindo contribuições argentinas, brasileiras e uruguaias (Lacan, para dar um exemplo, não figura no índice remissivo de Gay¹⁹⁸) (RODRIGUÉ, 1992: 20).

Portanto, o primeiro argumento favorável apontado por Rodrigué era por ser analista e “ter estado dentro e fora da instituição”, referência à sua participação, inclusive como presidente, de instituições como a APA e a IPA, nas décadas de 1950 e 1960, e sua posterior ruptura com essas mesmas associações, como analisamos no capítulo 2. O segundo argumento, por sua vez, colocava Rodrigué na posição de escritor, posição que, segundo ele, vinha sendo aperfeiçoada à medida em que escrevia obras sobre a sua vida, como a trilogia que se encerra com *Gigante pela própria natureza*, de 1987. Aqui é importante ressaltar que Rodrigué define seus livros anteriores como de “aprendizado sobre a matéria biográfica”, o que indica que ele não via uma separação muito clara e nítida entre suas obras autobiográficas e biográficas, um argumento defendido nesta tese.

O terceiro argumento fala do caráter pessoal e emotivo que a biografia possuía para ele, o que pode ser ligado à visão psicanalítica do investimento emocional em determinadas atividades, como a escrita, e à própria teoria psicanalítica da sublimação, e, ao mesmo tempo, mais uma vez reforça o caráter autobiográfico da empreitada biográfica. Por fim, por não ser nem inglês nem francês, Rodrigué poderia incorporar ao mesmo tempo essas duas escolas psicanalíticas, além das contribuições de psicanalistas latino-americanos. Como a menção ao nome de Maturana também indica, era importante para Rodrigué posicionar sua contribuição como original devido ao fato de ser latino-americano, mesmo tendo trabalhado e estudado em outros centros, como Inglaterra e Estados Unidos; ele citava um colega de Maturana, o também neurobiólogo Francisco Varela, como tendo afirmado que só fez suas descobertas “por estar na América Latina, por ser um chileno perdido em Santiago” (RODRIGUÉ, 1995: 31). Assim, Rodrigué defendia que a combinação de vários fatores tornaria inovadora sua biografia de Freud: sua trajetória psicanalítica, dentro e fora de instituições, sua

¹⁹⁸ Aqui, Rodrigué se refere ao fato de que o psicanalista francês Jacques Lacan não é citado no índice remissivo da obra de Peter Gay, nem outros nomes representativos da psicanálise francesa, como Laplanche, Fedida e Pontalis (RODRIGUÉ, 1995: 31; GAY, 1989). O argumento, colocado de uma maneira mais geral, é que os autores de língua inglesa, como Gay, citam basicamente referências de língua inglesa, enquanto o inverso ocorreria com autores de língua francesa. Mas deve-se contrapor a isto o fato de que aparecem no índice da obra de Gay outros personagens franceses contemporâneos de Freud, como René Laforgue, Pierre Janet, Marie Bonaparte e o escritor Romain Rolland.

experiência como escritor e como biógrafo/autobiógrafo e sua posição como latino-americano com conhecimento das correntes psicanalíticas francesas, inglesas e norte-americanas.

Quando foi afinal publicada, em 1995, a obra estava estruturada em torno de algumas questões centrais. Analisando inicialmente a cronologia tratada, percebemos que, embora seja descrita como uma narrativa de toda a vida de Freud, a obra não começa, como outras obras do mesmo gênero, com o nascimento ou com a infância de Freud, mas, mantendo a ideia central de um estudo do século da psicanálise, inicia-se em 1895, quando Freud já tinha 39 anos e começava a elaborar os seus primeiros textos psicanalíticos. Assim, o primeiro capítulo, intitulado “Pela passarela do sonho”, fala do sonho de Irma, do caso de Anna O. e dos *Estudos sobre histeria*, embora em alguns momentos recue cronologicamente, como para falar rapidamente dos experimentos de Freud com cocaína, na década de 1880. Fazendo um paralelo com a obra de Jones, que tinha como título “vida e obra” de Freud, podemos dizer que, na de Rodrigué, a obra tem papel central, com a vida sendo analisada apenas a partir desta.

Desta maneira, o primeiro volume cobre a trajetória de Freud entre, aproximadamente, 1895 e 1905; o segundo, de 1905 a 1923; e o terceiro, de 1923 até a morte de Freud, em 1939. O último capítulo se intitula exatamente “A hora da morte”, o que demonstra que Rodrigué não irá se estender sobre a psicanálise e a recepção das teorias freudianas após a morte deste. Os três volumes da obra são divididos em 67 capítulos, todos com títulos dados por Rodrigué, em alguns casos até com referências bem-humoradas a outras obras sem relação com a psicanálise. Assim, para citar alguns exemplos, o capítulo X tem o título de “Um judeu na corte do rei Charcot”, referência à obra satírica de Mark Twain¹⁹⁹; o XXXIII, que trata dos primeiros congressos de psicanálise e da luta por influência sobre o movimento internacional, é chamado de “Os senhores do anel”²⁰⁰; por sua vez, o capítulo que trata da escritora e psicanalista Lou Andreas-Salomé, que foi cortejada por vários homens famosos, entre eles Nietzsche e Freud, se intitula “A mulher dos homens”.

O prólogo da biografia, intitulado “A hora dos arqueiros”, começa com o que Rodrigué chama de “um conto de arco e flecha”. É uma lenda que fala sobre Olofin, rei de Ifé, que preparava uma festa para comemorar a colheita dos inhames. No entanto,

¹⁹⁹ *Um Ianque de Connecticut na corte do Rei Artur*, publicado em 1889.

²⁰⁰ Referência à trilogia de literatura fantástica de J. R. R. Tolkien, *O senhor dos anéis*, publicada em 1956.

surge um pássaro gigantesco, ligado às feiticeiras (as *Eleyés*), que pousa ameaçador no alto do telhado do palácio. Para matar o pássaro, o rei busca os Caçadores Custódios da Noite. Primeiro, o caçador de vinte flechas, depois o de quarenta e o de cinquenta, tentam, mas fracassam, pois o pássaro estava protegido por um escudo dado pelas feiticeiras. Só restou o arqueiro de uma única flecha. Mas, enquanto este se preparava para atirar, sua mãe consultava um *babalaô*, que lhe disse para fazer um sacrifício. Ela abriu o peito de uma galinha no exato momento em que seu filho disparava a flecha e, com isso, o escudo do pássaro desapareceu e a flecha o matou (RODRIGUÉ, 1995: 25).

Rodrigué não apresenta a fonte do conto, e faz uma única menção à sua origem na página seguinte, chamando-o de “conto Nagô”. Mas o conto pode ser encontrado em vários livros de mitologia afro-brasileira. No livro de Reginaldo Prandi sobre a mitologia dos orixás, por exemplo, é o segundo conto apresentado na parte de Oxossi-Odé, intitulado “Oxóssi mata o pássaro das feiticeiras”. Em sua maior parte, o relato de Prandi é semelhante ao de Rodrigué, mas apresenta uma diferença importante, que é narrar uma continuação da história: o caçador de uma flecha, cujo nome era Oxotocanxô, “recebeu honrarias e metade das riquezas do reino” e ficou muito popular, recebendo o nome de Oxóssi, que quer dizer “o caçador Oxô é popular”, e passando a ser considerado o orixá da caça (PRANDI, 2001: 113-14). Além disso, Prandi coloca como referências para este conto, em seu livro, cinco textos diferentes de Pierre Verger. Em um destes textos, o livro *Lendas africanas dos orixás*, cuja 4ª. edição foi publicada em 1997, encontramos a mesma narrativa sob o nome de “Oxóssi”, com uma maior riqueza de detalhes que o relato de Prandi (VERGER, 1997: 14-20).

Portanto, vemos que Rodrigué inicia sua biografia de Freud com um mito iorubá, sobre a origem do orixá Oxóssi. Mas, além disso, é necessário destacar que o autor se identifica com o arqueiro de uma única flecha, como ele deixa claro no prólogo. E, a seguir, passa a identificar outros biógrafos de Freud anteriores a ele como os arqueiros de várias flechas que tentaram e não conseguiram matar o pássaro. Mesmo com uma ressalva no final do parágrafo, “o que o conto *Nagô* omite é que todas as flechas prévias foram necessárias para que este meu intento seja bem-sucedido” (RODRIGUÉ, 1995: 26), resulta bastante relevador que Rodrigué se identifique, afinal, com o único arqueiro bem-sucedido do conto iorubá, tão bem-sucedido que passou a ser considerado um orixá. Além disso, aqui é um exemplo da utilização de elementos originários do candomblé na produção de Rodrigué, como foi discutido no subcapítulo 3.2.

Quais são os outros biógrafos de Freud que Rodrigué identifica com os arqueiros de várias flechas? Ele cita vários nomes ao longo de todo um parágrafo, que será primeiro transcrito aqui para depois falarmos um pouco sobre cada um dos autores citados:

Na corte da psicanálise abundaram renomados arqueiros: o formidável Jones, com suas múltiplas flechas oficiais; os arquivistas Peter Gay e Sulloway; o sombrio Schur, com sua biografia “psicossomática” de Freud; o grande sacador Anzieu; a maravilhosa “repentista” Roudinesco, que abriu o peito do pássaro francês; o poético Rieff; o malvado Masson e o “cinemático” Sartre, para mencionar os principais Caçadores Custódios da Noite (RODRIGUÉ, 1995: 26).

Dos nove nomes mencionados, o primeiro é o do psicanalista britânico Ernest Jones (1879-1958), que publicou de 1953 a 1957 sua extensa biografia de Freud, em três volumes, intitulada *Sigmund Freud: Vida e obra*²⁰¹. Tendo sido uma figura relevante em instituições ortodoxas do freudismo (foi presidente da IPA por algumas décadas) e sido íntimo de Freud por um longo tempo, Jones teve acesso a uma grande quantidade de material sobre o criador da psicanálise, material em parte fornecido pela filha de Freud, Anna Freud, para a elaboração de sua biografia, que passou a ser considerada, conseqüentemente, uma biografia oficial de Freud, daí a referência de Rodrigué a “suas múltiplas flechas oficiais” (MADDOX, 2006).

Logo a seguir, ainda no mesmo “Prólogo”, Rodrigué se estende mais sobre a biografia escrita por Ernest Jones, dizendo que ele é, sem dúvida, a “figura de referência”. De acordo com o psicanalista argentino, “poucas vezes houve uma biografia tão ‘comprometida’, com alma de epístola, expressão tão cabal da lenda e doutrina freudianas”. No entanto, esse fator seria, ao mesmo tempo, um ponto forte e fraco da obra para Rodrigué, pois se Jones, por um lado, teve acesso a materiais que depois foram interditados para todos os outros pesquisadores, por outro lado “foi o discípulo mais ortodoxo e, portanto, o menos veraz. (...) Homem das mentiras certas e dos mitos verdadeiros. Eu não o admiro”, concluindo a seguir que ele pode ser

²⁰¹ Os três volumes originais, em inglês, são *Sigmund Freud: Life and Work. Vol 1: The Young Freud, 1856–1900* (1953); *Vol 2: The Years of Maturity, 1901–1919* (1955) e *Vol 3: The Last Phase, 1919–1939* (1957). Todos foram publicados pela editora de Londres, Hogarth Press. A obra foi traduzida para o português inicialmente pela editora Zahar, em 1970, em dois volumes, e posteriormente pela editora Imago, a mesma da *Standard Edition* de Freud e de muitos dos livros de Rodrigué, em 1989, em três volumes.

considerado o maior biógrafo de Freud, mas isso seria digno de se lastimar (RODRIGUÉ, 1995: 26-27).

O segundo nome citado por Rodrigué é o de Peter Gay (1923-2015), historiador alemão de nascimento que viveu e trabalhou nos Estados Unidos de 1941 até sua morte. Sua obra mais conhecida sobre Freud é a extensa biografia publicada em inglês em 1988, *Freud. A Life for Our Time*, traduzida para o português no ano seguinte (GAY, 1989). Nesta obra, Gay narra, com riqueza de detalhes e uso de uma enorme gama de fontes primárias, a vida de Freud; além disso, apresenta, ao final do livro, um extenso “Ensaio bibliográfico”, de quase quarenta páginas, no qual analisa e comenta praticamente toda a literatura existente sobre história da psicanálise e Freud, revelando um conhecimento profundo de centenas de publicações (GAY, 1989: 655-692). Estes fatores justificam o adjetivo de “arquivista” dado por Rodrigué.

No entanto, Gay, antes de publicar sua biografia, já havia escrito várias obras sobre a filosofia do Iluminismo, da qual defendia que Freud havia sido um dos grandes representantes, e uma grande série em cinco volumes na qual apresentava uma história cultural do período vitoriano até seu encerramento com Freud²⁰². Ao mesmo tempo, ele também já se interessava por Freud e pela psicanálise antes de escrever a biografia, tendo publicado outros livros sobre o tema anteriormente, como *Freud, Jews and Other Germans: Masters and Victims in Modernist Culture* (1978) e *A Godless Jew: Freud, Atheism, and the Making of Psychoanalysis* (1987). No entanto, apesar de todo o arcabouço erudito construído por Gay, Rodrigué também considerava que o historiador escrevera uma obra com “estrutura novelesca”, com uma “estratégia de *best-seller*”, que o psicanalista argentino gostaria de se apropriar, até porque, segundo ele, “o *best-seller* é um invejado gênero literário que goza de um injusto descrédito”²⁰³ (RODRIGUÉ, 1995: 32).

O terceiro nome, também chamado de “arquivista” por Rodrigué, é o psicólogo e historiador das ciências norte-americano Frank Sulloway (1947-), que publicou em inglês o livro *Freud: biólogo da mente*, em 1979; nesta obra, Sulloway defendia que Freud nunca se libertou totalmente do modelo de uma ciência biológica positivista, no qual havia se formado em medicina. Além disso, é considerado que a biografia de

²⁰² O título da série é *A experiência burguesa. Da Rainha Vitória a Freud*. Os volumes, com a data de sua edição em português, são 1. *A educação dos sentidos* (1989); 2. *A paixão terna* (1990); 3. *O cultivo do ódio* (1995); 4. *O coração desvelado* (1999) e 5. *Guerras do prazer* (2001). Todos os livros saíram, em português, pela Companhia das Letras.

²⁰³ Sobre *best-sellers* e estratégias literárias utilizadas por Rodrigué, ver o subcapítulo 4.2.

Sulloway tem um tom mais crítico em relação a Freud do que as outras obras citadas pelo argentino, o que demonstra que ele pesquisou também uma literatura secundária não tão favorável ao criador da psicanálise; o próprio Rodrigué afirmava sobre Sulloway que “suas críticas são às vezes impiedosas, carentes de compaixão, mas sempre apaixonadas” (RODRIGUÉ, 1995: 32). A seguir, era citado o médico de Freud, Max Schur (1897-1969), cuja biografia de Freud, *Freud: Vida e agonia*, foi publicada postumamente, em 1972; ela, de maneira previsível, centra-se mais nos aspectos médicos da doença que afligiu a Freud durante as últimas décadas de sua vida, razão do adjetivo “sombrio” conferido a ele por Rodrigué; Schur também escreveu artigos tratando da medicina psicossomática, o que explica o outro adjetivo de Rodrigué, sobre a biografia “psicossomática”.

O próximo nome era o do psicanalista francês Didier Anzieu (1923-1999), que embora tenha escrito uma extensa obra sobre teoria psicanalítica, terapia de grupos e criação artística, era citado aqui por causa do livro derivado de sua tese de doutorado, *autoanálise de Freud*, publicado em francês em primeira edição em 1959, e que é considerado uma das primeiras obras de história da psicanálise publicadas na França. Ao realizar um estudo detalhado do processo de autoanálise de Freud, se baseando frequentemente no relato de seus sonhos, Anzieu produziu uma das obras que mais inspirou Rodrigué na escrita de sua biografia, como o próprio psicanalista argentino afirmava: “a ideia de Anzieu de fazer dos sonhos o fio condutor é brilhante. Ele mostrou que a autoanálise de Freud foi uma autobiografia. Além disso, tal empreitada narra a história da cura de Freud ao longo de sua autoanálise” (RODRIGUÉ, 1995: 32). Desta maneira, Rodrigué desenvolveu, sob a influência da obra de Anzieu, a ideia de que estava, ao mesmo tempo, fazendo uma análise de Freud a partir da autoanálise feita por este e uma autoanálise de si mesmo, Rodrigué. Isso justifica o elogio de Rodrigué, que chama Anzieu de “grande sacador”.

Sobre o sexto nome, Elisabeth Roudinesco, falaremos mais detalhadamente abaixo. A seguir, Rodrigué citava o sociólogo e crítico literário norte-americano Philip Rieff (1922-2006), autor de vários livros sobre Freud, dos quais o mais conhecido é *Freud: a mente do moralista*, de 1959. Rodrigué destacava o olhar diferente de Rieff, o classificando de “poético”. Outro norte-americano, Jeffrey Moussaieff Masson (1941-), é menos elogiado pelo argentino, que o chama de “malvado”; em um livro de 1984, *O assalto à verdade*, Masson, que havia trabalhado por um tempo nos Arquivos Freud nos Estados Unidos, defendeu que os casos de sedução de menores relatados por Freud em

seus primeiros livros teriam realmente ocorrido, e não sido uma fantasia das crianças, como Freud afirmava. O criador da psicanálise teria passado a defender a ideia das fantasias para assegurar melhor aceitação da psicanálise nos ambientes médicos, segundo Masson. A teoria de Masson foi muito criticada, mas ele também publicou a correspondência completa entre Freud e o médico Fliess, dando assim uma grande contribuição para a história da psicanálise.

Por fim, Rodrigué citava o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980). Muitas das obras filosóficas de Sartre comentavam e mencionavam a psicanálise, mas aqui Rodrigué estava se referindo a uma obra relativamente menor do filósofo e escritor, cuja história começou em 1958, quando o diretor de cinema norte-americano John Houston convidou Sartre para escrever o roteiro de um filme sobre a vida de Freud. O filósofo leu a biografia de Jones, em especial, passando a ter uma nova visão sobre o criador da psicanálise (RODRIGUÉ, 1995: 32); a seguir, produziu um roteiro denso e extenso, que, mesmo após algumas alterações sugeridas por Houston, continuou a ser considerado “infilável”. Consequentemente, o filme foi lançado em 1961 com outros roteiristas, e Sartre publicou em um livro separado as duas versões do seu roteiro, a segunda, de acordo com ele mesmo, com “a grossura de sua coxa”. Era a este roteiro que Rodrigué se referia, chamando Sartre de “cinemático” (SARTRE, 2005).

Sobre Elisabeth Roudinesco, vamos nos deter um pouco mais, pois ela foi o nome que sancionou a entrada de Rodrigué na comunidade de “historiadores da psicanálise”. Roudinesco, antes de 1995, já era uma respeitada historiadora da psicanálise, tendo publicado uma extensa história da psicanálise na França, em três volumes, no início da década de 1980. Era a esta obra que Rodrigué se referia quando dizia que Roudinesco “abriu o peito do pássaro francês”. Mas as relações entre eles cresceram, pois a francesa foi convidada para o colóquio “Um século de psicanálise”, que comemorou o lançamento da biografia de Freud, em Salvador, em 1995, e apresentou a conferência de abertura do colóquio. Nesta conferência, que foi reproduzida na seção de “Depoimentos” do *site* em homenagem a Rodrigué, além de considerações sobre como a vitalidade da psicanálise na América Latina, naquele momento, era maior do que na Europa, ela narrava longamente seu encontro pessoal com Rodrigué em Paris, o que merece ser transcrito na íntegra:

Mesmo não tendo ainda lido o livro, Emilio me falou longamente do seu conteúdo, na ocasião de sua inesquecível visita a Paris. Nesse dia, Emilio usava sandália e um short. Fazia calor e havíamos almoçado

em um maravilhoso restaurante francês. Foi o nosso primeiro encontro. Emilio me surpreendeu: ele tinha os gestos de um príncipe educado nas melhores escolas inglesas e no entanto ele não usava o terno de três peças que combinaria com sua elocução. Emilio falava então de psicanálise com a paixão que somente um latino-americano europeizado pode ainda ter hoje em dia. Nesse dia, ele tinha um ar de cosmopolita, como esses judeus da Europa central (meus preferidos), à vontade entre dois trens de tanto ser sem fronteiras, sem nação, sem pátria, sem raízes (ROUDINESCO, 1995).

Por um lado, Roudinesco admitia que ainda não havia lido a biografia escrita por Rodrigué, embora tivesse a certeza de que se tratava de “uma obra importante e que sem dúvida marcaria época”. Por outro lado, ela comparava Rodrigué aos judeus da Europa central, considerando-o como um exilado, que se sentia à vontade tanto na Europa como na América Latina. Embora a historiadora francesa apontasse que uma das qualidades do livro seria o fato de ser a primeira biografia de Freud escrita por um latino-americano, ao mesmo tempo, ela escolhia destacar as características pessoais de Rodrigué que mais o aproximavam dos europeus, e, sob um certo ponto de vista, do próprio Freud. Assim, ela continuava dando ênfase ao exílio e à condição de estrangeiro, quando falava da trajetória do próprio Emilio:

Um papel de tolerância e abertura: um papel de estrangeiro ou imigrante, marcado pelas viagens, pelo exílio. Habitado pelos significantes fundamentais da saga freudiana, Emilio sempre se apresenta como um imigrante, como um homem vindo de alhures, um homem cuja identidade permanece coberta, porque a própria identidade é uma máscara (ROUDINESCO, 1995).

A seguir, Roudinesco confirmava a ideia de que a biografia escrita por Rodrigué não trabalhava com fontes arquivais, mas sim era uma “história das diferentes maneiras de contar as vidas de Freud”, ou “a história dos historiadores de Freud”. Ela marcava sua diferença em relação a Rodrigué, pois este não era “um profissional da história; ele não adquiriu a profissão de historiador. Ele é um psicanalista apaixonado pela história e ‘passado’ para a história (através desse livro sobre Freud). Deste ponto de vista, Emilio é ainda um filho de Jones”, enquanto a própria Roudinesco, contrariamente, dizia que, tendo vindo inicialmente da psicanálise, “tornei-me historiadora no sentido profissional do termo. Eu sou, mesmo na França, a única neste caso, a única a ter adquirido, através de diplomas, uma obra, uma prática, um ensinamento, a habilitação à profissão de historiador”. Mesmo assim, ela dizia que “sob certos aspectos, Emilio escreveu sobre

Freud o livro ou um livro que eu mesma gostaria de escrever e que, após o dele, talvez um dia eu venha a escrever”²⁰⁴ (ROUDINESCO, 1995).

Também é interessante perceber que Roudinesco corroborava a hipótese defendida nesta tese de que a biografia de Freud também funcionava como uma espécie de autobiografia para Rodrigué, o que ela defendia a partir da ideia de que toda história é também uma forma de autobiografia:

Esse livro mudou Emilio, como ele mesmo disse: porque esse livro foi para ele uma espécie de autobiografia disfarçada – em língua lacaniana diríamos um “passe”. Com efeito, sabemos que toda investigação histórica supõe a autobiografia. Porque ao contar a história dos outros, o historiador se conta através do outro, através daquilo que ele conta dos outros. Mais que um simples método, na investigação histórica sempre há uma “ego-história”, uma *Selbstdarstellung*, como dizia Freud.

De onde esse paradoxo: fazer a história da psicanálise é também fazer uma análise, é se analisar pela história. Escrever a história dos historiadores e obras historiográficas é fazer um passo a mais, como um voltar para uma análise, como um passe, uma maneira para o Eu de tornar-se um outro (ROUDINESCO, 1995).

Por fim, Roudinesco afirmava que tinha chegado a conhecer Rodrigué por causa da intermediação do psicanalista argentino radicado na França Juan-David Nasio, mas que havia sido ela quem havia colocado Rodrigué em contato com o arquivista do Museu Freud de Londres, Michael Molnar (ROUDINESCO, 1995). Desta maneira, podemos concluir que Roudinesco foi a pessoa que permitiu a Rodrigué se integrar na comunidade dos historiadores da psicanálise, identidade que ele passou a assumir após 1995.

Alguns aspectos podem ser destacados desta lista elaborada por Rodrigué de biógrafos anteriores de Freud: inicialmente, a diversidade das posições profissionais dos autores, o que revela como Freud não foi discutido apenas por psicanalistas: dos nove nomes citados, apenas três tinham formação como psicanalistas: Jones, Anzieu e Roudinesco, sendo que esta última, como vimos, posteriormente caminhou para o campo da história. Dois outros vinham de outros campos das ciências da saúde, Schur, que era médico, e Sulloway, psicólogo. Os restantes eram ainda mais variados: apenas

²⁰⁴ Realmente, Roudinesco, mais de uma década depois, escreveu uma nova biografia de Freud, publicada em francês com o título de *Sigmund Freud en son temps et dans le nôtre* [Sigmund Freud em seu tempo e no nosso], em 2014. Nela, Rodrigué é citado apenas na introdução, em um comentário que demonstra uma certa visão estereotipada da América Latina: “Emilio Rodrigué, primeiro biógrafo latino-americano, que teve a audácia, em 1996, de inventar um Freud da desrazão, mais próximo de um personagem de García Márquez do que de um sábio oriundo da velha Europa” (ROUDINESCO, 2014: 1-2).

um historiador (Gay), um sociólogo, um filósofo e Masson, cuja formação universitária foi no campo de Línguas Indianas e Sânscrito.

Também podemos perceber que, se Rodrigué foi muito inspirado pela abordagem psicanalítica de Anzieu, também se interessou pelo que chamava de “estrutura novelesca” da biografia escrita por Gay, escolheu, dentre as obras de Sartre, a menos filosófica delas, um roteiro de cinema, e elogiou o tom “poético” da obra de Rieff, demonstrando que lhe interessava tanto uma visão psicanalítica de Freud como um estilo mais próximo da literatura, que, afinal, vinha sendo praticado por ele em todos os seus livros anteriores a este. Por fim, o analista argentino se colocava numa posição bem pouco humilde, de alguém que finalmente acertaria o “coração da ave”, algo que nenhum desses outros autores havia conseguido, segundo ele.

4.4. Rodrigué como exilado: sua relação com Baremlitt

Rodrigué não foi o único psicanalista argentino a se exilar no Brasil durante a década de 1970. Na verdade, de acordo com autoras como Cecília Coimbra e Heliana Conde Rodrigues, essa imigração de psicanalistas argentinos para o Brasil na década pode ser dividida em dois grandes momentos: no início da década, vieram “psicanalistas com uma perspectiva modernizadora, desenvolvimentista, de prevenção e grupalista, que correspondeu a demandas de formação psicanalítica”; após 1974, em um segundo momento, vieram analistas com militância política de esquerda, “com um enfoque freudomarxista, institucionalista, crítico e de caráter ‘plataformista’”. Como as instituições psicanalíticas brasileiras tinham, nesta época, um caráter predominantemente conservador e de acomodação perante a ditadura militar do país, o primeiro grupo de argentinos foi mais bem recebido por elas do que o segundo (HUR, 2014: 1026).

Emilio Rodrigué, pelo período em que veio para o Brasil e por sua participação no Movimento Plataforma, como vimos no capítulo 2, deve ser colocado entre os membros do segundo grupo, mesmo que sua militância política e sua aproximação ao freudomarxismo não tenha sido tão intensa como a de outros membros deste segundo grupo de argentinos. Dentre os vários outros argentinos que vieram para o Brasil, escolhemos aprofundar a trajetória de Gregorio Baremlitt, autor da citação que abre a “Introdução” deste trabalho, e compará-la com a de Rodrigué por três motivos principais. Em primeiro lugar, as relações entre Baremlitt e Rodrigué foram muito intensas na Argentina, com Rodrigué tendo sido o analista didata de Baremlitt e quem

aprovou a entrada deste na APA, e continuaram depois que os dois analistas se estabeleceram em regiões diferentes do Brasil; em segundo lugar, Baremlitt foi um importante participante do Movimento Plataforma e, como Rodrigué, continuou em sua trajetória posterior a realizar algumas das reivindicações do movimento, como a recusa a participar de instituições de psicanálise oficiais e a abertura a outras técnicas terapêuticas, psicanalíticas ou não; por fim, em seus textos publicados, entrevistas e depoimentos, Baremlitt se utiliza de recursos literários semelhantes aos de Rodrigué, como a autoironia, o bom humor, a procura de frases de efeito e a recusa a uma visão glorificadora da história da psicanálise. A ideia é fazer uma breve trajetória cruzada dos dois nomes²⁰⁵.

Baremlitt se graduou em medicina em 1961 e se especializou em psiquiatria, fazendo toda a formação na Escola de Psicologia Social, com Enrique Pichon-Rivière. Em um depoimento concedido para o Programa de Estudos em História da Psicologia Clio-Psyché, Baremlitt mencionou de maneira elogiosa Rodrigué, lembrando os contatos entre eles na Argentina:

O Emilio Rodrigué, quando estava fazendo a carreira psicanalítica na APA, brigou com seu analista Arnaldo Raskovsky, foi para Londres, onde se analisou com Paula Heimann e supervisionou seus casos com Melanie Klein e Bion. Depois passou um tempo em uma comunidade terapêutica dos Estados Unidos, o Austin Riggs Center. Era um escritor de contos e novelas e escreveu uma biografia novelada de S. Freud. Era um nome muito interessante, livre, muito bem-informado e de bom coração e senso de humor. Então fui me analisando com ele até que se foi formando Plataforma. Um bom dia (inesquecível para mim) durante uma sessão de análise didática, ele me disse: “Gregório, vamos parar por aqui. Se levante do divã e vamos escrever juntos o manifesto de Plataforma, porque estou farto da Associação Psicanalítica”. Então, adorei essa ideia e exclamei: “Vamos fazer juntos isso”, e fizemos. Assim se fundou Plataforma (BAREMLITT, s.d.).

Portanto, Rodrigué foi o analista didata de Baremlitt na APA, e, segundo o depoimento deste último, teve um papel marcante para a elaboração do manifesto de Plataforma. Mais à frente no mesmo depoimento, Baremlitt aponta as pressões políticas que Rodrigué sofreu na Argentina e que acabaram por levar ao exílio, primeiramente de Rodrigué e posteriormente do próprio Baremlitt:

O Rodrigué, coitado, que quando voltou a Buenos Aires, todos fascinados pela sua formação, o nomearam presidente da Associação

²⁰⁵ Um exemplo desta abordagem, em escala e fôlego muito maiores do que esta tese, é DOSSE, 2010.

Psicanalítica, presidente da Associação dos Trabalhadores da Saúde Mental etc. Em plena ditadura militar, ele estava literalmente em uma vitrine para ser morto, e ele aceitava porque era um sujeito amável, que apesar de não ter uma orientação política determinada, era valente, inteligente, e gostava da luta contra a injustiça. Meu contato com ele foi muito enriquecedor para mim (BAREMBLITT, s.d.).

Em 1977, Baremlitt se exilou no Brasil, onde vive desde então, por questões políticas, estabelecendo-se inicialmente no Rio de Janeiro. A autora Heliana de Barros Conde Rodrigues, que publicou vários artigos visando a elaboração de uma história da Análise Institucional brasileira, mencionando a trajetória de Baremlitt em muitos desses seus textos, foi também uma atriz participante do que relata em seus trabalhos. Por cerca de quatro anos, entre as décadas de 1970 e 1980, ela foi membro do IBRAPSI (Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições), instituição fundada por Baremlitt e outros psicanalistas brasileiros, e da qual vários argentinos exilados participaram. De acordo com ela, esses argentinos da instituição se referiam pouco a seu passado no país natal, com exceção das menções elogiosas ao Grupo Plataforma. A autora levantava algumas hipóteses sobre esse silêncio: prudência em tempos de repressão, falta de perguntas por parte dos brasileiros por temor de afrontar ao psicanalista ou temor de enfraquecimento de sua autoridade teórica devido aos engajamentos político-ideológicos. De qualquer maneira, quando Baremlitt, já após o fim do regime militar, recordou as ameaças que sofrera no Brasil, boa parte dos integrantes do IBRAPSI percebeu que desconhecia essas ocorrências (RODRIGUES, 2004: 33).

Heliana Rodrigues assim narra o contexto intelectual e cultural daquela época:

A partir daquele momento [final dos anos 70] encontramos novos personagens ou companheiros. No plano discursivo os escritos de Foucault, Castel, Deleuze, Guattari, Lourau, Lapassade, Goffman – para citar apenas meus principais encontros – bem como aqueles das vibrantes antropologia urbana e história crítica da psiquiatria brasileira nos transformaram (...) de aspirantes à maestria na “fabricação de interiores”, em mestres da suspeita quanto a nossos próprios dizeres e fazeres, sempre suscetíveis de nos configurar enquanto “guardiães da ordem”, “empresários morais”, “alugadores de orelhas” ou (...) “psicotiras” (RODRIGUES, 2001: 7).

Por sua vez, o psicólogo Domenico Uhng Hur apresenta a trajetória de Baremlitt como sendo constituída por três etapas principais: na primeira, na Argentina, desenvolveu a relação entre psicanálise, marxismo e política; na segunda, já no Brasil, no final da década de 1970 e na década de 1980, se estabeleceu como um dos principais

nomes da Análise Institucional, e, na terceira, a partir da década de 1990, criou um novo campo de intervenção psicossocial chamado de esquizodrama, derivado a partir do que ele denominava de esquizoanálise (HUR, 2014). O próprio Gregório afirmou que, não muito tempo depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, já possuía cerca de 200 alunos e acrescentou: “Eu era uma espécie de combinatória de Jacques-Alain Miller²⁰⁶ com Che Guevara” (RODRIGUES, 2001: 9).

No final de 1977, um grupo de cerca de 50 pessoas, de formações diversas, começou a se reunir no Rio de Janeiro para discutir possibilidades de formações psicanalíticas alternativas. Chamado de “Grupão” à época, o grupo requisitou o conhecimento de Baremlitt, em função de sua experiência institucional na Argentina. Logo no primeiro encontro, o psicanalista argentino expôs o que considerava os dois caminhos possíveis: uma formação lacaniana ou um modelo inspirado no Plataforma, que julgava mais desejável, e que envolvia uma postura política de esquerda, a recusa a qualquer contato com as sociedades oficiais e a formação de um número grande de “agentes”, sendo este o modelo escolhido. No entanto, devido a recusas de vários dos participantes, o “Grupão” reduziu-se a um “grupinho”, formado por 13 mulheres e um homem, que, em janeiro de 1978, fundaram o NEFF (Núcleo de Estudos e Formação Freudiana). Imediatamente foram contratadas aulas de Teoria Psicanalítica (com Chaim Katz) e de Epistemologia Regional da Psicanálise (com Baremlitt). No entanto, o empreendimento durou pouco: logo após a formação da primeira turma de analistas, alguns decidiram abandonar o curso, alegando insatisfação com a matéria de Epistemologia e que queriam estudar “psicanálise”, enquanto os outros alunos preferiam “fazer política”. O grupo dissidente fundou em seguida o IFP (Instituto Freudiano de Psicanálise), e o NEFF acabou por fechar as portas no final do ano de 1978 (RODRIGUES, 2001: 11-12).

A seguir, Baremlitt organizou, em outubro de 1978, juntamente com Chaim Samuel Katz e Luiz Fernando Mello Campos, o I Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições, para o qual vieram ao Brasil nomes importantes da Psiquiatria Democrática, da Reforma Psiquiátrica e de outras correntes contrárias à psicanálise ipeana, como Félix Guattari, Franco Basaglia, Robert Castel, Erwin Goffman e Thomas Szasz, muitos deles vindo ao Brasil pela primeira vez. Dentre os argentinos, Baremlitt

²⁰⁶ Miller (1944-) é um psicanalista francês, genro de Jacques Lacan, que teve um papel muito importante na edição dos *Seminários* de Lacan, e continuou divulgando a obra do sogro por vários anos após a morte deste, inclusive com muitas palestras e visitas a países da América Latina. Ver MILLER, 2015.

recorda a participação no evento de Marie Langer, Eduardo Pavlovsky, Hernán Kesselman e do próprio Emilio Rodríguez (HUR, 2014: 1027; RODRIGUES, 2001: 9).

Logo após o Congresso, Baremlitt e seus colegas fundaram, no Rio de Janeiro, o IBRAPSI, iniciando o processo que faria do psicanalista argentino uma grande referência de análise institucional no Brasil e na América Latina, publicando vários livros sobre o tema (HUR, 2014: 1029). Uma primeira definição de análise institucional e de como ela se constituiu no Brasil foi dada por Rodrigues (2004: n. 1):

É possível pensar a Análise Institucional, em primeira aproximação, como um conjunto de saberes e práticas que remete aos conceitos e modos de ação dos socioanalistas (como René Lourau e Georges Lapassade) e/ou dos esquizoanalistas (como Gilles Deleuze e Félix Guattari). No Brasil, esses referenciais franceses geralmente se apresentam mesclados, sob formas diversas, com teorizações e formas de intervenção grupais, de origem sobretudo argentina, devidas a Enrique Pichon-Rivière e José Bleger.

Em um texto mais recente, ela complexificava um pouco mais a definição das correntes institucionalistas:

(...) alguns institucionalistas recorrem a conceitos psicanalíticos, enquanto outros são críticos ferozes da perspectiva freudiana; muitos privilegiam as práticas grupais, mas há também os que insistem em distinguir grupalismo e institucionalismo; o termo *subjetividade*, apesar de jamais ausente de seus discursos, não tem o mesmo sentido para todos; uns citam Lourau e Lapassade, outros remetem a Deleuze e Guattari, outros ainda preferem os grupais argentinos, afora os entusiastas de Basaglia e da Psiquiatria Democrática italiana e os que tentam combinar tudo isso com contribuições brasileiras, em busca de uma polifonia minimamente afinada (RODRIGUES, 2011: 515. Grifo da autora).

Como é possível perceber pelo próprio nome do IBRAPSI, várias linhas de psicoterapia eram ensinadas na instituição: “grupalismo, análise institucional, esquizoanálise e esquizodrama”. Embora se considere que o IBRAPSI deu mais ênfase à Análise Institucional e à Esquizoanálise do que à psicanálise, não esqueceu totalmente desta última. Houve uma grande procura pela abordagem inovadora do IBRAPSI, segundo Baremlitt, fazendo com que a instituição, mesmo com um tempo de existência menor do que uma década, organizasse cinco congressos, publicasse cinco livros, formasse seis turmas de analistas institucionais e esquizodramatistas, além de atender a centenas de pacientes e participar de várias organizações e movimentos (HUR, 2014: 1027-1028).

Como o IBRAPSI constituiu-se em um período de vigência da ditadura militar no Brasil, seus diretores sofreram ameaças várias vezes, inclusive através da publicação de artigos críticos por psicanalistas das sociedades filiadas à IPA²⁰⁷. Além disso, em 1984 houve a saída de cerca de 50 membros do IBRAPSI, entre alunos, professores e coordenadores de grupo, que fundaram no mesmo ano o Núcleo – Psicanálise e Análise Institucional. Assim, o declínio da organização coincidiu no tempo com a Campanha das Diretas, no Brasil, e o processo de redemocratização na Argentina, o que levou o IBRAPSI a encerrar suas atividades na década de 1980 (RODRIGUES, 2001: 10).

Uma observação ao mesmo tempo bem-humorada e precisa feita pelo psicanalista Osvaldo Saidón para Heliana Conde Rodrigues se referia às contribuições da psicanálise para a análise institucional: “A grande contribuição são os agentes, quase todos ex-psicanalistas” (RODRIGUES, 2001: 3). O mesmo pode-se dizer de Gregorio Baremlitt, que havia sido membro da APA antes de vir para o Brasil.

O próprio Baremlitt, rememorando a época do IBRAPSI posteriormente²⁰⁸, utilizou uma marcante metáfora histórica para definir sua atuação neste período:

Guardadas as devidas distâncias, pensei muitas vezes que o dispositivo [IBRAPSI] acabou distribuindo-se em uma espécie de contraponto entre um Danton tupiniquim e um Robespierre rio-platense, que teve consequências menos heroicas, contudo também algo menos cruéis que a revolução burguesa (BAREMLITT, *apud* RODRIGUES, 2001: 8-9).

Heliana Conde apresenta uma interpretação desta metáfora de Baremlitt, indicando que “Gregório é um jacobino Robespierre rio-platense, obcecado por transformar, em *trabalhadores* em saúde mental, os girondinos Dantons tupiniquins, (...) que já então se dividem entre a causa da Revolução e a da Restauração dos privilégios” (RODRIGUES, 2001: 9. Grifo da autora). Desta maneira, os Dantons seriam, antes de tudo, os psicanalistas das sociedades oficiais, que detinham o privilégio da única formação psicanalítica aceita até o Movimento Plataforma.

Após o fim do IBRAPSI, Baremlitt mudou-se para Belo Horizonte MG, onde residiu até o seu falecimento, no final de 2021. Fundou em 1995 o Instituto Félix Guattari, em homenagem ao psicólogo francês. No final da década de 1990, começou a

²⁰⁷ De acordo com Heliana Conde Rodrigues, no *Jornal do Brasil* de 04/06/1980, Leão Cabernite, então presidente da SPRJ, declarou, “no que foi então considerada uma clara alusão a Baremlitt e ao IBRAPSI”, que “uma ruidosa legião de psicopatas tomou de assalto a psicanálise” (RODRIGUES, 2001: 10).

²⁰⁸ Em carta datada de 25/01/1999 para Heliana Rodrigues, citada em RODRIGUES, 2001: 8-9.

publicar sobre um desenvolvimento da esquizoanálise intitulado por ele de esquizodrama, baseado não apenas nas teorias de Deleuze e Guattari mas com influências teatrais, do escritor e teatrólogo francês Antonin Artaud, por exemplo. Passou a criar um grande número de conceitos teóricos ligados ao esquizodrama, defendendo a heterogeneidade e a “realidade”, em lugar da homogeneidade e da realidade. O esquizodrama utiliza aportes originários de várias correntes teóricas, tais como a esquizoanálise, o psicodrama, a bioenergética, a psicanálise e até a umbanda. Desta maneira, Baremlitt aproximou-se, através do esquizodrama, do psicodrama praticado por amigos de Rodrigué como Pavlovsky e Kesselman²⁰⁹, utilizando, por exemplo, um conceito criado pelos dois nomes citados acima, de “multiplicação dramática”, em seus textos sobre o esquizodrama (HUR, 2014: 1030-1032).

Como aponta Domenico Uhng Hur, o esquizodrama incorpora técnicas de terapia grupais, pois, nele, “pode haver a situação face-a-face grupal, ou a performance psicodramática dos atores em cena, ou até uma dança com tambores tribais, que aparentemente pode parecer ser uma experiência caótica” (HUR, 2012a: 23). E, sendo derivado do conceito de “grupo operativo” defendido por Pichon Rivière, o esquizodrama pode ser utilizado em vários campos, como na intervenção social, educação, psicoterapia, saúde mental, artes etc. É importante ressaltar que, de acordo com Hur, “o Esquizodrama não se constitui como um campo de conhecimentos e práticas consolidado, de dispositivos e técnicas com consignas, tarefa e enquadre fixos e delimitados”, caracterizando-se mais como variação contínua e convite à inventividade de novos dispositivos e práticas (HUR, 2014: 1031-1032).

Baremlitt, portanto, seguiu uma trajetória em certos pontos diferente da de Rodrigué, pois se estabeleceu em outras cidades, manteve um engajamento político maior, se afastou da psicanálise. No entanto, ambos continuaram tendo em comum a postura iconoclasta, a recusa às instituições formais e a aceitação de novas influências terapêuticas e culturais, muitas vezes bem distantes da psicanálise. Mas, principalmente, ambos foram exilados, tendo sido obrigados a abandonar seu país natal por questões políticas e passando a participar de uma outra cultura. Elisabeth Roudinesco se referiu a Rodrigué em 1995, como vimos no subcapítulo anterior, como um imigrante, um “homem de alhures”, que se sentia à vontade em diferentes locais e culturas, mas não pertencia a nenhuma delas, comparando-o aos judeus emigrados da Europa Central. O

²⁰⁹ Sobre o psicodrama e Pavlovsky, ver o subcapítulo 3.4.

próprio Rodrigué enfatizou algumas vezes essa condição em seus textos, e a sua trajetória foi realmente marcada pela passagem por diferentes locais e orientações teóricas. Não à toa, o próprio Baremlitt, na citação que abre este trabalho, chamava Rodrigué de “nômade”. No entanto, se este nômade, “o homem cuja identidade permanece coberta”, no dizer de Roudinesco, encontrou algum lugar em que se sentiu em casa, em que deixou de se sentir exilado, sem dúvida foi a Bahia, como se pode perceber pela carta que ele escreveu quando foi ameaçado de ser deportado do Brasil, em 1981, já que não tinha visto de permanência definitivo. Nesta, mais do que psicanalista e escritor, era como romântico e apaixonado que ele se colocava:

Querida Bahia,

Eis a carta de um estrangeiro que encontrou um país à altura de seus sonhos e uma história que foi construída em comum: casual, mas também familiar. Escrevo a ti movido pelo medo de perder-te, de perder teu céu, teus moradores, tuas boas vibrações, teus coqueiros. Nada pode ameaçar mais minha tranquilidade. Posso perder-te, Bahia, e repentinamente compreendo que no limite de um grande amor está a morte. Hoje, não vou te falar como psicanalista, nem como escritor, nem como homem notável. Vou te falar como apaixonado, a única chave que abre tuas magníficas portas (RODRIGUÉ, 2006: 291).

Como colocou um outro exilado do século XX que produziu uma importante obra literária, o palestino Edward Said (1935-2003), embora o exílio seja “terrível de experimentar”, constituindo uma “fratura incurável entre um ser humano e seu lugar natal” (SAID, 2001: 66), os exilados podem obter algumas coisas positivas, como uma visão diferente e uma facilidade de adaptação, em um trecho que é bastante instrutivo em relação a Rodrigué e suas experiências literárias:

Grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo para governar. Não surpreende que tantos exilados sejam romancistas, jogadores de xadrez, ativistas políticos e intelectuais. Essas ocupações exigem um investimento mínimo em objetos e dão um grande valor à mobilidade e à perícia. O novo mundo do exilado é logicamente artificial e sua irrealidade se parece com a ficção. (...)

Para o exilado, os hábitos de vida, expressão ou atividade no novo ambiente ocorrem inevitavelmente contra o pano de fundo da memória dessas coisas em outro ambiente. Assim, ambos os ambientes são vívidos, reais, ocorrem juntos como no contraponto. Há um prazer específico nesse tipo de apreensão (...). Temos também um sentimento particular de realização ao agir como se estivéssemos em casa em qualquer lugar (SAID, 2001: 80; 90).

Assim, o exilado Rodrigué pôde desenvolver sua produção literária combinando diferentes mundos e culturas, como a Argentina, a Bahia e o mundo da psicanálise, o

que dá um tom de originalidade a seus escritos e reforça, mais uma vez, como é impossível compreendê-los sem se levar em conta a sua vida pessoal.

Considerações finais

Podemos dividir a trajetória profissional de Emilio Rodrigué em duas grandes partes: nos cerca de 25 anos iniciais de sua carreira como psicanalista, o argentino esteve vinculado ao que pode ser chamado de tradição psicanalítica, a instituições e correntes mais ortodoxas, como a APA, a IPA e o grupo de Melanie Klein; por volta de 1968, quando ele deixou a presidência da APA, teve início o segundo período, marcado pela recusa à participação em instituições de psicanálise, pela incorporação de novas técnicas e referenciais teóricos em sua prática psicanalítica, pela construção de uma imagem de transgressor e heterodoxo e por novas experiências com seu estilo de escrita, definindo uma rejeição e ruptura com aquela tradição a qual ele havia se vinculado inicialmente.

Desta maneira, vimos no capítulo 1 como Rodrigué iniciou sua análise didática na APA argentina, à época a única instituição latino-americana vinculada à IPA, e depois continuou seus estudos na British Psychoanalytical Society. sendo supervisionado, em um determinado momento, pela própria Melanie Klein, cujo grupo, poucos anos a seguir, se tornaria hegemônico na sociedade britânica, na IPA e também na psicanálise latino-americana. Isso permitiu que, no seu primeiro retorno à Argentina, ele já adquirisse o cargo prestigioso de analista didata da APA. No entanto, desavenças pessoais o levaram a passar quatro anos nos Estados Unidos, trabalhando na rica e próspera comunidade terapêutica de Austen Riggs, dirigida por três psicanalistas de muito prestígio no país norte-americano.

Retornando novamente à Argentina no início da década de 1960, desta vez, além de analista didata, Rodrigué conseguiu chegar à presidência da APA, e, por extensão, à vice-presidência da IPA, em 1966, como vimos no capítulo 2. No entanto, quando deixou de exercer o cargo, em 1968, ele passou a participar de movimentos políticos e críticos à psicanálise institucional, em especial o Movimento Plataforma, até romper com as instituições, o que marcou um ponto de ruptura em sua trajetória.

Mesmo que, em linhas gerais, ele se vinculasse a movimentos hegemônicos nestes mais de 20 anos, a separação entre tradição e ortodoxia, de um lado, e contestação e heterodoxia, do outro, nunca foi tão nítida assim em sua trajetória. Mesmo enquanto era analista didata da APA, Rodrigué introduziu, com Leon Grinberg e Marie Langer, as terapias psicanalíticas de grupo na Argentina, se baseando em grande medida no que havia aprendido com Bion em Londres, como vimos no subcapítulo 1.3. Embora

essas terapias tenham sido aceitas dentro da instituição argentina, e a ruptura de Rodrigué tenha sido causada por outras questões, elas nunca foram a forma mais convencional e incentivada de terapia pelas sociedades psicanalíticas, voltadas prioritariamente para as terapias individuais. Além disso, embora o grupo que dirigisse Austen Riggs tivesse muito prestígio nos Estados Unidos, em relação ao movimento psicanalítico internacional ele estava ligado mais diretamente às teorias de Anna Freud, que haviam perdido a hegemonia na IPA e na psicanálise europeia na época. Inversamente, mesmo depois de romper com as instituições psicanalíticas, Rodrigué ainda usou várias vezes para legitimação sua vinculação anterior com a APA, com Melanie Klein e vários outros psicanalistas com quem ele havia tido contato; e sua ligação com o criador da psicanálise, Freud, nunca foi enfraquecida, tanto que ele, em 1995, publicou uma extensa biografia do austríaco, e passou a se considerar historiador da psicanálise. Portanto, as separações entre tradição/contestação e ortodoxia/heterodoxia ao longo de sua trajetória são utilizadas como um recurso para facilitar o acompanhamento da sua posição, mas não devem ser consideradas como tão marcadas e nítidas.

No início da década de 1970, Rodrigué chegou à Bahia, inicialmente para acompanhar uma cerimônia de candomblé, convidado por Juana Elbein dos Santos, uma antropóloga e ex-analisanda sua. Embora as relações do analista com o candomblé tenham sido ambivalentes, a religião afro-brasileira foi o estímulo para seu primeiro contato com Salvador, cidade onde se estabeleceu em 1974 e viveu até sua morte em 2008. Na capital baiana, Rodrigué encontrou um lugar de pertencimento, passou a ter clientes e participar da formação de psicanalistas mesmo sem estar vinculado à IPA ou a qualquer outra sociedade psicanalítica. Além disso, todas essas mudanças em sua vida passaram a ser refletidas em sua escrita, que se tornou cada vez mais pessoal, literária, autobiográfica e irônica, criando uma combinação de gêneros e estilos que fez com que sua visão bastante peculiar da vida e da psicanálise ganhasse difusão para além do círculo dos conhecidos imediatos.

Em Salvador, Rodrigué pôde assumir vários papéis ou facetas em sua vida, a partir de uma liberdade conquistada com sua saída das instituições psicanalíticas. Referência teórica sobre a psicoterapia de grupos, escritor e autobiógrafo, biógrafo e historiador da psicanálise foram algumas dessas facetas que foram analisadas mais detalhadamente no capítulo 4. Mas houve outras, como as de romântico, transgressor, autor de autoajuda. No entanto, o que pode ser considerado como dando uma unidade à

sua produção escrita é a psicanálise, pois, de várias maneiras e orientações, ele sempre preservou um olhar e uma visão de mundo marcados por esta teoria. Pode-se dizer que a sua produção escrita também é uma extensa e irônica autoanálise, uma tentativa de analisar psicanaliticamente à sua própria vida e de recontar depois, em forma literária, este processo. Na própria biografia de Freud, esse elemento de autoanálise está presente, a partir da inspiração da obra daquele que Rodrigué denominou o “grande sacador”, Didier Anzieu, que demonstrou que a autoanálise de Freud era também uma autobiografia, como vimos no subcapítulo 4.3.

Foi apenas após o Movimento Plataforma e sua ruptura com as instituições psicanalíticas que Rodrigué conseguiu estabelecer vínculos mais duradouros: se sua trajetória, inicialmente, é marcada por rupturas rápidas com grupos aos quais ele havia se ligado – com a APA por duas vezes, com o grupo de Melanie Klein após o término de sua formação, com Austen Riggs após trabalhar lá por quatro anos, e por fim, com a APA e a IPA –, Plataforma permitiu que ele mantivesse uma amizade, até o fim da vida, com três participantes do movimento: o psicodramaturgo Eduardo Pavlovsky, que apresentou esta técnica terapêutica para Rodrigué, que, por sua vez, a incorporou às suas terapias, pelo menos desde o início da década de 1970, como vimos no subcapítulo 3.4; Hernán Kesselmann e Fernando Ulloa. Mas acima de tudo os vínculos maiores foram com a cidade de Salvador: o contato com a cidade permitiu que o “nômade”, o homem que não tinha pátria, e que sempre se sentia um pouco “exilado”, mesmo na Argentina natal, finalmente encontrasse o seu lugar, incorporasse aspectos da cultura local e se tornasse uma espécie de “argentino baiano”, tão à vontade nessa última fase de sua vida que podia ser descrito assim pelo psicanalista e historiador francês Michel Plon:

Uma pitada de argentino, outra de britânico, uma boa quantidade de baiano, Emilio Rodrigué era um coquetel que jamais nenhum barman do mundo poderá refazer. Ele era o maior psicanalista sul-americano do século passado e tinha essa elegância suprema que consistia, sabendo-o perfeitamente, em não se deixar iludir, em fazer de conta que não sabia (PLON, 2008).

Se concordamos com Plon, podemos observar que “o maior psicanalista sul-americano do século XX” havia rompido com todas as instituições oficiais e não se vinculava a nenhuma teoria específica, durante seu período em Salvador. O que isso demonstra é que a psicanálise não está presente na produção escrita de Rodrigué apenas como uma terapia aplicada ao próprio autor, mas sim que exatamente esses aspectos de sua trajetória – a vinculação a diferentes correntes, a participação em diferentes

instituições – nos permitem elaborar uma história dessa mesma psicanálise em vários espaços e tempos diferentes. Podemos concordar com o próprio autor quando ele diz que muitas vezes, esteve no lugar certo na hora certa. Assim, ele estudou na BPS quando a instituição já havia se tornado o principal local de formação de psicanalistas no mundo; trabalhou em Austen Riggs uma década antes do surgimento do movimento da antipsiquiatria, que incorporou muitos elementos já presentes na comunidade norte-americana; participou do Movimento Plataforma, que questionou os processos de formação de psicanalistas e a própria posição política das instituições de psicanálise, ao mesmo tempo em que ocorriam as revoltas de 1968 e o movimento contracultural; e, por fim, incorporou várias outras orientações teóricas não psicanalíticas em suas terapias, em um momento em que a psicanálise, criticada em todo o mundo, se abria para contribuições de outras ciências humanas, em parte através da obra de Lacan, mas também pela influência de alguns filósofos que combinaram psicanálise e marxismo na época, como Louis Althusser e Herbert Marcuse.

Assim, todos esses movimentos, de importância inegável na história da psicanálise na Argentina e internacionalmente, podem ser vistos a partir de um olhar pessoal, de alguém cuja maior contribuição para essa história não foi dada através de obras teóricas ou de novos conceitos, mas através da narrativa de um “romance de uma vida psicanalítica” que atravessou o século XX. Em geral, as histórias da psicanálise tendem a dar mais atenção aos autores que fizeram maiores contribuições teóricas ou aos dirigentes de instituições; esta tese defende que o caso de Rodrigué evidencia que a análise de outros atores, em contextos diversos, também pode contribuir decisivamente para essa história.

Referências bibliográficas

Obras de Emilio Rodrigué:

- GRINBERG, León; LANGER, Marie; RODRIGUÉ, Emilio (Ed.). *Psicoterapia del grupo. Su enfoque psicoanalítico*. 4ª. ed. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1974 [1957] (Biblioteca de Psiquiatría, Psicopatología y Psicossomática, n. 20).
- _____. *El grupo psicológico en la terapéutica, enseñanza e investigación*. Buenos Aires: Biblioteca de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina/Editorial Nova, 1959.
- RODRIGUÉ, Emilio. Bion y la psicoterapia de grupo. *Acta Neuropsiquiátrica Argentina*, v. 1, n. 1, out. 1954, pp. 108-113.
- _____. *Biografía de una comunidad terapéutica*. Buenos Aires: Eudeba, 1965.
- _____. “Prólogo”. In ERIKSON, Erik H. *Infancia y Sociedad*. Buenos Aires: Ediciones Hormé, 1966, pp. 15-16.
- _____. “Prólogo”. In MARTÍNEZ BOUQUET, Carlos; MOCCIO, Fidel; PAVLOVSKY, Eduardo. *Psicodrama psicoanalítico en grupos*. Buenos Aires: Ediciones Kargieman, 1975, pp. 9-13.
- _____. *O paciente das 50.000 horas*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- _____. *A lição de Ondina*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- _____. *Ondina Supertramp*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- _____. *Gigante pela própria natureza*. São Paulo: Editora Escuta, 1991.
- _____. “Carta à Escuta”. 1992. In: PERES, Urania Tourinho e PÊPE, Griselda (Org.). *Emilio Rodrigué, velho analista do tempo novo*. Salvador: EDUFBA/Colégio de Psicanálise da Bahia, 2014, pp. 17-21.
- _____. *Sigmund Freud – O século da psicanálise, 1895-1995*. São Paulo: Editora Escuta, 1995. 3v.
- _____. *Sigmund Freud – El siglo del psicoanálisis*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1996. 2v.
- _____. *Freud – Le siècle de la psychanalyse*. Paris: Payot, 2000. 2v.
- _____. *Separações necessárias. Memórias*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.
- RODRIGUÉ, Emilio; BERLIN, Martha. *El Antiyo-yo: nova proposta amorosa*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

RODRIGUÉ, Emilio; LOPES, Syra Tahin. *Um sonho de final de análise*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

RODRIGUÉ, Emilio; RODRIGUÉ, Geneviève T. de. *El contexto del proceso analítico*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1966 (Biblioteca de Psiquiatria, Psicopatología y Psicossomática, v. 34).

Depoimentos sobre Rodrigué:

BAREMBLITT, Gregorio. Carta póstuma para Emílio Rodrigué. 2008a. Disponível em <http://www.emiliorodrigue.com.br/depoimentos/depoimentos.html>. Consultado em 11/02/2020.

_____. Uma Pseudo-Biografia de Emilio Rodrigué. *Mnemosine*, vol. 4, n. 1, 2008b, pp. 205-211.

CASTRO, Hélio de. Depoimento concedido em Salvador, 17 de dezembro de 2019. Duração 1h07m.

NEVES, Ana Barbara Vieira Sinay. Depoimento concedido em Salvador, 12 de dezembro de 2019. Duração 1h15m.

PLON, Michel. Um velho jovem analista. 2008. Disponível em <http://www.emiliorodrigue.com.br/depoimentos/depoimentos.html>. Consultado em 11/06/2021.

Fontes primárias:

Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria (ABNP). Número especial dedicado ao II Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Rio de Janeiro, 1922.

BAKHTIN, Mikhail. *O freudismo*. São Paulo: Perspectiva, 2007 [1927].

BAREMBLITT, Gregorio. “Depoimento”. S.d. Disponível em https://www.academia.edu/29666740/Depoimento_de_Gregorio_Baremlitt. Consultado em 25/11/2018.

BERMANN, Gregorio. *Nuestra psiquiatria*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1960 (Biblioteca de Psiquiatria, Psicopatología y Psicossomática, n. 16).

BION, W. R. The Leaderless Group Project. *Bulletin of the Meringer Clinic*, v. 10, 1946, pp. 77-81.

- _____. *The Complete Works of W. R. Bion*. Chris Mawson (Ed.). Londres: Karnac, 2014.
- BLEGER, José. *Psicoanálisis y dialéctica materialista*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1958 (Biblioteca del Hombre Contemporáneo, n. 89).
- BONNAFÉ, Lucien *et al.* La psychanalyse, une idéologie réactionnaire. *La Nouvelle Critique*, v. 7, 1949, pp. 52-73.
- BRASIL. Lei n. 4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 05 set. 1962. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4119-27-agosto-1962-353841-publicacaooriginal-1-pl.html>. Consultado em 20/05/2020.
- CORREIO DA MANHÃ, 14/09/1946, p. 3.
- LA PORTA, Ernesto. Generalidades e histórico da psicoterapia de grupo no Brasil. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. VII, n. 4, 1958, pp. 293-296.
- MAIN, Thomas. The hospital as a therapeutic institution. *Bulletin of the Menninger Clinic*, v. 10, mai. 1946, pp. 65-70.
- MARTÍNEZ BOUQUET, Carlos; MOCCIO, Fidel; PAVLOVSKY, Eduardo. *Psicodrama psicoanalítico en grupos*. Buenos Aires: Ediciones Kargieman, 1975.
- OLIVEIRA, Walderedo Ismael de. Sobre psicoterapia analítica de grupo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. VII, n. 4, 1958, pp. 287-292.
- OLIVEIRA, Walderedo Ismael de; LA PORTA, Ernesto. “Grupos de psicóticos y el contenido psicótico en la situación de grupo”. In GRINBERG, León; LANGER, Marie; RODRIGUÉ, Emilio (Ed.). *El grupo psicológico en la terapéutica, enseñanza e investigación*. Buenos Aires: Biblioteca de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina/Editorial Nova, 1959, pp. 113-126.
- POLITZER, Georges. *Critique des Fondements de la Psychologie. La Psychologie et La Psychanalyse*. 1928. Édition numérique hors-commerce.
- SMITH, Mapheus. Social situation, social behavior, social group. *Psychological Review*, 52(4), 1945, pp. 224–229.

Fontes secundárias:

- ABEL, Marcos Chedid. Verdade e fantasia em Freud. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 14.1, 2011, pp. 47-60.

- ABRÃO, Jorge Luis Ferreira. Considerações históricas sobre a difusão do pensamento kleiniano no Brasil. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, 11 (3), set. 2008.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões; De magistro*. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os Pensadores).
- _____. *Confissões*. Trad. Lorenzo Mammi. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2017.
- ALTHUSSER, Louis. *Writings on Psychoanalysis. Freud and Lacan*. New York: Columbia University Press, 1996.
- ANTUNES, Ricardo; RIDENTI, Marcelo. Operários e estudantes contra a ditadura: 1968 no Brasil. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, v. 12, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3319>. Consultado em 20/04/2020.
- ANU MUSEUM OF THE JEWISH PEOPLE. “Abadi, Mauricio”. Disponível em https://dbs.anumuseum.org.il/skn/en/c6/e202385/Personalities/Abadi_Mauricio. Consultado em 02/10/2020.
- ANZIEU, Didier. *Freud's Self-Analysis*. London: The Hogarth Press, 1986.
- _____. “Psychodrame”. In DORON, Roland; PAROT, Françoise (Dir.). *Dictionnaire de psychologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.
- ASOCIACIÓN PSICANALÍTICA ARGENTINA (APA). S.d. “Ex-presidentes de la Asociación Psicanalítica Argentina”. Disponível em <https://www.apa.org.ar/ex-presidentes-de-la-asociacion-psicoanalitica-argentina/>. Consultado em 07/02/2020.
- AUSTEN RIGGS CENTER. “History”. S.d. Disponível em <http://www.austenriggs.org/history>. Consultado em 01/08/2018.
- BALÁN, Jorge. *Cuéntame tu vida. Una biografía colectiva del psicoanálisis argentino*. Buenos Aires: Planeta, 1991.
- BARRERAS, Luciano. Lacan en la Argentina: Masotta y los Cuadernos Sigmund Freud. *VII Jornadas de Sociología de la Universidad Nacional de La Plata*: “Argentina en el escenario latinoamericano actual: debates desde las ciencias sociales”, La Plata, 2012.
- BASTIDE, Roger. Psicanálise do cafuné. *Jornal de Psicanálise*, v. 49, n. 91, São Paulo, dez. 2016 [1941].

- BASTOS, José Cândido. “Esboço de uma trajetória: Walderedo Ismael de Oliveira”. In MARCHON, Paulo (Coord.). *A psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012, pp. 284-285.
- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 36-49.
- BLOCH, Marc. Memoire collective, tradition et coutume. A propos d’un livre recent. *Revue de Synthèse Historique*, tome XL, n. 118-120, 1925.
- BLONDEL, Charles. «Compte-rendu de Halbwachs (1925)». In HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- BOLKO, Marianna; ROTHSCHILD, Berthold. A “flea in one’s ear”. An account of the Counter-Congress of the International Psychoanalytic Association of 1969 in Rome. *Trauma and Memory*, 2015, vol. 3, n. 1, pp. 13-26. Artigo original publicado em *Psicoterapia e Scienze Umane*, 2006, vol. 40, n. 3, pp. 703-718.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BRIDGER, Harold. “The Discovery of the Therapeutic Community. The Northfield Experiments”. In TRIST, Eric; MURRAY, Hugh. *The Social Engagement of Social Science: A Tavistock Anthology. Vol. I The Socio-Psychological Perspective*. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1990, pp. 68-87.
- BRITISH PSYCHOANALYTICAL SOCIETY (BPS). S.d. “100 years of history”. Disponível em <http://psychoanalysis.org.uk/who-we-are/100-years-of-history>. Consultado em 15/07/2019.
- CASTRO, Hélio de. “Rodrigué: o grito do gênio”. In PERES, Urania Tourinho; PÊPE, Griselda (Org.). *Emilio Rodrigué, velho analista do tempo novo*. Salvador: EDUFBA/ Colégio de Psicanálise da Bahia, 2014, pp. 71-81.
- CASTRO, Rafael Dias de. *A sublimação do ‘id primitivo’ em ‘ego civilizado’: o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014.
- CERQUEIRA, Ede. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates Sobre Ciência e Assistência Psiquiátrica (1907-1933)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014.

- CHNAIDERMAN, Miriam. “Freud à brasileira”. *Folha de S. Paulo*, caderno *Mais!*, 17 set. 1995.
- CIARDI, Michel; GIGOU, Yves. Le P.C.F et l’inconscient. *Vie Sociale et Traitements. Revue des Équipes de Santé Mentale*, jun.-jul. 1986. Disponível em <https://web.archive.org/web/20190409140702/http://antonin.blog.lemonde.fr/category/histoire-psychoanalyse/>. Consultado em 31/03/2020.
- CLARK-LOWES, Francis. “Stekel, Wilhelm (1868–1940)”. In: MIJOLLA, Alain de (Ed.). *International Dictionary of Psychoanalysis*. Detroit: Thomson Gale, 2005.
- COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Práticas “psi” no Brasil do “milagre”: algumas de suas produções. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria et al. *Clio-Psyché: História da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, pp. 43–53.
- COLE, Michael. “Alexander Luria”. S.d. Disponível em <http://luria.ucsd.edu/index.html>. Consultado em 31/03/2020.
- “Colégio de Psicanálise da Bahia”. Disponível em <https://www.colpsiba.com.br/>. Consultado em 25/11/2018.
- CONNERTON, Paul. *How Societies Remember*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- CORRADINI, Luisa. "No hay que confundir memoria con historia", dijo Pierre Nora. *La Nación*, Argentina, 15/03/2006. Disponível em <https://www.lanacion.com.ar/788817-no-hay-que-confundir-memoria-con-historia-dijo-pierre-nora>. Consultado em 01/02/2019.
- DAGFAL, Alejandro Antonio. O ingresso da psicanálise no sistema de saúde pública na Argentina. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 3, pp. 433-438, jul./set. 2009.
- DAMOUSI, Joy; PLOTKIN, Mariano Ben (Ed.). *The Transnational Unconscious: Essays in the History of Psychoanalysis and Transnationalism*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2009.
- DANZIGER, Kurt. *Constructing the Subject: Historical Origins of Psychological Research*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- DEL CASTILLO, Rodolfo Álvarez. Plataforma internacional: antecedentes, historia y legado. *Carta Psicanalítica*, n. 15, abr. 2010. Disponível em <http://www.cartapsi.org/spip.php?article22>. Consultado em 24/04/2019.
- DEL CUETO, Julio; SCHOLTEN, Hernán Los avatares de una epistemología heterodoxa. A propósito de *Psicoanálisis y dialéctica materialista*, de José Bleger. 2005. Disponível em

https://www.academia.edu/607399/Los_avatares_de_una_epistemolog%C3%ADa_heterodoxa._A_prop%C3%B3sito_de_Psicoan%C3%A1lisis_y_dial%C3%A9ctica_materialista_de_Jos%C3%A9_Bleger. Consultado em 01/03/2020.

DIAMANT, Ana. Mauricio Goldenberg: El maestro de Lanús. *Encrucijadas*, n. 31, abr. 2005. Universidad de Buenos Aires. Disponível no Repositorio Digital Institucional de la Universidad de Buenos Aires: http://repositorioubi.sisbi.uba.ar/gsd/collect/encrucci/index/assoc/HWA_570.dir/570.PDF. Consultado em 12/09/2018.

DIAS, André Luís Mattedi. A universidade e a modernização conservadora na Bahia: Edgard Santos, o Instituto de Matemática e Física e a Petrobras. *Revista da SBHC*, v. 3, n. 2, pp. 125–145, 2005. Disponível em: https://www.sbh.org.br/revistahistoria/view?ID_REVISTA_HISTORIA=18. Consultado em 24/04/2021.

DICKS, H. V. *Fifty Years of the Tavistock Clinic*. Londres: Routledge, 1974.

DOSSE, François. *Gilles Deleuze & Felix Guattari: Biografia Cruzada*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. “Distanciamento, reflexividade e interiorização da pessoa no ocidente”. *Mana*, vol. 2, n. 2, Rio de Janeiro, out. 1996.

_____. “A psicanálise como linguagem social: o caso argentino”. *Mana*, vol. 8, n. 2, Rio de Janeiro, out. 2002.

_____. “Psychoanalysis”. In IRIYE, Akira; SAUNIER, Pierre-Yves (Ed.). *The Palgrave Dictionary of Transnational History*. Basingstoke, Hampshire: Palgrave MacMillan, 2009, pp. 848-851.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; ROPA, Daniela. “Considerações Teóricas sobre a Questão do Atendimento Psicológico às Classes Trabalhadoras”. In: FIGUEIRA, Sérvulo (Org.). *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 178-201.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU/PUC-Rio, 2009.

“Emilio Rodrigué”. Disponível em www.emiliorodrigue.com.br. Consultado em 22/10/2019.

- Enciclopédia Einaudi, vol. 1: Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.
- ERIKSON, Erik H. *Childhood and Society*. Harmondsworth: Penguin Books, 1973.
- FACCHINETTI, Cristiana. *Deglutindo Freud: sobre a digestão do discurso psicanalítico no Brasil*. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica). UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.
- FACCHINETTI, Cristiana; CASTRO, Rafael Dias de. The Historiography of Psychoanalysis in Brazil: the case of Rio de Janeiro. *Revista Dynamis*, v. 35, n. 1, 2015.
- FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlos. De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. *Psychê*, São Paulo, VII (11), jun. 2003, pp. 59-83.
- FAULOT, Audrey. Que peut un genre? Pseudo-mémoires, roman-mémoires: retour sur une distinction. *Carnets des doctorantes du CSLF*, 2017. Disponível em <https://cslfdoc.hypotheses.org/30>. Consultado em 06/06/2019.
- FERRARINI, Pâmela Pitágoras Freitas Lima; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. O conceito de memória na obra freudiana: breves explanações. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 5, n. 1, jun. 2014, p. 113.
- FIGUEIRA, Sérvulo (Org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- _____. *O contexto social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- _____. *Cultura da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Efeito Psi – A influência da psicanálise*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- FISHER, Celia B.; LERNER, Richard M. (Ed.). *Encyclopedia of Applied Developmental Science*. Thousand Oaks, Cal.: Sage Publications, 2004.
- FOX, Jonathan (Ed.). *The Essential Moreno: Writings on Psychodrama, Group Method and Spontaneity*. Nova York: Springer, 1987.
- FREUD, Sigmund. “Projeto para uma psicologia científica”. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 1*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1895].
- _____. “O mecanismo psíquico do esquecimento”. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 3*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1898].
- _____. “Conferências introdutórias sobre psicanálise”. Conferência XVIII. Fixação em traumas – O inconsciente. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 16*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1917-1918].

- _____. Nota sobre o “bloco mágico”. In *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1925].
- FRIEDMAN, Lawrence J. *Identity's Architect: A Biography of Erik H. Erikson*. Nova York: Scribner, 1999.
- FRIEDMAN, Michael. Ernst Cassirer. 2016. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em <https://plato.stanford.edu/entries/cassirer/>. Consultado em 06/07/2020.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Vivir para contarla. Memorias*. Buenos Aires: DeBolsillo, 2002.
- GAY, Peter. *Freud for Historians*. Nova York e Oxford: Oxford University Press, 1985.
- _____. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GERBASE, Jairo. “Meu encontro com Emilio Rodrigué”. In PERES; PÊPE (Org.). *Emilio Rodrigué, velho analista do tempo novo*. Salvador: EDUFBA/ Colégio de Psicanálise da Bahia, 2014.
- GILL, Merton M. “In Memoriam, David Rapaport, 1911-1960”. In GILL, Merton M. (Ed.). *The Collected Papers of David Rapaport*. New York: Basic Books, 1967, pp. 3-7.
- GILL, Merton M.; HOLZMAN, Philip S. (Ed.). *Psychology versus Metapsychology: Psychoanalytic Essays in Memory of George S. Klein*. New York: International Universities Press, 1976.
- GLICK, Thomas. Precusores del psicoanálisis en la América Latina. *Episteme: Filosofia e História das Ciências em Revista*, Porto Alegre, n. 8, 1999, pp. 139-150.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- GOLDENBERG, Mauricio. “Prólogo”. In RODRIGUÉ, Emilio. *Biografía de una comunidad terapéutica*. Buenos Aires: Eudeba, 1965.
- GOODY, Jack. Mémoire et apprentissage dans les sociétés avec et sans écriture: la transmission du Bagre. *L'Homme*, XVII, 1977.
- GROSSKURTH, Phyllis. *Melanie Klein. Her World and Her Work*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1986.
- GROTSTEIN, James S. (Ed.). *Do I Dare Disturb the Universe? A Memorial to W. R. Bion*. Londres: Karnac Books, 1983.

- _____. *A Beam of Intense Darkness. Wilfred Bion's Legacy to Psychoanalysis*. Londres: Karnac Books, 2007.
- GROUP-ANALYTIC SOCIETY. "Founders and Constitution". Disponível em <https://groupanalyticsociety.co.uk/the-society/founders-constitution/>. Consultado em 14/01/2020.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Félix Alcan, 1925. Disponível em http://classiques.uqac.ca/classiques/Halbwachs_maurice/cadres_soc_memoire/cadres_soc_memoire.html. Consultado em 06/03/2020.
- _____. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HEMECKER, Wilhelm; SAUNDERS, Edward (Ed.). *Biography in Theory: Key Texts with Commentaries*. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2017.
- HERGENHAHN, B. R.; HENLEY, Tracy B. *An Introduction to the History of Psychology*. Belmont, CA: Wadsworth, 2014.
- HINSHELWOOD, R. D. *Diccionario del pensamiento kleiniano*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- HUR, Domenico Unhg. Trajetórias de um pensador nômade: Gregório Baremlitt. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, 2014, pp. 1021-1038.
- HUYSSSEN, Andreas. *Twilight Memories. Marking Time in a Culture of Amnesia*. Nova York e Londres: Routledge, 1995.
- JACÓ-VILELA, Ana Maria. Concepções de pessoa e a emergência do indivíduo moderno. *Revista Interações*, v. 6, n. 12, 2001, pp. 11-39.
- JAY, Martin. *The Dialectical Imagination: A History of the Frankfurt School and the Institute of Social Research, 1923-1950*. Los Angeles: University of California Press, 1996.
- JOLLY, Margaretta (Ed.). *Encyclopedia of Life Writing: Autobiographical and Biographical Forms*. New York and London: Routledge, 2013.
- KING, Pearl; STEINER, Riccardo (Ed.). *The Freud-Klein Controversies: 1941-45*. Londres: Routledge/Institute of Psychoanalysis, 1991.
- KINTSCH, Walter. "Introduction". In BARTLETT, Frederic. *Remembering. A Study in Experimental and Social Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. xi.
- KLEIN, Melanie. *Autobiografia comentada*. Organização: Alexandre Socha. São Paulo: Editora Blucher, 2019.

- KLEIN, Melanie *et al.* (Org.). *New Directions in Psycho-Analysis*. Londres: Tavistock, 1955.
- KOZULIN, Alex. *Psychology in Utopia: Towards a Social History of Soviet Psychology*. The MIT Press, 1984.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975 [1962].
- LANGER, Susanne K. *Filosofia em nova chave*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LE GOFF, Jacques. *Storia e memoria*. Torino: Einaudi, 1986.
- _____. *Histoire et Mémoire*. Paris: Gallimard/Folio, 1988.
- _____. *História e memória*. 5ª. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- LEJEUNE, Philippe. “Introdução”. In _____. *O pacto autobiográfico de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008a, pp. 9-12.
- _____. “O pacto autobiográfico”. In _____. *O pacto autobiográfico de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008b, pp. 13-47.
- _____. “O pacto autobiográfico (bis)”. In _____. *O pacto autobiográfico de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008c, pp. 49-69.
- _____. “O pacto autobiográfico 25 anos depois”. In _____. *O pacto autobiográfico de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008d, pp. 70-85.
- _____. Qu’est-ce que le pacte autobiographique? S.d. Disponível em http://www.autopacte.org/pacte_autobiographique.html. Consultado em 28/08/2019.
- LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Autobiographies Chiefly of the Middle Kingdom: A Study and an Anthology*. Freiburg, Suíça/Göttingen, Alemanha: Universitätsverlag/Vandenhoeck Ruprecht, 1998.
- LIONELLS, Marylou *et al.* (Ed.). *Handbook of Interpersonal Psychoanalysis*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press, 1995.
- LOBO, Sonia. “A psicanálise nos núcleos nordestinos”. In MARCHON, Paulo (Coord.). *A psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.
- LONGMAN, Tremper. *Fictional Akkadian Autobiography: A Generic and Comparative Study*. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1991.

- LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- MacKENZIE, K. Roy (Ed.). *Classics in Group Psychotherapy*. Nova York: The Guilford Press, 1992.
- MADDOX, Brenda. *Freud’s Wizard: The Enigma of Ernest Jones*. Londres: John Murray, 2006.
- MAJOR, René. *Lacan com Derrida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MANDLER, George. *A History of Modern Experimental Psychology. From James and Wundt to Cognitive Science*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2007.
- MARCONDES, Sérgio Ribeiro de Almeida. “Nós, os charlatães”: *Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em O Malho (1936-1944)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015.
- MARINHO, Fernanda. “Biografia de Alcyon Baer Bahia”. In MARCHON, Paulo (Coord.). *A psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012, pp. 169-180.
- MARQUES, José Oscar de Almeida. Rousseau e a forma moderna da autobiografia. *IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC)*. Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- MARTINS, Roberto Bittencourt. “Produção científica de Walderedo Ismael de Oliveira”. In MARCHON, Paulo (Coord.). *A psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012, pp. 286-300.
- MASCARENHAS, Pedro. Homenagem – Multiplicando Tato Pavlovsky. *Boletim Online, Sedes Sapientae*, n. 36, nov. 2015. Disponível em <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=bvisor&pub=36&ordem=2>. Consultado em 07/01/2020.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. *Bahia, século XIX: uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- MIJOLLA, Alain de (Ed.). *International Dictionary of Psychoanalysis*. Farmington Hills, MI: Macmillan Reference Books, 2005a. 3v.
- _____. “David Rapaport”. In *International Dictionary of Psychoanalysis*. Farmington Hills, MI: Macmillan Reference Books, 2005b.

- MILLER, Martin A. Freudian Theory Under Bolshevik Rule: The Theoretical Controversy During the 1920s. *Slavic Review*, 44 (04), 1985, pp. 625–646.
- _____. The Reception of Psychoanalysis and the Problem of the Unconscious in Russia. *Social Research*, v. 57, n. 4, inv. 1990, pp. 875-888.
- MILNER, Marion. “The Role of Illusion in Symbol Formation”. In KLEIN, Melanie *et al.* (Org.). *New Directions in Psycho-Analysis*. Londres: Tavistock, 1955, pp. 97-123.
- MINUJÍN, Marta. “Biografia”. S.d. Disponível em <https://web.archive.org/web/20130306195528/http://www.marta-minujin.com/>. Consultado em 15/08/2020.
- MISCH, Georg. *A History of Autobiography in Antiquity*. Londres: Routledge, 1950. 2v.
- MOKREJS, Elisabete. *A psicanálise no Brasil. As origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- MORENO, J. L. *Moreno's Philosophical System*. In FOX, Jonathan (Ed.). *The Essential Moreno: Writings on Psychodrama, Group Method and Spontaneity*. Nova York: Springer, 1987, pp. 3-12.
- MUCCHIELLI, Laurent. Pour une psychologie collective: l'héritage durkheimien d'Halbwachs et sa rivalité avec Blondel durant l'entre-deux-guerres. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, v. 1, 1999, pp. 103-141.
- NIETZSCHE, Friedrich. Verdade e mentira no sentido extramoral. Tradução, apresentação e notas por Noéli Correia de Melo Sobrinho. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, pp. 5-23, jul./dez. 2001 [1873].
- _____. “Da utilidade e desvantagem da história para a vida” (1874). _____. *Obras incompletas*. 3a. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)
- NIKULIN, Dmitri. “Memory in Recollection of Itself”. In _____. (Ed.). *Memory. A History*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- NORA, Pierre. “Entre memoria e historia. La problemática de los lugares”. In: *Pierre Nora en les lieux de memoire*. Montevidéo: Ediciones Trilce, 2008.
- PASCAL, Roy. *Design and Truth in Autobiography*. Londres; Nova York: Routledge, 2016 [1960].
- PEIXOTO, Fernanda Arêas. Bastide e Verger entre “áfricas” e “brasis”: rotas entrelaçadas, imagens superpostas. *Revista do IEB*, n. 50, mar.-set. 2010, pp. 41-66. Disponível em https://www.academia.edu/30151424/Bastide_e_Verger_entre_%C3%A1fricas_e_brasis_rotas_entrela%C3%A7adas_imagens_superpostas. Consultado em 17/03/2021.

- PERES, Urania Tourinho (Org.). *Emilio Rodrigué, caçador de labirintos*. Salvador: Editora Corrupio, 2004a.
- PERES, Urania Tourinho. “Para quê?”. In _____ (Org.). *Emilio Rodrigué, caçador de labirintos*. Salvador: Editora Corrupio, 2004b, pp. 17-61.
- PERES, Urania Tourinho; PÊPE, Griselda (Org.). *Emilio Rodrigué, velho analista do tempo novo*. Salvador: EDUFBA/ Colégio de Psicanálise da Bahia, 2014.
- PERESTRELLO, Marialzira. “Brazil”. In MIJOLLA, Alain de (Ed.). *International Dictionary of Psychoanalysis*. Farmington Hills, MI: Macmillan Reference Books, 2005, pp. 214-217.
- _____. “Precursos e pioneiros”. In MARCHON, Paulo (Coord.). *A psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012a.
- _____. “Tentativas para obter a formação psicanalítica”. In MARCHON, Paulo (Coord.). *A psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012b.
- _____. “Brasileiros na Asociación Psicanalítica Argentina”. In MARCHON, Paulo (Coord.). *A psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012c.
- PETTIT, Michael. “Bibliography: Historiography of Psychology”. 16/02/2011. Disponível em <https://ahp.apps01.yorku.ca/2011/02/bibliography-historiography-of-psychology/>. Consultado em 21/04/2021.
- PLOTKIN, Mariano Ben. *Freud in the Pampas. The Emergence and Development of a Psychoanalytic Culture in Argentina*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2001.
- _____. “Argentina and Psychoanalysis”. In IRIYE, Akira; SAUNIER, Pierre-Yves (Ed.). *The Palgrave Dictionary of Transnational History*. Basingstoke, Hampshire: Palgrave MacMillan, 2009.
- PONTE, Carlos Fidelis da. *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, Rio de Janeiro, 1999.
- POPKIN, Jeremy D. Review of *Realms of Memory: Rethinking the French Past. Volume I: Conflicts and Divisions*. *L'Esprit Créateur*, v. 37, n. 2, verão 1997.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- “Presentation of the Journal and History of the Group of *Psicoterapia e Scienze Umane*”. Disponível em <http://www.psicoterapiaescienzeumane.it/presentaz-engl.htm>. Consultado em 24/10/2020.
- PRICE, Connie C. Langer, Susanne K. *American National Biography Online*, fev. 2000. Disponível em <http://www.anb.org/articles/16/16-02412.html>. Consultado em 01/08/2018.
- PRIORE, Mary del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009.
- RESNICOFF, Benjamín. “Mauricio Abadi”. S.d. Disponível em <https://www.psicomundo.org/biografias/abadi.htm>. Consultado em 02/08/2020.
- RISÉRIO, Antonio. *Uma história da cidade da Bahia*. Salvador BA: Omar G. Editora, 2000.
- ROBERTS, Adam. *The History of Science Fiction*. Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2006.
- RODRIGUÉ, Maria das Graças de Santana. *Orí Àpéré Ó: o ritual das águas de Orixá*. São Paulo: Summus, 2001.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. “Um Robespierre rioplatense e um Danton Tupiniquim? – Episódios da Análise Institucional no Rio de Janeiro”. In: RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; JACÓ-VILELA, Ana Maria; CEREZZO, Antonio Carlos (Org.). *Clio-Psyché hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001, pp. 153-170.
- _____. O homem sem qualidades. História oral, memória e modos de subjetivação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, UERJ, ano 2, n. 2, 2º sem. 2004, pp. 23-46.
- _____. “Emilio Rodrigué”. In *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil. Pioneiros*. 2ª edição revista e aumentada. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2007. Disponível em <http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah>. Acesso em 11/02/2020.
- _____. “Sejamos realistas, tentemos o impossível!’ Desencaminhando a psicologia através da análise institucional”. In JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Org.). *História da psicologia: Rumos e percursos*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2011.
- ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

- ROUDINESCO, Elisabeth. *História da psicanálise na França. A batalha dos cem anos. Vol. 2: 1925-1985*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- _____. “Conferência de abertura do Colóquio Um Século de Psicanálise“. Salvador, 12/10/1995. Disponível em <http://www.emiliorodrigue.com.br/depoimentos/> depoimentos.html. Consultado em 22/05/2021.
- _____. “Le psychanalyste Jean-Bertrand Pontalis est mort“. *Le Monde*, 16/01/2013.
- _____. *Sigmund Freud en son temps et dans le nôtre*. Paris: Éditions du Seuil, 2014.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- RÜSEN, Jorn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*, n. 2, mar. 2009, pp. 163-209.
- RUSSO, Jane. *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- _____. “O movimento psicanalítico brasileiro“. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco (Org.). *História da psicologia: Rumos e percursos*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2011, pp. 413-424.
- SAID, Edward. “Reflexões sobre o exílio“. In _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 67-90.
- SANTOS, Juana Elbein dos (Org.). *Ancestralidade africana no Brasil. Mestre Didi 80 anos*. Salvador: SECNEB, 1997.
- _____. “Emilio“. In PERES, Urania Tourinho; PÊPE, Griselda (Org.). *Emilio Rodrigué, velho analista do tempo novo*. Salvador: EDUFBA/ Colégio de Psicanálise da Bahia, 2014.
- _____. *Os Nãgô e a Morte*. 14ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.
- SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- _____. *Freud além da alma: roteiro para um filme*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- SHUMAKER, Wayne. *English Autobiography. Its Emergence, Materials and Form*. Berkeley: University of California Press, 1954.

- SILVA, Jean-Paul d'Antony Costa; ASSIS, Kleyson Rosário; SEIDEL, Roberto Henrique (Org.). *Mestre Didi. O reverberar ancestral africano-brasileiro*. Salvador: EDUNEB, 2017.
- SILVA, Marcos Vinícius de Oliveira. *A emergência da cultura psicológica na Bahia: do pré-psiquiátrico ao pós-psicanalítico, cursos e percursos de uma trajetória*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Salvador: UFBA, 1995.
- SILVA, Rosane Maria Souza e. *Nos subterrâneos da história: institucionalização da psicologia na Bahia, no contexto da ditadura militar (1968-1980)*. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências). Salvador: Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2020.
- STUBBE, Hannes. *Sigmund Freud in den Tropen. die erste psychoanalytische Dissertation in der portugiesischsprachigen Welt, 1914*. Aachen: Shaker Verl., 2011.
- TFOUNI, Leda Verdiani; LAUREANO, Marcella Marjory Massolini. Entre a análise do discurso e a psicanálise, a verdade do sujeito; análise de narrativas orais. *Revista Investigações*, 18.2, 2005.
- TODES, Daniel P. *Ivan Pavlov. A Russian Life in Science*. Oxford e New York: Oxford University Press, 2014.
- TRIST, Eric; MURRAY, Hugh. Historical Overview: The Foundation and Development of the Tavistock Institute to 1989. In TRIST, Eric; MURRAY, Hugh. *The Social Engagement of Social Science: A Tavistock Anthology. Vol. I The Socio-Psychological Perspective*. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1990. Disponível em <http://www.moderntimesworkplace.com/archives/archives.html>. Consultado em 23/08/2020.
- VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1986.
- VERGER, Pierre. *Lendas africanas dos orixás*. 4ª. ed. Salvador: Corrupio, 1997.
- VEZETTI, Hugo. *Aventuras de Freud en el país de los argentinos. De José Ingenieros a Enrique Pichon-Rivière*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1996.
- _____. *Psiquiatria, psicoanálisis y cultura comunista. Batallas ideológicas en la Guerra Fria*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016. E-book.

- WAGNER-EGELHAAF, Martina. "Introduction: Autobiography/Autofiction Across Disciplines". In _____. (Ed.). *Handbook of Autobiography/Autofiction*. Berlin: Walter De Gruyter, 2019, pp. 1-8.
- WALLERSTEIN, R. S. The Growth and Transformation of American Ego Psychology. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 50(1), 2002, pp. 135–168.
- WILLIAMS, Meg Harry. *Bion's Dream. A Reading of the Autobiographies*. Abingdon, Oxon: Routledge, 2018.
- WILSON, A. T. M. "Introduction". In JAQUES, Elliott. *The Changing Culture of a Factory*. Londres: Tavistock Publications, 1951.
- YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. *Anna Freud. Uma biografia*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.